



Universitat de Lleida

O comportamento do treinador em competição na promoção do fair play. Um estudo nos escalões de futebol de formação

Valter Bruno Fernandes Pinheiro

Dipòsit Legal: L.408-2014

<http://hdl.handle.net/10803/133929>

ADVERTIMENT. L'accés als continguts d'aquesta tesi doctoral i la seva utilització ha de respectar els drets de la persona autora. Pot ser utilitzada per a consulta o estudi personal, així com en activitats o materials d'investigació i docència en els termes establerts a l'art. 32 del Text Refós de la Llei de Propietat Intel·lectual (RDL 1/1996). Per altres utilitzacions es requereix l'autorització prèvia i expressa de la persona autora. En qualsevol cas, en la utilització dels seus continguts caldrà indicar de forma clara el nom i cognoms de la persona autora i el títol de la tesi doctoral. No s'autoritza la seva reproducció o altres formes d'explotació efectuades amb finalitats de lucre ni la seva comunicació pública des d'un lloc aliè al servei TDX. Tampoc s'autoritza la presentació del seu contingut en una finestra o marc aliè a TDX (framing). Aquesta reserva de drets afecta tant als continguts de la tesi com als seus resums i índexs.

ADVERTENCIA. El acceso a los contenidos de esta tesis doctoral y su utilización debe respetar los derechos de la persona autora. Puede ser utilizada para consulta o estudio personal, así como en actividades o materiales de investigación y docencia en los términos establecidos en el art. 32 del Texto Refundido de la Ley de Propiedad Intelectual (RDL 1/1996). Para otros usos se requiere la autorización previa y expresa de la persona autora. En cualquier caso, en la utilización de sus contenidos se deberá indicar de forma clara el nombre y apellidos de la persona autora y el título de la tesis doctoral. No se autoriza su reproducción u otras formas de explotación efectuadas con fines lucrativos ni su comunicación pública desde un sitio ajeno al servicio TDR. Tampoco se autoriza la presentación de su contenido en una ventana o marco ajeno a TDR (framing). Esta reserva de derechos afecta tanto al contenido de la tesis como a sus resúmenes e índices.

WARNING. Access to the contents of this doctoral thesis and its use must respect the rights of the author. It can be used for reference or private study, as well as research and learning activities or materials in the terms established by the 32nd article of the Spanish Consolidated Copyright Act (RDL 1/1996). Express and previous authorization of the author is required for any other uses. In any case, when using its content, full name of the author and title of the thesis must be clearly indicated. Reproduction or other forms of for profit use or public communication from outside TDX service is not allowed. Presentation of its content in a window or frame external to TDX (framing) is not authorized either. These rights affect both the content of the thesis and its abstracts and indexes.



INEFC Institut Nacional
d'Educació Física
de Catalunya
Lleida



Universitat de Lleida

Universitat de Lleida

Institut Nacional de D'Educació Física da Catalunya, Lleida

Tesis Doctoral

**O Comportamento do treinador em competição na promoção
do *fair play*.**

Um estudo nos escalões de Futebol de Formação.

Tesis Doctoral presentada por:

Valter Bruno Fernandes Pinheiro

Dirigida por: Professor Doutor Pedro Sequeira

Professor Doutor Oleguer Camerino

Lleida, 2013



INEFC Institut Nacional
d'Educació Física
de Catalunya
Lleida



Universitat de Lleida

Universitat de Lleida

Institut Nacional de D'Educació Física da Catalunya, Lleida

**Programa de doutoramento: *Fonaments Metodològics de la
Recerca de l'Actividad Física i l'Esport***

O Comportamento do treinador em competição na promoção do
fair play.

Um estudo nos escalões de Futebol de Formação.

**Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor pela
Universidade de Lleida**

Valter Bruno Fernandes Pinheiro

Dirigida por: Professor Doutor Pedro Sequeira

Professor Doutor Oleguer Camerino

2013

Pinheiro, V. (2013). O comportamento do treinador em competição na promoção do *fair play*. Um estudo nos escalões de Futebol de Formação. Lleida: V. Pinheiro. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto Nacional de Educação Física da Universidade de Lleida.

Palavras Chave: *Fair play*, comportamento do treinador de futebol, formação dos jovens.

Agradecimentos

Não seria honesto da minha parte se deixasse de agradecer a uma enorme quantidade de pessoas que foram parte integrante e que deveriam escrever o seu nome na capa desta tese. Por isso não ser possível, aqui ficam os meus agradecimentos:

- A Deus Pai que me proporcionou esta magnífica oportunidade de me tonar um ser mais humilde. Um dia um padre disse-me que a única maneira de ser humilde era passando por humilhações. Uma enorme verdade que aprendi com esta tese.

- Aos meus irmãos do caminho neocatecumenal, em especial, à 2ª comunidade de Camarate da qual faço parte. Em muitos momentos de desespero a palavra e acção de irmãos concretos foi providencial. Uma palavra muito especial para o Nuno Teixeira pelas constantes ajudas prestadas.

- A todos os treinadores que de um modo despretensioso aceitaram participar neste estudo, não temendo a exposição e o julgamento. Sem eles este estudo não teria sido possível.

- Ao professor Pedro Sequeira, meu orientador e Amigo. Foi o grande responsável pela minha inserção no mundo académico e científico e pela ousadia em fazer um doutoramento. Será eternamente o PROFESSOR.

- Ao professor Oleguer Camerino, meu orientador, por todos os momentos em que não correspondi àquilo que ele desejava e pelo tempo despendido comigo. Obrigado pelo seu empenho e dedicação e esforço.

- Ao meu companheiro e “irmão” de batalhas, Armando Costa. Juntos neste doutoramento, na escola, no ISCE, mas sobretudo, unidos na vida.

- Ao meu Amigo e companheiro Bruno Baptista. Colegas de licenciatura, companheiros nas guerras do futebol e “doidos” ao ponto de criarmos um clube com a nossa própria identidade, o Clube de Futebol Metodologia TOCOF.

- À administração, presidência e todos os colegas e alunos do Instituto Superior de Ciências Educativas. Agradeço a confiança que depositaram em mim para me permitirem aos 24 anos ser docente do ensino superior na instituição na qual me formei.

- Aos directores e colegas de todos os agrupamentos de escolas pelos quais passei ao longo deste processo em especial, EB 2,3 dos Pombais e EB 2,3 professor Agostinho da Silva.

- À Fundação da Ciência e Tecnologia pelo apoio financeiro prestado a este trabalho, quando muitos me questionavam sobre a pertinência deste tema.

- À Câmara Municipal de Loures que colocou à minha disposição os serviços audiovisuais que gravaram os primeiros jogos enquanto não tinha o meu próprio material

- À minha irmã Vanda, pela grande relação de amizade que temos e por todas as horas que passámos a traduzir artigos. Não me esqueço também de todos os jogos que não pude gravar e que tu o fizeste por mim.

- Ao meu pai, António Pinheiro que desde cedo despertou em mim o interesse pelo desporto e pela leitura. Habituei-me a gostar de comprar e ler livros. Como gosto de vê-lo, ainda hoje, com muita vontade de participar em congressos e seminários.

- À minha mãe, carinhosamente conhecida por todos como Tia Gena. Uma nobre operária fabril que sempre demonstrou uma coragem e abnegação inalcançáveis. Agradeço-te todas as vezes em que te despojaste das tuas vontades para me ajudares, em todos os momentos em que foste minha empregada.

- Aos meus queridos filhos Lucas e Vicente que nasceram durante este processo, por todas as horas subtraídas à vossa educação. Sei que perdi bons momentos convosco, mas creio que a causa o justificou. Também ao meu sobrinho André que não sendo meu filho biológico sempre o foi e será no espírito.

- À minha esposa Mónica, minha companheira desde os 17 anos. Obrigado por tantas vezes teres feito o papel de mãe e pai. Só o teu amor justifica tamanha obra. Por isso, este doutoramento não é meu, mas NOSSO.

Índice Geral

Índice de Figuras.....	V
Índice de Tabelas.....	VII
Resum.....	VIII
Resumo.....	IX
Abstract.....	X
Resumen.....	XI
Capítulo I.....	1
Introdução.....	1
1.1 Introdução.....	3
1.2 Objecto de estudo.....	3
1.3 Objectivos.....	4
Capítulo II.....	5
2. Revisão da Literatura.....	7
2.1. A Formação do Treinador.....	8
2.1.1. História da formação dos treinadores em Portugal.....	8
2.1.2. Uma nova perspectiva na formação de treinadores.....	9
2.1.3. O novo modelo na formação de treinadores.....	10
2.2. O fair play.....	11
2.2.1. Orientações para a realização de objectivos e Clima Motivacional.....	11
2.2.2. Estudos sobre <i>fair play</i> noutras áreas.....	22
2.2.3. O que é o <i>fair play</i> , Jogo Limpo, Espírito Desportivo e Ética?.....	28
2.2.4. O <i>fair play</i> e os atletas de outros desportos.....	30
2.2.5. O <i>fair play</i> e os jogadores de futebol.....	34
2.3. O comportamento do treinador.....	38

2.3.1.	Estudo sobre o comportamento do treinador em competição.....	38
2.3.2.	O treinador e o <i>fair play</i>	44
2.4.	Síntese da Revisão da Literatura	46
Capítulo III	47
3.	Metodologia.....	49
3.1	Cronograma	50
3.2	Desenho	51
3.3.	Metodologia Observacional.....	52
3.4.	Amostra	52
3.4.1.	CrITÉrios de selecção da amostra	53
3.5.	Instrumentos.....	54
3.6.	Instrumento de Observação.....	54
3.6.1.	Construção e validação do Sistema de Observação.....	55
3.6.2.	Sistema de registo de Observação	60
3.6.3.	Análise dos dados observacionais	61
3.6.4.	Equipamentos utilizados na observação.....	61
3.7.	Entrevista.....	62
3.7.1.	Construção e validação da entrevista.....	62
3.7.2.	Momento e condições de aplicação das entrevistas.....	63
3.7.3.	Sistema de categorias da entrevista	64
3.7.4.	Análise das Entrevistas	64
3.8.	Limitações na recolha de dados	65
Capítulo IV	67
4.	Análise de dados	69
4.1.	Dados Observacionais	70
4.1.1.	Análise do comportamento do Treinador 1	71
4.1.2.	Análise do comportamento do Treinador 2	82

4.1.3. Análise do comportamento do Treinador 3	93
4.1.4. Análise do comportamento do Treinador 4	103
4.1.5. Análise do comportamento do Treinador 5	115
4.1.6. Análise do comportamento do Treinador 6	125
4.1.7. Análise do comportamento do Treinador 7	136
4.1.8. Análise do comportamento do Treinador 8	145
4.1.9. Análise do comportamento dos treinadores Licenciados em Educação Física	159
4.1.10. Análise do comportamento dos treinadores não licenciados em Educação Física	178
4.2. Análise de conteúdo das entrevistas	192
4.2.1 Análise de conteúdo da entrevista do Treinador 1	192
4.2.2. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 2	205
4.2.3. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 3	221
4.2.4. Análise de conteúdo da entrevista do Treinador 4	235
4.2.5. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 5	247
4.2.6. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 6	265
4.2.7. Análise de conteúdo da entrevista do Treinador 7	283
4.2.8. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 8	301
4.2.9. Análise de conteúdos das entrevistas	319
Análise conjunta entre treinadores licenciados e não licenciados em Educação Física	319
4.3. Análise conjunta dos dados dos dois grupos de treinadores	331
Capítulo V	343
5. Conclusões	345
5.1 Comportamento, em competição, do treinador de futebol de formação licenciado em Educação Física, na promoção do <i>fair play</i>	345
5.2 Comportamento, em competição, do treinador de futebol de formação não licenciado em Educação Física, na promoção do <i>fair play</i>	347
5.3 Análise do comportamento dos treinadores em função do momento e resultado do jogo (licenciados e não licenciados)	348

5.4 Análise da opinião dos treinadores licenciados em Educação Física (entrevistas)	350
5.5 Análise da opinião dos treinadores não licenciados em Educação Física (entrevistas)...	351
5.6 Análise conjunta do comportamento e da opinião dos treinadores licenciados e não licenciados em Educação Física.....	353
5.5 Conclusões Finais.....	357
6.Recomendações	359
7. Referências bibliográficas	361
8.Anexos.....	381

Índice de Figuras

Figura 1: Cronograma.....	50
Figura 2: Desenho Observacional do estudo.....	51
Figura 3: Event Frequency Treinador 1.....	71
Figura 4: Event Plot Treinador 1.....	71
Figura 5: Dendograma 1 do Treinador 1.....	75
Figura 6: Dendograma 2 do Treinador 1.....	77
Figura 7: Dendograma 3 do Treinador 1.....	78
Figura 8: Dendograma 4 do Treinador 1.....	79
Figura 9: Dendograma 5 do Treinador 1.....	80
Figura 10: Event Frequency Treinador 2.....	82
Figura 11: Event Plot Treinador 2.....	82
Figura 12: Dendograma 1 do Treinador 2.....	87
Figura 13: Dendograma 2 do Treinador 2.....	88
Figura 14: Dendograma 3 do Treinador 2.....	89
Figura 15: Dendograma 4 do Treinador 2.....	90
Figura 16: Dendograma 5 do Treinador 2.....	91
Figura 17: Event Frequency Treinador 3.....	93
Figura 18: Event Plot Treinador 3.....	93
Figura 19: Dendograma 1 do Treinador 3.....	98
Figura 20: Dendograma 2 do Treinador 3.....	99
Figura 21: Dendograma 3 do Treinador 3.....	99
Figura 22: Dendograma 4 do Treinador 3.....	100
Figura 23: Dendograma 5 do Treinador 3.....	101
Figura 24: Event Frequency Treinador 4.....	103
Figura 25: Event Plot Treinador 4.....	103
Figura 26: Dendograma 1 do Treinador 4.....	109
Figura 27: Dendograma 2 do Treinador 4.....	110
Figura 28: Dendograma 3 do Treinador 4.....	111
Figura 29: Dendograma 4 do Treinador 4.....	112
Figura 30: Dendograma 5 do Treinador 4.....	113
Figura 31: Event Frequency Treinador 5.....	115
Figura 32: Event Plot Treinador 5.....	115
Figura 33: Dendograma 1 do Treinador 5.....	119
Figura 34: Dendograma 2 do Treinador 5.....	120
Figura 35: Dendograma 3 do Treinador 5.....	121
Figura 36: Dendograma 4 do Treinador 5.....	122
Figura 37: Dendograma 5 do Treinador 5.....	123
Figura 38: Event Frequency Treinador 6.....	125
Figura 39: Event Plot Treinador 6.....	125
Figura 40: Dendograma 1 do Treinador 6.....	130
Figura 41: Dendograma 2 do Treinador 6.....	131
Figura 42: Dendograma 3 do Treinador 6.....	131

Figura 43: Dendograma 4 do Treinador 6.....	132
Figura 44: Dendograma 5 do Treinador 6.....	133
Figura 45: Dendograma 6 do Treinador 6.....	134
Figura 46: Event Frequency Treinador 7.....	136
Figura 47: Event Plot Treinador 7.....	136
Figura 48: Dendograma 1 do Treinador 7.....	140
Figura 49: Dendograma 2 do Treinador 7.....	141
Figura 50: Dendograma 3 do Treinador 7.....	142
Figura 51: Dendograma 4 do Treinador 7.....	143
Figura 52: Event Frequency Treinador 8.....	145
Figura 53: Event Plot Treinador 8.....	145
Figura 54: Dendograma 1 do Treinador 8.....	152
Figura 55: Dendograma 2 do Treinador 8.....	152
Figura 56: Dendograma 3 do Treinador 8.....	154
Figura 57: Dendograma 4 do Treinador 8.....	155
Figura 58: Dendograma 5 do Treinador 8.....	156
Figura 59: Dendograma 6 do Treinador 8.....	157
Figura 60: Event Frequency Treinadores Licenciados.....	159
Figura 61: Event Plots Treinadores Licenciados.....	159
Figura 62: Dendograma 1 dos Treinadores Licenciados.....	166
Figura 63: Dendograma 2 dos Treinadores Licenciados.....	167
Figura 64: Dendograma 3 dos Treinadores Licenciados.....	168
Figura 65: Dendograma 4 dos Treinadores Licenciados.....	169
Figura 66: Dendograma 5 dos Treinadores Licenciados.....	170
Figura 67: Event Frequency Treinadores não Licenciados.....	178
Figura 68: Event Plots Treinadores não Licenciados.....	178
Figura 69: Dendograma 1 dos Treinadores não Licenciados.....	181
Figura 70: Dendograma 2 dos Treinadores não Licenciados.....	182
Figura 71: Dendograma 3 dos Treinadores não Licenciados.....	183
Figura 72: Dendograma 4 dos Treinadores não Licenciados.....	184
Figura 73: Dendograma 5 dos Treinadores não Licenciados.....	185
Figura 74: Dendograma 6 dos Treinadores não Licenciados.....	186

Índice de Tabelas

Tabela 1: Instrumento de Observação SOCOFAP.....	60
Tabela 2: Sistema de categorização das entrevistas.....	64
Tabela 3: Sistema de categorização da entrevista do Treinador 1.....	192
Tabela 4: Sistema de categorização da entrevista do Treinador 2.....	205
Tabela 5: Sistema de categorização da entrevista do Treinador 3.....	221
Tabela 6: Sistema de categorização da entrevista do Treinador 4.....	235
Tabela 7: Sistema de categorização da entrevista do Treinador 5.....	247
Tabela 8: Sistema de categorização da entrevista do Treinador 6.....	265
Tabela 9: Sistema de categorização da entrevista do Treinador 7.....	283
Tabela 10: Sistema de categorização da entrevista do Treinador 8.....	301

Resum

Els estudis realitzats fins a la data sobre l'entrenador de l'esport base s'han centrat en la seva conducta i eficàcia tècnica (Borras, Palou, Ponsetti & Cruz, 2003). No obstant això, l'esport en les edats infantils té un destacat paper en la formació dels ciutadans i per tant, l'entrenador ha de posicionar-se com un educador d'actituds i valors. El present treball té com objectius a) estudiar el comportament de l'entrenador de futbol base en la promoció del *fair play*, b) analitzar l'opinió dels entrenadors sobre la importància del joc net en el futbol amb els joves, c) comparar el comportament dels entrenadors amb llicenciatura en educació física amb el comportament dels entrenadors no llicenciats en educació física.

Per a aquest estudi van construir dos instruments: l'observació sistemàtica mitjançant (SOCOFAP) i entrevistes semidirigides. L'observació ens va permetre observar, registrar i analitzar el comportament dels entrenadors de forma espontània i en el seu context natural de l'acció i en les entrevistes la seva opinió. El disseny de l'estudi és de tipus ideogràfic i puntual sobre una mostra de vuit entrenadors de futbol base agrupats en dues tipologies: quatre llicenciats en educació física i quatre no llicenciats. Filmem quatre partits de cada entrenador, arribant a un total de 32 partits. L'anàlisi observacional seqüencial es va realitzar amb el software *Theme* (Magnusson, 1996, 2000, 2005) (<http://www.noldus.com/content>) que va conduir al descobriment de patrons de comportament i les entrevistes a una anàlisi de contingut amb el programari *N-Vivo 7.0*.

Les principals conclusions ens porten a afirmar que: (1) Els comportaments promotors i no promotors del joc net es donen en ambdós tipus d'entrenadors, (2) Els entrenadors llicenciats tenen una major varietat de comportaments de *fair play*, (elogis, alè a demanar disculpes i reconeixement d'oponents), (3) Els entrenadors no llicenciats tenen una major varietat de comportaments no promotors, (falta de respecte per als seus atletes, reforçament de conducta de violència amb adversaris i pèrdua de temps durant el joc), (4) Els entrenadors llicenciats opinen que tots els involucrats en l'esport són els responsables de la seva degradació enfront dels no llicenciats que consideren que els principals responsables són els pares, entrenadors i àrbitres.

Paraules claus: Joc net, el comportament de l'entrenador, de futbol, formació dels joves.

Resumo

Os estudos realizados até ao momento sobre o treinador de desporto com jovens centram-se na sua conduta e eficácia técnica (Borras, Palou, Ponsetti & Cruz, 2003). Contudo, o desporto com jovens tem um destacado papel na formação de cidadãos e portanto, o treinador deve posicionar-se como um educador de atitudes e valores. O presente trabalho tem como objetivos a) estudar o comportamento do treinador de futebol jovem na promoção do *fair play*, b) analisar a opinião dos treinadores sobre a importância do *fair play* no futebol com jovens, c) Analisar o comportamento dos treinadores com licenciatura em educação física e o comportamento dos treinadores não licenciados em educação física.

Para este estudo utilizaram-se dois instrumentos: um sistema de observação (SOCOFAP) e a entrevista semiestruturada. A observação permitiu-nos captar, registar e analisar o comportamento dos treinadores de forma espontânea no seu contexto natural de acção e as entrevistas deram-nos a conhecer a sua opinião. O desenho do estudo foi do tipo ideográfico e pontual. A amostra foi constituída por oito treinadores de futebol jovem agrupados em duas tipologias: quatro licenciados em educação física e quatro não licenciados. Filmámos quatro jogos de cada treinador, atingindo um total de 32 jogos. A análise observacional sequencial realizou-se com o software *Theme* (Magnusson, 1996, 2000, 2005) (<http://www.noldus.com/content>) que conduziu à descoberta de padrões de comportamento e as entrevistas a uma análise de conteúdo realizada com o software *N-Vivo 7.0*.

As principais conclusões foram: (1) Os comportamentos promotores e despromotores de *fair play* ocorrem em ambos os tipos de treinadores; (2) Os treinadores licenciados têm uma maior variedade de comportamentos de *fair play*, (elogios, incentivo a pedir desculpas e aplauso aos adversários); (3) Os treinadores não licenciados têm uma maior variedade de comportamentos despromotores, (falta de respeito com os seus atletas, reforço da conduta violenta para com os adversários e perda de tempo durante o jogo); (4) Os treinadores licenciados acreditam que todos os intervenientes no desporto são responsáveis pela sua degradação, enquanto os não licenciados consideram que os principais responsáveis são os pais, treinadores e árbitros.

Palavras Chave: *Fair play*, comportamento do treinador de futebol, formação dos jovens.

Abstract

The studies on the sport coach for youths to this date focus on his attitudes and technical efficiency (Borras, Palou, Ponsetti & Cruz, 2003). However, the sports with young people play a relevant role in the building of citizenship and therefore the coach must necessarily convey values and attitudes. This study aims to: a) study the behaviour of the football coach of youths in what concerns the promotion of fair play b) analyse the opinion of coaches on the importance of fair play in football with young people c) analyse the behaviour of coaches with a Physical Education Degree and the behaviour of unlicensed coaches in Physical Education.

Two instruments were used for this study: an observation system (SOCOFAP) and the semistructured interview. The observation allowed to capture, record and analyse the behaviour of coaches in a spontaneous way in their natural contexts of action and the interviews enabled to access their opinions. The study design was of the ideographic and specific type. The sample consisted of eight football coaches for young people grouped into two categories: four graduates in Physical Education and four unlicensed coaches. Four games of each coach were filmed, totalling 32 games. The observational sequence was analysed with the software *Theme* (Magnusson, 1996, 2000, 2005) (<http://www.noldus.com/content>) that led to the discovery of behaviour patterns and interviews with a content analysis performed with the software N-Vivo 7.0.

The main findings were the following: (1) Behaviours promoting or not promoting fair play could be found in both types of coaches; (2) The licensed coaches have a wider range of fair play behaviours (praise, encouragement to apologise, and applause to opponents); (3) The unlicensed coaches have a wider variety of non-promoting fair play behaviours, (lack of respect for their athletes, strengthening the violent behaviour towards opponents and loss of time throughout the game); (4) The licensed coaches believe that all the intervenients in sport are responsible for its degradation, while unlicensed coaches believe that the main responsible intervenients are parents, coaches, and referees.

Keywords: Fair play, behaviour of the football coach, training of youths

Resumen

Los estudios realizados hasta la fecha sobre los entrenadores del deporte de base se han centrado en su conducta y eficacia técnica (Borras, Palou, Ponsetti & Cruz, 2003). Sin embargo, las investigaciones han puesto de relieve que el deporte tiene un destacado papel en la formación de los ciudadanos y por lo tanto, el entrenador debe posicionarse como un educador de la juventud.

Por lo tanto, el presente estudio tuvo como objetivos a) estudiar el comportamiento del entrenador de fútbol base en la promoción del juego limpio, b) analizar la opinión de los entrenadores sobre la importancia del juego limpio en el fútbol con los jóvenes

c) comparar el comportamiento de los entrenadores con licenciatura en Educación Física con el comportamiento de los entrenadores no licenciados en Educación Física.

Para este estudio se utilizó la metodología observacional, ya que es un procedimiento científico que permitió la construcción de un instrumento de observación (SOCOFAP) que nos permitió observar, registrar y analizar el comportamiento del entrenador de forma espontánea y en su contexto natural de la acción. El diseño del estudio fue de tipo ideográfico de seguimiento. La muestra constó de ocho entrenadores de fútbol base, con dos diferentes niveles de formación, cuatro entrenadores licenciados en Educación Física y cuatro entrenadores no licenciado. Filmamos cuatro partidos de cada entrenador, haciendo un total de 32 partidos. La análisis secuencial se realizó con el software *Theme* (Magnusson, 1996, 2000, 2005) (<http://www.noldus.com/content>) que condujo al descubrimiento de patrones de comportamiento.

Las principales conclusiones fueron: (1) Ambos los grupos mostraron comportamientos promotores y no promotores del juego limpio; (2) Los entrenadores licenciados tienen una mayor variedad de comportamientos de Juego Limpio, incluyendo elogios y aliento, aplaudiendo opositores y alentar a sus atletas a pedir disculpas después de la mala conducta com relación a sus oponentes; (3) Los entrenadores no licenciados tienen una mayor variedad de comportamientos no promotores, incluyendo la falta de respeto para sus atletas, alentando a sus atletas a adoptar una conducta de violencia com relacion a sus apositores y alentar la pérdida de tiempo durante el juego; (4) Los licenciados creem que todos los involucrados en el deporte son los responsables de la degradación del Juego Limpio.

Palabras clave: Juego limpio, el comportamiento del entrenador, fútbol, formación de los jóvenes.

Capítulo I

Introdução

1.1 Introdução

O ano de 2004 assumiu-se como o Ano Europeu da Educação pelo Deporto, consubstanciando-se em diversas alternativas promotoras dos valores no desporto. Encontrávamo-nos na altura a finalizar a licenciatura em Educação Física e desde logo ambicionámos apresentar a monografia final de curso no âmbito da ética e do *fair play* no treino de futebol com jovens. Após a sua conclusão, ficámos com a ideia nítida que este trabalho teria uma continuidade no âmbito de um doutoramento. Por isso, desde que se iniciou este processo que nunca existiram dúvidas acerca do tema a abordar.

A nossa actividade profissional enquanto professor de Educação Física e treinador de futebol mostraram-nos que a prática desportiva de jovens, em Portugal, está, muitas vezes, impregnada de comportamentos desviantes, muitas vezes promovidos pelos adultos mais significativos, nomeadamente os treinadores. Estes, normalmente, em vez de fomentarem o gosto de pela prática desportiva salutar, procuram o sucesso a todo o custo, desvirtuando o potencial educativo do desporto. A vertigem pelo sucesso desportivo, leva a que muitos treinadores assumam uma praxis apenas centrada no rendimento desportivo, olvidando-se de que o desporto com jovens deverá ser, sobretudo, uma prática complementar da sua vida. Assim, enquanto formadores de futuros professores e treinadores de futebol, acreditamos que a prática desportiva é um campo privilegiado para a formação de valores e que, os treinadores são poderosos agentes de mudança de mentalidades. Foi esta contestação da realidade do desporto de jovens em Portugal, nomeadamente o futebol, que nos motivou a realizar um doutoramento nesta área.

Acreditamos que após a conclusão deste trabalho de investigação, teremos desenvolvido um conjunto de competências que nos permitirão, de futuro, intervir no futebol com jovens com mais pedagogia.

1.2 Objecto de estudo

O presente trabalho tem como objecto de estudo a análise do comportamento, em competição, do treinador de futebol dos escalões de formação no que concerne à promoção do *fair play*. Deste modo, procurou-se compreender de que forma actua o treinador perante diferentes cenários competitivos.

1.3 Objectivos

O presente trabalho, centrando-se na análise do comportamento do treinador de futebol de formação do escalão de sub 11 e sub 13, tem os seguintes objectivos:

- 1- Analisar o comportamento, em competição, do treinador de futebol de formação licenciado em Educação Física, na promoção do *fair play*;
- 2- Analisar o comportamento, em competição, do treinador de futebol de formação não licenciado em Educação Física, na promoção do *fair play*;
- 3- Perceber se o momento do jogo (1ª parte e 2ª parte), associado ao resultado, tem influência na conduta de *fair play* do treinador;
- 4- Caracterizar a opinião dos treinadores licenciados em educação física em relação à promoção do *fair play*;
- 5- Caracterizar a opinião dos treinadores não licenciados em educação física em relação à promoção do *fair play*;
- 6- Analisar conjuntamente o comportamento e a opinião dos treinadores licenciados em Educação Física e dos treinadores não licenciados.

Após a explicitação dos objectivos deste estudo, passaremos de seguida a Revisão da Literatura que nos ajudará a balizar o nível de conhecimento científico que existe, relativamente ao nosso Objecto de Estudo.

Esta revisão permitir-nos-á acercarmo-nos do conhecimento que até à presente data foi produzido no âmbito da nossa investigação.

Capítulo II

Revisão da Literatura

2. Revisão da Literatura

Neste capítulo procuraremos enquadrar o nosso estudo no âmbito dos trabalhos que se vêm desenvolvendo dentro da temática do *fair play* no desporto.

Deste modo, no primeiro ponto realizaremos uma breve contextualização da história da formação de treinadores em Portugal e seguidamente abordaremos o novo modelo de formação de treinadores.

No segundo ponto, procuraremos demonstrar a importância que tem a orientação para a realização de objectivos e a criação de um clima motivacional na promoção de comportamentos pró activos. De facto, os estudos revelam que a existência de um bom clima motivacional, associada a uma definição clara e precisa de objectivos favorecem a adopção de condutas de *fair play*. Assim, é importante compreender com clareza, o relevante papel que tem o treinador na criação de climas motivacionais adequados à promoção de condutas ajustadas no desporto. Com o objectivo de estudar o clima motivacional, recorreremos a algumas contribuições da Psicologia Social e da Psicologia Educacional, visto que o clima motivacional não é um tema exclusivo da prática desportiva, sendo também abordado noutros âmbitos como o mundo empresarial.

No terceiro ponto, abordaremos diferentes estudos presentes na literatura que tiveram como objecto de estudo o *fair play*. Assim, realizaremos um percurso incidindo em estudos realizados em contexto de aulas de Educação Física e de seguida abordaremos investigações que se centraram em programas de promoção de *fair play*. De seguida passaremos a definir claramente o conceito de *fair play*, bem como de outros conceitos que lhe são próximos conceptualmente, nomeadamente, espírito desportivo, ética e desportivismo. Verificaremos que este conceito apresenta diferentes acepções, consoante a época em que é definido, não existindo por isso um consenso claro.

Depois, debruçar-nos-emos sobre estudos que procuram perceber a importância que atribuem os atletas de diferentes modalidades ao *fair play*, passando posteriormente para uma análise realizada apenas em futebolistas.

No último ponto deste capítulo, começaremos por realizar uma análise aos estudos que têm incidido sobre o comportamento do treinador em treino e em competição. Também

procuraremos conhecer os estudos que têm sido realizados sobre o treinador e a promoção do *fair play*, nosso objecto de estudo.

Concluindo, realizaremos um percurso em funil, que se inicia com a formação do treinador desportivo e posteriormente procuraremos compreender a relevância que tem a criação de climas motivacionais na promoção do *fair play*, pretendendo entender a verdadeira acepção do conceito e o importante papel dos treinadores na promoção deste ideal.

2.1. A Formação do Treinador

Iniciaremos esta Revisão da Literatura abordando a história da formação dos treinadores em Portugal, procurando contextualizar as diferentes etapas pelas quais tem passado este processo. Posteriormente, passaremos a explicar o novo modelo de formação de treinadores em Portugal.

2.1.1. História da formação dos treinadores em Portugal

A formação de treinadores desportivos em Portugal não se tem constituído como um processo regular e normal. Numa primeira fase, o Decreto-Lei nº 553/77, de 31 de Dezembro, ratificado pela Lei nº 63/78, de 29 de Setembro, veio outorgar ao Estado as aptidões na formação de técnicos e monitores desportivos. Todavia, face à grande necessidade de formação de quadros técnicos desportivos, rapidamente se percebeu da impossibilidade de o Estado assumir esta responsabilidade.

É por isso que num segundo momento, marcado pela publicação dos Decretos-leis nº 350/91 e nº 351/91, ambos de 19 de Setembro, a formação dos agentes desportivos, nomeadamente dos treinadores desportivos, tenha passado a estar cometida às federações desportivas. Todavia, ambos os modelos mostraram ser pouco eficientes face ao pretendido.

Assim, num terceiro momento, com a publicação do Decreto-Lei nº 407/99, de 15 de Outubro, surge uma opção evidente que quebra com o modelo em vigor, enquadrando a formação dos recursos humanos do desporto no sector da formação profissional inserida no mercado de emprego, nos termos previstos nos Decretos-Leis nºs 401/91 e 405/91, de 16 de Outubro.

No intuito de regulamentar o DL 407/99, o Instituto do Desporto de Portugal, I.P. (IDP, I.P.), nomeou duas Comissões que entre 2000 e 2005 que conceberam duas propostas de regulamentação pertinentes, nomeadamente no que diz respeito ao *Perfil*

Profissional do Treinador Desportivo. Neste processo foram produzidos Manuais de Certificação de Treinadores e de Homologação de Cursos de Formação, Referenciais de Formação e regulamentação de formação em regime de tutoria, bem como, a produção de manuais de formação geral.

O primeiro destes modelos preconizava um *Perfil Profissional* estruturado em 4 níveis, designadamente, Monitor, Treinador, Treinador Nacional e Treinador de Alto Rendimento.

O segundo modelo foi antes estruturado em 3 níveis, nomeadamente, Treinador de grau 1, Treinador de grau 2 e Treinador de grau 3.

Estes modelos emergiram sem preocupações de consonância com as recomendações da ENSSEE, nomeadamente com a estrutura de 5 níveis proposta em 1995 e 1999 pela *European Network of Sport Sciences in Higher Education* (ENSSHE) e, depois, assumidos pela *European Network for Sport Sciences Education and Employment* (ENSSEE).

2.1.2. Uma nova perspectiva na formação de treinadores

A Lei de Bases da Actividade Física e do Desporto assenta na ideia de que a existência de treinadores convenientemente qualificados é uma medida imprescindível, para assegurar um desenvolvimento qualitativo e quantitativo das actividades físicas e desportivas, bem como para que a prática desportiva decorra no cumprimento de regras que garantam a ética e a defesa da saúde dos praticantes.

Perspectiva-se a formação do treinador num aumento progressivo de exigências e competências profissionais nos quatro graus consignados, Desejando-se que os saberes adquiridos sejam cumulativos na passagem de grau.

Deste modo, entre o grau I e o grau III, o treinador adquire competências para o exercício profissional de nível e complexidade crescente.

Assim, o currículo da formação geral consubstancia-se em saberes provenientes das ciências do desporto, pois estas oferecem conhecimento fundado e multifacetado relativo ao desenvolvimento humano, social e desportivo dos praticantes.

- O grau IV perspectiva-se numa intervenção que ultrapassa a orientação directa de praticantes enquadrando tarefas de coordenação, supervisão e implementação de programas, reclamando capacidades de gestão, liderança e inovação.

Deste modo, podemos concluir o processo relativo a cada grau da seguinte forma:

- O grau I é a base da carreira, constituindo-se uma etapa caracterizada pela ausência de autonomia profissional, onde o treinador é sobretudo confrontado com os conhecimentos básicos e os problemas mais elementares do exercício profissional;
- No grau II o treinador é capaz de exercer autonomamente a profissão em qualquer das etapas de formação desportiva, apesar de se esperar que, em qualquer nível de prática e especialmente no alto nível, disponha de coordenação e supervisão através de profissionais mais habilitados;
- O treinador de grau III apresentará aptidões com vista à resolução dos mais complexos problemas que se apresentam na profissão, com especial menção para os desencadeados pelo treino de alto nível;
- Os treinadores de grau IV serão formados em referência às imposições da prática profissional referentes à coordenação e direcção de equipas técnicas plurais, à inovação, à investigação, à formação profissional e ao empreendedorismo.

2.1.3. O novo modelo na formação de treinadores

No que diz respeito à implementação do novo sistema de formação de treinadores, relevam-se alguns pontos considerados importantes, nomeadamente: um aumento da exigência da carga horária; a obrigatoriedade da formação em exercício; a obrigatoriedade da existência de estágio tutorado; as novas atribuições e responsabilidades das Federações com UPD; a existência de várias vias de formação para a obtenção da CTD.

No que concerne ao aumento da exigência da carga horária a confirmação da disparidade entre as cargas horárias, da generalidade dos cursos de formação de treinadores em Portugal, e aquelas que são recomendadas no âmbito da União Europeia, assume-se como um forte motivo para implementação de um aumento considerável nas cargas horárias dos cursos dos distintos graus.

Em relação à formação em exercício o novo sistema de formação, sustentado nas aprendizagens em situação real de prática, obriga a um período mínimo de formação em exercício em todos os graus e para todas as vias de formação.

A imposição da existência de um estágio com tutoria em todos os graus, tem por suporte a verificação que a aprendizagem em contextos reais decorre do gradual reconhecimento da relevância desta na aquisição de competências profissionais, pois é através dela que o formando é confrontado com os problemas concretos, correntes nas situações de treino e de competição.

2.2. O fair play

Depois de termos realizado uma breve contextualização histórica da formação de treinadores em Portugal e de termos abordado o novo modelo de formação de treinadores, abordamos, de seguida, a questão do *fair play*.

Começaremos por tratar a importância da orientação para a realização de objectivos na criação de climas motivacionais que propiciem a adopção de condutas de *fair play*.

2.2.1. Orientações para a realização de objectivos e Clima Motivacional

Neste capítulo, procuraremos conhecer os diferentes estudos produzidos no âmbito das teorias da realização de objectivos e clima motivacional. Deste modo, por uma questão de organização e esquematização começaremos por analisar estudos que relacionam condutas desportivas, clima motivacional e a orientação para objectivos.

De seguida, examinaremos trabalhos que procuraram relacionar a teoria da realização de objectivos e a teoria da auto-determinação.

Depois, iremos escarpelizar a importância dos objectivos no treino com jovens e posteriormente finalizaremos com estudos que confrontam as teorias das metas de realização e percepção do clima motivacional.

Deste modo, o estudo das orientações para a consecução de objectivos e do clima motivacional assume particular relevância no que ao *fair play* diz respeito. De facto, sabe-se hoje que o ambiente criado em redor da prática desportiva influencia a adopção de uma boa ou má conduta (Duda & Whitehead, 1998). Deste modo, somos levados a acreditar que um bom clima motivacional e objectivos realistas terão enorme influência na adopção de condutas pró activas. Ou seja, se para cada atleta forem delineados objectivos realistas e passíveis de serem alcançados, haverá maior probabilidade de manter esses mesmos atletas motivados, criando um clima positivo na prática desportiva. No fundo, permitirá ao atleta sentir-se reconfortado com a sua

prestação, gerando nestes maiores índices motivacionais e, por sua vez, uma melhor conduta perante o desporto. Assim, uma definição clara e precisa de objectivos, potenciará a criação de melhores climas motivacionais que por sua vez, terá influência na adopção de uma conduta pró activa.

Assim, alguns autores têm tentado relacionar as condutas desportivas com o clima motivacional e orientação para os objectivos. Um exemplo claro é o trabalho desenvolvido por Gonçalves, Silva e Cruz (2006) que procuraram conhecer os efeitos do nível desportivo sobre as atitudes e a orientação para a realização de objectivos em jovens atletas dos 13 aos 16 anos, pretendendo saber se a prática desportiva exerce influências moralmente negativas, ou seja, se incita os jovens à adopção de condutas antidesportivas. A amostra foi constituída por atletas locais- inscritos nas respectivas federações- e por atletas de elite- aqueles que integram as selecções. Aparentemente, para os jovens portugueses de elite, o aumento do volume e intensidade do treino associados à exigência e pressão da competição, não exercem influências moralmente negativas, ou seja, não os torna mais propensos a quebrarem as regras ou a realizarem batota.

Na mesma linha de investigação Leo, García Calvo, Sánchez, Gómez e Sánchez (2008) tiveram como principal objectivo o estudo das relações entre os climas motivacionais dos outros significativos com os comportamentos de desportivismo de jogadores de desportos colectivos em idades de iniciação. A amostra constituiu-se por 1070 desportistas federados de ambos os géneros. Os resultados mostraram uma relação positiva e significativa entre a percepção dos jogadores dum clima motivacional que implica a tarefa criado por parte dos outros significativos com os comportamentos desportivos, assim como uma relação positiva entre o clima que implica o ego dos outros significativos com os comportamentos antidesportivos. Já Lee e Cockman (1995) examinando os valores que prevalecem na participação desportiva de jovens atletas de ténis e futebol e concluíram que a análise dos valores de outros significativos pode explicar o desenvolvimento de valores nos jovens atletas. Ou seja, em ambos os estudos se verifica que os valores de outros elementos significativos têm influência nos valores dos jovens.

No que diz respeito às teorias da realização de objectivos e da auto-determinação, muitos estudos vêm sendo levados a cabo. A teoria da auto-determinação

é composta por quatro pequenas teorias, nomeadamente teoria da avaliação cognitiva, teoria da integração organísmica, teoria da orientação da causalidade e teoria da necessidade. Elas procuram explicar o comportamento humano através dos motivos que nos levam a participar em determinada actividade. Deste modo, um exemplo disso é o trabalho realizado por Ntoumanis (2001) que examinou as ligações empíricas entre a teoria da realização dos objectivos e a teoria da auto-determinação no desporto. Testou os efeitos independentes e interactivos da orientação para objectivos e competência percebida em 7 variáveis motivacionais com diferentes graus de auto-motivação. Análises de regressão de dados recolhidos de 247 alunos universitários Britânicos mostraram que a orientação para a tarefa previu variáveis motivacionais altas de auto-determinação. Em contraste, a orientação para o ego previu variáveis motivacionais com baixa auto-determinação. Na mesma linha de pesquisa Standage, Duda e Ntoumanis (2003) analisaram um modelo de motivação dos estudantes na Educação Física que incorpora construções sobre teorias de auto-determinação e teorias sobre obtenção de objectivos. O centro do estudo assentou nas previsões que os alunos fizeram sobre as suas intenções em participar em actividades físicas fora do contexto da Educação Física. Descobriu-se que a auto-determinação motivacional faz prever de uma forma positiva as intenções de praticar desporto nos tempos livres, enquanto a falta de motivação prevê uma intenção negativa. Já Hein e Hagger (2007) examinaram um modelo teórico sobre a auto-estima global que incorpora construções feitas através das teorias ligadas às orientações para atingir metas e teorias ligadas à auto-determinação. O modelo criado desenvolveu a hipótese que a auto determinação ou a criação autónoma de objectivos mediou a influência que as orientações para atingir metas têm na auto-estima global dos atletas. Os resultados sugerem que as orientações motivacionais generalizadas influenciam a auto estima afectando a motivação autónoma e é consistente com a teoria que sugere que experiências relacionadas com a motivação intrínseca formam o mecanismo pelo qual as orientações motivacionais globais se traduzem em resultados como a auto estima. Esta tem influência na adopção de condutas de *fair play*, pois atletas com baixa auto-estima, terão maior propensão para desrespeitarem as regras, os colegas e os adversários, na medida em que uma baixa auto estima poderá desencadear maior frequência de condutas de agressividade. As descobertas feitas sugerem que a actividade física que surge por motivos autónomos do atleta em contextos de actividade física é provável que aumente, em termos gerais, a auto estima das classes mais jovens.

Ainda no âmbito das teorias da auto-determinação Moreno, Conte, Hellin, Hellin, Vera e Cervelló (2008) procuraram comprovar o poder da predição das estratégias utilizadas pelos professores para manter a disciplina e a orientação para objectivos sobre a motivação autodeterminada em estudantes adolescentes de educação física e a relação entre as mesmas. De facto, as estratégias utilizadas pelos docentes terão influência na disciplina criada e esta, por sua vez, terá repercussões sobre as condutas de *fair play* dos alunos, porque uma turma indisciplinada, evidenciará mais condutas desajustadas. Os resultados mostraram a importância de dirigir os alunos através de estratégias de disciplina de preocupação e responsabilidade para conseguir uma orientação para a tarefa e como consequência uma motivação autodeterminada. Além disso, as estratégias de preocupação/responsabilidade dos professores e a orientação para o ego apareceram como factores chave no desenvolvimento da motivação autodeterminada.

Também Sánchez, Leo, Sánchez, Amado e García (2010), realizaram um estudo em que o principal objectivo foi analisar as relações existentes entre a teoria da Auto-determinação e os comportamentos desportivos e anti-desportivos em categorias inferiores. Seleccionaram 127 jogadores de andebol das categorias benjamins e infantis e cadetes, os quais responderam a diversos questionários com o objectivo de analisar a motivação no desporto, a satisfação das necessidades psicológicas básicas e os comportamentos de desportivismo. Da análise dos resultados, pode-se comprovar como os níveis altos de auto-determinação se relacionam significativamente com os comportamentos desportivos, assim como os motivos de prática menos auto-determinados com as condutas anti-desportivas.

No que diz respeito a investigações envolvendo o papel dos objectivos, muitas pesquisas vêm sendo realizadas, com âmbitos de actuação diferenciado.

Kavassanu e Roberts (2001) examinaram o papel dos objectivos nos índices de funcionamento moral, atitudes anti-desportivas e julgamentos sobre a legitimidade de actos danosos intencionais nos jogadores universitários de basquetebol. De facto, se os objectivos definidos para os atletas não estiverem de acordo com as suas possibilidades e potencialidades, é possível que os atletas adoptem condutas anti-desportivas, que lhes permitam a obtenção desses objectivos. Assim, os atletas masculinos (n=56) e femininos (n=143) preencheram questionários relativos às supracitadas. A análise

revelou diferenças significativas nas variáveis de interesse, de acordo com o género dos inquiridos, especificamente os atletas masculinos apresentam uma maior orientação para o ego, uma menor orientação para as tarefas, níveis de funcionamento moral inferiores e maior aprovação de comportamentos anti-desportivos e mostraram-se mais tolerantes na aceitação de actos danosos. No caso da amostra feminina, mostrou-se a presença de uma significante mas fraca na relação entre orientação por objectivos e as variáveis morais. A maior orientação para o ego estava relacionada com menores níveis de julgamento e intenção do funcionamento moral e maior aceitação de actos danosos intencionais.

Também no âmbito do estudo dos objectivos Lemyre, Roberts e Ommundsen (2002) examinaram a contribuição da orientação para os objectivos e a influência da detecção da habilidade, como um factor moderador na previsão das relações entre os jogadores no futebol competitivo juvenil. Os atletas que estão focados somente no desenvolvimento das suas habilidades, como forma de superiorizarem sobre os demais, são atletas mais propensos à aceitação de comportamentos desviantes, pois estão focalizados no seu ego. Deste modo, foram utilizados 511 jovens do sexo masculino e noruegueses, com idades compreendidas entre os 13 e os 16. Estes encontravam-se a participar no torneio futebol internacional da noruega. O que se verificou, foi que grande número de participantes orientados para a sua tarefa, sistematicamente mantinha um bom desportivismo, no entanto, participantes que eram sobretudo estimulados pelo ego na orientação para os objectivos, mostraram uma baixa adesão ao desportivismo. Perceber a habilidade foi um factor significativo nestes jogadores com orientação com base no ego e baixa habilidade percebida.

No âmbito dos estudos das metas de realização e percepção do clima motivacional, Xiang e Lee (2002) revelam que metas de realização e percepção do clima motivacional são duas importantes construções na teoria das metas de realização e desempenham papéis críticos na motivação dos alunos e comportamento tradicional. Na verdade, atletas que percepcionem um bom clima motivacional e que estejam bem orientados para as suas tarefas, terão menor probabilidade de cometer condutas anti *fair play*, porque se encontram motivados para as suas tarefas. Assim, examinaram as relações entre as duas construções e o referido auto comportamento de domínio dos alunos, bem como as diferenças relacionadas com a idade. Os resultados indicaram que a realização de metas e a percepção do clima motivacional foram relacionadas com

domínios dos alunos. Contudo, as relações variam dependendo da idade dos alunos. Os mais velhos parecem estar inclinados para a orientação do ego e do clima-ego.

No mesmo âmbito, Cecchini, González, Carmona e Contreras (2004) examinaram as relações entre o clima motivacional, gerado nas sessões de treino, a orientação para objectivos, a motivação intrínseca, a auto-confiança, a ansiedade e o estado de ânimo em jovens desportistas antes e depois duma competição. Os resultados mostraram que o clima de maestria foi associado positivamente à orientação para a tarefa, à motivação intrínseca nas sessões preparatórias, à auto-confiança e ao estado de ânimo pré-competitivo. O clima de execução associou-se positivamente à orientação para ego e à ansiedade somática e cognitiva, e negativamente à motivação intrínseca, à autoconfiança e ao estado de ânimo pré e pós-competitivo. Também a respeito da influência da percepção do clima motivacional e capacidade percebida na motivação situacional Parish e Treasure (2003) levaram a cabo um estudo em estudantes de Educação Física, percepcionando que um clima de mestria foi fortemente relacionado com mais auto-determinadas formas de motivação situacional. Em contrapartida, a percepção de um clima de desempenho foi fortemente relacionada com menos auto-determinadas formas de motivação situacional.

Num estudo semelhante ao anterior, realizado também em estudantes de Educação Física, Cervello, Jimenez, Del Villar, Ramos e Santos-Rosa (2004) concluíram que a percepção de um clima motivacional envolvendo tarefas relaciona-se com a percepção dos estudantes de igualdade no trato.

Ao contrário, a percepção de um clima associado ao ego relacionou-se positivamente com a predição da percepção da discriminação sexual nas classes de educação física.

Também Stornes e Ommundsen (2004) investigaram as relações entre as metas de realização a percepção do clima motivacional e espírito desportivo numa amostra de jovens jogadores de andebol da Noruega. As análises de regressão hierárquica, revelaram que os jogadores que foram orientados para a tarefa e os que perceberam que o clima motivacional era predominantemente orientado para o domínio mostraram níveis mais elevados de espírito desportivo. Em contraste os jogadores orientados para o seu “eu”, e os jogadores que perceberam o clima motivacional como performance predominante orientada para o desempenho foram mais propensos a apresentar comportamentos anti-desportivos, menos respeito pelos adversários, regras e

funcionários. Além disso, o efeito de interação revelou que os jogadores fortemente orientado para o seu “eu” mostraram significativamente menos respeito pelos adversários. A este respeito Kavussanu (2007) examinou os efeitos principais e interactivos da relação entre orientações para objectivos e clima motivacional percebido sobre o comportamento pró-social e anti-social, e se o número de temporadas jogadas numa equipa, interage com o clima motivacional na predição das condutas pró social e anti-social. Concluiu que, reforçando a orientação para tarefas e o clima de maestria e enfraquecendo a orientação para o ego podem-se aumentar os comportamentos pró-sociais.

Contudo, para que a conduta anti-social se elimine do contexto do futebol, a orientação para o ego e o clima de rendimento têm que ser travados.

Com as mesmas finalidades, Ommundsen, Roberts, Lemyre e Miller (2005) examinaram a relação entre o clima motivacional, metas de realização, perfeccionismo e os índices de relacionamento entre pares numa amostra de jovens jogadores do sexo masculino e femininos noruegueses. Os jogadores responderam a um questionário para se perceber a aceitação entre os colegas e a qualidade da amizade no futebol, clima motivacional, metas de realização e perfeccionismo no futebol. Análises de correlação revelaram que jovens jogadores que entenderam o clima motivacional predominantemente orientado para o domínio e que foram moderadamente orientados para a tarefa mostraram um perfeccionismo desajustado, relataram melhoria das relações com os seus companheiros no futebol. Relações construtivas entre colegas eram evidentes na medida em que marcou positivamente no convívio com os seu melhores amigos no futebol, eles perceberam esses amigos como sendo leais, permitindo uma livre discussão, relataram ser socialmente aceites pelos seus colegas no futebol. Os jogadores do género masculino que perceberam o clima motivacional predominantemente orientado para o desempenho, que tiveram uma pontuação negativa na tarefa de orientação mas uma pontuação positiva bastante forte sobre o perfeccionismo desajustado, tiveram relações negativas com os colegas em relação a estes aspectos e também relataram estar em conflito com o seu melhor amigo no futebol. Os resultados sugerem que as qualidades de motivação têm uma relação sistemática com a aceitação dos colegas e da qualidade de amizade no futebol masculino e feminino.

Sit e Lindner (2005) estudaram as orientações motivacionais dos jovens para a participação desportiva usando a teoria da realização de metas e teoria da reversão. Ambas as teorias são úteis para determinar como indivíduos com diferentes orientações motivacionais diferem em motivos para a sua participação no contexto do desporto. A Teoria da realização de metas postula que os indivíduos que tem tarefas e orientações para o ego enquanto a teoria de reversão supõe que os indivíduos têm oito orientações. A análise do factor confirmatório demonstrou bom ajuste geral em 7 estruturas desportivas derivadas de 30 itens. A análise posterior de correlação indica uma relação estreita entre as orientações motivacionais e os motivos de participação no desporto congruente com as previsões teóricas em ambas as teorias. Constatou-se também que as orientações para a tarefa e ego na teoria da realização de metas foram relacionadas com orientações motivacionais específicas com a teoria da reversão. Os resultados sugerem que as duas teorias têm construção similar de orientação motivacional, mais articulada na teoria da reversão, que pode ser útil para examinar o que motiva os jovens a participar em actividades físicas desportivas. Também Reinboth e Duda (2006) ao examinarem a relação entre as alterações da percepção do clima motivacional e as alterações na satisfação das necessidades dos atletas e os índices de bem-estar psicológico e físico dos atletas durante uma temporada competitiva. Concluíram que um aumento na percepção de um clima de trabalho assumiu-se como um factor preditivo positivo de um aumento da satisfação das necessidades de autonomia, competência e relação.

Gano-Overway, Guivernau, Magyar, Waldron e Ewing (2005) utilizando uma abordagem interaccionista, examinaram os efeitos principais e interactivos do ambiente motivacional percebido e da perspectiva de objectivos no desportivismo. Adicionalmente, o ambiente motivacional percebido foi usado para investigar a nível individual e de grupo. Duzentas e Duas jogadoras de voleibol do sexo feminino de 25 equipas completaram os questionários “Ambiente motivacional percebido” e “A orientação para o ego e tarefas no desporto” e a “Escala Multidimensional da orientação do desportivismo”. Duas dimensões de desportivismo emergiram para as atletas femininas, isto é respeito pelo jogo e respeito pelo adversário. Emergiu ainda uma significativa interacção tripartida entre orientação para tarefa, orientação para o ego e ambiente que envolva a tarefa pelo respeito pelo jogo, sugerindo que a relação entre a orientação para a tarefa e para o ego e o grau de respeito pelo jogo era dependente do

ambiente envolvente ser orientado para a tarefa. A nível da equipa, indicou que há uma percepção do ambiente motivacional que é partilhada dentro da equipa. Procedimentos de modelação hierárquica linear revelaram que a orientação individual para a tarefa e a percepção a nível da equipa de um ambiente orientado para a tarefa, deram expectativas positivas em relação ao respeito pelo jogo.

Conroy, Kaye e Coatsworth (2006) testaram um modelo de influências sócio-cognitivas em situações de motivação, (e.g., nas razões para os jovens participarem no desporto, num determinado momento), utilizando jovens 2 × 2 na conquista de objectivos.

Rapazes e raparigas (n = 165) participaram num campeonato de Verão de natação, utilizando medidas para conquista de objectivos e em motivação situacional em diversas ocasiões durante um período de 6 semanas. No final da temporada classificaram o clima proporcionado pelo treinador. Todas as respostas sobre as escalas de motivação situacional exibiram níveis aceitáveis de invariância factorial longitudinal.

A análise da curva de crescimento latente revelou que a motivação intrínseca e a regulação identificada não parecem mudar ao longo da temporada. No entanto, a regulação externa e a motivação aumentou significativamente durante este período de tempo.

A percepção dos jovens na previsão do clima de treino em que se evitam orientações corresponde a mudanças residuais ao longo da época, no seu modo de acção para conseguirem chegar aos objectivos.

Além disso, a alteração nos jovens em que se evita a orientação para os objectivos, (por exemplo, aquela que se foca em evitar a referencia à incompetência individual), foi positivamente ligada à taxa de mudança nos resultados, em que houve regulação externa e motivação.

O trabalho de Bossio (2009) teve como objectivo principal determinar a relação existente entre o clima motivacional e a orientação para cumprir objectivos, num grupo de futebolistas profissionais peruanos. Procurou-se comparar o clima motivacional e a orientação para os objectivos, segundo a idade. Conclui-se a existência de relação entre as variáveis estudadas.

Na mesma linha de investigação Boixados, Cruz, Torregrosa e Valiente (2004) com o objectivo de estudar a relação entre o clima motivacional, a satisfação e as atitudes de *fair play*, levaram a cabo um estudo com uma amostra de 472 jogadores masculinos de futebol catalães com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos de idade. Concluiu-se que o nível mais alto de aceitação de “jogo rude” foi encontrado num grupo com baixos níveis de orientação para a tarefa e altos níveis de orientação para o ego. Ao invés, o mais baixo nível de aceitação de “jogo rude” foi encontrado num grupo com alta orientação para a tarefa e baixa orientação para o ego. Assim, os resultados revelam a importância de criar tarefas envolvendo o “clima motivacional” no desporto.

Também Lemyre, Roberts e Ommundsen (2002) concluíram no seu estudo que grande número de participantes orientados para a sua tarefa, sistematicamente mantinha um bom desportivismo enquanto participantes que eram sobretudo estimulados pelo ego na orientação para os objectivos, mostraram uma baixa adesão ao desportivismo. Deste modo torna-se necessário conhecer-se aquilo que os autores têm pesquisado na área do clima motivacional e orientação para objectivos.

Outro interessante estudo na área da orientação motivacional é o de Salinero, Ruiz e Sanchez Bañuelos (2006) que analisaram as relações entre a orientação motivacional e outros aspectos da prática desportiva em quatro clubes de karaté de nível competitivo. Os resultados mostraram uma relação entre a orientação motivacional dos desportistas e os seguintes factores: o clima motivacional percebido no seu ambiente, a competência motora percebida, as atribuições de êxito no desporto, a diversão com a prática desportiva, o compromisso e entrega à aprendizagem e a ansiedade ante o erro e as situações de stress.

A orientação para o ego correlacionou-se com um clima motivacional percebido para o ego nos pais, treinadores e companheiros, com uma maior competência motora percebida, com a habilidade normativa e o engano como meios de alcançar o êxito no desporto.

A orientação para a tarefa correlacionou-se com a motivação- esforço como forma de alcançar o êxito desportivo, com a diversão com a prática desportiva, a ansiedade ante as situações de stress.

Assim, da análise deste capítulo poderemos extrair algumas conclusões:

- Em primeiro lugar, fica patente que a orientação para a tarefa e a criação de um clima direccionado para a maestria se relacionam com a adopção de condutas desportivas, enquanto um clima direccionado para o ego, gera comportamentos desajustados;

- Verificamos, ainda, que o género masculino apresenta maior propensão para a realização de comportamentos antidesportivos e o avançar da idade é outro dos factores que se relaciona positivamente com comportamentos desajustados;

- Por isso, os treinadores assumem particular relevância na criação de climas motivacionais orientados para as tarefas, contribuindo para uma prática desportiva mais salutar;

- Devem, ainda, ter especial atenção para os atletas mais velhos, pois à medida que a idade avança, aumenta a propensão para comportamentos desajustados.

2.2.2. Estudos sobre *fair play* noutras áreas

No capítulo anterior debruçámo-nos sobre a importância de definir com clareza e rigor os objectivos a atingir pelos atletas, como forma de criar bons climas motivacionais e por sua vez, evitar a ocorrência de condutas anti *fair play*.

Assim, neste capítulo abordaremos investigações relacionadas com o *fair play*, levadas a cabo em diferentes áreas, nomeadamente estudos realizados em meio escolar, aplicados tanto a alunos como a professores de Educação Física e ainda em estudantes do ensino superior.

Depois, far-se-á, ainda, uma breve análise a programas de promoção do *fair play* e de desenvolvimento moral, percebendo a eficácia dos mesmos na alteração do comportamento dos alunos.

Numa investigação no âmbito escolar Brown (1993), procurou relacionar a orientação para a tarefa com a percepção de valores sociais pessoais, demonstrando que a uma maior experiência desportiva corresponde maior orientação para a vitória e necessidade de estabelecer superioridade ante o opositor. A uma maior experiência desportiva corresponde pior conduta desportiva (jogo limpo e desportivismo). Um maior nível de raciocínio moral na vida real relaciona-se com melhor conduta no jogo. Destes resultados o autor concluiu que, se na verdade a prática desportiva entre os jovens não parece favorecer o raciocínio moral nem os valores pró sociais, também não o faz contra.

Num trabalho igualmente realizado com alunos de Educação Física, Gutiérrez e Pilsa (2006) tiveram como propósito analisar as orientações para o desportivismo. Dos resultados conclui-se que as mulheres apresentam maior orientação para o desportivismo que os rapazes, os alunos mais jovens estão mais orientados para o desportivismo do que os mais velhos, a competição desportiva leva a menor orientação para o desportivismo.

Resultados semelhantes obtiveram Coulomb-Cabagno e Rasclé (2006), ao examinarem a agressão observada no desporto em função do género, nível competitivo e tipo de modalidade, pois concluiu-se que os jogadores masculinos revelam sempre um comportamento mais agressivo do que as jogadoras, independentemente do desporto, nível competitivo ou natureza da agressão observada

Num estudo igualmente realizado com alunos, mas neste caso do ensino superior Palou, Cruz, García-Mas, Borràs e Ponseti (2003) avaliaram as condutas relacionadas com o *fair play* durante a prática desportiva dos estudantes do magistério da especialidade de Educação Física. O objectivo do estudo era definir qual o estado actual dos comportamentos a respeito *fair play* dos estudantes de Educação Física. Os resultados denotam uns comportamentos a respeito do *fair play* bastante adequados que, além disso, melhoram à medida que avança o processo docente. A importância dos comportamentos de *fair play* dos futuros professores deve-se à responsabilidade de estes poderem influenciar positivamente os seus alunos sobre os valores, nem sempre positivos, que se transmitem através do desporto.

Já no âmbito da aplicação de programas de promoção de ideais do *fair play*, Gibbons, Ebbeck e Weiss (1995) desenvolveram um programa de intervenção que foi aplicado a Rapazes e raparigas entre os 9 e 11 anos divididos em três grupos. Um grupo de controlo e um segundo grupo em que se desenvolveu o programa na área da Educação Física e outro em que se desenvolveu o programa em todas as disciplinas. Os resultados obtidos determinaram que o grupo de controlo não tinha obtido uma melhoria nem nas variáveis de intenção nem nas de condutas. Os outros grupos melhoraram significativamente na intenção e na conduta, sendo equivalente a trajectória de ambos os grupos. Mais tarde, em (1997) as mesmas autoras realizaram uma segunda investigação. Nesta ocasião o seu objectivo era determinar qual dos dois programas, se a aprendizagem social ou o desenvolvimento estrutural era o mais adequado para o desenvolvimento do *fair play*. Os grupos experimentais obtiveram melhores resultados nas variáveis, conduta, intenção e juízo. O grupo do desenvolvimento estrutural, obteve melhores resultados que os outros dois grupos.

Na mesma linha de implementação de programas, Hassandra, Goudas, Hatzigeorgiadis e Theodorakis (2007) procuraram avaliar a eficácia de um programa de intervenção que teve como objectivo desenvolver comportamentos *fair play* num programa escolar de uma escola olímpica. Participaram neste estudo 126 alunos do 5º ano de 4 escolas, 66 estavam no grupo experimental e 60 no grupo controle. Os resultados revelaram uma significativa melhoria nos comportamentos *fair play* no apoio em sala de aula e autonomia, orientação para a tarefa e a motivação intrínseca do grupo de intervenção. A avaliação de acompanhamento revelou que os efeitos foram mantidos

dois meses após o término do programa. No geral parece que a intervenção *fair play* teve efeitos imediatos e sustentados sobre os alunos. Os resultados sugerem que programas baseados em princípios teóricos podem ser eficazes na promoção do desenvolvimento sociomoral dos alunos.

Aplicando o Programa Delfos, Cecchini, Losa, González e Arruza (2008) examinaram as repercussões do mesmo na educação para os valores através do desporto, sobre os comportamentos de *fair play* e o autocontrolo em jovens estudantes. A amostra foi constituída por estudantes de dois colégios públicos (n=159), com uma média de idade de 13,7 anos.

Os resultados documentam a efectividade do programa delfos para gerar mudanças, num tempo relativamente curto, nas opiniões e condutas relacionada com o *fair play* no desporto e o autocontrolo noutros contextos da vida diária. Esta investigação aponta para factores que são a chave na relação entre participação no desporto e moralidade, já que sugere que não é o desporto *per se*, mas o contexto em que se desenvolve o que verdadeiramente explica os efeitos da implicação em certos desportos sobre o funcionamento moral dos atletas.

Aplicando também o programa Delfos, Cecchini, González, Alonso, Barreal, Fernández, García, Llana e Nuño (2009), examinaram a repercussão do do mesmo na educação para os valores através do desporto, nos níveis de agressividade de jovens escolares. A amostra foi formada por estudantes de oito colégios públicos (n=160) (grupo experimental = 79, grupo controlo = 81). Ao grupo experimental aplicou-se o programa de intervenção em vinte e quatro sessões de uma hora de duração. Ao mesmo tempo o grupo de controlo realizou as sessões de educação física que tinham programado. Os resultados mostraram, no grupo experimental, melhoras significativas nos comportamentos assertivos e uma diminuição das condutas agressivas tanto no desporto como em outros contextos. No grupo de controlo não se encontraram alterações significativas.

Medina, Mendo e Garcia (2009) levaram a cabo um trabalho com o objectivo fundamental de desenhar um programa de Educação Física para o fomento do desenvolvimento moral, fundamentado nas teorias do desenvolvimento evolutivo de Piaget (1935) e Kohlberg (1992). Utilizou-se a metodologia observacional, selectiva e qualitativa. A didáctica empregada nos grupos experimentais está baseada em

estratégias próprias de desenvolvimento estrutural, (discussão de dilemas morais, diálogos, procura de acordos). Além disso, cada curso experimental apresenta um tipo de tarefa distinta (psicomotoras, de cooperação ou de cooperação – oposição).

Os resultados indicam que existe um aumento das condutas positivas e do raciocínio moral nos grupos experimentais. As hipóteses de partida confirmam-se existindo uma maior frequência de condutas positivas no curso de cooperação – oposição.

Gibbons, Ebbeck, Concepcion e Li (2010) investigaram a eficácia de um programa de 8 meses sobre a auto-percepção e percepção da relação social no ensino secundário dos estudantes de educação física (n=1802). Os dados foram analisados por meios de análises de vários níveis em que o ponto médio e as avaliações finais foram realizados separadamente. Os resultados revelaram que, na avaliação do ponto médio, os alunos nas condições experimentais e de controlo não foram diferentes em qualquer uma das subescalas avaliadas.

No final do programa, os alunos na condição experimental em comparação com aqueles na condição de controlo, apresentam resultados significativamente maiores em 6 das 10 subescalas avaliadas e o tamanho dos efeitos foi de médio a grande. Os resultados suportam a eficácia do programa na criação de resultados psicológicos positivos para os alunos, num ambiente de campo.

Borra (2007) teve como objectivo expor o processo de elaboração de um protocolo de intervenção para a promoção do desportivismo e do *fair play* em futebol, na categoria de iniciados em Maiorca, e sua posterior comprovação da efectividade da mesma, analisando para isso o efeito sobre comportamentos, as atitudes e os valores dos jovens desportistas. As principais conclusões são que o contexto do desporto em idade escolar é de facto um contexto neutro e que dependendo da intencionalidade da acção, a intervenção desenhada é eficaz para melhorar o desportivismo.

Outro estudo que importa salientar foi o desenvolvido por Rufino, Bastista e Maturana (2005) que analisaram a influência dos meios de comunicação social no Fair play dos alunos (as) e professores (as) de Educação Física das escolas públicas do município do Rio de Janeiro. Foram aplicados 2 questionários em 25 escolas em que o 1º avaliava a quantidade de exposição aos meios de comunicação social de desporto e o

interesse dos alunos por notícias com bons e com maus exemplos de *fair play*, enquanto o 2º questionário avaliava o comportamento em relação a situações de competição onde o jogar limpo estivesse envolvido. Estes questionários foram também aplicados a atletas e treinadores (as), sendo de seguida correlacionados os resultados para analisar a influência dos meios de comunicação social no *fair play* de alunos (as) e professores (as) da Educação Física, assim como a diferença do grau de *fair play* destes para os atletas e treinadores (as). Os autores concluíram que os professores de Educação Física alcançaram um grau mais elevado de *fair play* entre os participantes, e os atletas obtiveram o valor mais baixo de *fair play*. As participantes do género feminino revelaram valores mais elevados no que concerne ao *fair play* na prática desportiva, podendo estar relacionado pela maior exposição dos participantes do género masculino meios de comunicação social.

Com objectivo semelhante ao estudo anterior, mas procurando apenas avaliar os professores de Educação Física, Berengui e Fayos (2007) administraram a 216 docentes uma série de perguntas acerca da sua concepção sobre os valores que através do desporto se podem fomentar, podendo-se observar que, em geral, a manifestação destes professores se consolida na utilização dos valores e comportamentos pro sociais em contraste com outros mais individualistas e competitivos.

No âmbito dos aficionados de futebol, Torregrosa e Cruz (2009) levaram a cabo um trabalho com o objectivo de propor uma classificação alternativa dos mesmos a partir do tipo de contrato que têm com o espectáculo e descrever os seus valores, motivações e compromisso. Mil setecentas e dezanove pessoas assistentes de jogos de futebol organizados pela Liga de Futebol Profissional responderam a questionários sobre seus valores, motivações e a relação com o futebol. Os resultados mostram que os entusiastas são os aficionados mais motivados e comprometidos com o futebol ao mesmo tempo que participam significativamente mais de valores relacionados com o conservadorismo e a autopromoção que as outras três categorias (espectadores, aficionados presenciais e aficionados virtuais).

Assim, a análise deste capítulo, permite-nos extrair as seguintes conclusões:

- Os alunos do género feminino apresentam maior orientação para o desportivismo, quando comparados com os alunos do género masculino;
- Os alunos mais jovens estão mais orientados para o desportivismo quando comparados com os alunos mais velhos;
- Os alunos do magistério de Educação Física apresentam bons comportamentos relacionados com o *fair play*;
- Os programas de promoção de *fair play* nos jovens, apresentam inúmeras vantagens, devendo por isso, apostar-se na sua implementação, tanto em contexto de escola, como em contexto de clube.
- Verifica-se que a implementação destes programas, apresenta grandes benefícios na promoção do *fair play*, na medida em que provoca uma alteração do comportamento dos jovens.
- Devem, por isso, ser implementados mais programas desta natureza que permitam tornar mais ajustado o comportamento dos jovens atletas em competição.

Depois de extrairmos estas conclusões, no capítulo seguinte, passaremos a escaupelizar o conceito de *fair play*, bem como o de outros conceitos que se encontram conceptualmente próximos.

2.2.3. O que é o *fair play*, Jogo Limpo, Espírito Desportivo e Ética?

Nos capítulos anteriores concluímos que é muito importante a criação de climas motivacionais positivos que permitam aos jovens encarar a prática desportiva com maior *fair play*. Concluímos, também, que a implementação de programas de promoção de *fair play* revela-se profícua na alteração de comportamentos. Todavia, importa agora delimitar o alcance conceptual do *fair play*, pois como veremos, não existe um consenso na sua definição.

Assim, verificamos que a literatura não é unânime quanto à utilização dos quatro conceitos acima referidos sendo que em alguns estudos aparecem como sinónimos. Para Tavares (1999) a compreensão exaustiva destes termos ainda está para ser elaborada. Também Santos (2006) é da opinião que estes conceitos não estão suficientemente claros na literatura especializada. Deste modo, o conceito de *fair play* significa jogo limpo, sendo muitas vezes entendido também como desportivismo e espírito desportivo.

Deste modo, se atendermos às diferentes definições de *fair play* verificamos que cada autor acrescenta sempre algo de inovador ao conceito, mas partindo de uma base semelhante.

No entender de Martens (1978) o *fair play* assume-se como um comportamento moral no meio desportivo enquanto para Ommo Grupe (1992) o *fair play* é uma adesão voluntária às regras desportivas, princípios e códigos de conduta, obedecendo ao princípio da justiça e renunciando a vantagens injustificadas. Na perspectiva de Hon e O'Connor (1994) o conceito deve assumir uma forma mais global, não sendo apenas uma maneira de jogar o jogo, mas uma filosofia de vida.

Na concepção de Parry (1994) o *fair play* deve ser entendido como uma virtude na adesão às regras, bem como, num compromisso de competição alicerçada num espírito mais elevado do que aquele descrito nas regras, devendo ainda incluir o respeito pelos outros, modéstia na vitória e serenidade na derrota. Gibbons e Ebeck (1997) assumem uma definição semelhante pois entendem que está sempre associado aos seguintes comportamentos: respeito pelas regras, pelo árbitros e suas decisões, respeito pelos outros, promover a igualdade de oportunidades e manter o auto-controlo em todas as situações.

Em aporções mais recentes Weiss (2006) refere que o *fair play* exige a necessidade de uniformidade de condições de competição e igualdade de oportunidades para todos os participantes, bem como, respeitar o adversário como humano e colega, e por fim o incondicional cumprimento do regulamento da competição.

Para Vloet (2006) o conceito de *fair play* é muitas vezes utilizado de forma alargada, abrangendo não só a prática desportiva com honestidade como também valores como a saúde e a integração social. Contudo, o mesmo autor refere que a principal finalidade do *fair play* não é o desporto como instrumento para a promoção de valores, mas antes alcançar uma prática desportiva moralmente sã. Também Brito, Morais e Barreto (2011) assumem o conceito com elevado grau de abrangência pois consideram ser possível definir *fair play* como um conjunto de virtudes que, para além das regras, seriam capazes de resolver as ambiguidades encontradas nas situações de jogo.

Concluindo, apesar de não existir um claro consenso acerca da definição do conceito de *fair play*, podemos afirmar que este tem os seus alicerces no respeito pelos adversários, colegas de equipa, árbitros e juizes, procurando renunciar a vantagens injustificadas. No fundo, jogar com *fair play*, implica reconhecer que o resultado desportivo é imprevisível e que por isso, se deve estar sempre preparado para perder com serenidade. e ganhar com humildade

Deste modo, depois de aclararmos o conceito de *fair play* bem como as suas principais características, passaremos de seguida a verificar a importância atribuída pelos jovens praticantes de outros desportos ao conceito.

2.2.4. O *fair play* e os atletas de outros desportos

Neste capítulo, procuraremos conhecer estudos sobre *fair play*, levados a cabo em diferentes modalidades desportivas e com amostras diversificadas.

Assim, Deshaies, Vallerand e Currier (1984), realizaram um estudo com jovens canadenses (n=1056) praticantes de diferentes desportos, a respeito de espírito desportivo, concluindo que em contexto de vitória e derrota os jovens tinham a tendência para adoptarem comportamentos contra o espírito desportivo.

Também Bredemeir (1995) dirigiu um estudo com o objectivo de compreender o comportamento moral dos jovens em situações do dia-a-dia e em contextos desportivos. As principais conclusões deste estudo demonstraram a existência de diferenças significativas nos valores obtidos pelos jovens do 6º e 7º ano entre dilemas do dia-a-dia e no desporto, sendo que os valores no desporto são sempre mais baixos.

Num estudo também centrado em grupos de Jovens, sendo que os grupos eram constituídos por jovens praticantes e não praticantes, Zukowska (1996) teve como objectivo identificar a fonte do conhecimento do *fair play*. Concluiu-se que 82% dos jovens tinha conhecimentos dos ideais do *fair play* e que 70% dos jovens relacionava *fair play* com situações desportivas. Relativamente aos praticantes desportivos estes afirmam que a sua principal fonte de informação em relação ao *fair play* deriva da própria prática, enquanto os não desportistas referem os meios de comunicação como fonte principal de informação. Do total da amostra apenas 5% refere ter tomado conhecimento das noções de *fair play* na escola.

Num estudo igualmente realizado em jovens desportistas e não desportistas, Perényi (2010) examinou as diferenças e as preferências no que diz respeito a valores, bem como o papel das variáveis demográficas e sociais na aquisição de valores, concluindo-se que a participação no desporto se correlacionou negativamente com a importância dada a valores materialistas.

No âmbito do beisebol Rainey e Cherilla (1992) levaram a cabo um estudo com o objectivo de examinar o conflito entre os árbitros, jogadores e treinadores de beisebol. Os resultados confirmaram que é estranho que se produzam conflitos sérios no beisebol aficionado, contudo os participantes podem tentar manipular os árbitros através de pequenas disputas.

Na modalidade de Hóquei em Patins, Fernandes, Sénica e Moreira (2004) procuraram caracterizar os jovens atletas hoquistas, quanto às suas atitudes desportivas e um dos factores intra-pessoais associados à manifestação de comportamentos violentos ou agressivos (orientações motivacionais), bem como, definir o poder preditivo das variáveis em estudo, na definição das atitudes desportivas. Constataram que os jovens hoquistas, ao longo do seu processo de formação desportiva, estão a ser correctamente orientados quanto às atitudes desportivas e orientações motivacionais, permitindo assim uma maior persistência na prática desportiva e uma superior demonstração de valores morais adequados.

Alguns estudos de fair play têm incidido em atletas de elite como é o caso duma pesquisa realizada por Spamer (2005) em jogadores de rugby denominada “comportamento ético versus ganhar a todo o custo”. O estudo surgiu devido a uma questão levantada pela literatura que opõe a filosofia da vitória à filosofia do jogo limpo. A amostra foi constituída por dezoito jogadores de elite da selecção nacional da África do Sul com uma média de idades de 20,5 anos. Os resultados demonstram que o grupo manifesta maior apetência pela filosofia da vitória a todo o custo, certamente por serem atletas sobre quem existem grandes expectativas.

Utilizando também uma amostra de jovens atletas de elite, Long, Pantaleon, Bruant e D´arripe-Longueville (2006), baseados na teoria das razões do jogo, levaram a cabo um estudo que teve como objectivo descrever as percepções dos atletas sobre regras, na conformidade e na transgressão, bem como razões subjacentes para estas acções. A análise quantitativa demonstrou que o respeito e transgressões das regras dependem sobretudo das características individuais (e.g., desejo de vencer), o seu ambiente social (e.g., pressão do treinador), os valores e virtudes do desporto (e.g., *fair play*. Ética) e recompensas desportivas (e.g., Reconhecimento dos média, recompensas financeiras).

Num estudo realizado em desportos de contacto, Cecchini, Gonzalez-Mesa e Mendez (2007), tiveram como objectivo analisar se a participação neste tipo de desportos se repercute nas opiniões sobre as atitudes a condutas de *fair play* no contexto desportivo, e se estes efeitos estão mediatizados na orientação para o ego. A análise do modelo de equação estrutural indicou que a participação em desportos de contacto

médio origina a orientação para o ego, o qual quase sempre origina baixos níveis de *fair play*. Os efeitos directos da participação desportiva no *fair play* diminuíram significativamente na presença da orientação para o ego. Os mesmos autores (2008), realizaram estudo semelhante, examinando se a participação em desportos de médio contacto, influi no funcionamento moral no desporto, e se estes efeitos estão mediados pela orientação para o ego. Os resultados indicaram que a participação em desportos de médio contacto predisse a orientação para o ego, a qual sucessivamente predisse baixos níveis de funcionamento moral.

Numa pesquisa centrada no género feminino, Weiss, Amorose e Wilko (2009) baseados na teoria da motivação da competência examinaram a relação dos treinadores, o *feedback* de desempenho, o clima motivacional, a percepção de competência, prazer e motivação intrínseca dos atletas. A análise de correlação revelou que as percepções com o maior, mais positivo e informativo *feedback* foram dadas pelos treinadores em resposta às tentativas de bom desempenho, uma maior ênfase num clima de mestria, e menor num clima de desempenho, foram relacionados com uma maior capacidade de percepção, gozo e motivação.

As análises exploratórias também mostraram que a relação entre o *feedback* e os resultados psicossociais podem variar em função do clima motivacional. Globalmente, estes resultados sugerem que o *coaching*, *feedback* e clima motivacional são importantes contribuintes para explicar a motivação das adolescentes sexo feminino em continuar a participar em actividades desportivas.

A análise dos estudos deste capítulo permitem-nos retirar as seguintes conclusões:

- Os atletas de elite apresentam baixos níveis de funcionamento moral, revelando uma enorme apetência pela vitória a todo o custo;

 - A maioria dos jovens associa o termo *fair play* a questões relacionadas com a prática desportiva;

 - Os praticantes desportivos afirmam que a sua principal fonte de informação em relação ao *fair play* deriva da própria prática, enquanto os não desportistas referem os meios de comunicação como fonte principal de informação.
- Assim, depois de extrairmos estas conclusões, no capítulo seguinte, analisaremos estudos sobre *fair play* realizados em jogadores de futebol.

2.2.5. O *fair play* e os jogadores de futebol

Chegados a este ponto, em que já concluímos sobre a importância de estabelecer bons climas motivacionais, promover programas de promoção de *fair play*, importa reflectir sobre alguns estudos que têm sido realizados com jogadores de futebol.

Alguns autores têm-se inclinado sobre os comportamentos dos futebolistas, no que diz respeito a condutas antidesportivas. Assim, neste capítulo, debruçar-nos-emos sobre estudos levados a cabo com amostras de diferentes faixas etárias, fazendo-se referência a estudos levados a cabo com jovens futebolistas e com adultos.

Deste modo com o objectivo de analisar a astúcia em jovens futebolistas dos 12 anos aos 16 anos, Lee e Williams (1989) concluíram que com o avanço da idade os jovens estão mais dispostos a colocá-la em prática. Num estudo também realizado com jovens Pfister e Papanastassiou (1989), centraram-se na observação de actos de agressividade, em jovens praticantes de futebol com idades dos 13 aos 17 anos não encontrando diferenças estatisticamente significativas entre os jovens estudados, apesar de os mais velhos apresentarem valores mais altos no uso da agressão.

A conclusões semelhantes chegou Gutiérrez (1995) ao analisar os possíveis efeitos da variável idade na preferência de valores sociais e pessoais. Demonstrou-se que a partir dos 14 anos, a agressividade imperava em relação ao desportivismo.

Na mesma linha de pensamento, Telama, Laakso e Heikkala (1993), estudaram as atitudes de jovens futebolistas face ao *fair play*. A amostra foi constituída por 60 jovens com idades entre os 12 e os 16 anos de idade, praticantes das modalidades de futebol, utilizando como instrumento de recolha de dados a entrevista semi- estruturada, que confrontava os jovens com dilemas no desporto. Concluiu-se que os rapazes são mais receptivos a quebrar as regras do que as raparigas e que à medida que a importância do jogo aumenta os jovens tendem a quebrar mais as regras do jogo.

Com o objectivo de identificar as atitudes predominantes num grupo de futebolistas, no que concerne ao *fair play*, Cruz, Boixadós, Valiente e Capdevila (1995) elaboraram uma escala de atitudes. A amostra foi constituída por 330 jovens de três escalões etários diferentes nomeadamente: 114 infantis; 117 iniciados; 99 juvenis. Concluiu-se que o valor mais elevado foi a diversão e a vitória e a dureza os menos importantes. Outra das conclusões deste estudo que importa ressaltar é que a atitude

dos jovens para com o *fair play* depende, sobretudo, da forma como os treinadores e os organizadores das provas orientam os jovens.

Os mesmos autores num estudo realizado com jovens futebolistas espanhóis, pretenderam verificar quais os valores predominantes. Entrevistaram 40 jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. Concluiu-se que os valores predominantes eram os seguintes: Ganhar; mostrar habilidades; igualdade e justiça; Utilidade (quebrar as regras no sentido de tirar vantagem para a equipa).

Com o objectivo de observarem os comportamentos pró-sociais e anti-sociais Kavussanu, Seal e Phillips (2006), efectuaram um estudo em equipas masculinas de futebol com uma amostra de 313 jogadores adolescentes de futebol recrutados entre três grupos de idades: sub-13, sub-15 e sub-17. Cada grupo de idades foi representado por 8 equipas. Os jogadores eram filmados durante os jogos e realizavam questionários no final de cada jogo. Os jogos foram analisados por dois observadores que gravaram os comportamentos de cada equipa, e não de cada jogador individualmente. Os comportamentos anti-sociais foram observados com mais frequência que os pró-sociais, sendo que foram encontradas diferenças significativas entre os 3 grupos de idades. No grupo de sub-17 ocorreram mais frequentemente comportamentos anti-sociais e menos comportamentos pró-sociais e persistiu um forte clima orientado para a performance e um fraco clima orientado para a mestria, quando comparados com os grupos mais jovens.

Num estudo também realizado com adolescentes Gimeno, Sáenz, Ariño e Aznar (2007), levaram a cabo um estudo com o objectivo de avaliar o desportivismo e violência que se manifestam nos jogos de futebol dos escalões juvenis. Concluíram que um dos comportamentos anti *fair play* mais evidentes é as discussões dos atletas e treinadores para com os árbitros.

No âmbito do Futebol com atletas adultos, Bidutte, Azzi, Vasconcelos Raposo e Almeida (2005) procuraram recolher e analisar o comportamento agressivo de jogadores portugueses de futebol. Participaram no estudo 125 jogadores do escalão sénior, que pertenciam a 1ª Liga do Campeonato de Portugal em 2000-2001 e 88 jogadores do escalão júnior das duas subdivisões (17 e 18 anos). Os jogadores do escalão sénior situavam-se na faixa etária entre 20 e 35 anos, enquanto os futebolistas do escalão júnior variavam entre 17 e 19 anos. Este estudo envolveu a aplicação do *Bredemeier*

Athletic Aggression Inventory. Os resultados sugerem que os jogadores pertencentes ao escalão sénior apresentam índices superiores de agressividade reactiva ou hostil, havendo uma Avaliação estatisticamente representativa entre o número e o tipo de cartões (amarelos e vermelhos) recebidos pelo atleta e as suas auto-avaliações em termos de agressividade.

Almagro-Torres e Fuentes-Guerra (2008) realizaram um estudo sobre valores no desporto. As respostas relacionadas com a empatia, foram bastantes mais favoráveis quando se referiam ao treinador que quando aos árbitros. Por isso, estes autores consideram que, seria interessante que em alguns treinos, os jogadores arbitrarem algum jogo entre os seus companheiros para que sentissem a dificuldade inerente à arbitragem.

Com o objectivo de investigar o bem-estar e o funcionamento moral Vansteenkiste e Lens (2010) levaram a cabo dois estudos transversais, investigaram se o bem-estar (estudo 1) e o funcionamento moral (estudo 1 e 2) dos jogadores de futebol estão relacionados com os objectivos de desempenho e abordagem por razões de autonomia e controlo subjacentes à sua prossecução. Como suporte às suas hipóteses descobriram no estudo 1 que as razões de autonomia estavam nitidamente associadas com vitalidade e afectos positivos, as razões de controlo estavam nitidamente relacionadas com aspectos negativos e principalmente não relacionados aos indicadores de moralidade.

Para investigar a falta de associação sistemática com os resultados morais, foram exploradas no estudos 2, se a abordagem de desempenho dos objectivos ou as razões subjacentes produziriam uma relação indirecta com resultados morais através da sua associação com os jogadores tendo como objectivo a sua tendência a despersonalizar os seus adversários. Modelos de equações estruturais mostraram que as razões para controlar as metas de abordagem de desempenho foram nitidamente associadas com uma atitude objectivante, o que foi associado a um funcionamento desleal.

Os resultados são discutidos desde a perspectiva da realização dos objectivos.

No final deste capítulo podemos concluir o seguinte:

- Os jogadores de futebol revelam mais comportamentos antisociais do que pró sociais;
- Evidencia-se que a adoção por comportamentos antisociais aumenta com a idade, revelando-se, também, com maior frequência no género masculino. Assim, será importante atender a estes dois factores que predispõem para a adoção de condutas anti *fair play*.
- Os treinadores devem estar mais atentos aos jovens mais velhos, sobretudo se estes são do género masculino, pois estão mais propensos a condutas desajustadas. Conclui-se, desta forma, a importância do comportamento do treinador na promoção do *fair play*, pois ele é um dos adultos significativos com maior relevo no comportamento adoptado pelos atletas.

Por isso, no capítulo seguinte, passaremos a enunciar alguns estudos centrados no comportamento do treinador na promoção do *fair play*, no sentido de verificarmos que, na maioria das vezes, o comportamento do treinador é, sobretudo, potenciador de condutas desajustadas.

2.3. O comportamento do treinador

2.3.1. Estudo sobre o comportamento do treinador em competição

O comportamento do treinador durante o processo de ensino-aprendizagem de uma modalidade desportiva, no treino ou na competição, tem sido, recentemente, objecto de estudo de diversas investigações (Arroyo & Alvarez, 2004).

Para estudar os comportamentos do treinador na competição, os investigadores têm recorrido e criado vários sistemas de observação de forma a interpretarem o comportamento do treinador.

Assim, vamos apresentar várias investigações que têm como principal objecto de estudo o comportamento do treinador durante o treino e a competição, com diferentes âmbitos de actuação.

Ao nível do treino, um dos estudos referência neste domínio, foi realizado por Tharp e Gallimore (1976), que fez a análise do comportamento do conceituado treinador de basquetebol universitário, John Wooden.

A observação foi efectuada em 15 sessões da época 1974/75, tendo sido utilizado, na análise, um sistema de categorias comportamentais.

A Instrução (50,3%) foi o comportamento predominante, demonstrando que o treinador acentua a sua intervenção na instrução de tarefas e na correcção das execuções dos atletas.

Os valores apresentados pelas categorias Pressão (12,7%), Modelo Positivo (2,8%), Elogios (6,9%) e Recompensa (1,2%) sugerem a existência de uma preocupação, por parte do treinador, na manutenção de um clima positivo no treino.

Este estudo foi pioneiro na observação do comportamento do treinador e na identificação das suas principais funções pedagógicas.

Smoll, Smith, Curtis e Hunt (1978), socorrendo-se do sistema de observação C.B.A.S. (The Coaching Behavior Assessment System), analisaram a relação entre o treinador e os atletas e determinaram como se interrelacionam os comportamentos dos treinadores com a percepção e atitudes dos atletas.

Os comportamentos mais relevantes observados foram: o Reforço Positivo (17%), a Instrução Técnica Geral (27%) e o Encorajamento Geral (21%).

Sherman e Hassan (1986), por seu lado, analisaram o comportamento de 102 treinadores de três modalidades (Basebol - 24, Futebol - 66 e Ténis - 12) com o

objectivo de descobrirem diferenças baseadas na experiência e no sucesso. O sistema utilizado foi o C.B.A.S, criado por Smith, Smoll e Hunt (1977).

Cerca de 85% das intervenções dos treinadores tem a ver com o conteúdo do treino.

O feedback revelou-se como sendo a variável mais dominante, com cerca de 30% das intervenções do treinador. Outra conclusão importante foi a verificação de que os treinadores das equipas com mais derrotas ignoram, mais frequentemente, os erros (14,3%) que os treinadores das equipas vencedoras (12,6%).

Piéron e Bozzi (1988) estudaram a relação pedagógica do treinador com os atletas. O objectivo do trabalho destes autores foi o de identificar as diferentes intervenções dos treinadores e comportamentos dos seus atletas em função do seu nível de habilidade. O sistema de observação utilizado foi o OBEL/ulg adaptado ao basquetebol. Como principais resultados relativos ao comportamento do treinador registou-se um número significativo de incentivos aos atletas de nível nacional, em comparação aos outros dois grupos observados (mais de 50% das suas intervenções, contra cerca de 30% nos atletas de topo e de 15% nos suplentes). 80% das intervenções de censura e repreensão foram dirigidas aos atletas suplentes, os restantes 20 % foram distribuídos pelos restantes dois grupos.

Já Piéron e Renson (1988) analisaram o comportamento do treinador de futebol durante o treino, pretendendo indicar as situações escolhidas pelos treinadores e o nível de participação dos atletas. Os treinadores foram observados durante dois períodos de 3 semanas, durante o período competitivo. A Observação Silenciosa, com os valores a variarem entre os 45,3% e os 75,1%, foi a categoria com os valores mais elevados, seguido da Instrução (6,8% a 20,3%). Por outro lado, as categorias com os valores mais baixos são as dos Elogios (0% a 1%) e a Afectividade (0% a 4,4%). Os autores também conseguiram concluir que o comportamento do treinador apresenta alterações em função dos seus objectivos, tendo em conta cada situação de treino, seja este de ordem técnica, tática ou de competição.

O estudo de Rosado, Campos e Aparício (1993) teve o objectivo de caracterizar o entusiasmo de diversos treinadores.

Foi utilizada a observação directa, através do sistema de observação do comportamento de entusiasmo no treino. Os resultados demonstram que os treinadores revelam mais comportamentos de entusiasmo do que de não entusiasmo, numa relação de dez para um. As manifestações por parte do treinador têm uma frequência média de 1,3 minutos.

Os comportamentos de entusiasmo mais frequentes são os da Pressão e do Feedback Positivo. O Feedback Negativo apresenta-se como o comportamento de não entusiasmo mais frequente.

Por seu turno, Rodrigues e Ferreira (1995) acompanharam treinadores de Trampolins durante as sessões de treino que antecediam o campeonato do mundo de Trampolins. O sistema de observação utilizado foi o S.O.T.A. (Sistema de Observação do Treinador e Atleta). Os autores apontam que, de uma forma geral, os treinadores das equipas de topo passam pouco tempo dando Informação privilegiando a Correção, Questionam pouco os seus atletas sobre a sua performance e fornecem alguma Avaliação Positiva, sendo o sentido da sua intervenção a correção de aspectos relacionados com a prestação final.

Outro facto a realçar foi que alguns treinadores utilizaram mais o Questionamento, demonstrando um estilo diferente na sua intervenção, sendo este um factor importante no clima de treino. Por outro lado alguns treinadores manifestaram um clima de treino positivo enquanto outros, manifestaram um clima de pressão.

Sequeira e Rodrigues (2000) caracterizaram o feedback pedagógico, o pensamento e a acção dos treinadores de Andebol. O sistema de observação utilizado foi derivado do FEED/Ulg. (Piéron & Devillers, 1980).

Foram encontradas diferenças significativas nas dimensões Conteúdo e Valor. Os treinadores professores de Educação Física fornecem mais Feedbacks Específicos Focados e Apropriados do que aqueles só treinadores. No entanto, ambos os grupos de treinadores apresentam os valores mais elevados nestas duas categorias (Específicos Focados e Apropriados). De realçar que, em termos de taxa de feedback, os autores encontraram diferenças significativas. Os treinadores e professores de Educação Física têm uma taxa superior aos que são só treinadores.

Baião (2002), na sua investigação, pretendeu descrever a actividade pedagógica do treinador de Futebol em situações de treino com jovens, tanto no âmbito do Desporto Escolar como no âmbito do Desporto Federado. Para a recolha dos dados foi utilizado o S.O.T.A.

Ao nível do Federado, a dimensão que apresentou a percentagem mais elevada foi a da Instrução com 36,6%, seguida da de Controlo com 25,6% e a de Interacção com 15,6%.

No Desporto Escolar, também foi a Instrução que atingiu o valor mais elevado

(40,7%). O Controlo com 22,2% e a Organização com 17,6% foram, a seguir à Instrução, as dimensões que também tiveram valores elevados.

O autor conclui que, em situação de treino, o perfil comportamental dos treinadores do Desporto Escolar e do Desporto Federado é, globalmente, semelhante. No entanto, o autor realça o facto de no Desporto Escolar os treinadores demonstrarem maior Atenção às Intervenções Verbais dos alunos do que os treinadores no Desporto Federado.

Também Palma (2002) efectuou uma investigação sobre o comportamento do treinador de futebol. Teve como objectivo descrever e caracterizar o comportamento do treinador em situações de treino em futebol e comparar os seus comportamentos em função de níveis diferentes de prática.

Participaram neste estudo 5 treinadores de equipas seniores pertencentes à Liga Portuguesa de Futebol (1ª Liga e 2ª Liga) e 5 treinadores de equipas seniores pertencentes a equipas amadoras (3ª Divisão Nacional e Distrital). Foram filmados 2 treinos por treinador.

Para a recolha dos dados comportamentais do treinador foi utilizado uma adaptação do sistema de observação S.O.T.A. Como principais resultados temos que o comportamento dominador do treinador de futebol é o Controlo (50,52%), registando os treinadores da liga um valor superior (55,3%) comparativamente aos treinadores amadores (45,74%). O segundo comportamento mais relevante foi o da Instrução. Aqui foram os treinadores amadores que apresentaram o valor mais elevado - 37,68%, ficando os treinadores da liga pelos 30,48%.

Na pesquisa efectuada por Dubois (1981), citado por Trudel, Côté e Bernard (1996), o principal objectivo centrou-se na observação do comportamento dos treinadores de Futebol Americano e de Futebol em competição. Os resultados obtidos permitiram concluir que 25% das condutas dos treinadores são categorizadas como Negativas e que esse valor quase atinge os 50 % quando a equipa perde o jogo.

Uma das pesquisas, que teve como objectivo a descrição do comportamento de treinadores de jovens durante a competição, foi realizada por Lombardo, Faraone e Pothier (1982). Foram observados 34 treinadores de várias modalidades (Futebol, Basquetebol, Basebol e Softbol) durante os jogos da época regular. Foi utilizado como sistema de observação, o L.O.C.O.B.A.S. (Lombardo Coaching Behavior Analysis System).

Neste estudo, os resultados mostraram que 45% dos comportamentos dos treinadores são de Observação Silenciosa, 36,6% dos comportamentos de Interação foram dirigidos aos atletas individualmente; a Interação para com os Árbitros apresentou um valor de 4,6%. Também foi possível constatar Interações com o Treinador-adjunto, Público e Adversários. A estes corresponderam 6% do total de Interações. De registar foi o facto de a proporção de Interações Negativas entre treinadores e atletas ter sido de aproximadamente 5:1.

Por outro lado, McKenzie e King (1982), ao estudarem o comportamento dos treinadores de Basebol em competição, concluem que os treinadores apresentam grandes quantidades de Interações com os atletas, e que estas são, essencialmente, positivas. Estas Interações, apesar de terem como objectivo principal motivar os atletas, também contêm informações precisas para melhorar o seu rendimento.

Outro estudo, que teve como principal objectivo verificar quais os principais comportamentos do treinador durante a competição, foi o efectuado por Smith, Zane, Smoll e Coppel (1983). Foram observados 31 treinadores de Basquetebol de jovens em 110 Jogos. Foi utilizado, como sistema de observação, o C.B.A.S que sofreu algumas adaptações.

Dos resultados obtidos, é de destacar os comportamentos de Instrução Técnica Geral (35,8%), de Reforço (22,9%) e de Encorajamento Geral (15,8%). Estas categorias corresponderam a cerca de 72,5% do total dos comportamentos registados. Os comportamentos de Suporte Positivo são superiores aos de Suporte Negativo numa proporção de 7:1.

Também a pesquisa efectuada por Côté, Trudel, Bernard, Boileau e Marcotte (1993) demonstra a influência que as alterações no resultado dos jogos podem ter no comportamento do treinador. Este estudo teve como objectivo verificar em que difere o comportamento dos treinadores de Hóquei no Gelo, à medida que o resultado dos jogos se altera. A amostra foi constituída por 25 treinadores de jovens atletas (14/15 anos) correspondente a 65 jogos.

Já a pesquisa efectuada por Dias, Sarmiento e Rodrigues (1994) teve como objectivo analisar o comportamento de instrução dos treinadores de Râguebi em competição. Foram analisados 2 momentos de instrução (início do jogo e intervalo), numa amostra constituída por 2 treinadores.

Os autores concluíram que, enquanto no início do jogo, nos balneários, a informação transmitida pelos treinadores é fundamentalmente Prescritiva e Descritiva e dirigida a toda a equipa. No intervalo, para além de aumentar a informação Prescritiva, existe uma tendência para individualizar a instrução.

Millard (1996) pesquisou o comportamento do treinador de Futebol do ensino secundário e júnior universitário, no treino. A amostra foi composta por 29 treinadores e 29 treinadoras. O sistema de observação utilizado foi o C.B.A.S.

Os resultados obtidos indicam que os treinadores mostraram praticar, significativamente, mais frequentemente, o manter o Controlo e a Instrução Geral Técnica e, significativamente, menos frequentemente, o Encorajamento Geral, do que as treinadoras.

Pina e Rodrigues (1994) realizaram um estudo no voleibol sobre os episódios de informação do treinador e a reacção dos atletas. Tinha como objectivo descrever e comparar os comportamentos dos treinadores e a reacção dos atletas, de diferentes níveis de competição. Foram observados 3 treinadores de equipas seniores masculinas e 11 Competições. Os momentos de observação utilizados foram o desconto do tempo e o intervalo para mudança de “set”. O sistema de observação utilizado era composto por 5 dimensões de análise (Objectivo, Forma, Direcção, Conteúdo e Reacção do Atleta), subdividido em 17 categorias e 12 subcategorias.

Relativamente à Instrução, concluiu-se que era predominantemente Prescritiva (variou entre 53% e 62,5%), na forma Auditiva (98,7% - 100%) e dirigida à totalidade da equipa (65% - 74,2%). No que concerne ao conteúdo da Informação, este era essencialmente relacionado com a Tática (72% - 90,6%).

A análise deste capítulo permite-nos concluir que a maioria dos estudos sobre o comportamento do treinador em treino e em competição se centram, sobretudo, na análise da sua eficácia técnica. Ou seja, os estudos estão dirigidos para analisar a instrução, *o feedback*, a forma como controla o treino.

Contudo, e tendo em consideração os estudos aos quais tivemos acesso, parece existir ainda um largo caminho a percorrer no que diz respeito aos estudos versando a análise do comportamento do treinador enquanto promotor do *fair play*.

2.3.2. O treinador e o *fair play*

Nos capítulos anteriores procurámos conhecer as principais investigações levadas a cabo no âmbito do *fair play*, em diferentes modalidades desportivas, bem como ao nível dos jogadores de futebol. De seguida, passaremos a enunciar alguns dos trabalhos levados a cabo ao nível dos treinadores de futebol com o intuito de perceber a importância que o mesmo tem na promoção de condutas desportivas.

Com o objectivo de compreender a contribuição do desporto juvenil para a adopção de comportamentos pró-sociais e anti-sociais por parte dos atletas Rutten, Schuengel, Dirks, Stams, Biesta, e Hoeksma (2011), concluíram que os treinadores que mantêm boas relações com os seus atletas, reduzem os comportamentos anti sociais.

Já Gonçalves (1996) procurando compreender os pensamentos dos treinadores de jovens, efectuou um estudo no Concelho de Oeiras com uma amostra de 51 treinadores de ambos os sexos de 11 clubes diferentes, utilizando o questionário como instrumento de recolha de dados. O autor tinha como objectivo compreender quais os objectivos e prioridades no treino, conhecer as atitudes assumidas pelos treinadores em determinados contextos desportivos. Concluiu-se que “ensinar os jovens a gostar de desporto”; “desenvolvimentos das suas capacidades” e “desenvolvimento moral dos jovens”, foram os principais objectivos mencionados pelos treinadores quando trabalham com jovens. Concluiu-se, ainda, que a vitória não é um objectivo de primeira prioridade. Os treinadores do género feminino valorizaram mais os objectivos “respeitar os valores éticos do desporto”; e “o desenvolvimento moral dos jovens”.

Alguns investigadores pretenderam saber a percepção que os atletas tinham do comportamento do seu treinador enquanto promotor de aspectos educativos. Com objectivo idêntico Pinheiro, Sequeira e Alves (2005), realizaram uma pesquisa. Encetaram um estudo de caso numa equipa com 23 atletas com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. As conclusões vão ao encontro das de Pinheiro (2005), pois verifica-se que em algumas situações o treinador discute com o árbitro e diz asneiras.

Num estudo semelhante com objectivos mais alargados, Costa, Pinheiro e Sequeira (2007) pretenderam analisar se o treinador promove a Educação e a Saúde no treino através percepção que os atletas têm dos comportamentos do treinador comparando com a auto-percepção do treinador. A amostra foi constituída por 4 treinadores e 37 atletas com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade, provenientes de quatro equipas de Andebol. Concluíram que os atletas consideram o seu

treinador como um exemplo a seguir. Contudo, verificou-se que os treinadores discutem com o árbitro e dizem asneiras e afirmam aos seus atletas que ganhar é o mais importante.

Já Pinheiro e Camerino (2008), no seu estudo, mais do que procurar conhecer a percepção dos atletas, quiseram estudar o comportamento do treinador na promoção do *fair play*, concluindo que um dos comportamentos mais estimulados era “incentivar a pedir desculpas”.

Também Ramírez, Martínez, Cocca e Rodríguez (2009), procuraram estudar o comportamento do treinador, analisando a instrução, concluindo que umas das mais frequentes são as lamentações e protestos perante os árbitros.

Estes estudos revelam que o treinador desportivo nem sempre assume as suas funções educativas, pois ficou bem claro que na maioria dos casos evidenciam comportamentos pouco educativos. Por isso, acreditamos que o nosso estudo poderá contribuir para um maior conhecimento da prática do treinador enquanto agente de educação.

2.4. Síntese da Revisão da Literatura

Depois de analisarmos cada um dos capítulos da Revisão da Literatura, podemos realizar as seguintes conclusões:

- A maioria dos jovens, sobretudo os do género masculino, apresenta maior incidência de comportamentos antidesportivos, sobretudo, à medida que a idade avança;
- Isto acontece com maior veemência sempre que o ambiente criado em redor da prática desportiva é orientado para o ego dos atletas, em vez de ser conduzido para a tarefa;
- Por isso, a função do treinador é de suma importância na criação dos climas motivacionais positivos, orientados para o desenvolvimento das habilidades. Não deve o treinador de futebol direccionar as crianças que lidera para o desenvolvimento do seu ego, mas encaminhá-las para o desenvolvimento das suas capacidades. Por isso, deve procurar criar um clima motivacional vocacionado mais para a tarefa e menos para o ego;
- Por fim, revela-se profícuo a implementação de programas de promoção do *fair play*, pois estes revelaram alterações nos comportamentos das crianças;
- Deste modo, parece-nos que a promoção do *fair play* deverá basear-se em dois eixos fundamentais, nomeadamente, pelo exemplo do comportamento do treinador e pela implementação de programas de promoção do *fair play*.

Sabendo que as conclusões que alcançámos são fruto dos estudos de impacto aos quais tivemos acesso, e partindo do pressuposto que não temos acesso à globalidade dos trabalhos realizados nesta área, passámos a conhecer alguns factores que têm influência no *fair play*, nomeadamente, o clima motivacional, a orientação para objectivos, género e idade. De referir que esta síntese é válida apenas para a nossa Revisão da Literatura. Deste modo, estamos agora preparados para iniciar o capítulo da metodologia.

Capítulo III

Metodología

3. Metodologia

Nesta investigação situámo-nos no paradigma Interpretativo Naturalista, por considerarmos que o nosso objecto de estudo, *fair play*, se enquadra no âmbito do mesmo. Este paradigma tem como finalidade compreender e explicar a realidade tal como ela se evidencia, sem intervir sobre a mesma (Arnal, Del Rincón & Latorre, 1992). Assim, procurando estudar o comportamento do treinador em contextos naturais, assumimos que este paradigma é o que mais se adequa ao nosso objecto de estudo *fair play*. Utilizámos, por isso, a Metodologia Qualitativa e a Metodologia Observacional.

Procuramos, ainda, analisar os dados qualitativos e quantitativos através de uma triangulação realizada com os mesmos, seguindo a proposta de trabalho de Métodos Mistos de Pesquisa propostos por Camerino, Castañer e Anguera (2012).

Seguidamente, explanaremos o cronograma deste trabalho de investigação, dando conta de todos os passos seguidos até a elaboração da tese, procurando situar cada momento numa determinada situação temporal.

Abordar-se-á, ainda, o tipo de desenho observacional escolhido para este trabalho, bem como, a amostra do mesmo.

Por fim, são dados a conhecer os dois instrumentos de recolha de dados, nomeadamente, o Sistema de Observação e a Entrevista, abordando os respectivos processos de construção validação.

3.1 Cronograma

O cronograma abaixo, explica todo o processo de construção desta tese, nomeadamente, a elaboração, *ad hoc*, do instrumento de observação, a realização da recolha de dados, através das filmagens de jogos, a construção e a validação da entrevista semi-estruturada. Aborda-se, ainda, a análise dos dados, especificando cada um dos programas utilizados para tal. No fim, faz-se menção ao momento da redacção da tese.

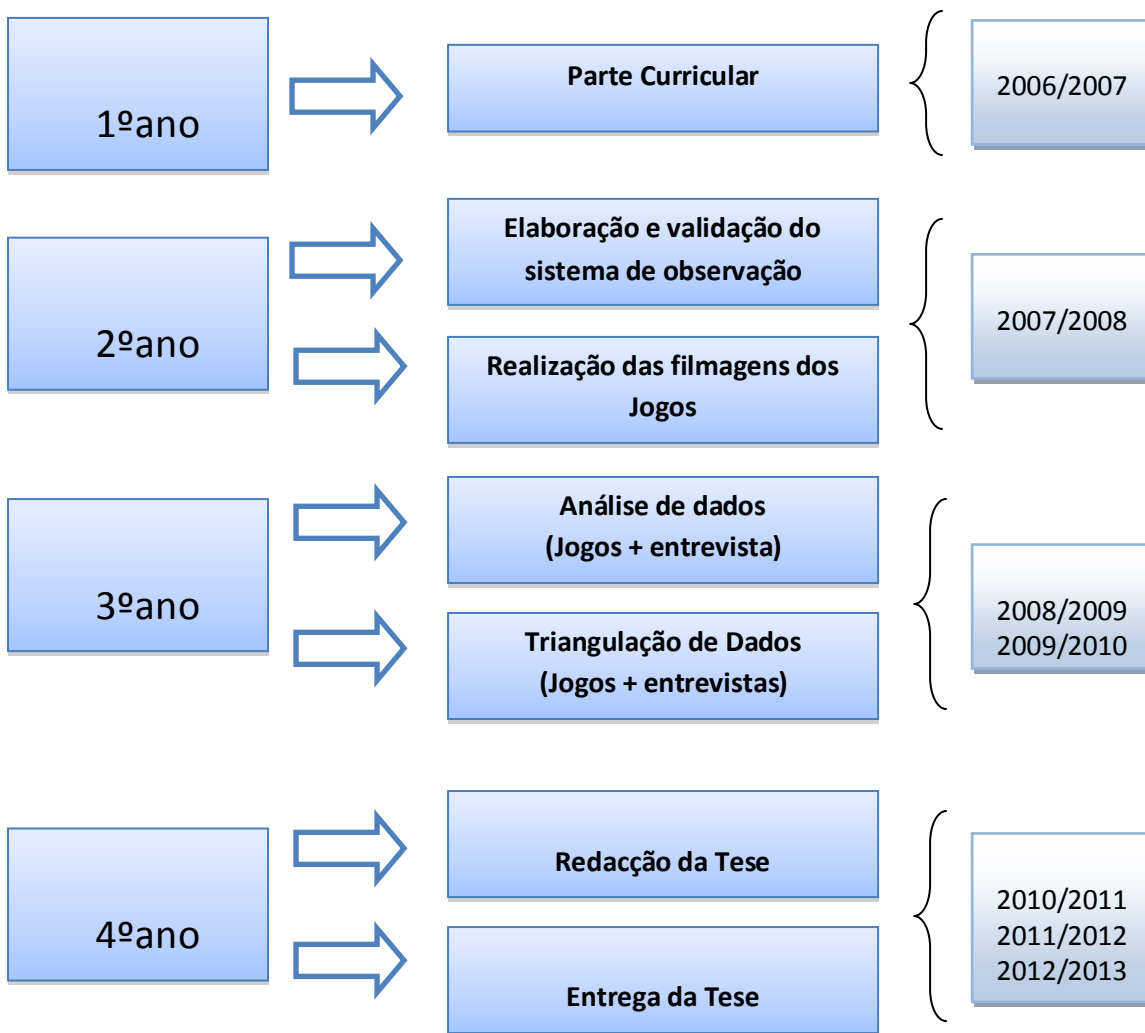


Figura 1 - Cronograma

3.2 Desenho

Os desenhos observacionais podem apresentar diferentes representações gráficas sendo que o nosso estudo terá a seguinte configuração:

- **Pontual** – Registo e análise do comportamento do treinador durante somente 4 jogos de um campeonato;
- **Ideográfico** – Este estudo é prioritariamente ideográfico, porque são estudados vários treinadores desde a individualidade de cada um. No entanto, apresenta alguns traços de nomotético, pelo estudo grupal de todos os treinadores;
- **Multidimensional** – registados vários níveis de comportamento dos treinadores observados.

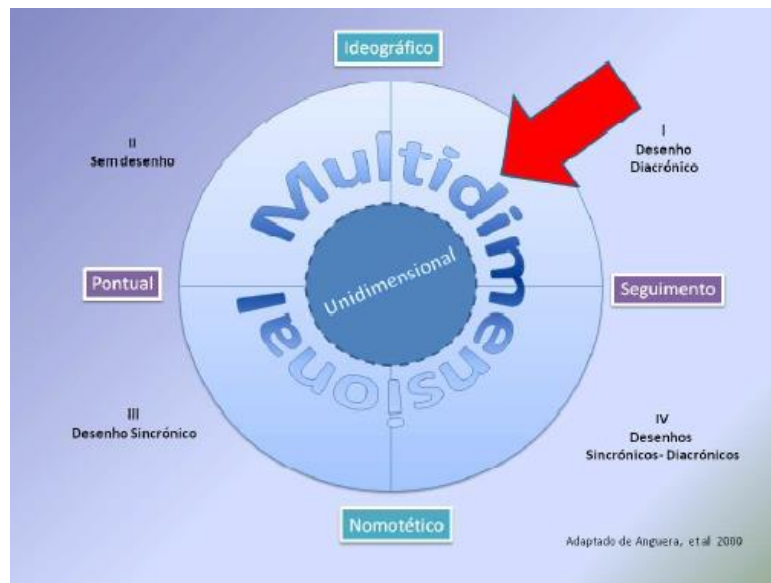


Figura 2 - Desenho observacional do estudo

3.3. Metodologia Observacional

Para a análise do comportamento do treinador em competição, utilizámos a Metodologia Observacional. Esta apresenta-se com uma expansão inegável nas últimas décadas e cujo carácter científico se encontra perfeitamente avalizado conforme nos referem Anguera, Blanco, Losada e Mendo (2000), recorrendo ao método de observação directa e/ou indirecta, de um ou vários sujeitos/ realidades ao largo de um estabelecido período de tempo. (Anguera, Blanco & Losada, 2001).

Esta metodologia é uma estratégia particular do método científico que tem como objectivo analisar o comportamento perceptível que ocorre em contextos naturais, permitindo que eles sejam formalmente registados e quantificados, usando um instrumento ad hoc, a fim de obter um registo sistemático do comportamento que, desde que tenham sido transformados em dados quantitativos com a confiabilidade necessária e validade determinada, vai permitir a análise das relações entre estes comportamentos. (Sarmiento, Leitão, Anguera & Campaniço, 2009, p. 1)

O nosso trabalho, ao centrar-se na análise de um número reduzido de treinadores, obedeceu às características enunciadas, na medida em que analisámos o comportamento do treinador sem qualquer tipo de interferência, assegurando, por isso, a espontaneidade do mesmo, estudámo-lo em contexto de competição, onde se situa o seu principal campo de acção, logo num contexto natural e centrámo-nos na análise de um grupo reduzido de indivíduos que poderá ser entendido como uma unidade (ideográfico). Para a realização do estudo do comportamento do treinador elaborámos um sistema de categorias (instrumento *ah- doc*).

3.4. Amostra

Foram filmados e entrevistados 8 treinadores de futebol, 4 do escalão de Escolas (sub11) e 4 do escalão de Infantis (sub13) pertencentes à Associação de Futebol de Lisboa. Assim a nossa amostra foi constituída por 4 jogos de cada treinador, perfazendo um total de 32 jogos e 8 entrevistas com uma duração média de 2 horas.

Os treinadores Respeitaram as seguintes características:

- 4 Treinadores licenciados, 1 deles em professores do ensino básico na variante de Educação Física e 3 em Ciências do Desporto;
- 4 Treinadores sem licenciatura em Educação Física;

- Todos os treinadores são do género masculino;
- Todos os treinadores são portugueses;
- Todos os treinadores têm no mínimo o curso de Nível 1;
- A média de idades dos treinadores é de 35 anos.

O reduzido número de treinadores investigados foi intencional, pois os estudos versando a observação do comportamento do treinador em contexto natural são de elevada complexidade. Em primeiro lugar, porque é uma metodologia que de alguma forma expõe o treinador, havendo por parte dos mesmos alguma renitência na participação. Em segundo lugar, este tipo de estudo implica um grande investimento temporal, pois a recolha de dados é muito morosa, na medida em que só é possível filmar um jogo por semana. Deste modo, recorremos à metodologia observacional pois uma das suas características refere que os estudos devem ser ideográficos (centrados num grupo reduzido) permitindo uma análise mais profunda e detalhada da amostra. Assim, seguimos as recomendações sugeridas pela Metodologia Observacional, estudando um número reduzido de treinadores, mas procurando estudar cada um deles com maior profundidade.

É importante mencionar que os treinadores da nossa amostra são amadores, tendo ao seu dispor os seguintes recursos: humanos (16 a 18 jogadores, treinador adjunto, massagistas, dirigentes e outros auxiliares), materiais (uma bola por cada dois atletas, balizas móveis), espaciais (meio campo de relva sintética,) e temporais (três treinos semanais com a duração de 2 horas cada).

3.4.1. Critérios de selecção da amostra

No momento de seleccionar a amostra para o nosso estudo tivemos em consideração os seguintes critérios:

- Possuir no mínimo 5 anos de experiência a treinar escalões formação;
- Possuir no mínimo 2 épocas enquanto treinador do clube que representa;
- Possuir no mínimo o curso de treinador nível 1;
- Ser treinador nos escalões de Escolas (Sub 11) ou Infantis (Sub 13) ;
- Treinar uma equipa pertencente à Associação de Futebol de Lisboa.

3.5. Instrumentos

Para analisar o comportamento do treinador na promoção do *fair play*, utilizámos os seguintes instrumentos:

A - Sistema de Observação do Comportamento de *fair- Play* do treinador (SOCOFAP);

B - Entrevista Semi-Estruturada (Anexo 1).

Durante a construção dos instrumentos existiu a preocupação de os desenvolver no sentido de permitir que os dados obtidos com os mesmos pudessem ser analisados conjuntamente em posterior análise, existindo, desta forma, um paralelismo entre as categorias do sistema de observação e da entrevista.

Os instrumentos, bem como o seu processo de construção e validação, encontram-se seguidamente apresentados.

3.6. Instrumento de Observação

Para a realização deste estudo elaborou-se um instrumento *ad-hoc*. A estrutura e conteúdo do instrumento de observação foram sustentados pela revisão da literatura existente em observação e análise do comportamento do treinador, consulta de especialistas e a validade interna pela realização dos testes de fiabilidade intra e inter observador.

O sistema de observação do comportamento de *fair play* do treinador (SOCOFAP) é um instrumento que tem como finalidade observar as condutas do treinador, relacionadas com a promoção do *fair play*.

Este sistema é constituído por 2 macro critérios, 18 categorias de 1º nível e 36 categorias de 2º nível.

3.6.1. Construção e validação do Sistema de Observação

Para a construção e validação deste sistema de categorias, apoiámo-nos e seguimos as propostas e orientações de Anguera, Blanco, Losada e Mendo (2000) e Prudente, Garganta e Anguera (2004). Antes de tudo, efectuámos uma pesquisa bibliográfica, acerca do comportamento do treinador em competição. Posteriormente realizámos os seguintes passos:

1-Levámos a cabo uma 1ª fase exploratória em que observámos jogos de futebol dos escalões de escolas (sub11) e Infantis (sub 13). Durante a observação dos mesmos elaborámos registos não sistematizados, ou seja, descrições simples e em estilo narrativo de todas as condutas observáveis e recolha dos comportamentos em análise implícitos ao objecto de observação.

2- Posteriormente realizámos registos semisistematizados onde foram anotados numa tabela de 4 colunas o tempo (Anexo2), os comportamentos antecedentes, o comportamento a ser registado e o comportamento posterior ao observado.

3- Seguidamente efectuámos a sistematização de categorias onde definimos os núcleos categoriais de comportamentos observados e o seu grau de abertura.

4- Posteriormente, com o objectivo de avaliar a validade de conteúdo e de constructo apresentámos o instrumento de observação a especialistas no sentido de analisar a sua pertinência com os objectivos do estudo.

5-A validade interna do instrumento de observação foi garantida pela consulta realizada a 4 especialistas em jogos desportivos colectivos: dois doutorados em observação e análise do jogo e dois treinadores de futebol licenciados em Educação Física e Desporto que comprovaram a homogeneidade, exaustividade e mútua exclusividade.

Por último, de forma a garantir a fidelidade Inter-Observador solicitamos a quatro observadores que utilizassem o sistema e aplicámos o Índice Kappa para aferir os índices de correlação necessários para a validação do sistema.

Os vídeos foram observados e codificados por quatro observadores com o software MOTS (Castellano, Perea, Alday & Mendo, 2008). Os observadores realizaram este processo separados uns dos outros, de forma a assegurar que não houvesse acesso oral ou visual aos registos dos outros, o qual poderia influenciar a codificação.

Para testar a fiabilidade inter-observadores foi utilizada a medida de concordância Kappa de Cohen. Foram aceites valores de fiabilidade maiores ou iguais a 75% ($Kappa > 0,750$), os quais são considerados como excelentes (Pestana & Gageiro, 2003).

Assim, a fiabilidade foi testada com um índice de Kappa de Cohen = 0,9504 (Anexo 3).

Tabela 1- Critérios e Categorias do instrumento SOCOFAP

Critério 1 - Comportamentos despromotores de <i>fair play</i>		
Categorias	Código	Descrição
Desrespeita decisões juiz	Ddj	Esta conducta manifesta-se sempre que o treinador revele comportamentos de cólera para com o árbitro, manifestando desagrado pelas suas decisões (gesticular, palavrões dirigidos ao árbitro, pontapear objectos).
Desrespeita os jogadores da sua equipa	dje	Esta conducta manifesta-se sempre que o treinador revele comportamentos de cólera para com um atleta da sua equipa.
Desrespeita adversários	Da	Esta conduta manifesta-se sempre que o treinador agride física ou verbalmente os atletas ou treinadores adversários.
Incitar a perda de tempo	lpt	Esta conduta manifesta-se quando o treinador, de modo deliberado, impele os seus atletas a perderem tempo de jogo. (simulação de faltas, reposição lenta da bola em jogo)

Incita o jogador a não pôr a bola fora	Inbf	Esta conduta manifesta-se quando o treinador impele os seus atletas a não colocarem a bola fora do campo, quando um adversário está lesionado.
Diz palavrões	Dp	Esta conduta manifesta-se sempre que o treinador diz palavrões, desde que não sejam dirigidos ao árbitro, adversários ou atletas da sua equipa. (dizer um palavrão após uma má jogada)
Encoraja um atleta a fazer falta	Eff	Esta conduta manifesta-se quando o treinador, de modo deliberado, instiga os seus atletas a fazerem falta sobre um adversário.
Permite uso de palavrões	Pup	Esta conduta manifesta-se quando um atleta diz um palavrão e o treinador não manifesta desagrado perante essa situação.
Permissão de discussões com o Juiz	Pdj	Esta conduta manifesta-se quando um atleta discute com o árbitro e o treinador não o repreende
Permissão de insultos aos adversários	Pia	Esta conduta manifesta-se quando um atleta discute com o adversário e o treinador não o repreende.

Critério 2 - Comportamentos promotores de *fair play*

Categorias	Código	Descrição
Cumprimenta o juiz	Cj	Quando o treinador, no início ou no final do jogo, cumprimenta o árbitro e\ou os seus assistentes.
Incentiva jogadores a cumprimentar o Juiz	Icj	Quando no início ou no final do jogo o treinador incita os seus atletas a cumprimentarem o árbitro e\ou os seus assistentes.

Cumprimenta os adversários	Ca	Quando o treinador, no início ou no final do jogo, cumprimenta o treinador adversário e\ou os atletas.
Incentiva jogadores a cumprimentarem os adversários	Ijca	Quando no início ou no final do jogo o treinador incita os seus atletas a cumprimentarem o treinador adversário e\ou os atletas
Incita jogadores a pôr a bola fora	Ibf	Sempre que o treinador dê indicações aos seus atletas para colocarem a bola fora, quando um adversário se encontra lesionado e caído no solo.
Reprova insultos ao juiz	Rij	Sempre que o treinador intervém após conduta insultuosa dos seus atletas para com o árbitro
Reprova insultos aos adversários	Ria	Sempre que o treinador intervém após conduta insultuosa dos seus atletas para com os atletas ou treinador adversário.
Incentiva a pedir desculpas	Ipd	Sempre que o treinador impele os seus atletas a pedirem desculpas ao adversário após conduta faltosa.
Aplauda o adversário	Aa	Quando o treinador aplauda uma jogada, um golo ou uma defesa do guarda-redes da equipa adversária.
Incentiva a agradecer ao público	Iap	Sempre que no início ou no final do jogo o treinador impele os seus atletas a agradecerem ao público a sua presença.
Elogia atleta pelo bom desempenho	Ebd	Quando o treinador fornece um feedback positivo aos seus atletas, após um bom desempenho dos mesmos. Poderá ser um feedback verbal, quinestésico. (ex: Boa, é isso mesmo.)
Encoraja má prestação	Emp	Quando o treinador fornece um feedback de alento a um atleta, após uma má prestação do mesmo, procurando encorajá-lo. Poderá ser um feedback verbal, quinestésico. (ex: Ok, para a próxima sai melhor.)

Critério 3 - Resultado do momento		
Categorias	Código	Descrição
Vantagem por um golo	vu	Quando a equipa vence por um golo de diferença.
Vantagem dois Golos	Vd	Quando a equipa vence por dois golos de diferença.
Vantagem superior a dois	Vsd	Quando a equipa vence por mais de dois golos.
Empate	Empa	Quando a equipa está empatada.
Desvantagem de um golo	Du	Quando a equipa perde por um golo
Desvantagem de dois golos	Dd	Quando a equipa perde por dois golos
Desvantagem superior a dois	Dsd	Quando a equipa perde por mais de dois golos

Critério 4 – Momento do jogo		
Categorias	Código	Descrição
Antes do jogo	Aj	Todos os comportamentos que ocorram antes do apito inicial do árbitro.
Primeira parte	Pp	Todos os comportamentos que ocorram durante a primeira parte.
Paragens na primeira parte	Ppp	Todos os comportamentos que ocorram durante uma paragem do jogo na primeira parte. (ex: durante a assistência a jogador lesionado, após a marcação de uma fala)
Intervalo	Int	Todos os comportamentos que ocorram durante o intervalo do jogo.
Segunda parte	Sp	Todos os comportamentos que ocorram durante a segunda parte.

3.6.2. Sistema de registo de Observação

Para observarmos os jogos e de forma a utilizar o sistema de categorias criado, utilizámos o programa informático MOTS (Castellano, Perea, Alday & Mendo, 2008). Este programa foi criado com o intuito de auxiliar os seus utilizadores na observação, registo e codificação de todos os comportamentos espontâneos observados em ambientes e contextos naturais.

Este software utiliza as funções do programa Microsoft Excel para armazenar os dados registados em tabelas.

O programa permite-nos determinar a duração de cada comportamento, a frequência de ocorrência do comportamento. Sabendo, ainda, qual a duração do jogo é possível determinar qual a percentagem de duração total de cada comportamento.

Este *software* só não permite a análise da sequência de comportamentos, existindo softwares que permitem realizar esta análise.

Para além de ser um instrumento de registo, o MOTS (Castellano, Perea, Alday & Mendo, 2008) integra uma aplicação para a análise dos dados registados, permitindo a obtenção automática da frequência, sendo possível estabelecer associações entre os indicadores através das tabelas de contingência. Os dados provenientes deste instrumentos são armazenados em formato XLS, podem ser exportados para programas de estatística, como o SPSS, o SDIS–GSEQ (Bakeman & Quera, 1996), *Theme* (Magnusson, 2000) que possibilitam a realização de uma análise mais adequada aos objectivos e ao desenho observacional.

3.6.3. Análise dos dados observacionais

Para a análise sequencial foi utilizado o programa *Theme* para a detecção dos padrões temporais (Magnusson, 2000). Para detectar os padrões temporais este *software* considera a ordem e o tempo relativo dos acontecimentos registados e a sua organização hierárquica. O processo de análise sequencial é o do tipo probabilístico, no qual cada um dos eventos é tão dependente do evento inicial como dos eventos anteriores (Hernández & Molina, 2002).

O recurso à análise sequencial permite detectar padrões de comportamento e também procurar relações de associação entre os comportamentos durante as sequências registadas.

3.6.4. Equipamentos utilizados na observação

Foi utilizada uma câmara de filmar Vídeo 8 portátil, auscultadores, sete extensões eléctricas e um microfone emissor-receptor, colocado na lapela de cada treinador. De referir que o facto de a gravação dos jogos decorrer em espaços abertos de grande amplitude, obrigou à utilização de inúmeras extensões eléctricas, o que implicou sempre uma preparação prévia de 45 minutos.

As filmagens foram realizadas por detrás de cada treinador no sentido de permitir captar o seu comportamento durante o jogo, bem como, o próprio contexto do jogo (local onde se encontra a bola). O facto de todos os treinadores permanecerem de pé durante a competição, junto à respectiva área técnica, facilitou o procedimento anteriormente descrito.

Os dados recolhidos pela câmara de filmar foram posteriormente descarregados num computador portátil, onde se realizou a conversão para ficheiros *.mpg através do software media coder 0.5.1 (Huang, 2006).

3.7. Entrevista

Recorremos à entrevista semi-estruturada (Creswell, 2007), aplicada aos treinadores, com o objectivo de conhecer o seu pensamento em relação à promoção do *fair play*. A selecção deste tipo de entrevista ficou a dever-se às suas características. A entrevista semi-estruturada permite ao entrevistador conduzir o entrevistado até às informações que se pretendem receber. É uma entrevista que dá ao entrevistado uma grande liberdade de resposta, permitindo uma recolha rica de informação. Contudo, o entrevistador deverá orientar o discurso do entrevistado, sempre que este comece a divagar em assuntos que tenham pouca relevância para a entrevista.

3.7.1. Construção e validação da entrevista

Para analisar o pensamento dos treinadores acerca da promoção do *fair play*, construiu-se e validou-se uma entrevista semi-estruturada. Para a construção e validação da entrevista, seguiram-se os seguintes passos:

● **1º passo**- realização de um grupo discussão constituído por três treinadores de futebol jovem, um árbitro, um dirigente e dois atletas, de onde saíram as dimensões e variáveis do 1º guião. Neste grupo de discussão procurou-se debater temas relacionados com o *fair play*, desde o ponto de vista do treinador, do atleta, do árbitro e do dirigente. Foram anotadas todas as contribuições dadas por cada um dos intervenientes neste processo.

● **2º passo**- aplicação de uma entrevista piloto, com o 1º guião saído da discussão de grupo, a 10% da amostra, com o objectivo de verificar se todas as questões eram perceptíveis, ou se existiam algumas que necessitassem de re-ajustamentos. Realizaram-se ajustes pontuais ao nível da semântica e da organização das questões. Deste passo saiu o 2º guião da entrevista.

●**3ºPasso**- Revisão do 2º guião da entrevista por um grupo de experts em:

- Metodologia Qualitativa;

- *fair play*;

- Jogos Desportivos Colectivos.

A estes, foi enviado um questionário (Anexo 4) com as questões do 2º guião. No questionário foi solicitado a sua opinião relativamente à pertinência e adequação das questões, bem como, sugestões para possíveis alterações.

Deste modo, foram realizadas as alterações sugeridas, surgindo o guião final a ser aplicado aos treinadores.

3.7.2. Momento e condições de aplicação das entrevistas

De forma a evitar a reactividade por parte dos treinadores, as entrevistas foram aplicadas após o período de filmagens. Desta forma, não condicionámos o comportamento do treinador. Se tivéssemos optado por realizar as entrevistas antes do período de observação de jogos, estaríamos, à partida, a condicionar o comportamento do treinador durante o jogo, pois ao realizar a entrevista saberia, em concreto, o objectivo do estudo. Assim, ao aplicarmos a entrevista apenas no final da observação dos jogos, assegurámos que os treinadores pudessem comportar-se de modo natural, sem que a entrevista tivesse influência na sua conduta.

As entrevistas realizaram-se em espaços calmos e tranquilos, evitando focos de desatenção e estímulos que pudessem colocar em causa a mesma. Sempre que possível procurámos realizar a entrevista num mesmo plano do entrevistado a fim de evitar grande distanciamento físico. Procurámos estabelecer um clima de empatia e confiança que permitisse ao entrevistado responder livremente, sem receios de julgamentos por parte do entrevistador. Por isso, a primeira parte assumiu-se como um momento para se ganhar confiança e criar um bom clima, se bem que esta questão já se encontrava resolvida em virtude da proximidade que se foi conquistando ao longo das filmagens.

Utilizou-se um gravador áudio *sony* para captar o som da entrevista para posteriormente realizar a sua transcrição para protocolos escritos, de forma a serem transformados em dados susceptíveis de serem trabalhados.

3.7.3. Sistema de categorias da entrevista

A construção do sistema de categorias foi feita *à priori*, procurando estabelecer uma relação de proximidade com o sistema de observação, no sentido de permitir uma posterior confrontação entre os dados obtidos com ambos os instrumentos. As categorias obtidas foram submetidas a um grupo de peritos de modo a cumprir com as normas da validade e da fidelidade em todo este processo (Bogdan & Birklen, 1994; Creswell, 2007; Ghiglione & Matalon, 2001).

Tabela 2- Sistema de Categorização das entrevistas

Categorias	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do <i>fair play</i> (FP)	Despromoção do <i>fair play</i> (FP)
Sub-Categorias	1-Início de Carreira	1-Finalidades e Objectivos	1-Conceitos de <i>fair play</i>	1-Conduitas dos atletas
			2-Importância atribuída ao FP	2-Relação com os adversários
	3-Medidas para promover o FP		3-Relação com o árbitro	
	2-Motivações actuais	2-Treino de Jovens Vs Treino de adultos	4-Como promove o FP	4-Vitória Vs <i>fair play</i>
			5-O árbitro	5-Vocabulário
	6-O Dirigente		6-Responsáveis	
	7-Os pais			
3-Motivações Futuras				

3.7.4. Análise das Entrevistas

Após a construção do sistema de categorias, bem como a transcrição para protocolos escritos das entrevistas, realizou-se a análise de conteúdo, utilizando para esse efeito o programa Nvivo v 7.0 para Windows (Gibbs, R., 2002. *Qualitative Data Analysis*)

A utilização deste *software* implicou a realização dos seguintes passos:

- Criação de um projecto constituído pela totalidade das fontes (entrevistas) e por um sistema de categorias;
- Introdução dos documentos a analisar (entrevistas) dentro do projecto. No nosso caso, importámos documentos previamente elaborados no Microsoft word, ou seja, as entrevistas transcritas;
- Introdução do sistema de categorias previamente elaborado. O programa permite ainda que o sistema de categorias se vá criando à medida que se vai categorizando os fragmentos da entrevista (enfoque indutivo). Este programa

está preparado para trabalhar com sistemas de categorias hierárquicos, isto é, categorias que dependem das outras. Assim temos sub- categorias dependentes das categorias.

- Codificação dos fragmentos das entrevistas em função das categorias criadas anteriormente;
- Análise de conteúdo de cada categoria que supôs localizar e agrupar todas as unidades correspondentes a uma categoria. Deste modo realizámos uma revisão do conteúdo armazenado em cada categoria com a finalidade de descrevê-lo e interpretá-lo;
- No final, elaborámos um relatório de análise de conteúdo da entrevista de cada treinador.

3.8. Limitações na recolha de dados

Um trabalho centrado na análise da conduta do treinador que implica a observação em contextos naturais engloba um conjunto de limitações que passaremos a enunciar:

- Dificuldade, em alguns campos, em encontrar uma ficha eléctrica para poder ligar as extensões;
- Dificuldade em gravar alguns jogos por questões de natureza climatérica, nomeadamente, chuva e vento forte;
- Necessidade de pedir em todos os jogos autorização aos árbitros para poder permanecer no espaço consignado apenas a atletas, treinadores e árbitros;
- Dificuldade em perceber se aquilo que é ouvido pelo observador, é exactamente o mesmo que é escutado pelo observado. Acreditamos que ao utilizarmos um microfone na lapela do treinador, acabámos por resolver esta questão, pois aquilo que ouvíamos através de auscultadores colocados na câmara de filmar é precisamente aquilo que o microfone de lapela (colocado no treinador) capta do contexto.
- Possível influência no comportamento do treinador, devido à proximidade existente entre o mesmo e a câmara de filmar;
- Dificuldade de alguns treinadores em conviver naturalmente com o microfone de lapela;

- Possível influência que a proximidade dos bancos de suplentes poderá ter no comportamento do treinador.
- Influência do público sobre o comportamento do treinador, sobretudo em jogos realizados fora de casa.

Deste modo, depois de revelarmos toda a metodologia inerente a este trabalho, passaremos de seguida para a apresentação dos resultados obtidos e posterior discussão dos mesmos.

Capítulo IV

Apresentação e discussão dos Resultados

4. Análise de dados

Para a realização da Análise de Dados, procurámos verificar a ligação entre os dados obtidos das entrevistas e os dados recolhidos das observações dos jogos. De acordo com Creswell e Plano Clark (2007), a triangulação de técnicas (entrevista e observação) implica que cada uma delas se utilize para estudar um mesmo aspecto da realidade. A triangulação é ainda sugerida como forma de confrontação da informação recolhida a partir de fontes distintas (Erikson, 1989; Ludke & André, 1986). No caso, utilizámos a entrevista e a observação, para analisarmos o comportamento do treinador na promoção do *fair play*. Creswell e Plano Clark (2007) referem que a integração de ambas as técnicas conduzirá a resultados convergentes, o que resultará útil para reforçar a validade desses resultados.

Em primeiro lugar serão apresentados os dados observacionais e de seguida os dados recolhidos nas entrevistas, respeitando a seguinte forma :

- Realização de um relatório observacional de cada treinador (n=8), analisando o seu padrão de conduta;
- Realização de um relatório observacional dos treinadores licenciados em Educação Física (n=4), analisando o seu padrão de conduta e extraíndo as respectivas conclusões;
- Realização de um relatório observacional dos treinadores não licenciados em Educação Física (n=4), analisando o seu padrão de conduta e extraíndo as respectivas conclusões;
- Elaboração de um relatório por treinador (n=8), da entrevista realizada;
- Elaboração de um relatório de análise de conteúdo das entrevistas realizadas pelos treinadores licenciados em Educação Física;
- Elaboração de um relatório de análise de conteúdo das entrevistas realizadas pelos treinadores não licenciados em Educação Física;
- Análise conjunta dos dados obtidos nas observações de cada grupo observado, com os dados recolhidos nas análises de conteúdo das entrevistas.

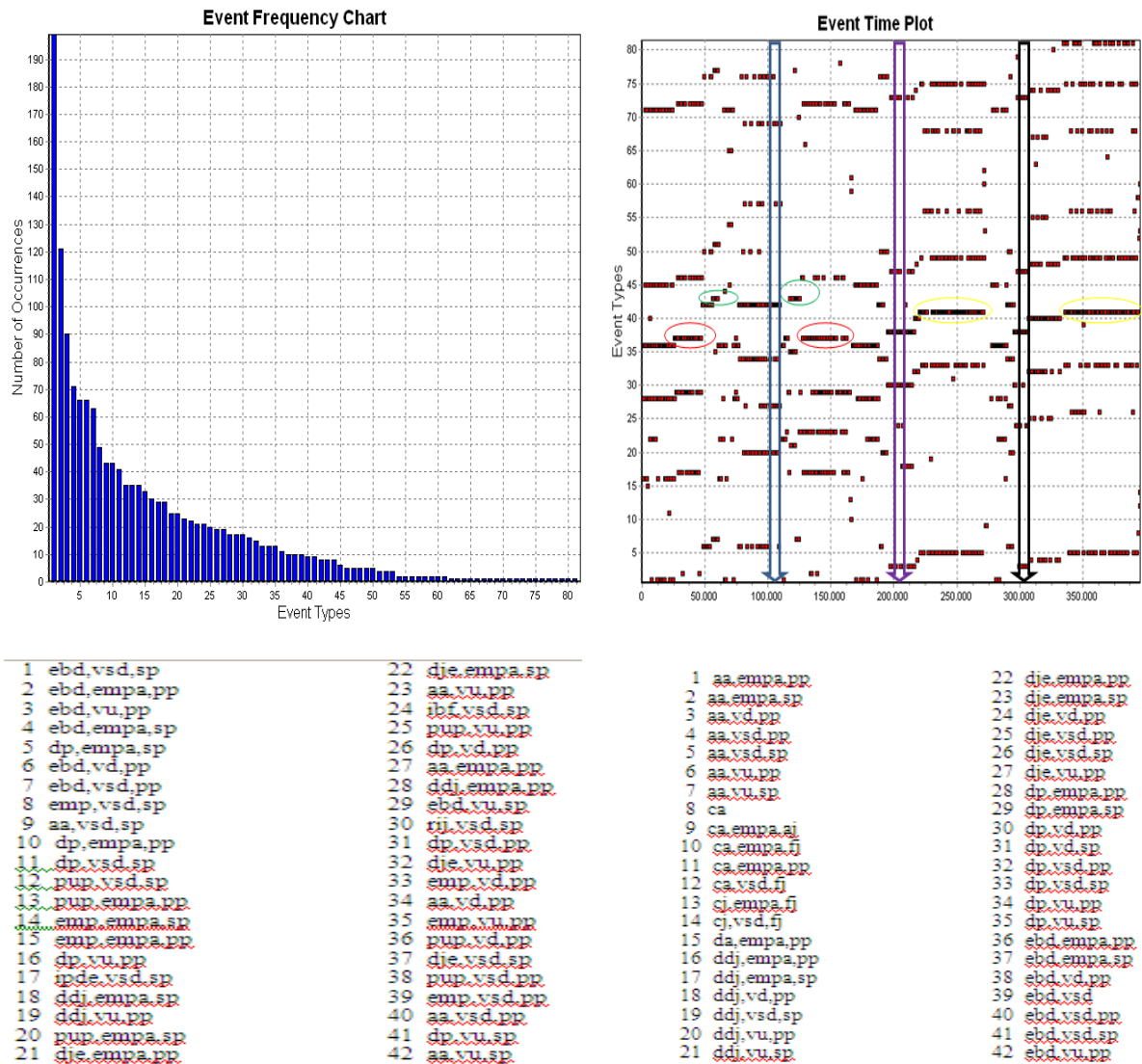
4.1. Dados Observacionais

Neste ponto far-se-á uma análise de cada um dos 8 treinadores da amostra em função do seu nível de formação, ou seja, se têm, ou não, curso superior de Educação Física.

Em primeiro lugar analisaremos os treinadores com formação em Educação Física e posteriormente os treinadores que não possuem essa formação.

4.1.1. Análise do comportamento do Treinador 1

Treinador com formação superior em Educação Física



Figuras 3 e 4 - Tendências de actuação do Treinador 1

A análise das condutas de actuação do treinador 1, revelam que o mesmo evidencia muitos comportamentos de reforço positivo para com os seus atletas. De facto, verifica-se a adopção de *feedbacks* positivos quando os atletas realizam boas jogadas (**ebd**), mas também reconforta-os após más prestações (**emp**). É revelador de um treinador que se preocupa com os níveis de motivação dos seus atletas, procurando incentivá-los, independentemente das situações.

No âmbito dos comportamentos educativos, destaca-se, ainda, o aplauso a jogadas dos adversários (**aa**). De facto, aplaudir aquilo que os adversários fazem bem, é sinónimo de um treinador que se preocupa não apenas com a sua equipa, mas também com o espectáculo desportivo.

No que diz respeito aos comportamentos despromotores de *fair play*, salientam-se, sobretudo, o uso de palavrões (**dp**) e a permissão do seu uso por parte dos atletas (**pup**). Na verdade, um treinador que diz palavrões, não poderá esperar que os seus atletas se comportem de modo diferente.

A) Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do resultado)

A Análise do gráfico da frequência de eventos permite-nos realizar algumas conclusões de interesse.

Assim, verifica-se que o treinador elogia mais vezes os comportamentos dos seus atletas quando está a vencer por mais de dois golos (**ebd,vsd,sp**), do que quando está a vencer apenas por um (**ebd,vu,sp**), ou quando está empatado (**ebd,emp,sp**) (Ver Figura 3).

Podemos inferir que o treinador adopta uma postura mais positiva quando está a vencer por um resultado confortável, talvez por se encontrar emocionalmente mais descontraído.

Na verdade, quando a vitória assume números expressivos, não estando em causa o resultado, poderá permitir ao treinador libertar-se da pressão da vitória, assumindo desta feita uma postura mais elogiosa para com os seus atletas. É menos elogioso quando a vitória é menos folgada, ou quando está empatado, mas mesmo assim não deixa de ser positivo o seu comportamento de reforço.

Em relação ao comportamento “**dizer palavrões**” verifica-se que este ocorre mais vezes quando o jogo está empatado (**dp,emp,sp**), do que quando está a ganhar por um (**dp,vu,sp**), ou por dois (**dp,vd,sp**) (Ver Figura 3).

O facto de estar a vencer pode, novamente, justificar o comportamento do treinador, que utiliza mais vezes vocabulário desadequado quando está perante um resultado menos favorável, como é o caso do empate, do que quando está a vencer. Ao que parece, a relação resultado favorável/ desfavorável, condiciona o comportamento do treinador. Estando empatado, os níveis de ansiedade poderão ser maiores e por isso mesmo, menor controlo emocional que leva o treinador a recorrer com maior frequência ao uso de vocabulário desadequado.

O comportamento “**permite o uso de palavras**” ocorre mais vezes quando a equipa está a vencer (**pup,vsd,sp**) do que quando está empatado. Parece-nos que isto acontece, pois normalmente os festejos do golo são acompanhados do uso de vocabulário desadequado, o que pode justificar esta situação. Ou seja, os palavras são nesta equipa uma forma de expressar alegria pela obtenção dos golos. Não deixa de ser incorrecto, o treinador permitir o uso deste vocabulário sem fazer qualquer reparo.

Verifica-se que o treinador incentiva mais os seus atletas a pedirem desculpas aos adversários quando está a vencer (**ipd,vsd,sp**), comparativamente a quando está empatado (**ipd,emp,sp**). Esta situação pode ser explicada pelo facto de quando o resultado é desfavorável, o treinador está mais preocupado em fornecer informações que permitam inverter o resultado, descurando a necessidade de pedir desculpas após conduta faltosa. No entanto, quando a vitória é confortável, permite-lhe estar mais disponível para comportamento de promoção de *fair play*. O factor resultado desportivo parece influenciar largamente este comportamento do treinador.

O treinador desrespeita mais vezes as decisões do árbitro quando o resultado é um empate (**ddj,emp,sp**), do que quando está a vencer (**ddj,vsd,sp**) (Ver Figura 3).

O facto de o resultado não ser favorável, poderá gerar maior nervosismo no treinador, levando-o a contestar mais vezes as decisões do árbitro. Numa situação de resultado desfavorável, o treinador procura que as decisões do árbitro sejam todas em favor da sua equipa, discutindo todas as decisões a favor dos adversários.

O comportamento “**incentiva a colocar a bola fora**”, aparece mais vezes quando a equipa vence por um resultado superior a dois golos (**ibf,vsd,sp**), do que quando está a vencer por um (**ibf,vu,sp**), ou quando está empatado (**ibf,emp,sp**).

(Ver Figura 3).

Novamente, o factor resultado favorável parece influenciar o comportamento do treinador que privilegia mais esta conduta quando vence por um resultado mais confortável. Parece um comportamento normal o treinador não querer que a sua equipa perca tempo de jogo quando o resultado é desfavorável. Todavia, estando a vencer, incentiva a colocar a bola fora para assistência aos adversário, até como forma de a sua equipa poder descansar nesses períodos de tempo.

B) Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do momento do jogo e do resultado)

Como vamos poder verificar, a conduta do treinador é influenciada pelo momento do jogo, ou seja, primeira parte ou segunda parte, associado ao resultado.

Assim, o treinador utiliza mais vocabulário desadequado quando se encontra empatado no decorrer da primeira parte (**dp,emp,pp**), do que quando se encontra com o mesmo resultado no decorrer da segunda parte (**dp,emp,sp**) (Ver Figura 3).

O uso de vocabulário surge normalmente associado a situações de maior stress, nomeadamente, quando o resultado não é favorável e o jogo já se encontra na segunda parte. Ou seja, o facto de o jogo caminhar para o final, pode propiciar o aparecimento desta conduta.

Em relação ao comportamento “**incentivar a pedir desculpas**”, este ocorre com maior frequência quando está a vencer no decorrer da segunda parte (**ipd,vsd,sp**). Parece-nos, que a conjugação resultado positivo e segunda parte do jogo, pode propiciar o aparecimento deste comportamento, pois estando a ganhar por um resultado confortável com o jogo mais próximo do final, proporciona um estado de espírito mais calmo, libertando o treinador da pressão do resultado.

O treinador desrespeita mais vezes as decisões do árbitro quando o resultado é um empate durante a segunda parte (**ddj,emp,sp**) (Ver Figura 3).

Este comportamento ocorre menos vezes quando o resultado é positivo, independentemente do momento do jogo.

Verifica-se, também, que o treinador incentiva mais vezes os seus atletas a colocarem a bola, quando está a ganhar por mais de dois golos no decorrer da segunda parte (**ibf,emp,sp**). Parece-nos que o factor resultado/momento do jogo pode explicar esta situação. Assim, em situações em que o resultado é menos favorável, o treinador não está tão preocupado com as questões do *fair play*, mas a sua atenção está focada na vitória. Todavia, quando está a ganhar, o treinador não está tão focalizado na vitória, ficando mais liberto para a adopção de condutas de *fair play*.

O treinador desrespeita mais vezes os seus atletas quando o resultado é um empate durante a primeira parte, do que quando está a vencer (**dje,emp,pp**) (Ver Figura 3).

Na verdade, parece que, novamente a questão do resultado tem influência sobre o comportamento do treinador que adopta mais vezes uma conduta de desrespeito quando não está a ganhar, quando comparado com o resultado favorável.

Assim, verifica-se que as condutas anti *fair play* se manifestam mais vezes quando o resultado é desfavorável à equipa e, sobretudo, quando o jogo já se encontra na segunda metade. Esta situação pode ser explicada pelo facto de o treinador em situações em que o resultado não é o pretendido, encaminhando-se para o fim, poderem desencadear um estado ansiogénico, levando-o à adopção de comportamentos desajustados, nomeadamente, discussões com os seus atletas, com o árbitro e adversários, uso de palavrões, entre outros.

Em sentido inverso, os comportamentos promotores de *fair play* ocorrem, sobretudo, quando o resultado é a vitória por números confortáveis, nomeadamente, quando está a ganhar por mais de dois golos.

O facto de o resultado ser bastante animador, liberta o treinador de um estado de ansiedade, o que poderá estar na origem da adopção de atitudes promotoras de *fair play*. Conclui-se, desta forma, que o resultado e o momento do jogo, são de facto, factores que condicionam o comportamento do treinador.

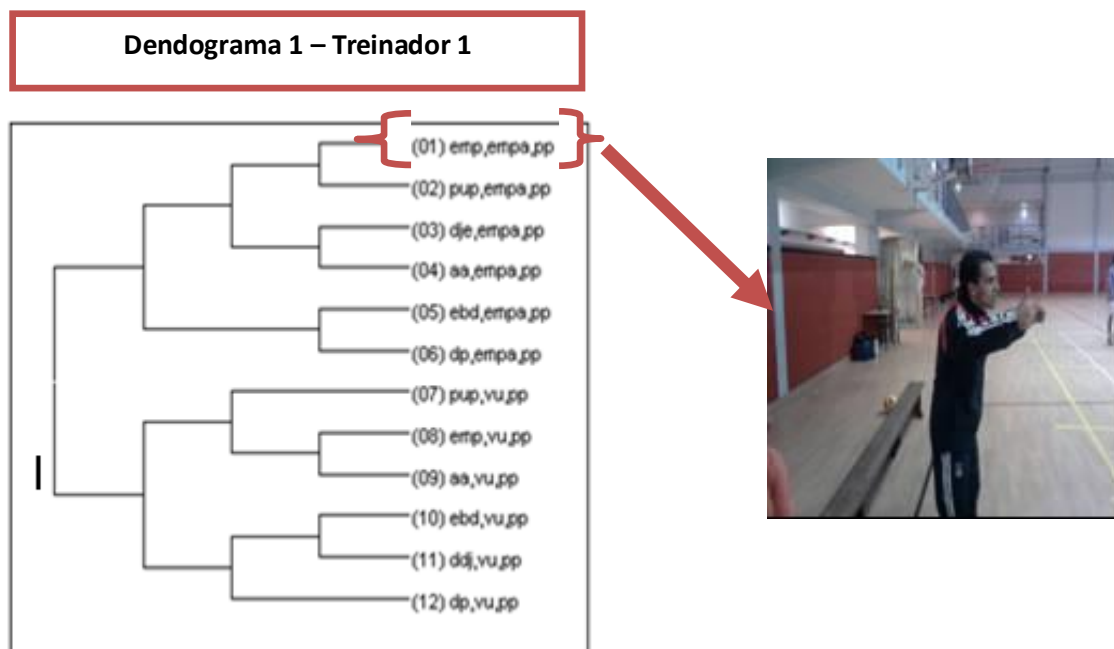


Figura 5

01-02 – Após uma má prestação de um atleta, o treinador encoraja-o, reforçando-o positivamente. O atleta desagradoado com a sua prestação, diz palavrões e o treinador permanece passivo.

05-06 – O treinador elogia o bom desempenho de um atleta seu, contudo, esse reforço é acompanhado do uso de palavrões.

07-08-09 – Após uma má prestação, o atleta diz palavrões e o treinador permanece calado. Posteriormente reconforta o atleta, elogiando o seu desempenho e elogia também o atleta adversário responsável pela má prestação do seu jogador.

10-11-12 – O treinador elogia uma boa prestação do seu atleta. Todavia, dessa prestação resulta uma decisão do árbitro que o treinador discorda, mostrando o seu desagrado com a utilização de palavrões.

Conclusão:

A análise deste dendograma permite-nos compreender que o treinador tenta ter sempre uma postura positiva perante os erros dos seus atletas, incentivando-os quando estes erram. Assim, verifica-se um número elevado de comportamentos de suporte afectivo positivo, o que poderá ter influência na adopção de comportamento de *fair play*.

Dendograma 2 – Treinador 1

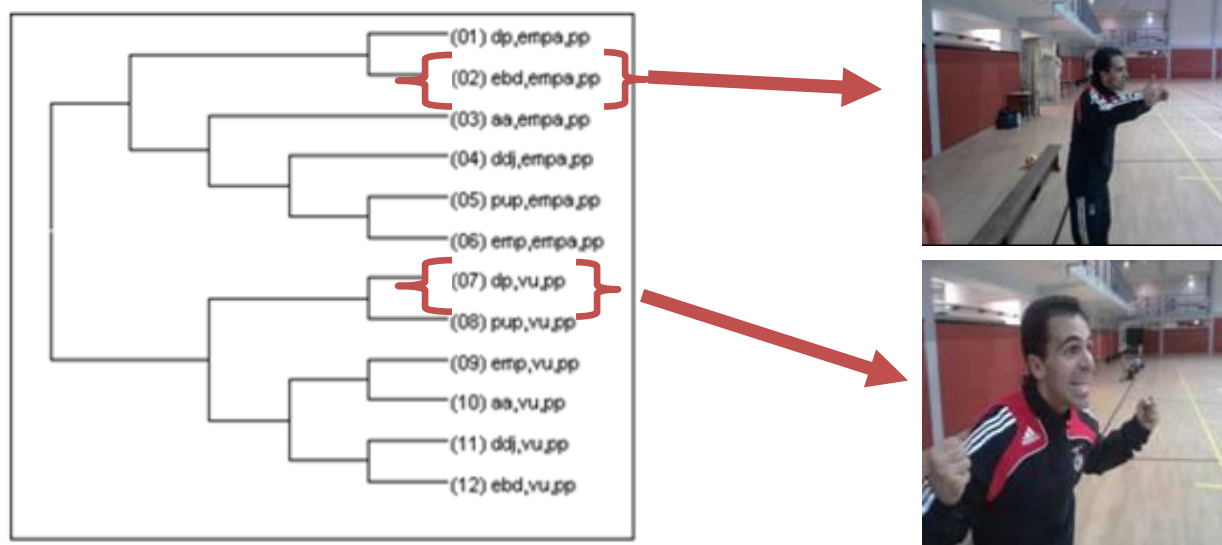


Figura 6

01-02 – Após uma boa jogada da equipa o treinador diz um palavrão e de seguida elogia o bom desempenho do seu atleta.

07-08 – Após uma jogada o treinador usa palavrões e permite que os seus atletas o façam.

09-10 – Depois de uma jogada menos conseguida por parte de um atleta, o treinador encoraja-o e posteriormente aplaude o adversário responsável por essa prestação.

11-12 – Após uma boa jogada de um atleta seu, o árbitro toma uma decisão, levando o treinador a discutir com o mesmo. Posteriormente reforça positivamente a jogada do atleta.

Conclusão:

Este dendograma revela por parte do treinador um reforço positivo de todas as acções de jogo dos seus atletas. Todavia, evidencia que muitas vezes este reforço positivo é realizado com suporte a palavrões. Significa que este reforço positivo se consubstancia em vocabulário pouco aconselhado a quem trabalha na formação de jovens.

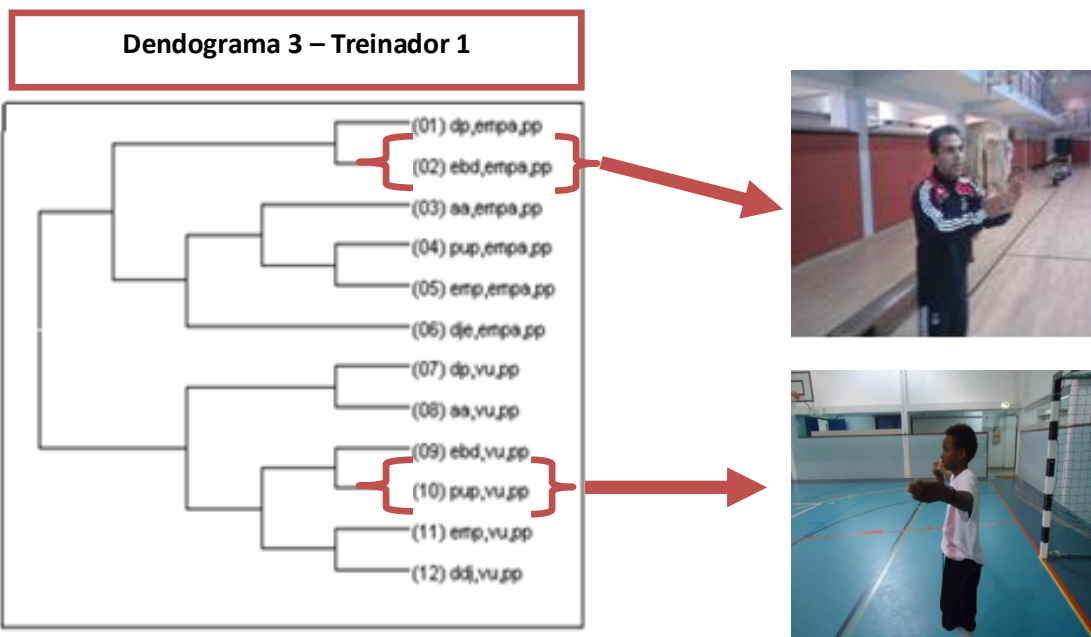


Figura 7

07-08 – Após uma determinada jogada da sua equipa, o treinador diz um palavrão e de seguida elogia um bom desempenho da equipa adversária.

09-10 – Depois de um bom desempenho de um atleta, o treinador reforça-o positivamente, mas o atleta sente-se frustrado e diz um palavrão, sem que o treinador o repreenda.

11-12 – Depois de uma jogada menos conseguida de um atleta o treinador reconforta-o. Todavia, dessa jogada surge uma decisão do árbitro, da qual o treinador discorda.

Conclusão: A análise deste dendograma permite-nos compreender que sempre que o atleta erra o treinador o reforça positivamente. Todavia, perante este erro, o atleta sente-se frustrado e diz palavrões, sem que o treinador repreenda este comportamento, por o considerar normal.

Dendograma 4 – Treinador 1

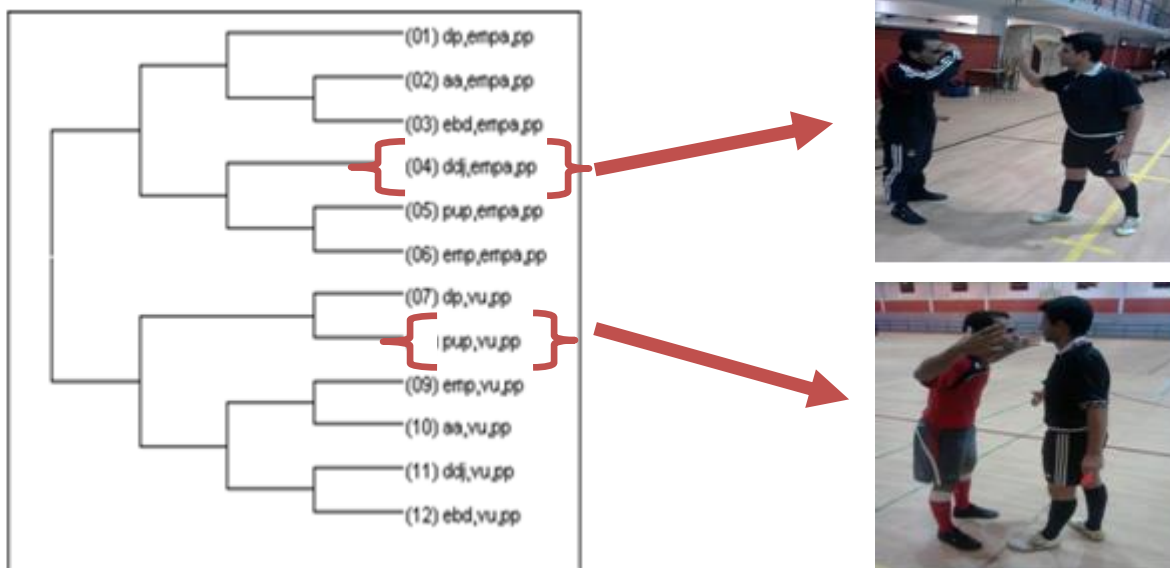


Figura 8

01-02-03 – Após uma boa jogada, o treinador diz um palavrão. Seguidamente elogia o bom desempenho do atleta adversário e também do seu atleta.

04-05-06 - Depois de uma decisão do árbitro, o treinador tem uma reacção negativa contestando essa decisão, levando os seus atletas, por arrasto, a dizerem palavrões. Posteriormente, encoraja o atleta, dando-lhe ânimo.

11-12 – Depois de uma boa jogada da equipa, o árbitro toma uma decisão e o treinador contesta-a. De seguida, reforça positivamente o desempenho do seu atleta.

Conclusão:

Este dendograma demonstra que o treinador por vezes contesta as decisões do árbitro, levando a que os seus atletas adoptem o mesmo comportamento. De facto, quando o treinador, que é o modelo, assume um comportamento de discussão, acaba por incentivar os seus atletas a fazerem o mesmo. Todavia, o mais grave é que, perante este desrespeito dos atletas para com o árbitro, o treinador permanece passivo.

Dendograma 5 – Treinador 1

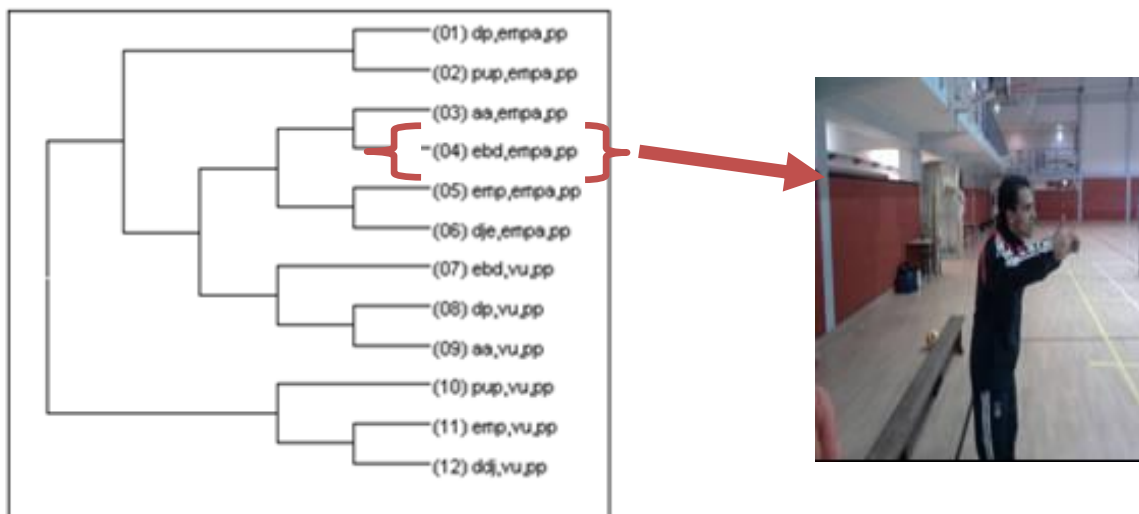


Figura 9

07-08-09 – Depois de uma boa jogada, o treinador elogia o bom desempenho do seu atleta, mas não resiste ao uso de palavrões. De seguida, aplaude também o bom desempenho dos atletas adversários.

10-11-12 – Após uma determinada jogada, o atleta, diz palavrões e o treinador permite. Depois encoraja-o pelo seu desempenho, para logo de seguida discutir a decisão do árbitro que esteve na origem

Conclusão:

Este dendograma permite-nos compreender que o treinador não somente elogia o bom desempenho dos seus atletas, como também o dos atletas adversários, demonstrando uma conduta de desportivismo. Significa que este treinador dá valor a todas as acções correctas que acontecem dentro do campo, sejam realizadas pelos seus atletas, ou pelos atletas adversários. Evidencia uma grande conduta de *fair play*.

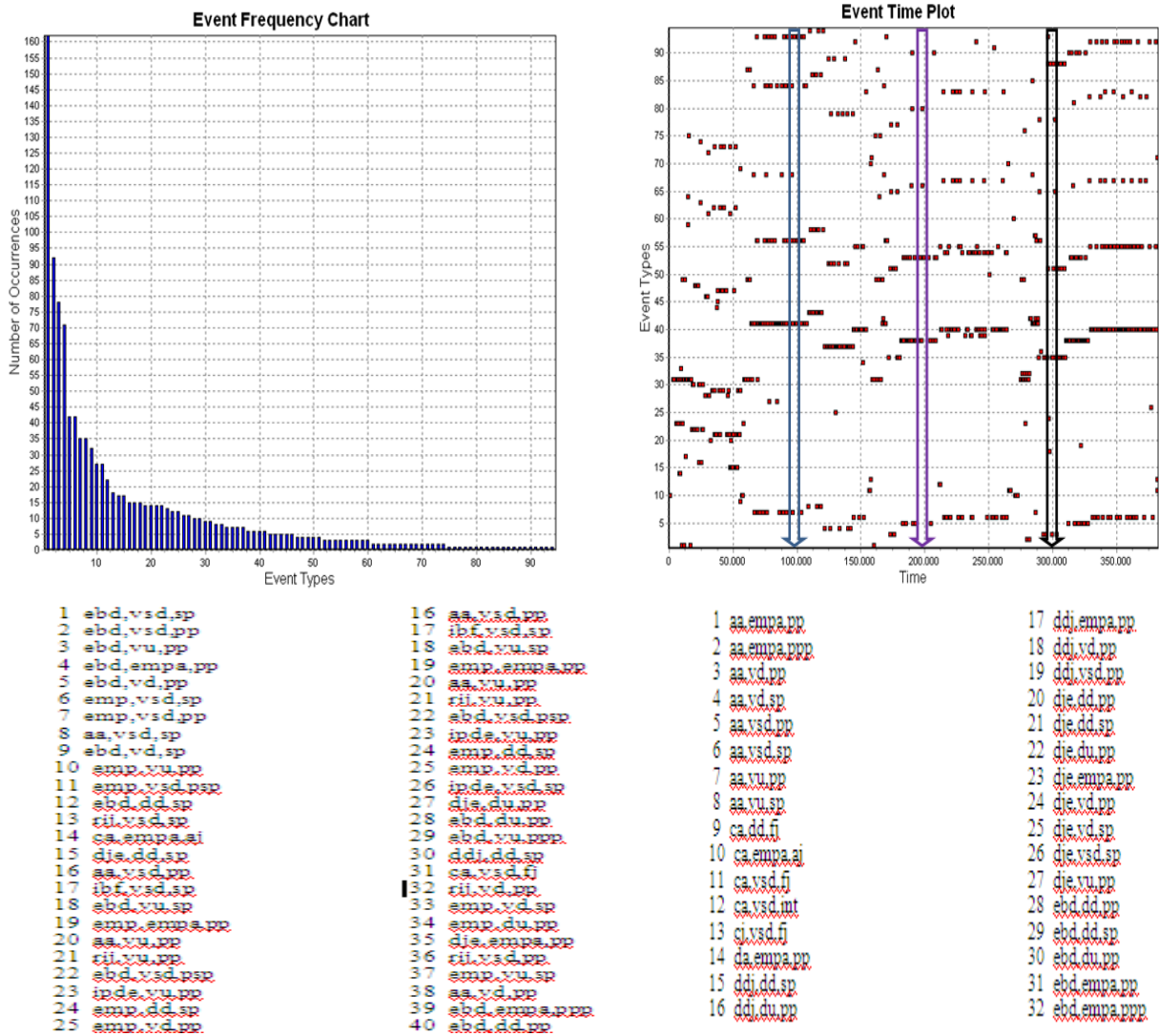
Conclusão Geral do Treinador 1

A análise deste treinador permite-nos concluir que o mesmo apresenta mais comportamentos de promoção de *fair play* quando o resultado desportivo é uma vitória, ou seja, o treinador é mais elogioso para com os seus atletas quando está a vencer. Ao invés, apresenta mais comportamentos anti desportivos sempre que o resultado é negativo, nomeadamente, diz mais palavrões, desrespeita mais vezes os seus atletas e o árbitro.

Conclui-se que o resultado desportivo condiciona o comportamento do treinador, ou seja, o treinador apresenta mais condutas de *fair play*, quanto mais vantajoso for o resultado.

4.1.2. Análise do comportamento do Treinador 2

Treinador com formação superior em Educação Física



Figuras 10 e 11- Tendências de Actuação do Treinador 2

A análise dos dendogramas patenteia uma conduta promotora dos princípios do *fair play*. De facto, este treinador repudia qualquer tipo de discussão com os árbitros (**rij**), aconselhando calma aos seus atletas.

O treinador revela muitos comportamentos de índole afectiva positiva para com os seus atletas, nomeadamente, reforçando-os quando realizam boas prestações (**ebd**) e encorajando-os quando erram (**emp**) (Ver Figura 10). De facto, estas condutas vão ao encontro daquilo que é referido na literatura, onde se afirma que atletas motivados, terão menos probabilidade de incorrer em comportamentos desajustados. Parece que o

treinador utiliza este comportamento de reforço, não apenas no sentido de motivar os seus atletas, mas também com a preocupação de prevenir o aparecimento de comportamentos inadequados. De destacar que este treinador elogia também, os bons desempenhos dos atletas da equipa adversária (**aa**), o que pode indiciar a sua contribuição para a valorização do espectáculo. Na verdade, este comportamento indicia uma atitude positiva perante a partida, pois o treinador reconhece que as boas prestações dos adversários também são benéficas para o espectáculo e que por isso, também devem ser reforçadas. Parece-nos que este comportamento pode, à partida, prevenir também o aparecimento de condutas desajustadas por parte dos adversários que se sentirão motivados ao receberem elogios do treinador adversário.

Quando um adversário se lesiona, o treinador incita os seus atletas a colocarem a bola fora (**ibf**) e pede ao atleta faltoso que peça desculpa ao adversário lesionado (**ipd**) (Ver Figura 10). Mais uma vez este treinador demonstra uma excelente conduta na promoção do *fair play*, ao mostrar incondicional respeito pelos atletas das equipas adversárias, Ele não somente encoraja os atletas a colocarem a bola fora do campo quando algum adversário está lesionado, como solicita ao atleta faltoso que peça desculpas ao adversário que ficou lesionado. De facto, um dos pilares do *fair play* assenta no respeito pelos adversários e este treinador revela uma excelente atitude para com eles. O facto de se tratar de um jogo de jovens, pode também impelir ainda mais o treinador a adoptar este comportamento positivo.

Contudo, aquilo que em nosso entender mais deve ser destacado é a quase ausência de comportamentos despromotores de *fair play* evidenciados por este treinador, Na verdade, os dendogramas acima visionados, não deixam evidente qualquer conduta anti *fair play*, pelo facto de estas terem ocorrido em número tão reduzido. Este é um treinador que respeita os seus atletas e os adversários e o árbitro.

Respeita quase sempre as decisões do árbitro e assume uma conduta muito educativa, ao não utilizar qualquer tipo de vocabulário incorrecto. Em vez disso, encoraja muito as prestações dos seus atletas e também a dos adversários, deixando a ideia de que defende o espectáculo desportivo.

O seu comportamento em campo deixar antever uma postura positiva perante a prática desportiva, concentrando a sua atenção na melhoria dos aspectos de jogo, na motivação dos seus atletas, não se centrando apenas, na obtenção da vitória. Mostra, por isso, uma postura serena em todos os momentos da partida e perante todos os cenários.

A) Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do resultado)

O treinador 2 revela mais comportamentos de suporte afectivo positivo quando está a vencer (**ebd,vsd,sp**), do que quando está empatado (**ebd,emp,sp**) (Ver Figura 10), independentemente de estar a vencer por um, dois ou mais golos. Esta situação pode revelar uma postura mais positiva por parte do treinador quando o resultado é aquele que é pretendido. No fundo, o facto de estar a vencer confortavelmente, poderá ser sinónimo de um melhor desempenho por parte dos atletas, levando o treinador a elogiar mais vezes as suas prestações. Outra das possíveis razões para este comportamento prende-se com o facto de quando o resultado é mais favorável, liberta o treinador da pressão do sucesso desportivo, permitindo-lhe dar mais relevância às acções dos seus atletas.

O comportamento “**aplaudir os adversários**” ocorre com maior frequência quando o treinador está a ganhar por mais de dois golos (**aa,vsd,sp**), do que quando está a ganhar somente por um ou dois golos (**aa,vu,sp**) (Ver Figura 10). Na verdade, o treinador elogia mais vezes o desempenho do adversário quando o resultado lhe é confortável. Esta situação poderá ser explicada pelo facto do treinador se apresentar mais descontraído quando a vitória já não está posta em causa, permitindo-lhe tirar maior prazer do jogo, nomeadamente das boas prestações dos seus adversários. Nestes momentos em que a vitória é praticamente garantida, o treinador passa a dar valor não apenas ao desempenho da sua equipa, mas valoriza todo o espectáculo. Todavia, importa realçar que de todos os treinadores da amostra, este é o único a evidenciar este comportamento.

A conduta “**repudia injúrias para com o árbitro**” ocorre com maior frequência quando a equipa está a ganhar por mais de dois golos (**rij,vsd,sp**), do que quando está a ganhar somente por um (**rij,vu,sp**) (Ver Figura 10).

O facto de a vitória ser praticamente um dado adquirido quando está a vencer por dois, pode explicar esta conduta do treinador, que estando mais calmo, consegue intervir junto dos seus atletas, reprovando discussões com o árbitro da partida. Além disso, ao estar a vencer confortavelmente, não justifica discutir com o árbitro, correndo o risco de haver expulsões. Parece que o resultado desportivo volta a ter influência na adopção desta conduta. Contudo, estranha-se que os atletas tenham a tendência de

discutir mais com o árbitro quando estão a ganhar confortavelmente, do que quando a vitória é por valores mais reduzidos.

O comportamento “**incentivar os seus atletas a colocarem a bola fora do campo**”, ocorre com maior frequência quando o treinador vence por mais de dois golos (**ibf,vsd,sp**), comparativamente a quando está a vencer por um golo (**ibf,vu,sp**), ou mesmo quando está a perder (**ibf,du,sp**) (Ver Figura 10). Parece-nos que um resultado volumoso favorável, liberta o treinador da pressão da vitória, emergindo um comportamento de maior apreço pelos adversários. De facto, quando a vitória é tangencial, ou quando o resultado é desfavorável, o treinador concentra a sua atenção nos comportamentos que possam conduzir à vitória, não sobrando grande espaço para a manifestação de condutas promotoras de *fair play*. A necessidade de ganhar, às vezes, pode ditar o tipo de comportamentos do treinador.

A conduta “**desrespeita os seus jogadores**” ocorre com maior frequência quando o treinador está a perder pois dois golos (**dje,dd,sp**), do que quando está empatado (**dje,emp,sp**), ou a vencer por um (**dje,vu,sp**) (Ver Figura 10). Na verdade, somente em um jogo, este treinador esteve a perder. Verifica-se uma maior propensão para fazer avaliações negativas do desempenho dos atletas quando está a perder. O resultado negativo poderá ter influência nesta situação, gerando níveis de ansiedade no treinador, levando-o a adoptar comportamentos de índole negativa. Parece que novamente o resultado desportivo condiciona o comportamento do treinador que é tanto mais negativo, quando mais desfavorável é o resultado.

Assim, parece que o resultado é uma variável importante na adopção de comportamentos anti ou a favor do *fair play*, pois quando mais favorável é, maior a frequência de condutas de *fair play*. Ao invés, quanto mais desfavorável é o resultado, mais surgem condutas desajustadas. De referir que este treinador apenas esteve a perder por uma ocasião.

B) Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do momento do jogo e do resultado)

Como vamos poder verificar, as condutas do treinador são muitas vezes influenciadas pelo momento e resultado do jogo.

Assim, a conduta “**elogia um bom desempenho**” aparece mais vezes quando o treinador está a ganhar por mais de dois golos na segunda parte (**ebd,vsd,sp**), do que

quando o resultado é igual durante a primeira parte (**ebd,vsd,sp**) (*Figura10*). O facto de se estar a ganhar confortavelmente e de o jogo estar a caminhar para o final, pode dar ao treinador uma sensação de maior segurança em relação ao resultado. Desta forma, é possível que o comportamento de elogio aos seus atletas, apesar de estar a ganhar, surja mais vezes já no decorrer da segunda parte.

Em relação ao comportamento “**elogia uma má prestação**”, ocorre o mesmo do que com o anterior. Este também aparece com maior frequência quando a vitória é superior a dois golos no decorrer da segunda parte (**emp,vsd,sp**), do que quando o resultado é o mesmo mas no decorrer da primeira parte (**emp,vsd,sp**) (Ver Figura 10). Parece-nos que o factor “momento do jogo” pode voltar a explicar esta situação. O treinador está mais permeável a elogiar uma má prestação do seu atleta quando o resultado e o momento do jogo indiciam uma vitória, do que na primeira parte, quando ainda falta muito tempo de jogo, Na verdade, o treinador pode estar mais susceptível a desculpar más prestações dos seus atletas quando já praticamente nada pode por o resultado em causa, do que quando o resultado é ainda uma incerteza. Parece mais fácil ser-se compreensivo para com os erros dos atletas, quando estes não colocam em questão o resultado desportivo.

O treinador “**repudia injúrias ao árbitro**” com maior frequência quando está a ganhar por dois golos no decorrer da segunda parte, do que quando está a ganhar por um golo no decorrer da primeira parte (Ver Figura 10). Parece-nos que o momento do jogo associado ao resultado pode explicar novamente esta situação. A vencer por dois golos no decorrer da segunda parte, é de facto uma situação confortável que na percepção do treinador não justifica discussões com o árbitro, pois destas apenas podem advir expulsões, numa fase em que o jogo está favorável.

Em relação ao comportamento “**incentivar a pedir desculpas**”, este aparece mais vezes quando está a ganhar no decorrer da primeira parte, do que no decorrer da segunda parte (Ver Figura 10). Este dado pode parecer antagónico relativamente a tudo aquilo que se vem dizendo. Todavia, este comportamento só surge em consequência de faltas cometidas pelos atletas. Assim, o treinador só pode incentivar a pedir desculpas, depois da existência de conduta faltosa. No nosso trabalho, não fizemos a estatística de faltas que nos permitisse dizer em que partes do jogo, estas ocorreram com maior frequência. Todavia, a explicação para esta situação pode ficar a dever-se ao facto de terem existido mais faltas na primeira parte dos jogos.

Concluindo, este treinador apresenta uma conduta muito ajustada no que diz respeito à promoção do *fair play* em todos os momentos do jogo e perante os diversos cenários.

Dendograma 1 – Treinador 2

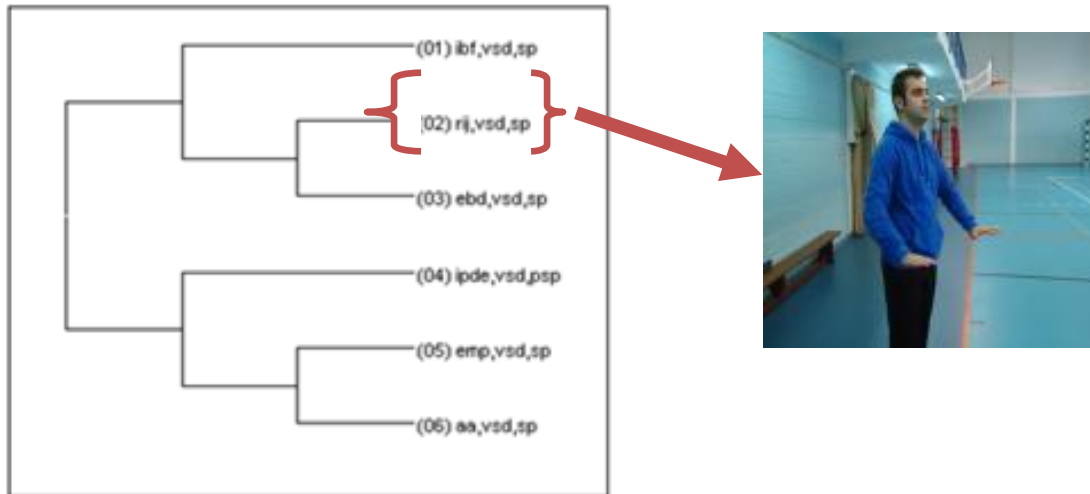


Figura 12

02-03 – O treinador repudia injúrias ao árbitro. O atleta reconhece o erro, e o treinador elogia esse comportamento.

05-06 – O treinador elogia uma má prestação de um atleta, incentivando-o. Depois disso, aplaude o adversário que foi o responsável pela má execução do seu atleta.

Conclusão: A análise deste dendograma permite-nos compreender que o treinador não permite que os seus atletas tenham comportamentos anti-desportivos para com o árbitro. Sempre que estes surgem, o treinador intervém de imediato

Dendograma 2 – Treinador 2

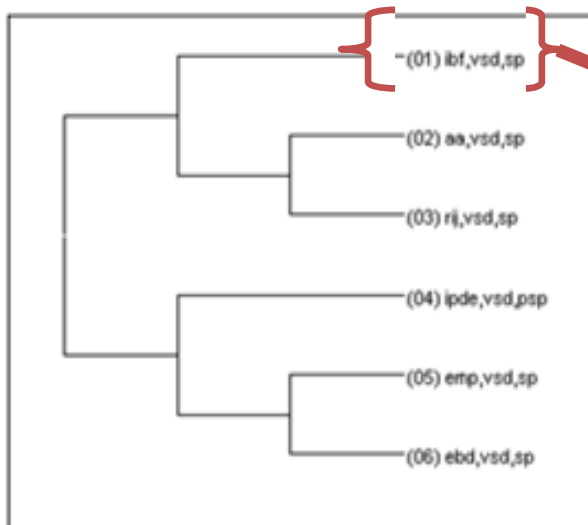


Figura 13

01-02-03- Após a lesão de um jogador da equipa adversária, o treinador incentiva os seus atletas a colocarem a bola fora do campo. Depois, aplaude e encoraja o atleta adversário lesionado no solo. Enquanto o seu atleta discute, o treinador repudia desde logo esse comportamento, procurando acalmar o atleta.

05-06 – O treinador elogia o seu atleta após uma má prestação. Logo de seguida, elogia positivamente o seu atleta que “remediou” o erro do colega.

Conclusão: Este dendograma demonstra todo o desportivismo do treinador que encoraja o atleta adversário quando este está lesionado no chão.

Dendograma 3 – Treinador 2

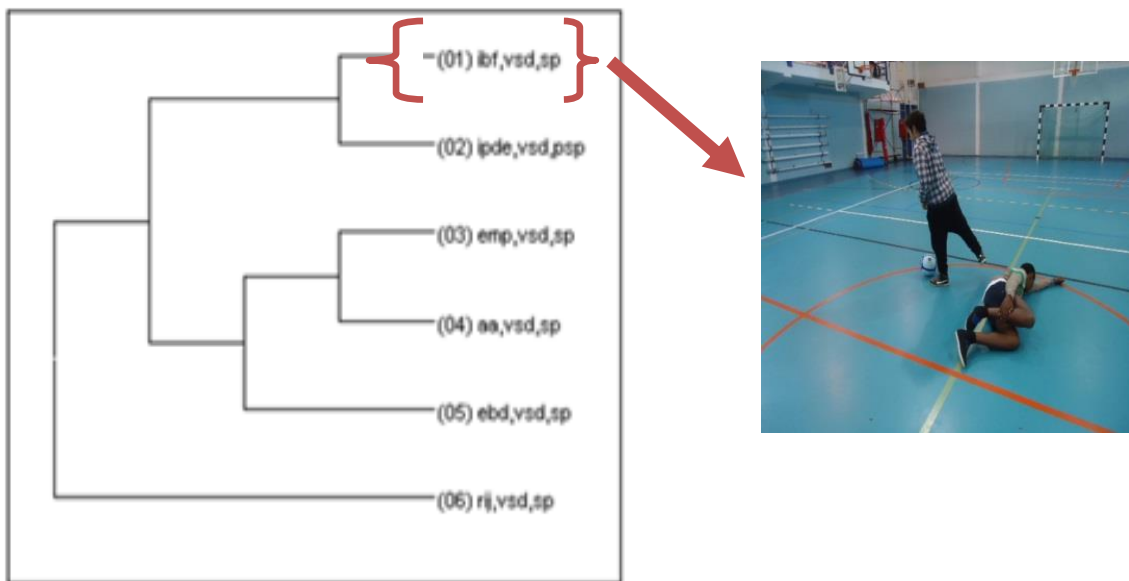


Figura 14

01-02 – Após o atleta adversário cair lesionado no chão, o treinador incentiva os seus jogadores a colocarem a bola fora. Depois, diz ao atleta que cometeu a falta que peça desculpas ao adversário que ficou lesionado.

Conclusão: O treinador revela uma conduta muito positiva, pois incita os seus atletas a colocarem a bola fora quando o adversário está lesionado, encorajando-os, ainda, a pedirem desculpas. Revela um excelente comportamento na promoção do *fair play*.

Dendograma 4 – Treinador 2

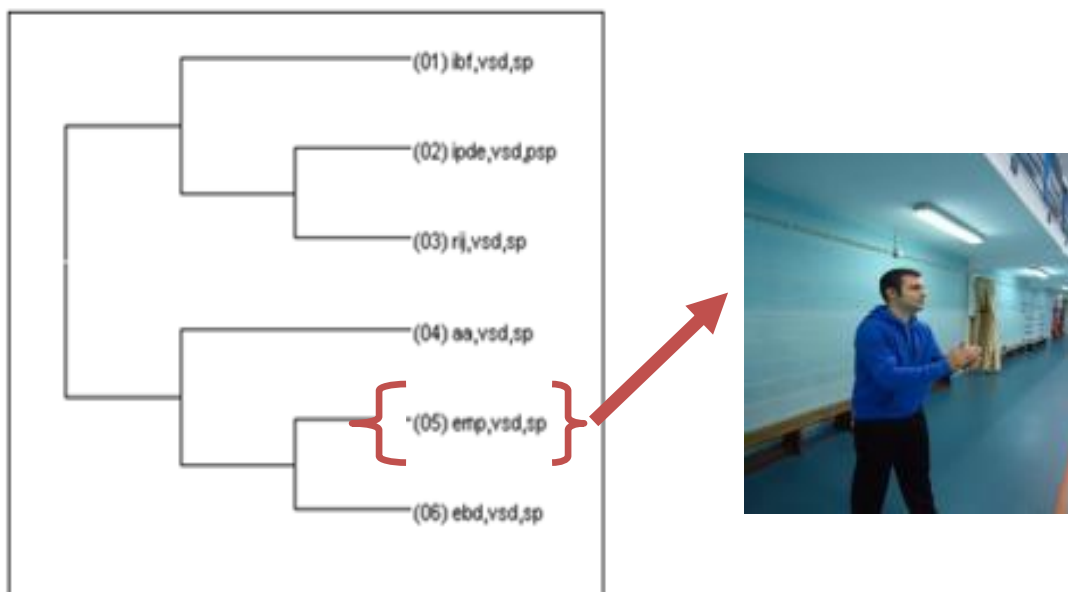


Figura 15

01-02-03 – Após a lesão de um adversário, derivada de falta de um atleta seu, o treinador incentiva os atletas a colocarem a bola fora e a pedir desculpas ao adversário. De seguida, após discussão com o árbitro por parte dos atletas, o treinador repudia esse comportamento, aconselhando moderação.

04-05-06- Após uma boa jogada da sua equipa, o treinador elogia a boa intervenção do adversário e também o bom desempenho dos seus atletas.

Conclusão: Este dendograma evidencia uma conduta positiva do treinador perante uma boa jogada da sua equipa, mas também perante um bom lance do adversário. Significa que o treinador dá relevância a todas as boas acções realizadas em campo, independentemente de quem as realiza.

Dendograma 5 – Treinador 2

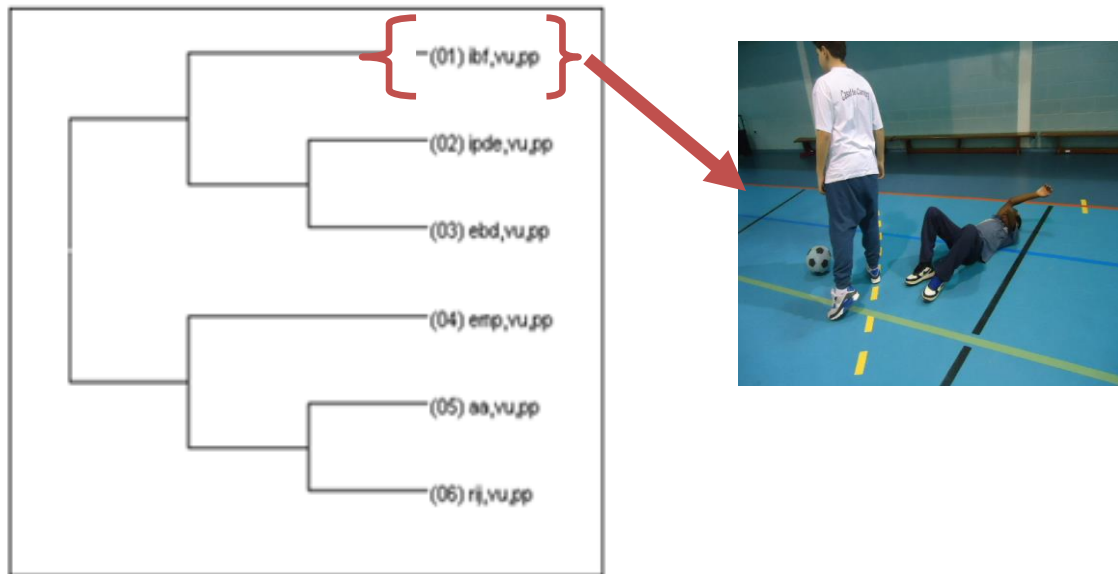


Figura 16

01-02-03 – Após a queda de um jogador adversário no solo, o treinador incentiva os seus atletas a colocarem a bola fora, e logo de seguida a pedirem desculpas ao seu adversário. O atleta acata a decisão do treinador e ele elogia esse comportamento do atleta.

Conclusão: Mais uma vez se evidencia uma excelente conduta por parte do treinador que após uma falta realizada por um dos seus atletas, não somente encoraja a colocar a bola fora, como incita o atleta a pedir desculpas ao adversário. Afirma-se como uma conduta altamente educativa, por parte do treinador.

Conclusão Geral do Treinador 2

A análise deste treinador permite-nos concluir que o mesmo apresenta um comportamento muito positivo no que diz respeito à promoção do *fair play*. Apresenta um comportamento elogioso para com os seus atletas em todos os momentos do jogo, independentemente do resultado. Além disso, elogia também os bons desempenhos dos adversários, revelando uma postura positiva perante a competição.

Conclui-se, desta forma, que este treinador revela um comportamento de promoção do espírito de *fair play*.

4.1.3. Análise do comportamento do Treinador 3

Treinador com formação superior em Educação Física

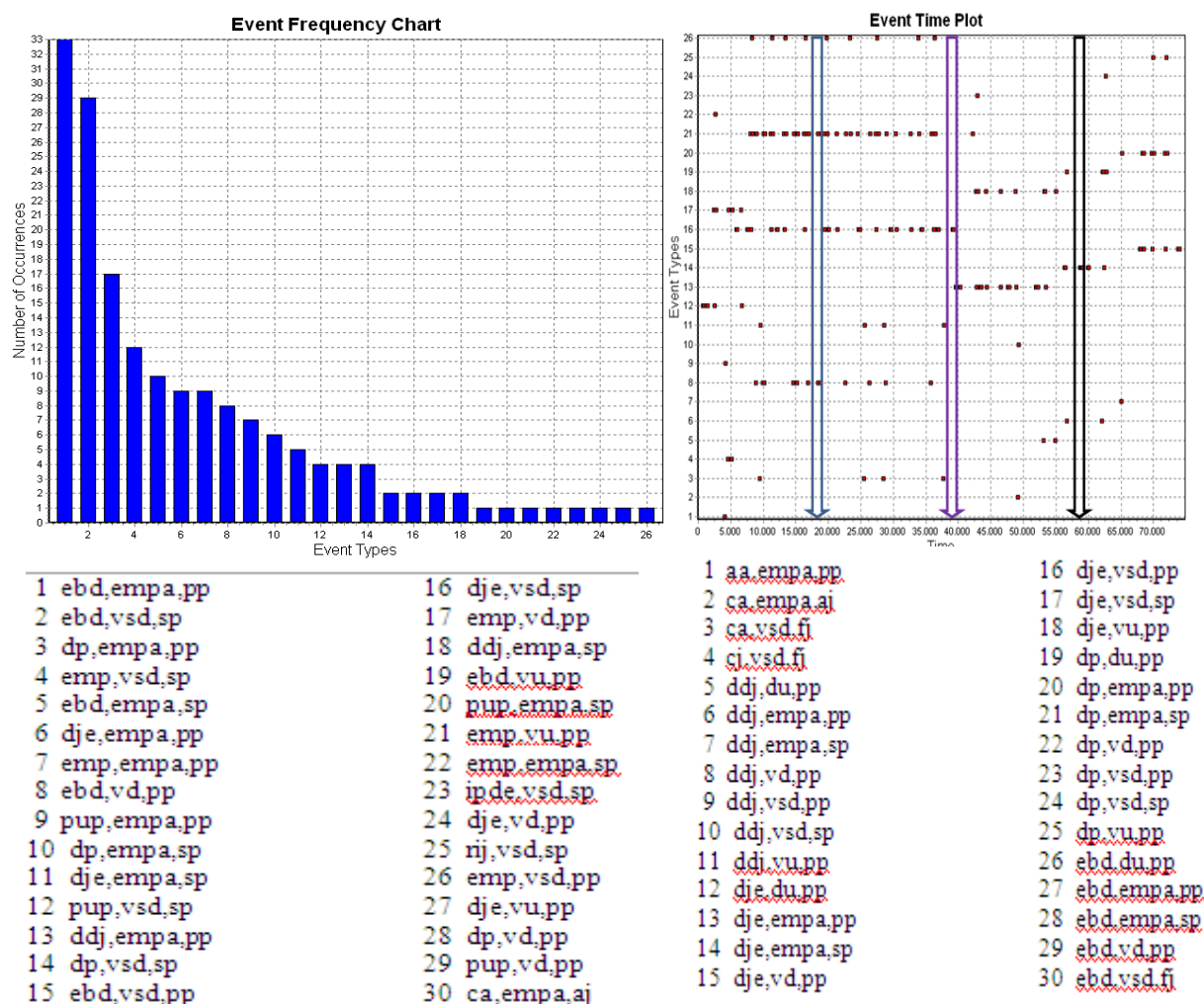


Figura 17 e 18 - Tendências de Actuação do Treinador 3

A) Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do resultado)

O treinador “**elogia más prestações**” com maior frequência quando o resultado é a vitória por um golo (**emp,vu,pp**), do que quando está a ganhar por dois ou mais golos (**emp,vd,pp**) (Ver Figura 17). Poderá inferir-se que o treinador sente a necessidade de encorajar mais os seus atletas após maus desempenhos, quando o resultado é pouco confortável, ou seja, quando a vitória não é garantida. Assim, no intuito de moralizar os seus atletas quando o resultado é incerto, o treinador anima-os mesmo perante maus desempenhos. Todavia, quando a vitória é praticamente um dado adquirido, o treinador encoraja menos vezes os seus atletas, porque à partida os erros cometidos por eles, não irão provocar grandes mudanças no resultado final. Todavia, há um dado que não deixa

de ser curioso, nomeadamente o facto de não se verificarem comportamentos de incentivo quando o resultado é um empate.

Da mesma forma, o treinador “**elogia o bom desempenho**” com maior frequência quando a equipa vence apenas por um golo (**ebd,vu,pp**), do que quando está a vencer por dois ou mais golos (**ebd,vsd,pp**) (Ver Figura 17). À imagem do comportamento anterior, o treinador volta a evidenciar mais comportamentos de suporte afectivo quando a vitória é pela margem mínima, do que quando a vitória é confortável. Parece-nos que o facto de se estar a ganhar pelo valor mínimo, acarreta uma maior pressão psicológica para os atletas, facto que o treinador tenta minimizar através do reforço das boas prestações. Parece que o factor resultado é o principal motor deste comportamento, sendo que quanto mais reduzido é o resultado, maior a taxa de comportamentos de suporte afectivo por parte do treinador. A frequência deste comportamento é mais baixa quando o resultado é mais volumoso, o que poderá indiciar que perante uma situação em que a vitória é praticamente certa o treinador sente menos necessidade em reforçar os seus atletas. Assim, este reforço positivo, poderá ter como objectivo a obtenção da vitória.

Em relação ao comportamento “**desrespeita os atletas da sua equipa**”, este aparece mais vezes quando a vitória é por um golo, do que quando é por dois golos ou por três. De facto, parece uma contradição, pois anteriormente tínhamos concluído que também reforça mais vezes as prestações dos seus atletas quando a vitória é pela margem mínima.

Contudo, a análise dos dendogramas permitiu-nos compreender que após uma desaprovação, o treinador encoraja os atletas. De facto, parece que após o comportamento de desaprovação, o treinador tenta corrigir essa situação, como que sentindo que errou. Ou seja, o treinador reage inicialmente com impulsividade, criticando a comportamento, mas logo de seguida sente a necessidade de encorajar os seus atletas, como forma de os motivar.

Todavia, não deixa de se evidenciar uma conduta pouco consistente e de alguma forma contraditória, evidenciando percentagens elevadas de comportamentos de suporte afectivo positivo e negativo.

Em relação ao vocabulário dos atletas, o “**treinador permite o uso de palavrões**” com maior frequência quando está a vencer por um golo (**pup,vu,pp**) do que quando está a vencer por dois (**pup,vd,pp**) os mais golos (Ver Figura 17). O facto de a

vitória por um golo ser menos confortável, pode levar o treinador a dar menos importância a este comportamento, sabendo que este é consequência do estado de ansiedade dos seus atletas. Pode ainda ser explicado pelo facto de o treinador estar mais concentrado nas questões tático-técnicas do jogo que podem ter influência no desenrolar da partida, descurando os aspectos educativos. Em nosso entender, o treinador pode simplesmente ignorar este comportamento por considerar que o uso de palavrões não é uma conduta reprovável, mas fruto da pressão inerente à prática desportiva.

O treinador “**discute as decisões do árbitro**” com maior frequência quando está a vencer por um golo (**ddj,vu,pp**) do que quando está a vencer por dois golos (**ddj,vd,pp**) (Ver Figura 17).

O facto de estar a vencer pela margem mínima, pode desencadear um clima de ansiedade e nervosismo no treinador, levando-o a estar mais susceptível a discutir qualquer lance do árbitro contra a sua equipa. A pressão do resultado, parece-nos ser a razão que leva o treinador a discutir mais vezes as decisões do árbitro, pois nestas circunstâncias, as capacidades discriminativas para avaliar os lances estão influenciadas pelo objectivo de vencer. O treinador pode ainda utilizar esta situação como uma estratégia de pressão sobre o árbitro, tentando tirar partido da pressão que faz sobre o mesmo que poderá em lances duvidosos decidir a favor.

No que diz respeito ao vocabulário utilizado podemos concluir que o treinador “**diz palavrões**” mais vezes quando está a vencer por um golo (**dp,vu,pp**), do que quando está empatado (**dp,emp,pp**) (Ver Figura 17). De facto, parece um comportamento contraditório à luz daquilo que temos vindo a afirmar. Seria de esperar que o treinador utilizasse um vocabulário mais desadequado quando o resultado é desfavorável, pois estará mais ansioso.

Todavia, constata-se que este vocabulário desadequado tem maior expressão quando está a ganhar. Isto pode ser explicado pelo facto de os golos serem normalmente festejados com o recurso a muitos palavrões. Na verdade, na cultura futebolística o uso de palavrões tanto serve para situações de discussão, como para revelar agrado para com os seus atletas, ou mesmo festejar golos.

B) Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do momento do jogo e do resultado)

Como poderemos verificar o resultado associado ao momento do jogo têm influência nas condutas do treinador.

Assim, o treinador **elogia más prestações** com maior frequência quando está a vencer por um golo na primeira parte (**emp,vu,pp**) do que quando está a vencer por mais de dois golos na segunda parte (**emp,vsd,sp**) (Ver Figura 17). Conclui-se que o facto de estar a vencer pela margem mínima no decorrer na primeira parte, gera mais comportamentos de suporte afectivo positivo. De facto, o treinador sente que a vitória não é ainda um dado adquirido e que convém manter os seus atletas motivados, sobretudo quando estes evidenciam más prestações. Assim, reforça as suas acções, mesmo quando estas não são as esperadas, com o intuito de mantê-los motivados. Todavia, quando a vitória é por mais de dois golos, sendo que o resultado já não está em causa, o treinador é menos afectuoso. O mesmo se passa relativamente ao comportamento **elogia o bom desempenho** que ocorre com maior frequência quando o resultado é uma vitória por um golo no decorrer da primeira parte (**ebd,vu,pp**), comparativamente a quando o resultado é uma vitória por mais de dois golos no decorrer na segunda parte (**ebd,vsd,sp**) (Ver Figura 17). Ao que parece, o treinador volta a ser mais positivo para com os seus atletas quando o resultado é menos favorável à equipa.

Em relação ao comportamento “**permite o uso de palavrões**“ este ocorre com maior frequência quando está a ganhar por um golo no decorrer da primeira parte (**pup,vu,pp**) do que quando está a vencer por mais de dois golos no decorrer da segunda parte (**pup,vsd,sp**) (Ver Figura 17). Em primeiro lugar importa salientar que este comportamento do treinador deriva sempre da conduta anterior dos seus atletas “**dizer palavrões**”. Ou seja, o treinador só pode manifestá-la se os seus jogadores utilizarem vocabulário desadequado.

Todavia, o treinador está mais permissivo ao uso de palavrões por parte dos seus atletas quando o resultado é menos favorável. Poderá ser uma estratégia do treinador que permite o uso de palavrões como forma de os seus atletas poderem exteriorizar a sua ansiedade e nervosismo. Poderá revelar também pouco interesse por parte do treinador para com esta questão, num momento do jogo onde aquilo que mais interessa é fornecer informações que permitam dilatar o resultado. Acreditamos, ainda, que o treinador possa

não intervir pelo facto de no mundo do futebol o uso de palavrões fazer parte o léxico mais usual.

Na segunda parte ocorrem menos episódios de uso de palavrões por parte dos atletas, certamente porque os resultados vantajosos diminuem a ansiedade, logo os comportamentos anti-desportivos ocorrem com menor frequência.

Em relação à conduta “**desrespeita as decisões do árbitro**” esta aparece mais vezes quando está empatado (**ddj,emp.pp**), a ganhar por um (**ddj,vu.pp**) e por dois golos (**ddj,vd.pp**) durante a primeira parte (Ver Figura 17).

Como podemos verificar os episódios de discussão para com o árbitro só aparecem no decorrer da primeira parte, não se registando algum na segunda parte. De facto, as partidas filmadas deste treinador, permitem-nos concluir que durante a segunda parte ele esteve sempre a vencer. Assim, torna-se mais fácil discutir uma decisão do árbitro quando se está empatado ou a ganhar por um na primeira parte, na medida em que há ainda uma grande imprevisibilidade do resultado. Esta incógnita do resultado poderá ser a causadora de maior stress sobre o treinador que adopta uma postura de mais discussão para com as decisões do árbitro. Na segunda parte, estando a vencer e encontrando-se o jogo cada vez mais perto do final, é normal que o treinador, não discuta, pois o resultado já não está em causa.

Dendograma 1 – Treinador 3

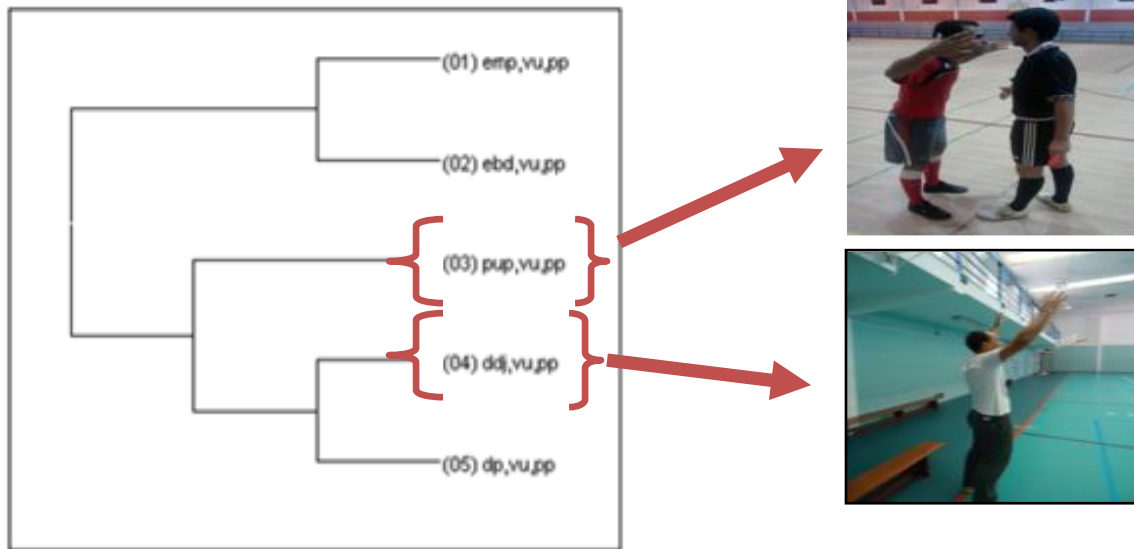


Figura 19

01-02- Após uma jogada efectuada por dois atletas seus, o treinador elogia não apenas o desempenho daquele que executou bem a tarefa, mas também aquele que executou mal.

03-04-05- Após uma determinada decisão do árbitro, o treinador permite que os seus atletas usem palavrões. Logo de seguida o próprio treinador desrespeita a decisão do árbitro e insurge-se dizendo palavrões.

Conclusão: Da análise deste dendograma podemos constatar que uma conduta de desrespeito do treinador para com o árbitro, leva a que os seus jogadores adoptem semelhante comportamento, o que nos deixa antever que os atletas assumem o comportamento do seu treinador, como um exemplo a seguir.

Dendograma 2 – Treinador 3

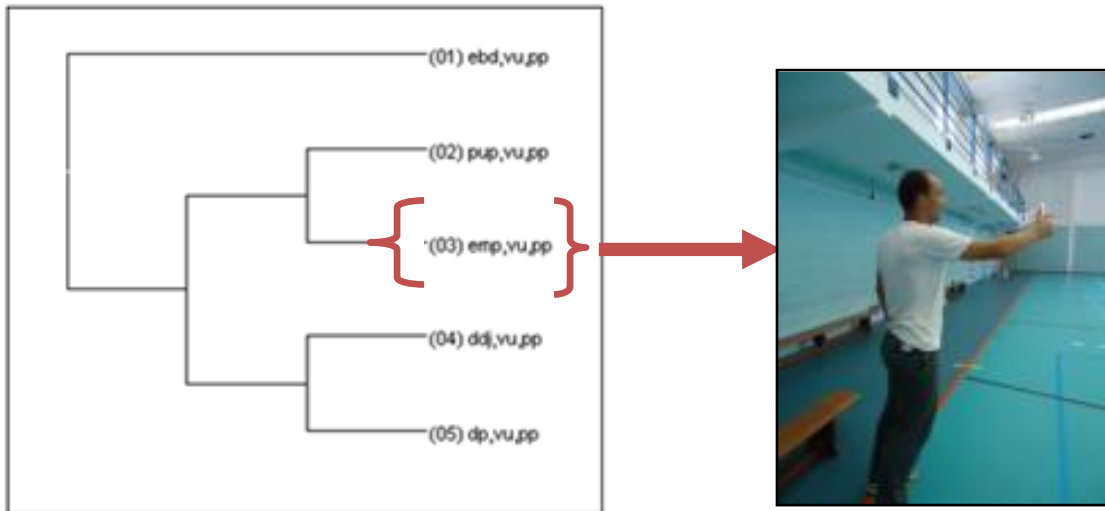


Figura 20

02-03- Depois de uma jogada mal conseguida, o atleta diz palavrões e o treinador permite esse comportamento. De seguida, reconforta o atleta, elogiando a má prestação.

Dendograma 3 – Treinador 3

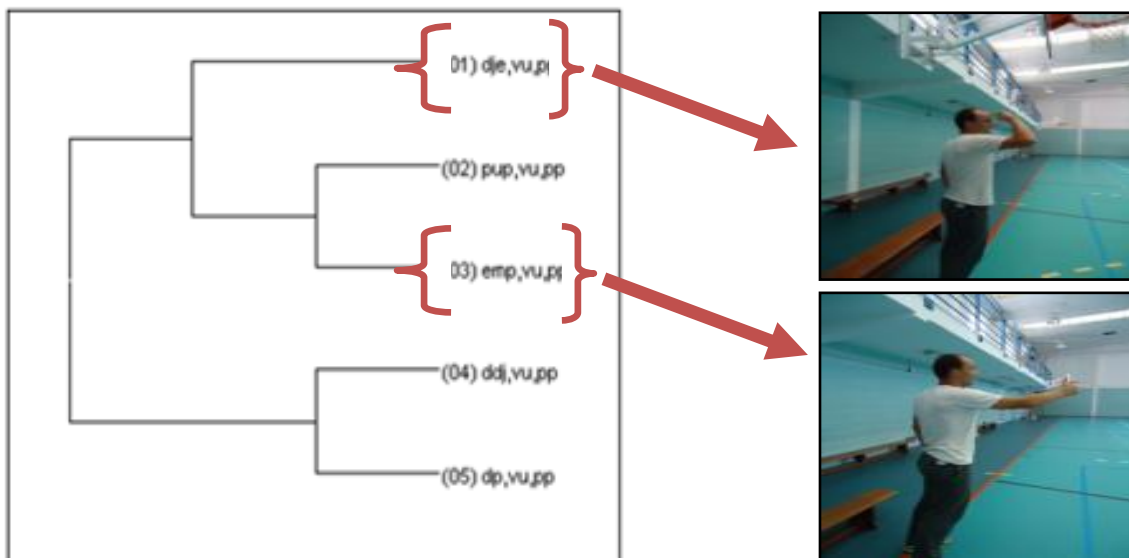


Figura 21

01-02-03 – Após uma má jogada do atleta, o treinador desrespeita-o. O atleta responde dizendo palavrões, perante os quais o treinador é passivo. Depois o treinador, já mais calmo, incentiva o atleta.

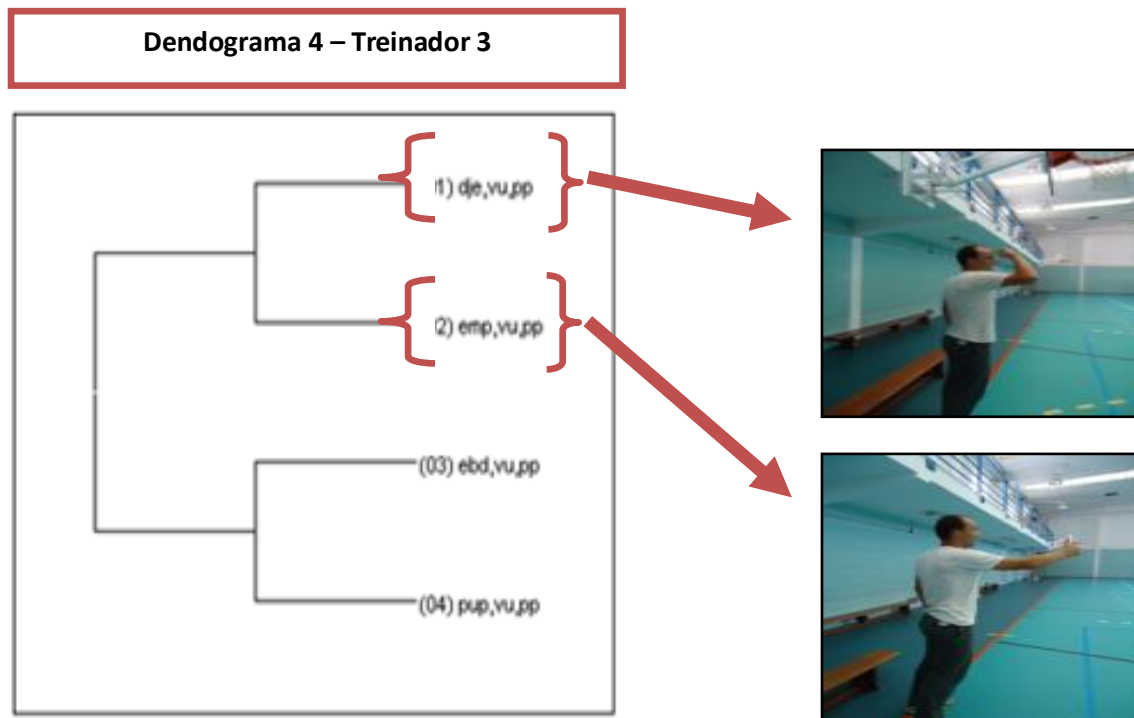


Figura 22

01-02 – Após um mau desempenho do seu atleta, o treinador desrespeita-o. Logo de seguida, o treinador, elogia esse mau desempenho.

03-04 – Após uma boa jogada de um atleta, o treinador elogia fortemente esse comportamento. O atleta, que não ficou satisfeito, diz palavrões e o treinador permite-o.

Conclusão: Ao analisarmos este dendograma, verifica-se que o treinador após repreender os seus atletas por más prestações, tenta incentivá-los através de reforços positivos. No fundo, o treinador reconhece que o seu primeiro comportamento não foi educativo e tenta emendar essa conduta.

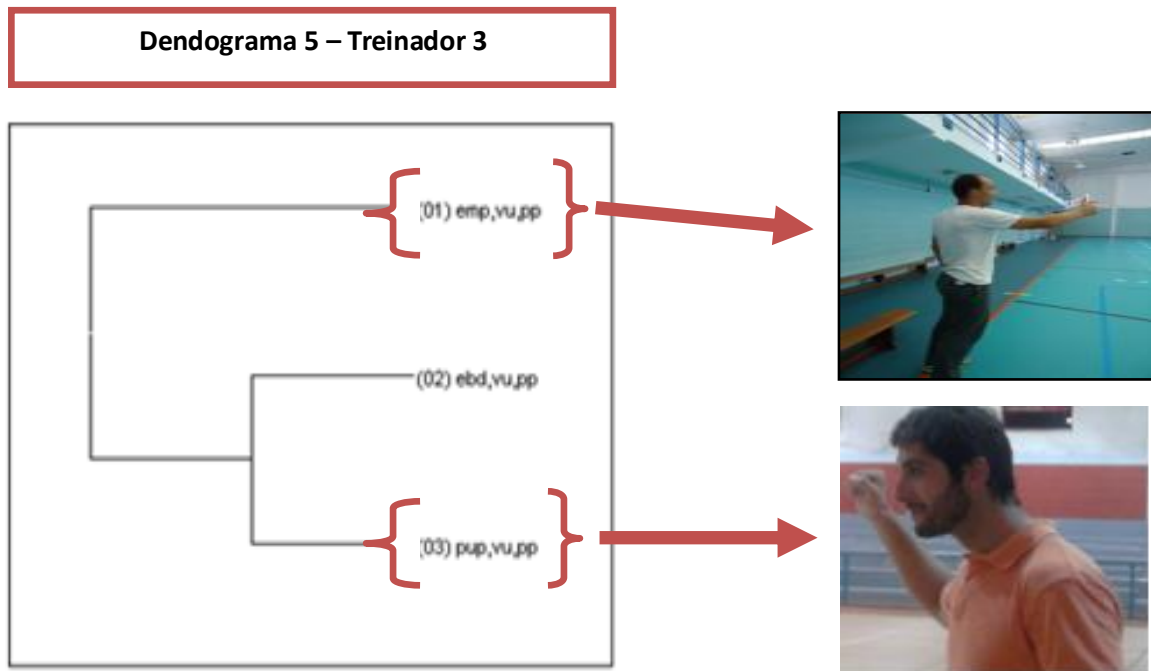


Figura 23

01-02-03 – Depois de uma má jogada da equipa, o treinador encoraja o atleta responsável por essa má execução e elogia o outro que teve um bom desempenho. Contudo, perante a frustração, o seu atleta diz palavrões e o treinador permite

Conclusão:

A Análise deste dendograma permite-nos verificar uma óptima conduta do treinador que tanto elogia os seus atletas que revelam bons desempenhos, como encoraja-os quando patenteiam más prestações. Revela-se, ainda, que os atletas após más prestações dizem palavrões e o treinador não reage.

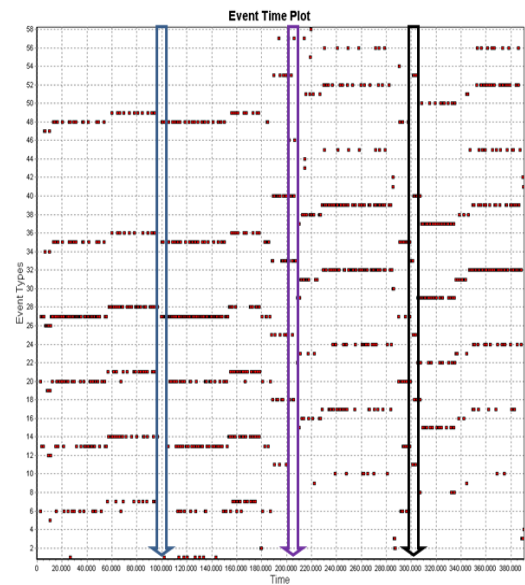
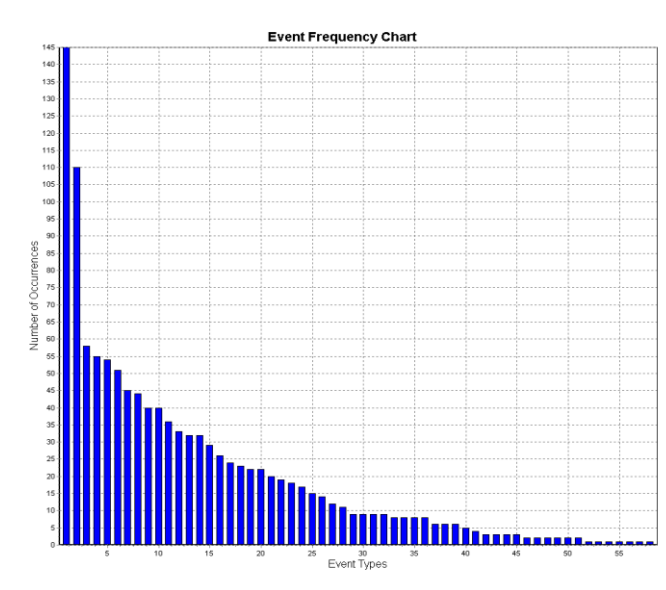
Conclusão Geral do Treinador 3

A análise deste treinador permite-nos concluir que o mesmo manifesta mais comportamentos promotores de *fair play*, como encorajar e elogiar os seus atletas, sempre que o resultado desportivo é menos favorável e confortável, revelando uma necessidade de motivar os seus atletas quando o seu desempenho é menos eficiente. Também se conclui sempre que tem um comportamento de desaprovação para com os seus atletas, de seguida encoraja-os.

Em relação aos comportamentos despromotores de *fair play*, como desrespeitar o árbitro, aparecem essencialmente quando o resultado desportivo é menos favorável ou confortável.

4.1.4. Análise do comportamento do Treinador 4

Treinador com formação superior em Educação Física



- 1 emp.vu.pp
- 2 ebd.vu.pp
- 3 ebd.vd.pp
- 4 dje.vu.pp
- 5 ebd.vsd.sp
- 6 ebd.vsd.pp
- 7 pup.vu.pp
- 8 emp.vd.pp
- 9 emp.vsd.sp
- 10 ebd.empa.pp
- 11 emp.empa.pp
- 12 ddj.vu.pp
- 13 emp.vsd.pp

- 14 dp.vu.pp
- 15 dje.empa.pp
- 16 dje.vsd.pp
- 17 dje.vd.pp
- 18 pup.vsd.sp
- 19 pup.empa.pp
- 20 pup.vd.pp
- 21 pup.vsd.pp
- 22 dje.vsd.sp
- 23 ddj.empa.pp
- 24 dp.empa.pp
- 25 ddj.vd.pp
- 26 dp.vd.pp

- 1 ddj.empa.pp
- 2 ddj.vd.pp
- 3 ddj.vu.pp
- 4 dje.empa.pp
- 5 dje.vd.pp
- 6 dje.vsd.pp
- 7 dje.vsd.sp
- 8 dje.vu.pp
- 9 dp.empa.pp
- 10 dp.vd.pp
- 11 dp.vu.pp
- 12 ebd.empa.pp
- 13 ebd.vd.pp

- 14 ebd.vsd.pp
- 15 ebd.vsd.sp
- 16 ebd.vu.pp
- 17 emp.empa.pp
- 18 emp.vd.pp
- 19 emp.vsd.pp
- 20 emp.vsd.sp
- 21 emp.vu.pp
- 22 pup.empa.pp
- 23 pup.vd.pp
- 24 pup.vsd.pp
- 25 pup.vsd.sp
- 26 pup.vu.pp

Figuras 24 e 25 - Tendências actuação do Treinador 4

A análise da tendência comportamental deste treinador, revela alguns comportamentos antagónicos. Na verdade, o treinador “**elogia os seus atletas após boas prestações**” e em alguns momentos também os “**encoraja após maus desempenhos**”. Todavia, a maioria das vezes em que os atletas têm maus desempenhos, o treinador apresenta um comportamento de desrespeito para com os mesmos. Este comportamento do treinador é de facto contraditório, pois tanto é capaz de reforçar positivamente, como depois desrespeita os atletas. Fica patente uma conduta pouco consistente por parte do treinador.

Outra das situações em que é oposta a conduta do treinador com aquilo que ele incentiva é o facto de este “**repudiar injúrias ao árbitro**”, mas ele mesmo por diversas vezes “**discutir as decisões do juiz da partida**”. Assistimos novamente a uma antítese entre aquilo que se faz e aquilo que se veicula. Pensamos que esta situação se deva ao facto de o treinador não pretender que os seus atletas se desconcentrem do jogo e também não querer que algum deles seja expulso do jogo. Assim, o treinador assume esta postura de discussão constante com as decisões do árbitro, mas pretende que os seus atletas se mantenham calmos. De facto, sendo o treinador um modelo a seguir, torna-se complicado os atletas não copiarem as condutas do treinador. Para além disso, é difícil os atletas permanecerem calmos e concentrados no jogo, quando o seu treinador manifesta comportamentos que estão em desacordo com isso.

A conduta do treinador que aparece como mais promotora do *fair play*, é o facto de “**incentivar os seus atletas a pedirem desculpas aos adversários**”, depois de uma falta, revelando algum respeito pelos opositores.

A) Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do resultado)

O treinador “**elogia o bom desempenho dos seus atletas**” com mais frequência quando o resultado é um empate (**ebd,emp,pp**) do que quando é uma vitória (**ebd,vsd,pp**) (Ver Figura 24). Parece-nos que este treinador tem em consideração de que quando o resultado é menos favorável, é necessário reforçar mais vezes positivamente o desempenho dos atletas a fim de motivá-los para a procura de um resultado melhor. Assim, este treinador apresenta mais comportamentos de suporte afectivo positivo para com os atletas quando necessita de inverter o resultado, pois sabe que a tensão nervosa é maior.

Quando está a vencer, é menos elogioso para com os atletas, pois os seus índices de motivação, em função da vitória, são mas elevados.

O comportamento “**dizer palavrões**” ocorre em maior número quando o resultado é um empate (**dp,emp,pp**), do que quando é uma vitória por dois golos (**dp,vd,pp**) ou superior a dois (**dp,vsd,pp**) (Ver Figura 24). Quando o resultado não é o desejado pelo treinador, o seu estado de ansiedade é maior, não tolerando tão bem o desenrolar do jogo. De facto, parece que o mau resultado está na base deste comportamento, pois à medida que o resultado se vai avolumando esta conduta tende a reproduzir-se menos

vezes. Fica patente, o quanto o resultado desportivo tem influência nas condutas antidesportivas deste treinador que recorre mais vezes ao uso de vocabulário desadequado em situações de mau resultado.

O treinador “**desrespeita os jogadores da sua equipa**” com maior frequência quando o resultado é um empate (**dje,emp,pp**) do que quando é uma vitória (**dje,vd,pp**) (Ver Figura 24).

De facto, o factor resultado parece novamente ter influência na conduta do treinador que tende a ser mais negativo para com os seus atletas quando o resultado não é favorável.

Na verdade um resultado indesejado, pode gerar algum desconforto no treinador, criando mais ansiedade. Todavia, o facto de a equipa não estar a ganhar, pode ficar a dever-se a más prestações dos atletas, o que poderá originar mais episódios de desaprovação por parte do treinador.

Todavia não deixa de ser curioso a seguinte situação. No parágrafo anterior dissemos que o treinador manifesta mais episódios de elogio ao comportamento dos seus atletas quando o resultado não é favorável (empate) e agora verifica-se que também manifesta mais condutas de reprovação quando o resultado é desfavorável. Estamos perante um comportamento antagónico por parte do treinador que ora elogia, ora desaprova, manifestando uma conduta pouco consistente.

O treinador “**permite o uso de palavrões**” mais vezes quando o resultado é o empate (**pup,emp,pp**), do que quando é uma vitória (**pup,vu,pp**) (Ver Figura 24).

Este comportamento do treinador surge sempre associado à conducta de dizer palavrões por parte dos atletas. Assim, esta situação pode explicar-se pelo facto de que quando o resultado é um empate, os atletas se sintam mais frustrados e recorram mais vezes a vocabulário desadequado. A ausência de comportamento do treinador perante esta situação, pode ficar a dever-se ao facto de o treinador estar mais concentrado em detalhes que possam inverter o resultado do que no vocabulário utilizado pelos seus atletas. O treinador pode também não dar importância a este comportamento, encarando-o como uma forma de os atletas se libertarem da pressão do jogo, ou aceitando-o como vocabulário tipicamente utilizado no futebol.

Na verdade, perante a necessidade de inverter o resultado do jogo, o treinador concentra mais as suas energias na procura de soluções para vencer, do que no vocabulário que os seus atletas usam.

O treinador “**desrespeita as decisões do árbitro**” com maior frequência quando o resultado é um empate (**ddj,emp,pp**), do que quando é uma vitória (**ddj,vsd,sp**) (Ver Figura 24).

Na verdade, quando o resultado é desfavorável, as decisões do árbitro parecem sempre querer prejudicar a equipa, o que poderá levar o treinador a insurgir-se mais vezes perante essas decisões. Também é verdade, que quando o resultado não é aquele que o treinador espera, este se sente mais pressionado, com maiores níveis de tensão, discutindo todas as decisões que não lhe sejam favoráveis.

Quando está a ganhar, a tranquilidade é maior, sendo mais fácil aceitar as decisões do árbitro, mesmo quando estas parecem erradas. O facto de se estar a vencer por valores confortáveis, atenuam qualquer má decisão do árbitro, pois esta não terá grande influência no resultado. Assim, este treinador é mais tolerante para com o árbitro quando está a vencer, do que quando está empatado. O factor resultado parece ter novamente influência nos comportamentos do treinador.

O treinador “**incentiva os seus atletas a pedirem desculpas**” mais vezes quando está a ganhar por mais de dois golos (**ipd,vsd,sp**), do que quando está a ganhar somente por um golo (**ipd,vu,sp**) (Ver Figura 24). Parece-nos que o resultado confortável, pode estar na origem deste comportamento. Quando a vitória está praticamente assegurada, o treinador fica mais propenso à adopção de condutas de *fair play*. Estar a vencer por mais de dois golos, deixa o treinador menos pressionado com a questão do resultado, permitindo que este adopte uma postura mais desportiva. Contudo, não deixa de ser curioso o facto desta conduta de *fair play* só surgir com grande frequência quando a vitória é superior a dois golos. Significa que mesmo estando a ganhar por um golo, a pressão do resultado mantém-se. De realçar que a conduta “**incentiva os seus atletas a pedirem desculpas**”, não ocorre em situação de empate.

Em relação ao comportamento “**repudia injúrias ao árbitro**” este ocorre mais vezes quando está a ganhar por mais de dois golos (**rij,vsd,pp**) do que quando está a ganhar somente por um golo (**rij,vu,pp**) (Ver Figura 24).

Na verdade, quando a vitória é confortável e praticamente certa, o treinador desencoraja os seus atletas a não discutirem as decisões do árbitro. Poderá querer indiciar que quando a vitória é praticamente certa, não se justifica um atleta sujeitar-se a ser advertido, sendo que por isso o treinador intervém logo após discussões com o

árbitro. Parece-nos que quando a vitória é pela margem mínima, o treinador permite mais vezes discutir com o árbitro, pois ele mesmo também o faz. Com a insegurança no resultado, os níveis de tensão são maiores e o treinador não está interessado nas faltas de desrespeito para com o árbitro, mas apenas nas estratégias que lhe permitam vencer o jogo.

B) Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do momento do jogo e do resultado)

O treinador “**elogia o bom desempenho**” mais vezes quando está empatado na primeira parte (**ebd,emp,pp**), do que quando está empatado na segunda parte (**ebd,emp,sp**) (Ver Figura 24). Parece que na primeira parte o treinador tende a evidenciar mais condutas de suporte afectivo positivo, no intuito de fornecer maior confiança aos seus atletas quando o resultado não é favorável. Assim, o treinador sente que motivando os seus atletas através do reforço das suas acções, pode influenciar o rendimento da equipa e conseqüentemente, o desenrolar do resultado. Na segunda parte com o jogo empatado o treinador é menos positivo. Parece-nos que o facto de o resultado não ser o desejável e a partida estar a caminhar para o fim, pode influenciar negativamente a conduta do treinador, gerando maiores índices de stress no mesmo, levando-o a ter uma postura mais negativa perante os seus atletas.

A conduta “**desrespeita os jogadores da sua equipa**”, parece contradizer aquilo que referimos anteriormente.

Se de facto o treinador é mais elogioso quando está empatado durante a primeira parte, também é verdade que o treinador desrespeita mais vezes os seus atletas quando está empatado durante a primeira parte, do que quando está empatado na segunda parte.

Não deixa de evidenciar um comportamento altamente contraditório, mas num mesmo momento do jogo, o treinador alterna o elogio com a reprovação. Poderá indiciar um comportamento desajustado por parte do treinador em que não existe qualquer tipo de coerência. Todavia, pode ser uma estratégia do mesmo que vai alternando o elogio e a reprovação, no sentido de desafiar permanentemente a atitude dos seus atletas. Assim, ele tanto utiliza o reforço positivo para motivá-los, como os reprova para desafiá-los a melhores prestações.

Em suma, volta a concluir-se que o treinador apresenta mais episódios de desaprovação quando está empatado durante a primeira parte, do que quando o resultado é o mesmo durante a segunda parte.

O treinador recorre mais vezes ao comportamento “**diz palavrões**” quando está empatado durante a primeira parte, do que quando está empatado durante a segunda parte (Ver Figura 24). Esta situação relaciona-se directamente com o comportamento “**desrespeita os jogadores da sua equipa**”. Normalmente associado a um desrespeito a um atleta surge o uso de palavrões, ou seja, são dois comportamentos que se associam diversas vezes. Logo, não é de estranhar que o uso de palavrões surja mais vezes na primeira parte, pois como verificámos anteriormente o desrespeito pelos seus atletas também apresenta mais episódios em igual momento do jogo.

O referido comportamento também ocorre com maior frequência quando se está a ganhar por dois golos na segunda parte, do que quando o resultado é o mesmo durante a primeira parte. De facto, verifica-se que o comportamento de dizer palavrões surge muitas vezes associado ao festejo de golos, sobretudo, em momentos mais cruciais na partida, como é o caso da segunda parte. Assim, os golos marcados na segunda parte, são normalmente o culminar da vitória, criando maior euforia. Essa euforia nos festejos é normalmente associada ao uso de vocabulário desadequado.

Este comportamento surge, ainda, associado a lances de perigo realizados pela equipa, tais como, situações de golo. Normalmente, estes lances são reforçados com o uso de palavrões. Como os lances da segunda parte são normalmente mais decisivos, poderá justificar a maior frequência no uso de palavrões.

O treinador “**permite o uso de palavrões**” mais vezes quando está empatado durante a primeira parte (**pup,emp,pp**), do que quando está empatado durante a segunda parte (Ver Figura 24). Na verdade o comportamento “**permissão do uso de palavrões**” está relacionado com o comportamento dos atletas “**dizer palavrões**”. Nesse sentido, parece-nos que o facto de se estar empatado, gera maior ansiedade nos atletas que tendem a usar vocabulário impróprio mais vezes. O treinador, porque está certamente mais concentrado na necessidade de operar uma mudança no marcador, permite o uso deste vocabulário. De destacar que em muitas ocasiões, os treinadores não dão relevância ao uso deste tipo de vocabulário utilizado pelos atletas, pois assumem-no como um factor cultural da modalidade. Outros aceitam-no como forma de libertar a pressão inerente ao jogo.

O treinador “**incentiva a pedir desculpas**” mais vezes quando está a ganhar por mais de dois golos na segunda parte (**ipde,vsd,sp**), do que quando está a vencer por um golo na primeira parte (**ipde,vu,pp**) (Ver Figura 24).

Na verdade, parece que aqui, o factor resultado confortável/momento do jogo parece ter influência no comportamento do treinador que está mais susceptível à adopção de condutas de *fair play*, quando o resultado desportivo não está em causa. Assim, o treinador quando está a vencer confortavelmente já no decorrer da segunda parte, está menos pressionado e preocupado com a questão do resultado e adopta uma conduta mais educativa, incentivando os seus atletas a pedirem desculpas ao adversário, após conduta faltosa.

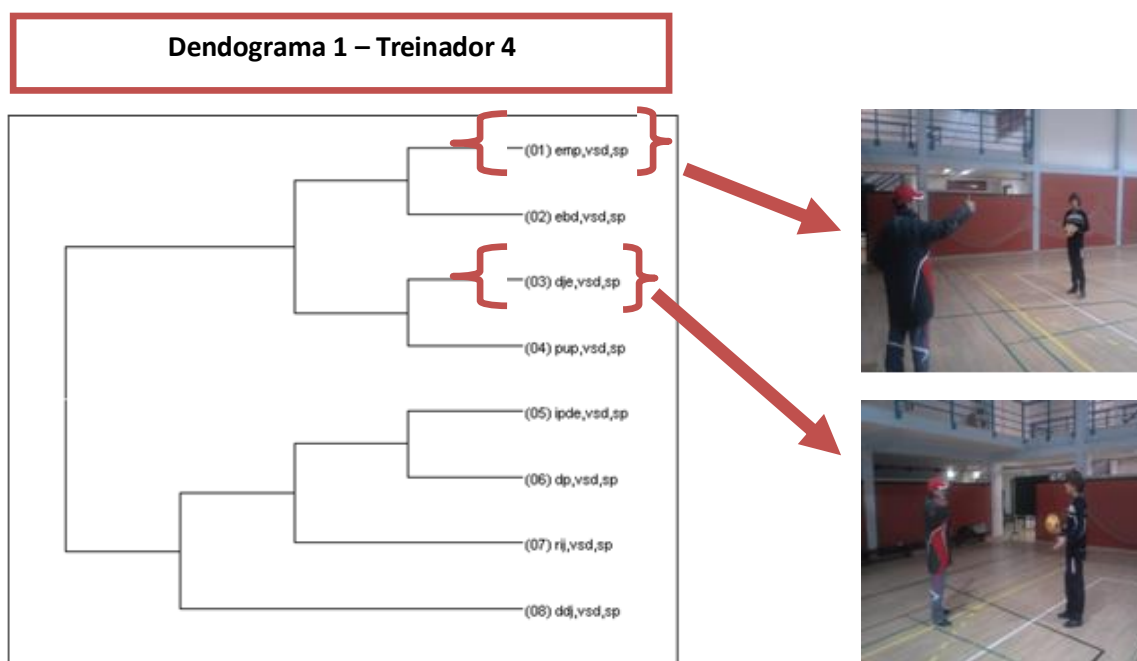


Figura 26

01-02- Após uma má prestação de um atleta, o treinador conforta-o elogiando-o. Depois elogia positivamente o colega de equipa que “remendou” a má prestação do colega.

03-04- O treinador desrespeita um jogador da sua equipa, demonstrando incorrecção. O atleta responde com palavras.

05-06- Após uma falta, o treinador incentiva o atleta a pedir desculpas. Contudo, incentiva-o recorrendo ao uso de palavrões.

Conclusão : A análise do dendograma evidencia uma conduta pouco coerente. Na verdade o treinador encoraja muitas vezes os seus atletas quer nas boas quer nas más prestações. Todavia, em algumas situações demonstra incorrecção para com os atletas, evidenciando desagrado em alguns lances.

Dendograma 2 – Treinador 4

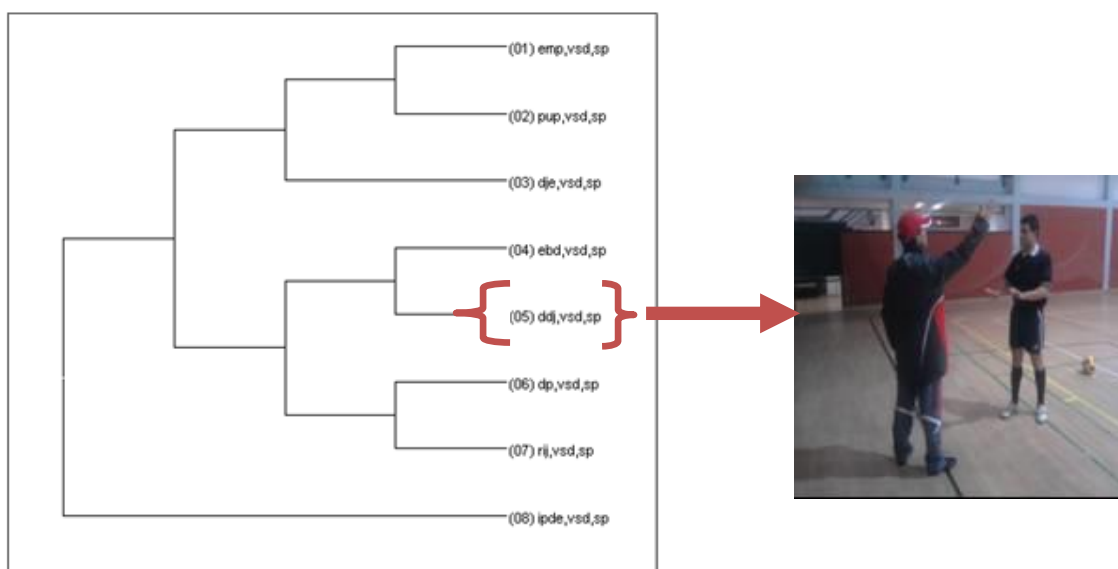


Figura 27

01-02-03 – O treinador reconforta o atleta após um bom desempenho por parte deste. O atleta, desagrado com a má prestação, diz palavrões. Perante este comportamento do atleta, o treinador desrespeita-o.

04-05 – O atleta realiza uma boa jogada e o treinador reforça positivamente esse desempenho. Delas urge uma decisão do árbitro da qual o treinador discorda e que o leva a discutir com o árbitro.

06-07 – Depois de um atleta discutir com o árbitro, o treinador diz um palavrão e posteriormente repudia esse comportamento.

Conclusão: A análise deste dendograma volta a evidenciar uma conduta antagônica do treinador, que num momento reforça positivamente e de seguida evidencia comportamentos de suporte negativo. Também demonstra que o treinador repudia injúrias ao árbitro, mas ele mesmo incorre nesse comportamento muitas vezes.

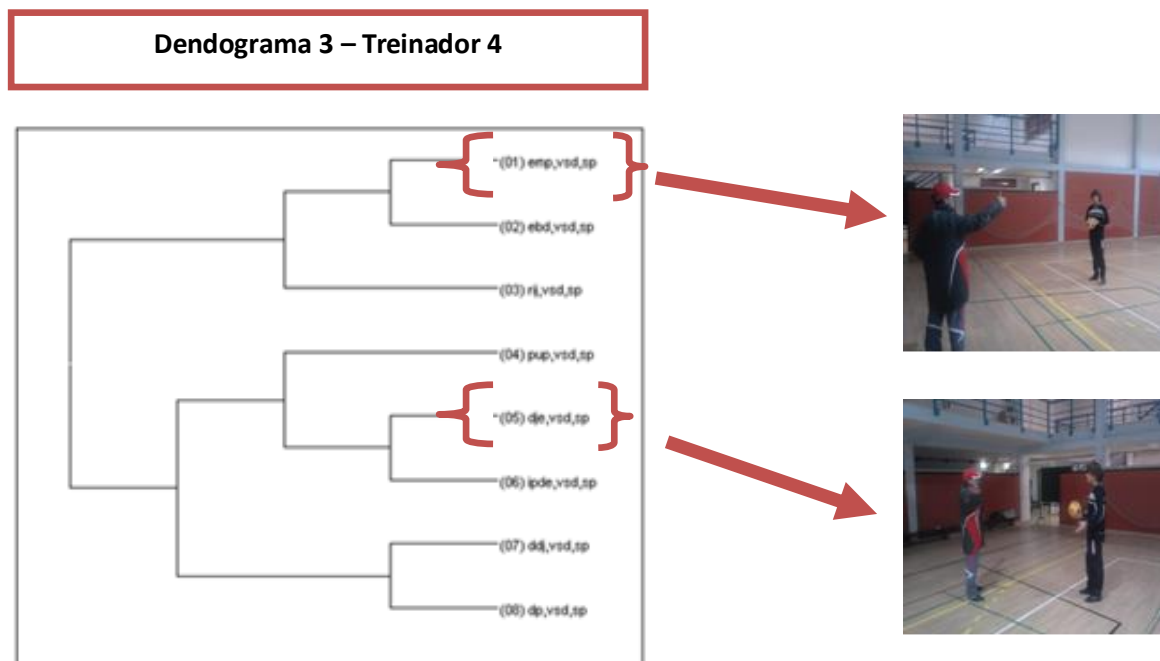


Figura 28

01-02-03 - Após uma má prestação de um atleta, o treinador conforta-o elogiando-o. Depois elogia positivamente o colega de equipa que “remediou” a má prestação do colega. Deste lance, resulta discussão com os adversários, sendo que o treinador repudia este comportamento.

04-05-06 – O treinador permite que os seus atletas digam palavrões e após esse comportamento, desrespeita os atletas. Posteriormente incentiva-os a pedirem desculpas aos atletas, após uma falta.

07-08 – O treinador desrespeita uma decisão do árbitro e posteriormente diz palavrões.

Conclusão: A análise deste dendograma permite-nos concluir que o treinador evidencia comportamentos antagónicos. Manifesta muitas vezes condutas de suporte afectivo positivo, todavia, também revela muitos comportamentos de suporte afectivo negativo.

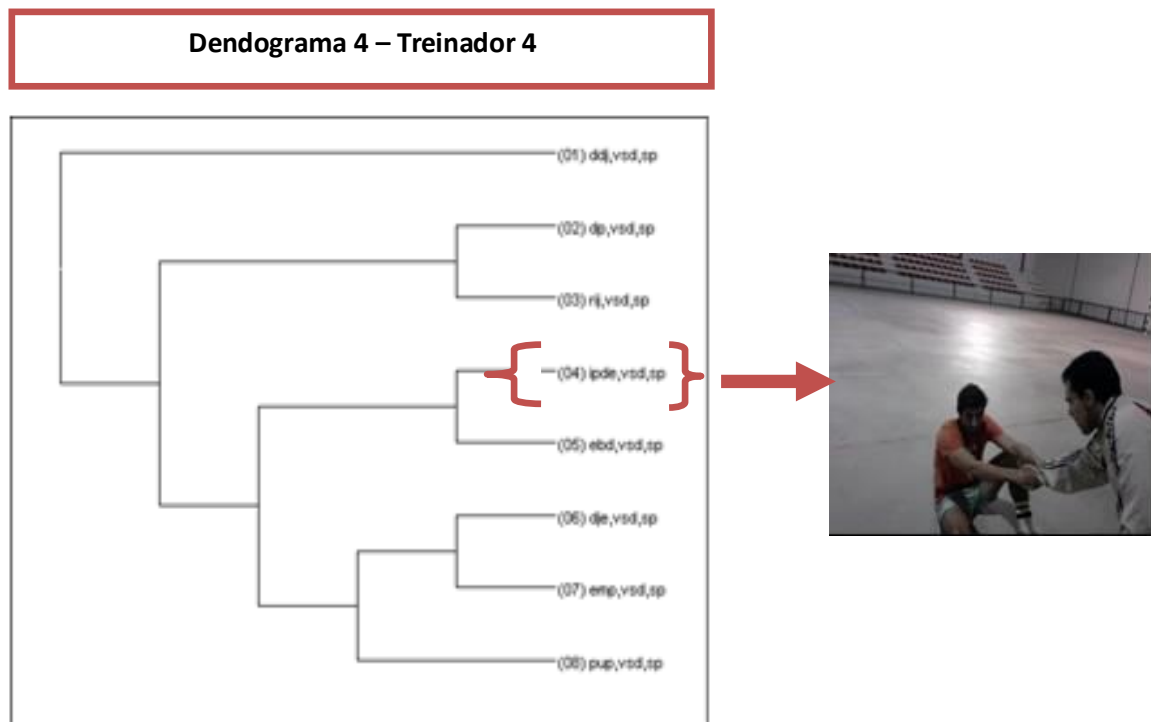


Figura 29

02-03- O treinador repudia injúrias dos seus atletas para com o árbitro, todavia, fá-lo recorrendo a palavrões, o que não é uma conduta condizente com os ideais do *fair play*.

04-05- Depois de um atleta cometer uma falta sobre um adversário, o treinador incentiva-o a pedir desculpas. Logo de seguida, elogia o bom comportamento do seu atleta.

Conclusão: Conclui-se que o treinador incentiva os seus atletas a pedirem desculpa aos adversários, quando ocorrem faltas. Este comportamento evidencia por parte do treinador, respeito pelos atletas adversários.

Dendograma 5 – Treinador 4

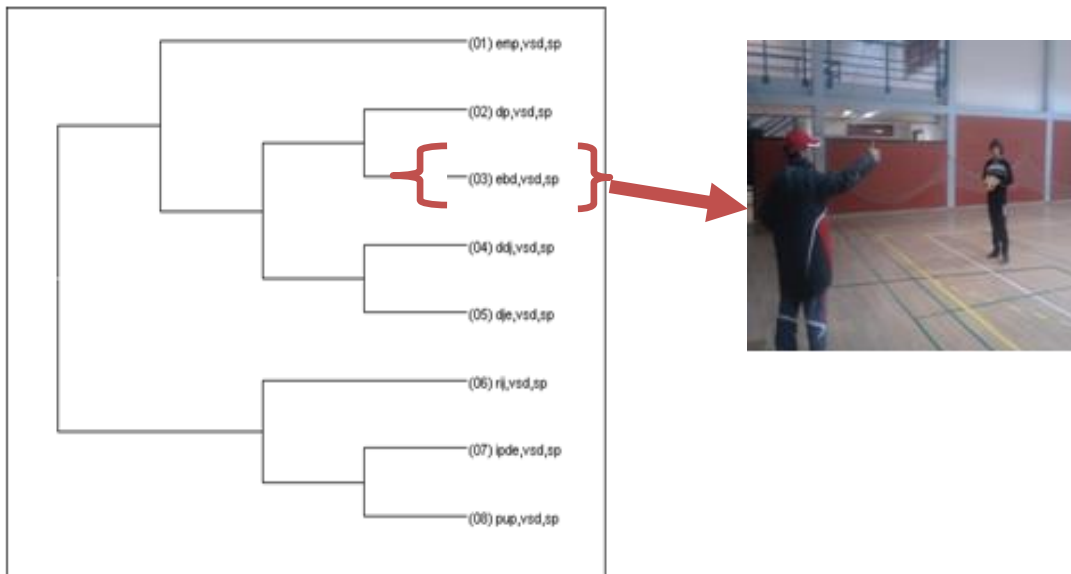


Figura 30

02-03 - Após uma jogada o treinador diz um palavrão e de seguida elogia um bom desempenho de um dos seus atletas.

04-05 – Após uma decisão do árbitro, o treinador discute com o mesmo. Depois, desrespeita um dos seus atletas.

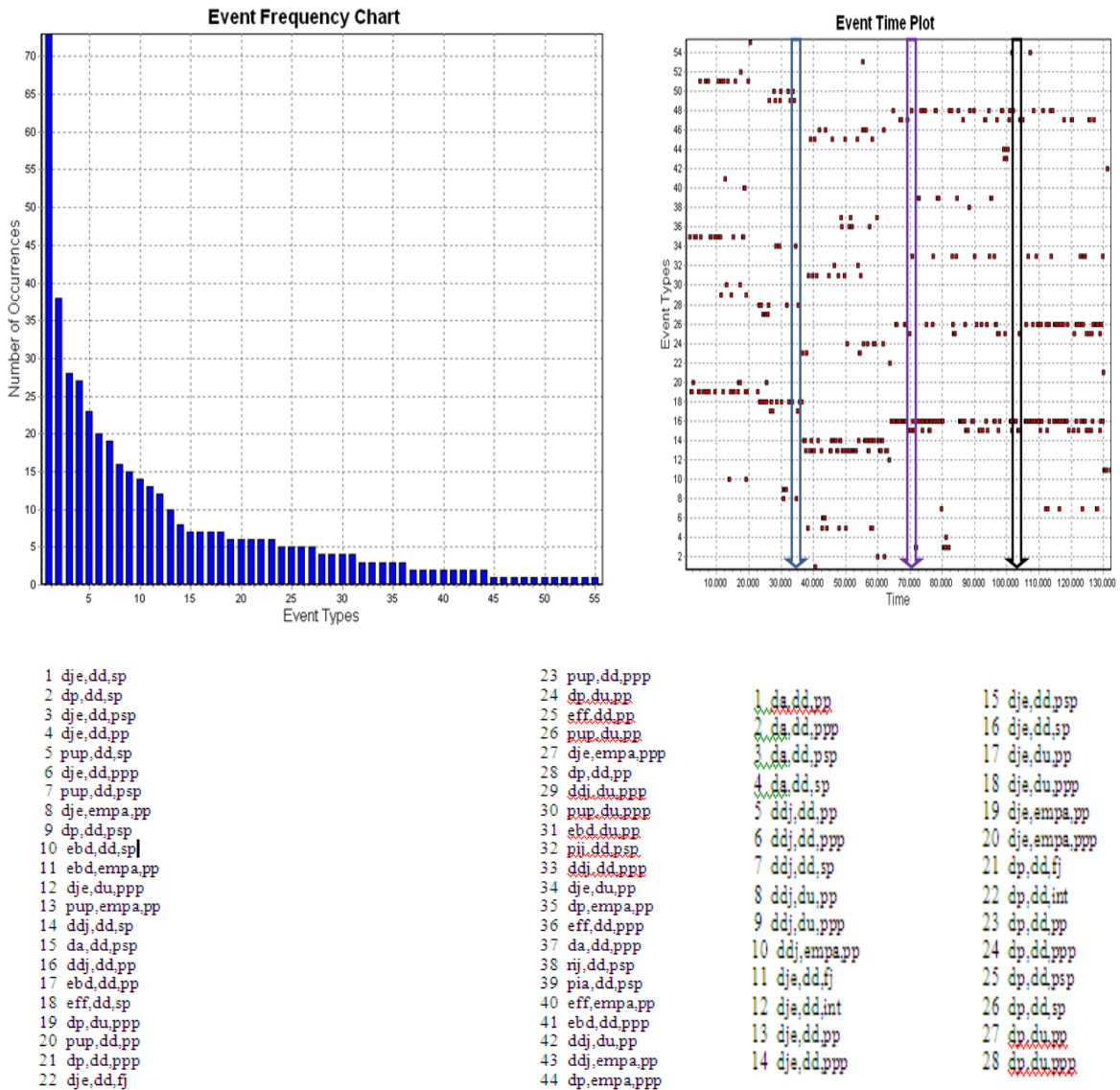
Conclusão: Neste dendograma destaca-se o facto de o treinador recorrer a palavrões para elogiar o bom desempenho dos seus atletas. Apesar de se realçar o facto de o treinador incentivar os bons desempenhos dos seus atletas, este comportamento tem como suporte a utilização de vocabulário pouco adequado.

Conclusão Geral do Treinador 4

A análise deste treinador permite-nos concluir que o mesmo apresenta uma conduta pouco coerente, pois tanto reforça positivamente os seus atletas como o faz negativamente. No entanto verificamos que as condutas ajustadas, como o reforço positivo ocorrem mais vezes quando o resultado é menos favorável, o que nos permite afirmar que o treinador considera mais relevante elogiar o desempenho dos seus atletas, quando o resultado não é o desejável. Certamente, com o intuito de os manter motivados. Os comportamentos desajustados, como o dizer e permitir palavrões, ocorrem essencialmente quando o resultado desportivo é menos favorável.

4.1.5. Análise do comportamento do Treinador 5

Treinador sem formação superior em Educação Física



Figuras 31e 32 - Tendências de actuação do Treinador 5

O treinador 5 apresenta um conjunto de comportamentos despromotores do espírito de *fair play*. Apresenta uma conduta de desrespeito pelos seus atletas (**dje**) e pelas decisões do juiz da partida (**ddj**).

Sempre que os seus atletas utilizam palavões, o treinador permanece passivo, permitindo este comportamento desajustado.

O treinador evidencia, também, desrespeito pelos adversários, ao incentivar os seus atletas a recorrerem a conduta faltosa.

Conclui-se que este treinador desrespeita a grande maioria dos intervenientes no jogo, nomeadamente, os seus atletas, os adversários e o árbitro.

A) Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do resultado)

Em relação ao comportamento “**discute com os seus jogadores**”, conclui-se que este ocorre com maior frequência quando a equipa está a perder por dois golos (**dje,dd,pp**), comparativamente a quando está a perder por um golo (**dje,du,pp**), ou mesmo quando está empatada (**dje,emp,pp**) (Ver Figura 31). Parece-nos que o resultado desfavorável é o grande causador desta conduta que se manifesta mais quanto mais negativo for o resultado, ou seja, o treinador discute com os jogadores mais vezes se o resultado for uma derrota por mais golos. O facto de o resultado ser negativo, poderá gerar baixos níveis de tolerância por parte do treinador para com as más prestações dos seus atletas. Parece-nos que o factor resultado é o que faz despoletar esta situação, pois este comportamento não aparece em situações em que a equipa está a vencer. É um comportamento que ocorre somente perante resultados desportivos adversos.

Todavia, poderá parecer antagónico afirmar que este treinador “**elogia o bom desempenho**” dos seus atletas com maior frequência quando está a perder por dois golos (**ebd,dd,pp**), do que quando está empatado (**ebd,emp,pp**) (Ver Figura 31). Não deixa de ser estranho que o treinador em situação de derrota tanto discuta com os atletas como de seguida os elogie. Parece-nos que este elogio poderá surgir como forma de compensar a discussão permanente, ou seja, o treinador após discutir com os seus atletas, sente a necessidade de elevar o moral dos mesmos, reforçando as suas acções. Poderá, ainda, revelar uma atitude de descontrolo do treinador que tanto elogia como repreende, deixando antever que este treinador em situação de jogo mostra um padrão comportamental algo irregular. Outra das possíveis explicações para esta situação tem a ver com o facto desta equipa ter estado na maioria dos jogos a perder, logo os comportamentos ocorrem essencialmente perante este resultado.

No que diz respeito ao comportamento “**diz palavrões**”, ocorre situação semelhante às anteriores, ou seja, o treinador apresenta maiores frequências deste comportamento quando mais desfavorável for o resultado. Quer dizer que o treinador diz mais palavrões quando está a perder pois dois golos, do que quando está a perder por um golo, ou mesmo quando está empatado (Ver Figura 31). O uso de palavrões por parte deste treinador é uma constante que tanto serve para manifestar o seu desagrado

para com os atletas, como para com árbitros e adversários. Parece-nos uma conduta muito desajustada, na medida em que este treinador trabalha com uma faixa etária muito baixa, assumindo-se como um modelo para os mais jovens.

Como sequência do comportamento anterior verifica-se que o treinador **“permite o uso de palavrões”** por parte dos seus atletas com maior frequência quando está a perder por dois golos (**pup,dd,pp**), do que quando está empatado (**pup,emp,pp**) (Ver Figura 31). Como verificamos, os palavrões são considerados uma conduta normal por parte do treinador que não somente os utiliza, como também permite o seu uso por parte dos seus atletas. Esta situação poderá ser explicada pelo facto de o treinador não considerar o uso de palavrões como uma conduta desajustada, pois ele mesmo os utiliza. Poderá, ainda, ser explicado pelo facto de o treinador considerar que muitas vezes o uso deste vocabulário surge como forma de os atletas libertarem a sua tensão e ansiedade. Todavia, não deixa de ser preocupante esta conduta por parte do treinador que é passivo perante a utilização de palavrões pelos seus atletas.

O comportamento **“desrespeita as decisões do árbitro”** revela o mesmo padrão dos anteriores, ou seja, o treinador é mais desrespeitador quando está a perder por dois golos (**ddj,dd,pp**) do que quando está a perder por um golo (**ddj,du,pp**) ou até mesmo quando está empatado (**ddj,emp,pp**). Mais uma vez se verifica que o efeito “resultado negativo”, tem repercussões sobre o comportamento do treinador que tanto mais discute quando mais dilatado for o resultado. Todavia, importa referir que esta conduta de constante discussão das decisões do árbitro é pouco educativa, violando os princípios do *fair play*. O treinador concentra-se pouco nas acções da sua equipa, porque ocupa demasiado tempo a avaliar negativamente a prestação do árbitro.

Em relação ao comportamento **“encoraja a fazer faltas”** este ocorre com mais frequência quando a equipa está a perder por dois golos (**eff,dd,pp**), do que quando o resultado é um empate (**eff,emp,pp**). Parece-nos notório novamente que o resultado desportivo tem grande influência na adopção deste comportamento, ou seja, o treinador incentiva mais os seus atletas a serem violentos com os adversários, quanto mais desfavorável é o resultado. Todavia, independentemente do desfecho, esta é uma conduta condenável, pois evidencia desrespeito pela integridade física e saúde dos adversários. Além disso, promove nos seus atletas a agressividade, o desrespeito pelo outro.

B) Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do momento do jogo e do resultado)

A análise das condutas em função do resultado e do momento do jogo, apresenta-nos um conjunto de conclusões interessantes.

Assim, no que diz respeito ao comportamento “**Desrespeita os jogadores da sua equipa**” este aparece com maior frequência quando a equipa perde por dois golos na segunda parte (**dje,dd,sp**), do que quando perde por igual resultado na primeira parte (**dje,dd,pp**). Em nosso entender isto poderá ser explicado pelo facto do treinador na primeira parte ainda acalentar esperanças de poder dar a volta ao resultado. Por isso, tem uma acção menos negativa sobre os seus atletas no sentido de não os desconcentrar. No entanto, na segunda parte, ao ver a partida caminhar para o fim, os níveis de ansiedade são maiores, o que poderá implicar uma conduta mais agressiva para com os seus atletas. Em nosso entender, o treinador ao verificar que a vitória se torna cada vez mais difícil, acaba por ser mais penalizador para com os seus atletas.

Não deixa de ser curioso que em relação ao comportamento “**elogia o bom desempenho**” este apareça com maior frequência quando a equipa perde por dois golos na segunda parte (**ebd,dd,sp**), comparativamente a quando perde pelo mesmo resultado na primeira parte (**ebd,dd,pp**). Parece antagónico o treinador apresentar na primeira parte mais episódios de elogio aos atletas e ao mesmo tempo de crítica negativa. Pensamos que uma das razões para este acontecimento, prende-se com o facto de o treinador perceber que após a crítica negativa, deve reforçar positivamente o comportamento dos atletas. Outras das possíveis explicações poderá ter a ver com a inconstância comportamental do treinador que tanto é capaz de elogiar como no momento seguinte, está a repreender.

A conduta “**diz palavras**”, à semelhança dos comportamentos anteriores também aparece com maior frequência quando a equipa perde por dois golos na segunda parte (**dp,dd,sp**), do que quando perde por igual resultado na primeira parte (**dp,dd,pp**) (Ver Figura 31).

Parece-nos que o facto de se encontrar a perder por um resultado volumoso e se encontrar o jogo na segunda parte, pode gerar mais nervosismo no treinador, levando-o a utilizar mais vezes vocabulário impróprio. Parece existir um forte compromisso entre o mau resultado e o momento do jogo. Todavia, é de salientar que o uso de palavras

aparece associado a muitos comportamentos, tais como, festejo de golos, elogios, críticas aos atletas e árbitros. O palavrão assume-se como um verdadeiro léxico.

Em consequência do comportamento anterior, verifica-se que o treinador **“permite o uso de palavrões”** com maior frequência quando a equipa está a perder por dois golos na segunda parte, comparativamente a quando perde por igual resultado na primeira parte (Ver Figura 31). Em nossa opinião, o facto de a equipa se encontrar a perder e o jogo se encontrar perto do final, poderá ser potenciador deste tipo de comportamento por parte dos atletas que se encontram mais nervosos. Depois, parece-nos existir uma relação clara com a conduta **“diz palavrões”** por parte do treinador, com a permissão de dizer palavrões (Ver Figura 31). Ou seja, o facto de o treinador dizer palavrões durante a segunda parte e de assumir essa conduta como sendo normal, leva-o a aceitar que os seus atletas adoptem uma conduta semelhante. Quer dizer, ele não intervém quando os seus atletas dizem palavrões, pois considera essa conduta normal dentro do âmbito do jogo.

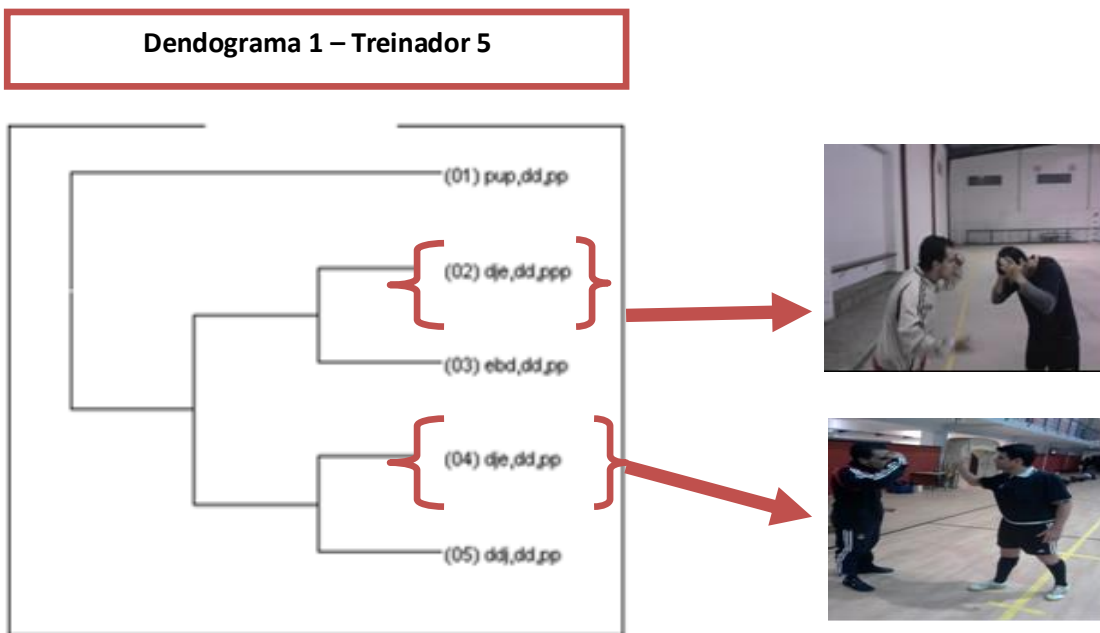


Figura 33

02-03 - Após uma jogada, o treinador insulta o seu atleta que teve uma má prestação e elogia o desempenho positivo do atleta que ajudou a resolver o mau lance.

04-05 – O treinador desrespeita os jogadores da sua equipa e também o árbitro.

Conclusão: A análise do dendograma coloca em destaque uma má conduta do treinador que desrespeita os seus atletas em variadas situações, manifestando igual comportamento para com o árbitro.

Dendograma 2 – Treinador 5

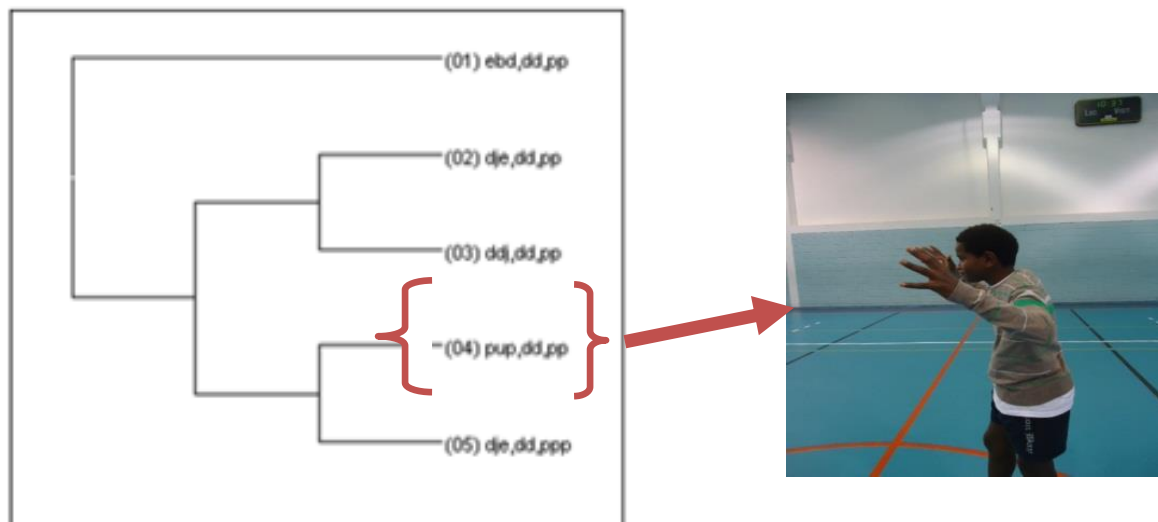


Figura 34

04-05 – Após um lance, o treinador permite que os seus atletas digam palavrões e de seguida desrespeita-os.

Conclusão: A análise deste dendograma permite-nos verificar que os atletas usam vocabulário inadequado e o treinador permanece passivo, perante esse comportamento.

Dendograma 3 – Treinador 5

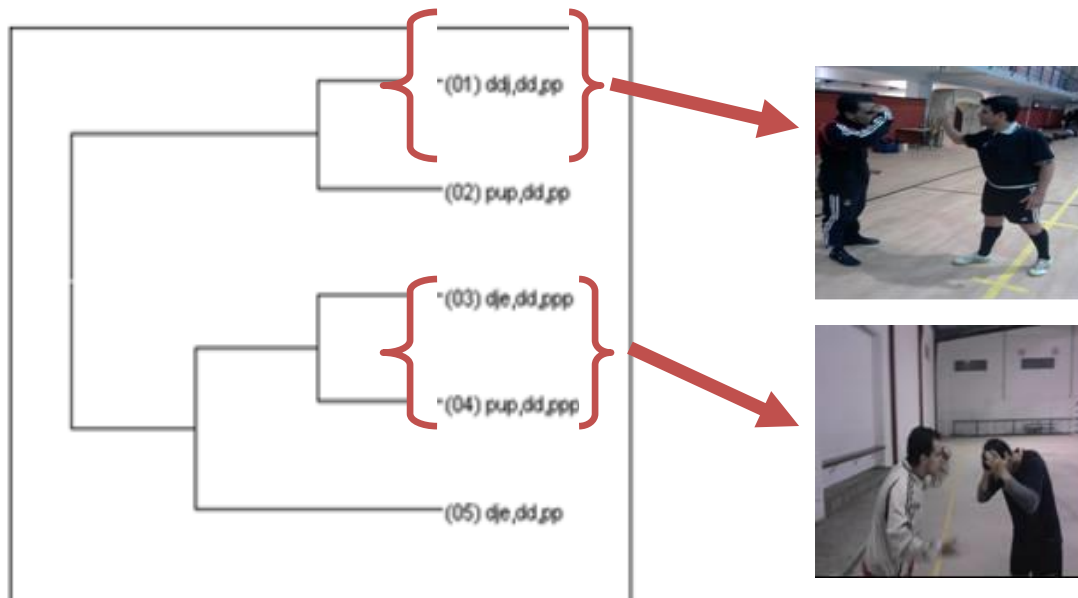


Figura 35

01-02 – O treinador desrespeita as decisões do árbitro, permitindo aos seus atletas a utilização de palavrões.

03-04-05 – O treinador desrespeita o seu atleta, e este responde usando palavrões. O treinador volta a insultá-lo.

Conclusão: Conclui-se que o treinador desrespeita os seus atletas e permite que os mesmos lhe faltem ao respeito, utilizando palavrões.

Dendograma 4 – Treinador 5

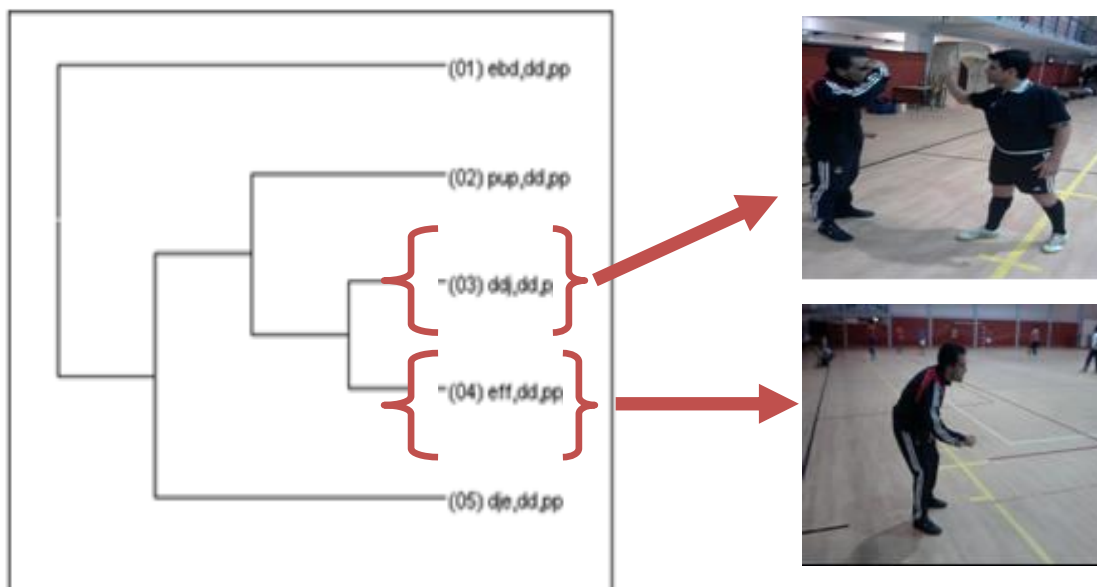


Figura 36

03-04 – O treinador desrespeita uma decisão do árbitro e logo de seguida incentiva os seus atletas a fazerem faltas.

Conclusão : Verifica-se uma conduta anti desportiva por parte do treinador que incentiva os seus atletas a fazerem faltas sobre os atletas adversários.

Dendograma 5 – Treinador 5

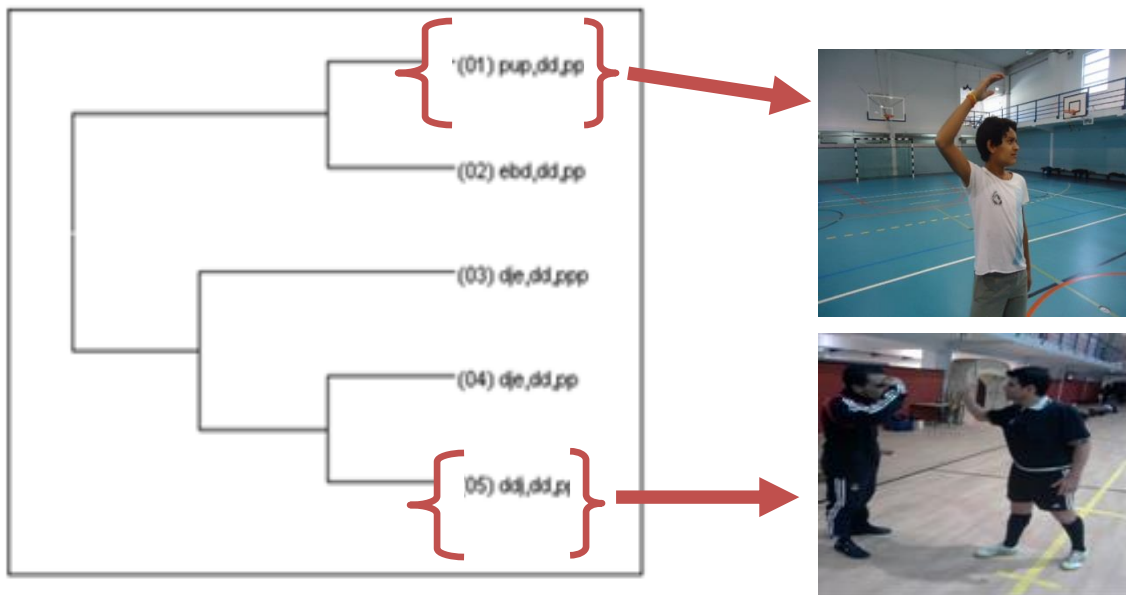


Figura 37

01-02 – O atleta diz palavrões e o treinador permite. Em seguida incentiva o seu atleta pelo seu bom desempenho.

03-04-05 – O Treinador desrespeita os seus atletas e as decisões do árbitro.

Conclusão: Ao analisarmos este dendograma verificamos um conjunto de condutas desajustadas. O treinador permite que os seus atletas usem palavrões, sem ter qualquer tipo de intervenção. Observa-se, também, uma conduta desrespeitosa do treinador para com os seus atletas.

Conclusão Geral do Treinador 5

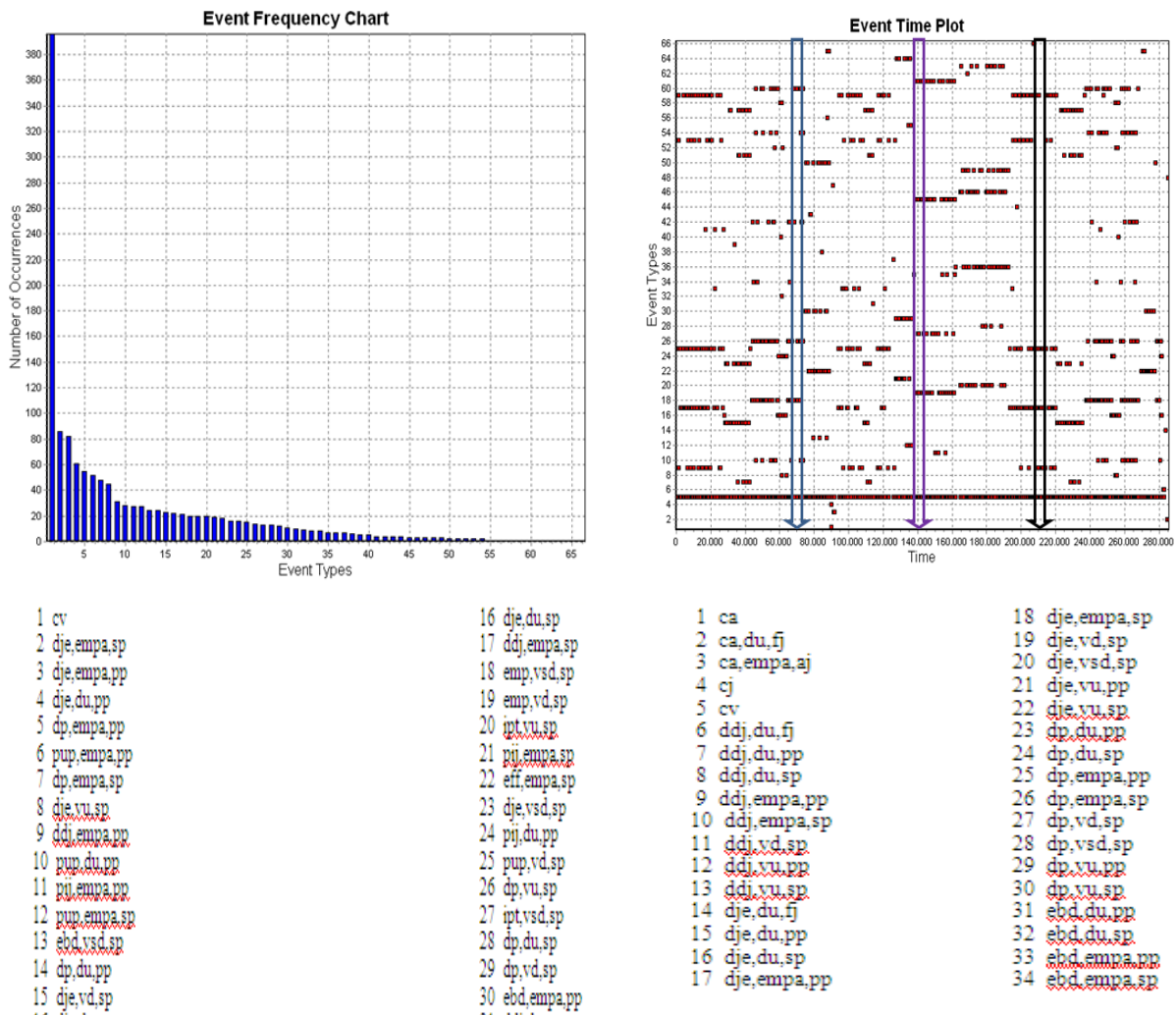
A análise deste treinador permite-nos concluir que o mesmo apresenta poucos comportamentos relacionados com o *fair play*, evidenciando-se apenas o elogio aos seus atletas.

Assim, a maioria dos seus comportamentos são despromotores de *fair play*, nomeadamente dizer e permitir o uso de palavrões, desrespeitar árbitros, adversários e atletas. Também revela incentivo à conduta faltosa.

Concluimos, ainda, que as condutas anti *fair play* se dão essencialmente quando o resultado desportivo é negativo, contudo, elas manifestam-se no decorrer de todos os momentos do jogo independentemente do resultado.

4.1.6. Análise do comportamento do Treinador 6

Treinador sem formação superior em Educação Física



Figuras 38 e 39 - Tendências de actuação do Treinador 6

Este treinador apresenta um conjunto de comportamentos despromotores do *fair play*.

Incentiva os seus atletas a terem uma conduta faltosa sobre os adversários (**eff**) e em seguida elogia esse comportamento (**ebd**). Revela uma crítica negativa constante para com os seus atletas (**dje**), sempre que estes intervêm mal no jogo. Utiliza palavrões (**dp**) e permite o seu uso por parte dos atletas (**pup**).

Manifesta, também, incorrecção para com as decisões do juiz da partida (**ddj**).

Verifica-se, então, um profundo desrespeito do treinador para com muitos dos intervenientes no jogo.

A) Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do resultado)

O treinador “**desrespeita os seus atletas**” com maior frequência quando o resultado é um empate (**dje,emp,sp**), comparativamente a quando está a ganhar por um (**dje,vu,sp**).

O facto de não estar a vencer pode estar na génese deste comportamento desrespeitoso para com os seus atletas. O treinador estará certamente mais nervoso e ansioso, levando-o a adoptar condutas pouco positivas para com os seus atletas. Parece que o resultado negativo explica a adopção destes comportamentos. Todavia, não deixa de ser estranho que mesmo estando a vencer por um golo, o treinador manifeste comportamentos de revolta para com os atletas. O facto de estar a vencer somente por um golo (resultado pouco confortável) pode explicar o estado ansioso do treinador. Parece-nos que esta conduta desrespeitosa poderá indicar um traço de personalidade, porque ele manifesta desrespeito mesmo estando a vencer por dois golos de diferença.

Podemos estar perante um treinador vincadamente crítico perante os mais diversos cenários.

Em relação à conduta “**elogia o bom desempenho**”, esta aparece com maior ênfase quando a equipa vence por mais de dois golos (**ebd,vsd,pp**), do que quando está empatada (**ebd,emp,pp**). Pelo que parece, este treinador é mais elogioso, quando mais confortável e favorável for o resultado, ou seja, consegue manifestar mais condutas de elogio quando a vitória é praticamente certa. Isto indicia que o treinador está mais susceptível a ser elogioso quando não está pressionado pela necessidade de ganhar. O bom resultado desportivo deixa-o mais tranquilo para encorajar aquilo que os seus atletas fazem bem. Todavia, estando empatado, o seu comportamento é menos elogioso, pois as suas atenções estão essencialmente viradas para a necessidade de inverter o mau resultado. Ao que parece, a vitória é o tónico necessário para despertar no treinador o elogio. Todavia, é de realçar que apesar de a frequência de elogios ser menor quando a equipa está empatada, este comportamento ocorre na mesma. Importa ainda destacar que quando a equipa perde por um golo (**ebd,du,pp**) os comportamentos de elogio por parte do treinador são pouco significativos. Em nosso entender, não será a melhor atitude, pois parece-nos que nos momentos de maiores dificuldades será importante reforçar mais vezes a conduta dos atletas, procurando mantê-los motivados.

Em relação ao comportamento “**diz palavrões**”, este ocorre mais vezes quando o resultado é um empate (**dp,emp,pp**), ou uma derrota por um golo (**dp,du,pp**), do que quando está a ganhar (**dp,vu,sp**).

Verifica-se uma tendência por parte do treinador em utilizar mais vocabulário desadequado quando o resultado é menos favorável. Assim, ele recorre mais ao uso de palavrões quando está empatado ou a perder. Pensamos que o resultado desfavorável pode explicar o maior número de palavrões que normalmente estão associados a climas de maior ansiedade e nervosismo, típicos de resultados negativos. Todavia, o treinador utiliza palavrões mesmo estando a ganhar. Parece que o uso deste vocabulário faz parte da conduta normal deste treinador, recorrendo aos mesmos nos mais variados momentos. Acresce ainda o facto de o treinador utilizar muitas vezes palavrões durante explicações e *feedbacks* que vai dando aos atletas.

Situação idêntica se passa relativamente ao comportamento “**permite o uso de palavrões**”. Verifica-se que o treinador é mais permeável ao uso de palavrões por parte dos seus atletas quando o resultado é um empate (**pup,emp,pp**) ou uma derrota por um golo (**pup,du,pp**), do que quando é uma vitória (**pup,vd,pp**).

De facto, verifica-se que quanto mais desfavorável é o resultado, mais vezes os atletas usam palavrões, perante a passividade do treinador. Parece-nos que novamente o mau resultado desportivo pode justificar esta situação. Numa situação de empate ou derrota, a concentração do treinador foca-se, essencialmente, em fornecer informações que permitam aos atletas dar a volta ao resultado, descurando as questões de natureza educativa. É possível que estando tão concentrado em inverter o resultado que o treinador nem preste atenção ao vocabulário utilizado pelos seus atletas. Outra das explicações para este comportamento, poderá ser o facto de o treinador entender que em momentos de grande pressão, como a derrota, seja normal os atletas utilizarem este tipo de vocabulário, como forma de libertar o stress. Outra das questões que importa reflectir é que o próprio treinador diz palavrões em diversas situações, podendo, por isso, considerar este comportamento como uma conduta normal no contexto do jogo, pois mesmo estando a vencer por dois golos, o treinador permite este tipo de vocabulário.

No que diz respeito à conduta “**discute as decisões do árbitro**” esta ocorre com maior frequência quando o resultado é um empate (**ddj,emp,pp**), ou uma derrota (**ddj,du,pp**), comparativamente a quando é uma vitória (**ddj,vu,pp**). Mais uma vez se verifica que este comportamento do treinador é tanto mais frequente, quanto mais

desfavorável é o resultado. De facto, o empate e a derrota, levam o treinador a discutir com maior veemência as decisões do árbitro. O facto de estar a perder condiciona o comportamento do treinador que passa a ver o desempenho do árbitro como um obstáculo a obtenção da vitória por parte da sua equipa. Quando está a vencer, o treinador praticamente não discute as decisões do árbitro. Quando o resultado é positivo, o treinador apresenta maior tranquilidade para poder analisar o desempenho do árbitro.

B)Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do resultado e do momento do jogo)

Em relação ao comportamento “**discute com os jogadores da sua equipa**”, este ocorre com maior frequência quando o resultado é um empate durante a segunda parte (**dje,emp,sp**), do que com igual resultado na primeira parte (**dje,emp,pp**).

Na verdade, verifica-se que o treinador é mais insultuoso para com os seus atletas quando o jogo está empatado na segunda parte. A explicação para esta situação, pode residir no facto de o jogo estar mais próximo do final e o resultado não ser o desejado pelo treinador, levando-o a criticar com maior frequência as condutas dos seus atletas. Significa que o mau resultado, associado a um momento final do jogo, poderá condicionar a conduta do treinador que ao encontrar-se mais nervoso, acaba por ser mais crítico para com os seus atletas. Contudo, é importante salientar que o treinador apresenta esta conduta durante toda a partida, independentemente do resultado. O gráfico de frequências permite-nos concluir que mesmo estando a vencer por dois ou mais golos durante a segunda parte, o treinador continua a evidenciar um comportamento de crítica negativa para com os seus atletas.

No que diz respeito à conduta “**elogia o bom desempenho**” esta ocorre com maior consistência quando a equipa vence por dois no decorrer da segunda parte (**ebd,vsd,sp**). Parece-nos que o comportamento de elogiar está associado a um resultado desportivo positivo que praticamente já se encontra assegurado. Ou seja, quando a vitória é superior a dois golos e o jogo se encontra mais próximo do final, o treinador tende a ser mais elogioso para com os seus atletas. Significa que perante um contexto competitivo favorável, o treinador se sente mais motivado a encorajar as boas prestações dos seus atletas. Apesar disso, convém referir que o treinador também elogia os seus atletas quando perde por um golo na primeira parte. Poderá ser uma forma de

motivar os seus atletas, quando o resultado ainda é passível de ser alterado. Todavia, o gráfico de frequências demonstra-nos que este comportamento ocorre pouco frequentemente, não apresentando grande relevância.

O comportamento “**incentiva a perder tempo**” ocorre apenas quando a equipa está a vencer por um ou mais golos durante a segunda parte (**ipt,vsd,sp**). Parece-nos lógico que só incentive a perder tempo quando está a vencer, e pretende segurar o resultado. Daí este comportamento também só surgir na segunda parte. Apesar disso, parece-nos que este comportamento por parte do treinador coloca em evidência que este está centrado, sobretudo, na vitória, descurando o jogo enquanto espectáculo e fenómeno formativo.

No que concerne ao comportamento “**encoraja a fazer faltas**”, verifica-se que este ocorre com maior frequência quando a equipa está empatada, ou perde por um durante a segunda parte, comparativamente à primeira parte. Evidencia que o treinador perante um resultado adverso num momento em que o tempo de jogo é cada vez menor, manifesta uma profunda falta de desrespeito para com os adversários, ao incitar os seus atletas à violência. Volta a verificar-se que um mau resultado desportivo no decorrer da segunda parte, impele o treinador a mais comportamentos anti *fair play*. Em nosso entender, quando o treinador percebe que a vitória se torna praticamente impossível, assume uma postura negativa perante o jogo, focando a sua atenção em comportamentos nada educativos.

O comportamento “**cumprimenta os adversários**” ocorre mais vezes antes do início do jogo, do que no final do mesmo.

Em nosso entender, esta situação indicia que antes da partida se iniciar, o treinador está mais disponível para comportamentos de afectividade para com os adversários, por não se encontrar ainda a sofrer dos efeitos da pressão competitiva. No final das partidas, fruto da pressão do próprio jogo, o treinador apresenta menos vezes esta conduta. Contudo, destaca-se o facto de ela ter ocorrido em jogos em que o treinador perdeu.

Dendograma 1 – Treinador 6

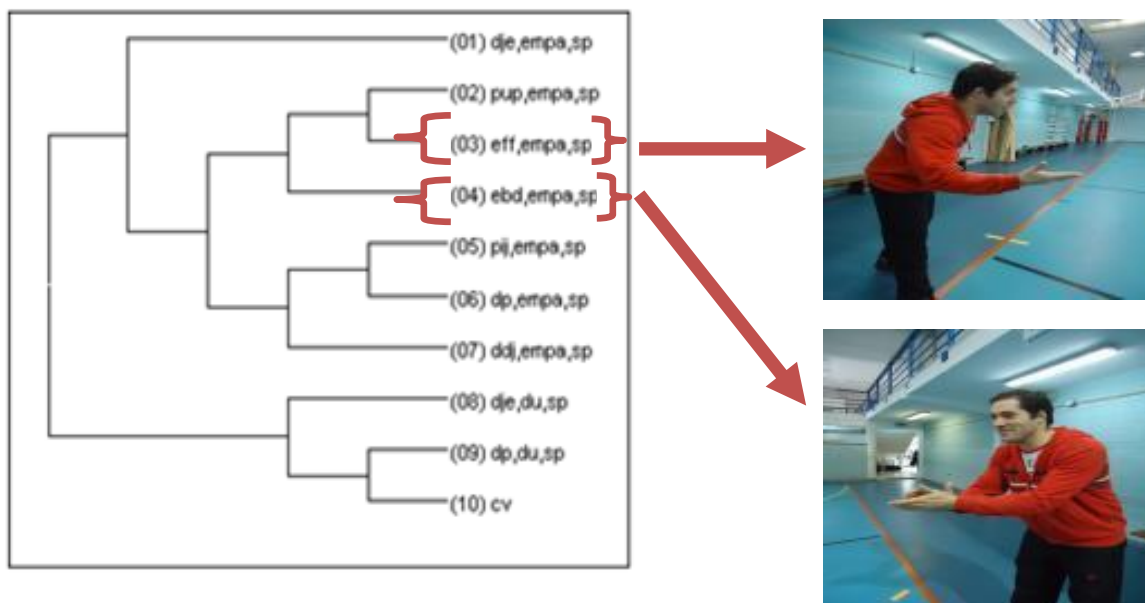


Figura 40

02-03-04 – Após conflito, o treinador permite que o atleta diga palavrões. Depois encoraja o atleta a fazer falta e posteriormente elogia-o por esse comportamento.

05-06-07 – Após decisão do árbitro, os atletas insultam-nos e o treinador permite. Este diz palavrões e insulta também o árbitro.

08-09 – O Treinador desrespeita os seus atletas e diz palavrões.

Conclusão: Da análise de dendograma constata-se uma conduta altamente reprovável por parte do treinador, na medida em que este incentiva os seus atletas a adoptarem condutas violentas para com os adversários e depois, elogia essa conduta.

Dendograma 2 – Treinador 6

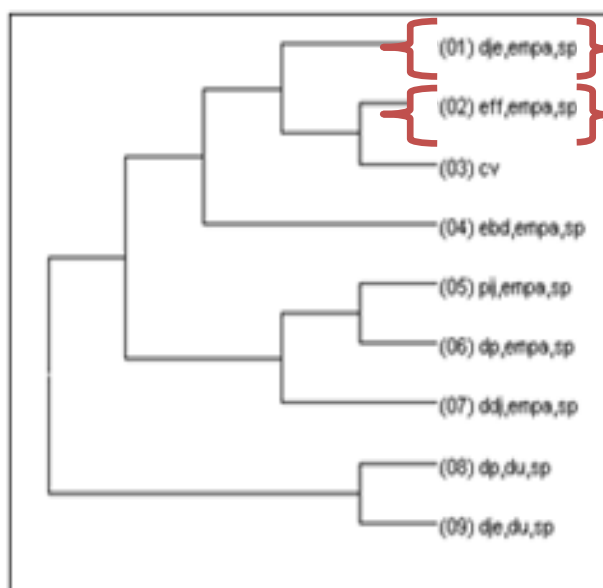


Figura 41

01-02 – O treinador desrespeita um atleta da sua equipa e depois incentiva-o a fazer falta.

Dendograma 3 – Treinador 6

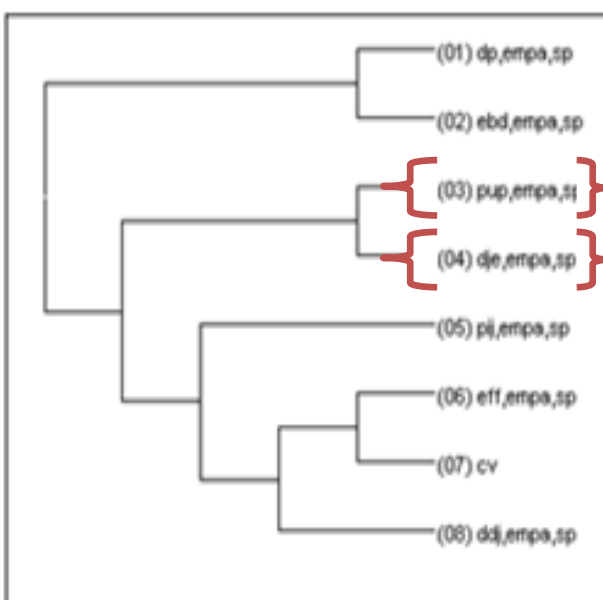


Figura 42

01-02 – Após um lance da equipa o treinador diz palavrões e em seguida elogia o bom desempenho dos seus atletas.

03-04 – O treinador permite que um atleta diga palavrões e em seguida desrespeita-o.

Conclusão: Neste dendograma fica patente o uso de palavrões por parte do treinador em várias situações de jogo. Permite, ainda, que os seus atletas digam palavrões.

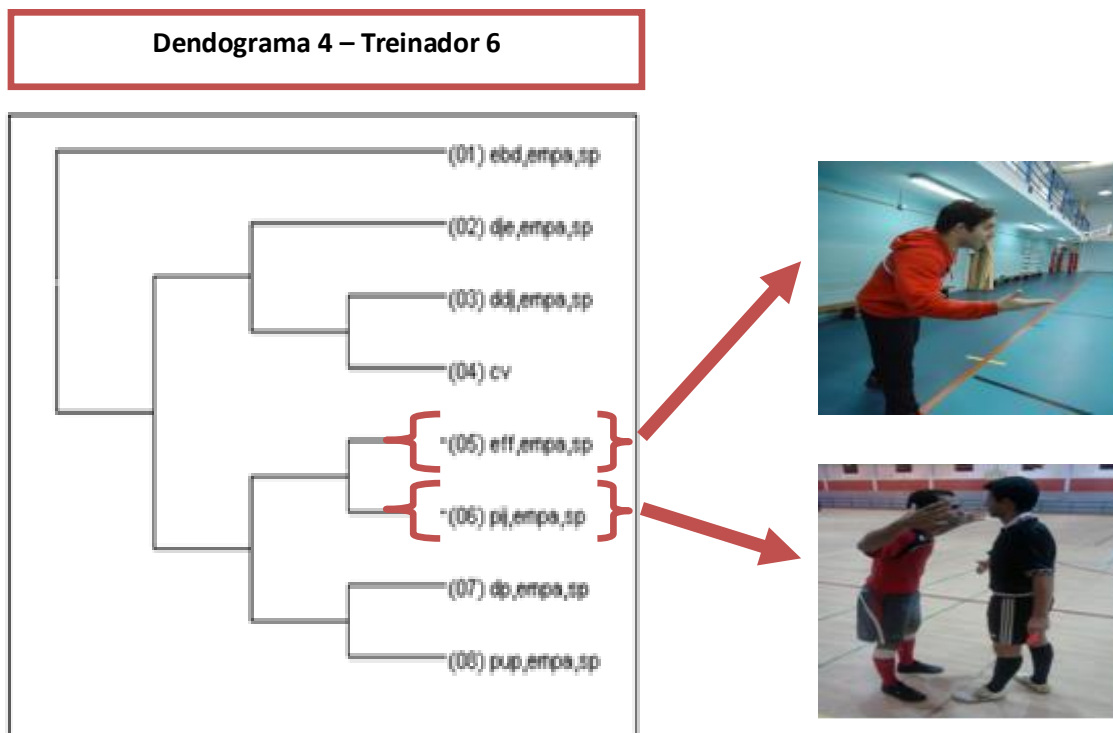


Figura 43

05-06 – O treinador encoraja um atleta a fazer falta e em seguida permite que o atleta discuta uma decisão do árbitro.

07-08 – Após um lance, o treinador diz palavrões e permite que os seus atletas façam o mesmo.

Conclusão: Neste dendograma evidencia-se um conjunto de comportamentos antagónicos aos princípios do fair play, nomeadamente, no encorajamento ao uso de violência física, desrespeito para com o árbitro e uso de palavrões.

Dendograma 5 – Treinador 6

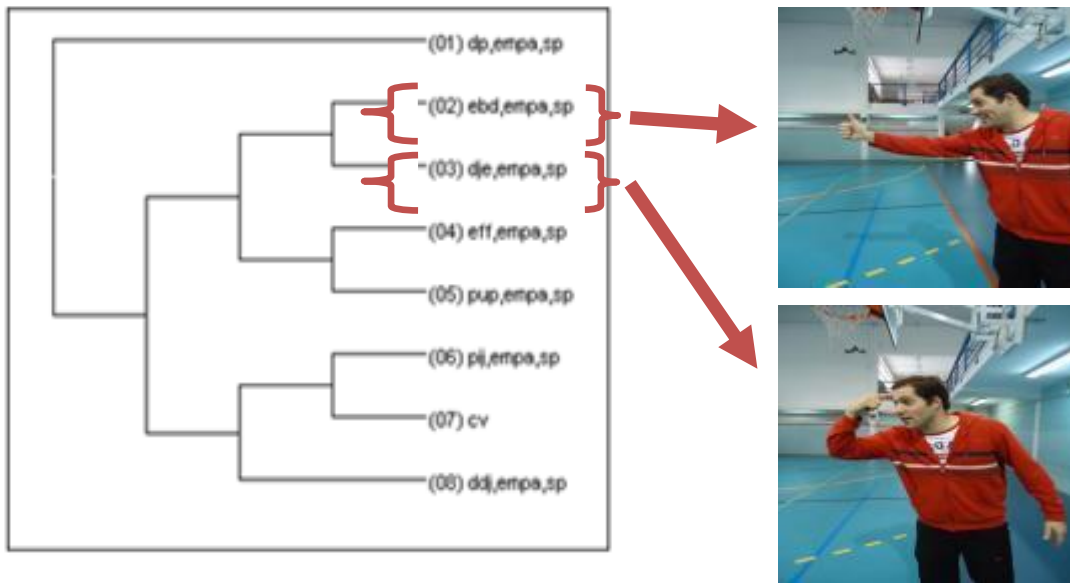


Figura 44

02-03 – Depois de uma jogada o treinador elogia o atleta que procede bem e critica o que erra.

04-05 – O treinador encoraja a fazer falta. O atleta diz um palavrão e o treinador permite.

Conclusão: Analisando este dendograma conclui-se que o treinador elogia o bom desempenho dos atletas, uma atitude que é louvável. Todavia, perante o erro, exerce uma crítica negativa.

Dendograma 6 – Treinador 6

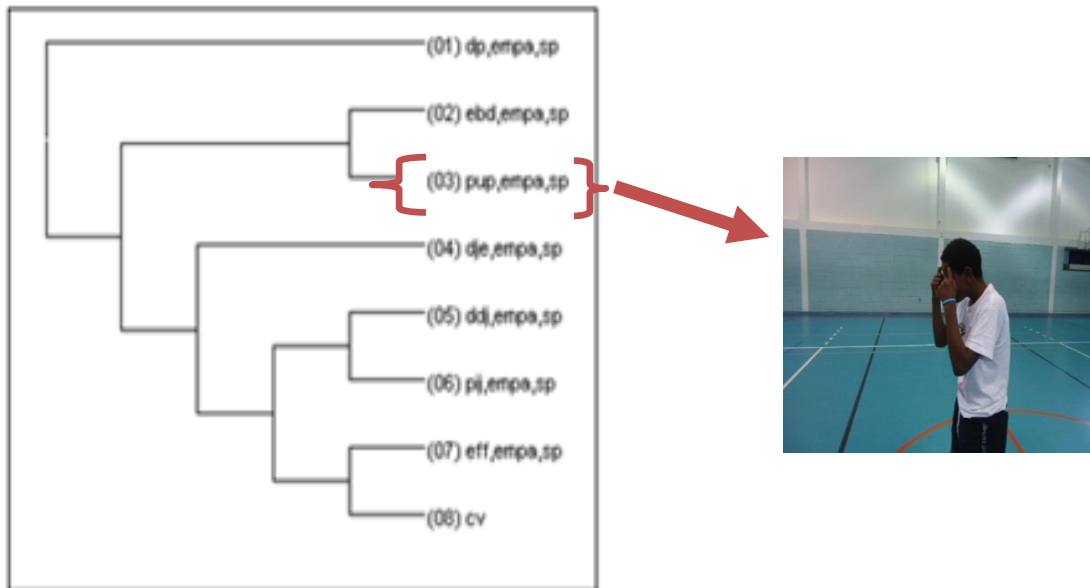


Figura 45

02-03 – Após uma jogada, o treinador elogia o desempenho do atleta. O atleta diz palavrões e o treinador não faz nada.

05-06 – O treinador desrespeita as decisões do árbitro e permite que os seus atletas façam o mesmo.

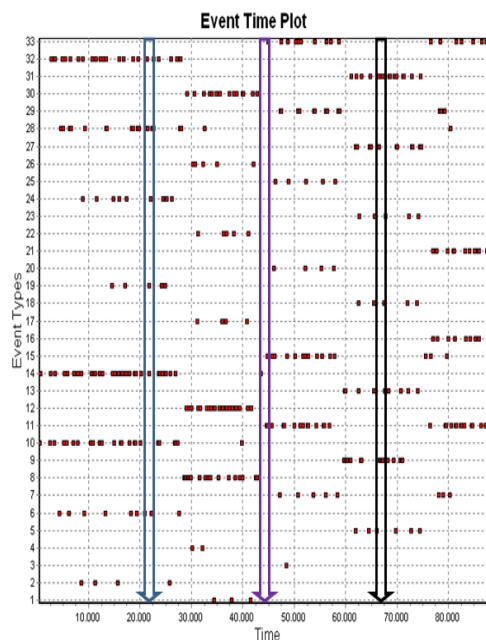
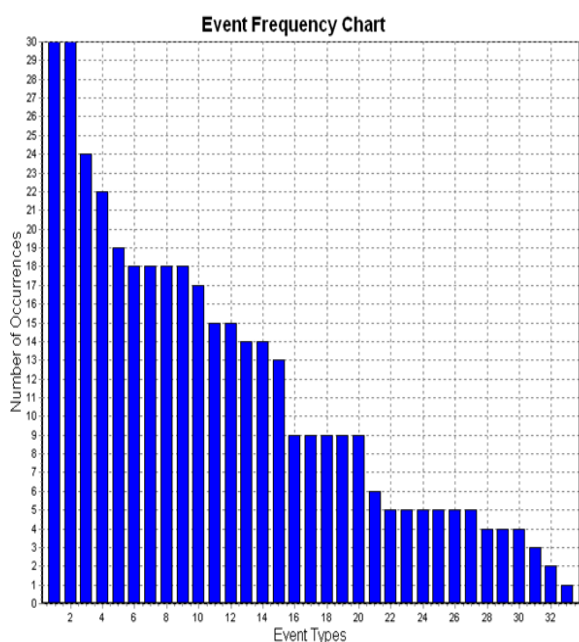
Conclusão: A principal conclusão deste dendograma é o desrespeito que treinador e atletas demonstram pelo árbitro. O treinador não acata as decisões do árbitro e em consequência desse comportamento, permite que os seus atletas assumam a mesma conduta.

Conclusão Geral do Treinador 6

A análise deste treinador permite-nos concluir que o mesmo revela muitos comportamentos despromotores de *fair play*, nomeadamente, utiliza e permite o uso de palavrões, não respeita os seus atletas e os árbitros. Verifica-se que estes comportamentos ocorrem com maior frequência quando o resultado desportivo é negativo, sobretudo quando associado à segunda metade do jogo. Concluímos que este treinador revela um comportamento essencialmente anti desportivo.

4.1.7. Análise do comportamento do Treinador 7

Treinador sem formação em Educação Física



1 dje,empa,sp	9 pup,empa,sp
2 dp,empa,pp	10 ipt,empa,sp
3 dje,empa,pp	11 pup,du,sp
4 pup,empa,pp	12 dp,empa,sp
5 pij,empa,pp	13 pup,du,pp
6 dje,du,sp	14 pij,empa,sp
7 dp,du,pp	15 pij,du,sp
8 dje,du,pp	16 pia,empa,pp

1 da,du,pp	10 dje,empa,pp
2 da,empa,pp	11 dje,empa,sp
3 da,empa,sp	12 dp,du,pp
4 ddj,du,pp	13 dp,du,sp
5 ddj,du,sp	14 dp,empa,pp
6 ddj,empa,pp	15 dp,empa,sp
7 ddj,empa,sp	16 ebd,empa,sp
8 dje,du,pp	17 eff,du,pp
9 dje,du,sp	18 eff,du,sp

Figuras 46 e 47 - Tendências de actuação do Treinador 7

O treinador 7 apresenta um conjunto de comportamentos que não promovem o espírito do *fair play*, nomeadamente no desrespeito pelos diversos intervenientes na partida.

Utiliza frequentemente vocabulário desadequado (**dp**), recorrendo ao uso de palavrões para discutir com os seus atletas, com o árbitro e com os adversários e ainda para festejar golos e situações de maior perigo.

Tende a incentivar os seus atletas a terem uma conduta faltosa (**eff**) para com os adversários, sobretudo, quando o resultado é desfavorável para a sua equipa.

Não respeita as decisões do juiz da partida (**ddj**) e permite que os seus atletas façam o mesmo, assumindo esta conduta como um comportamento perfeitamente normal. É tanto mais desrespeitador para com o árbitro quanto mais negativo é o resultado.

Permite, ainda, que os seus atletas se envolvam em conflitos com os adversários (**pia**), não interferindo nessas situações.

É permeável ao uso de palavrões por parte dos seus atletas (**pup**), aceitando este comportamento como sendo natural em competição.

A)Relação entre condutas de maior e menor frequência (Em função do resultado)

O treinador “**desrespeita os seus jogadores**” com maior frequência quando está empatado (**dje,emp,pp**), do que quando está a perder por um golo (**dje,du,pp**). Na verdade pode parecer estranho o treinador ser mais negativo para com os seus atletas quando o resultado é um empate, comparativamente a quando está a perder. Todavia, pode indiciar por parte do treinador uma pressão maior quando está empatado, e o resultado é ainda possível de modificar, levando-o a estar emocionalmente mais descontrolado e mais susceptível a ser desrespeitoso para com os atletas. Assim, quando está a perder, sendo o resultado mais difícil de modificar, ele assume um maior distanciamento em relação ao jogo, assumindo menos condutas negativas para com os seus atletas. Ao que parece, este treinador é mais negativo quando a possibilidade de ganhar é ainda uma realidade. Poderá esta conduta de desrespeito ter como objectivo motivar e estimular os atletas.

À imagem do que acontece com o comportamento anterior o treinador “**diz palavrões**” mais vezes quando o resultado é um empate (**dp,emp,sp**), comparativamente a quando está a perder por um golo (**dp,du,sp**).

Parece que o resultado **empate** volta a poder explicar esta conduta do treinador que perante este cenário utiliza mais vocabulário desadequado do que quando está a perder. De facto, o uso de palavrões no futebol assume muitas vezes o objectivo de estimular os seus atletas a terem uma postura mais activa no jogo, quando o resultado é desfavorável. Assim, perante um empate, existe a necessidade de incentivar os atletas para prestações mais eficazes e muitas vezes esse incentivo surge sob a forma de palavrões.

Em relação ao comportamento “**permite injúrias ao árbitro**”, volta-se a verificar situação idêntica às anteriores, ou seja, o treinador é mais conivente com impropérios para com o árbitro quando a equipa está empatada (**pij,emp,pp**), comparativamente a quando está a perder (**pij,du,sp**). Convém realçar que este comportamento do treinador, surge após a conduta injuriosa dos atletas.

O treinador “**incentiva a perder tempo**” quando está empatado. Todavia, não se encontraram episódios semelhantes quando está a perder. De facto é lógico que se incentive a perder tempo, apenas quando o resultado é favorável. Contudo, não deixa de ser reprovável este comportamento do treinador, na medida em que viola os princípios do *fair play*. A perda de tempo de jogo assume-se como um desrespeito pelo adversário e pelo público na medida em que desvirtua a natureza do jogo de futebol. Esta situação coloca em evidência que o treinador está essencialmente focalizado no resultado, independentemente dos meios necessários para tal.

B) Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do momento do jogo e do resultado)

Observando os comportamentos do treinador em função do momento do jogo em que ocorrem e do resultado, apresentam-se algumas conclusões.

Deste modo, o treinador “**desrespeita os jogadores da sua equipa**” com maior frequência quando o resultado é um empate na segunda parte (**dje,emp,sp**) comparativamente à primeira parte (**dje,emp,pp**). Também desrespeita mais os jogadores da sua equipa quando perde por um golo na segunda parte (**dje,du,sp**) do que na primeira parte (**dje,du,pp**). Em ambas as situações, o treinador é mais desrespeitoso quando se encontra o jogo a decorrer na segunda parte. Parece-nos que o facto de o resultado não ser positivo e a partida se encontrar perto do final, poderá condicionar o comportamento do treinador, tornando-o mais conflituoso e permeável ao desrespeito. Assim, a associação entre mau resultado desportivo e o terminar da partida parecem gerar índices de ansiedade maiores no treinador. Até porque em qualquer um dos cenários (**empate, derrota por um**), o resultado é ainda passível de ser modificado, criando expectativas no treinador.

No que diz respeito ao comportamento “**desrespeita as decisões do árbitro**” este ocorre com maior frequência quando a derrota é por um golo na segunda parte (**ddj,du,sp**), do que quando o resultado é o mesmo mas no decorrer da primeira parte

(ddj,du,pp). Ao que parece, existe alguma similaridade com a situação anterior, ou seja, o treinador é mais desrespeitador durante a segunda parte do jogo, quando o resultado não é o esperado. Sabemos que um mau resultado desportivo, cria maiores índices de ansiedade e nervosismos nos treinadores, sobretudo, quando o jogo caminha para o final. Durante a primeira parte, é mais fácil ao treinador tolerar o comportamento do árbitro, em virtude de haver ainda muito tempo de jogo para modificar o resultado. Todavia, à medida que o tempo vai passando, o treinador vai ficando cada vez mais descontrolado e todas as decisões do árbitro lhe parecem querer prejudicar a sua equipa. Isto leva-o a discutir as decisões do árbitro.

Na sequência deste comportamento, verificamos que o treinador “**permite injúrias ao árbitro**” mais vezes, quando perde por um golo na segunda parte (**pia,du,sp**), comparativamente à primeira parte (**pia,du,sp**).

Em nosso entender este comportamento vem na sequência do anterior, ou seja, se o treinador discute mais vezes as decisões do árbitro quando perde no decorrer da segunda parte, é normal que permita que os seus atletas adotem um comportamento semelhante. No fundo, se o treinador é um exemplo a seguir, e se se comporta de modo desrespeitoso para com o árbitro, os atletas sentem que podem agir de igual modo. Por outro lado, o treinador pode entender que o comportamento de discutir as decisões do árbitro é normal e por isso não tem qualquer tipo de intervenção quando este se manifesta por parte dos atletas.

Outra das explicações para o treinador não intervir quando os seus atletas discutem com o árbitro, poderá ser pelo facto de este se encontrar tão centrado na necessidade de encontrar soluções para vencer o jogo que descarta o comportamento dos atletas em campo.

O comportamento “**encoraja a fazer faltas**” também ocorre com maior frequência quando a equipa perde por um golo na segunda parte (**eff,du,sp**) do que na primeira parte com o resultado semelhante (**eff,du,pp**).

Em primeiro lugar parece-nos um comportamento pouco educativo e que evidencia por parte do treinador, uma profunda falta de respeito pelos adversários e pelos seus atletas. Este comportamento, não só coloca em causa a integridade física dos adversários, podendo provocar lesões graves, como semeia nos seus atletas o uso da violência para com os outros em contexto competitivo. Assim, parece-nos que

incentivar à violência é uma conduta gravosa, independentemente do resultado que se verifica, pois tornará os seus atletas mais agressivos.

Depois, é possível que os seus atletas assumam que fazer faltas é um comportamento normal, passando-o a adoptá-lo sistematicamente.

Todavia, volta a verificar-se que esta conduta também ocorre com maior frequência quando o resultado é uma derrota no decorrer da segunda parte, parecendo que quanto mais desfavorável é o resultado e quanto mais próximo está o jogo do final, mais a conduta do treinador se afasta dos ideais da ética e *fair play*. Volta a verificar-se que a conjugação de resultado negativo com o final do jogo, potencia o aparecimento de condutas anti *fair play*.

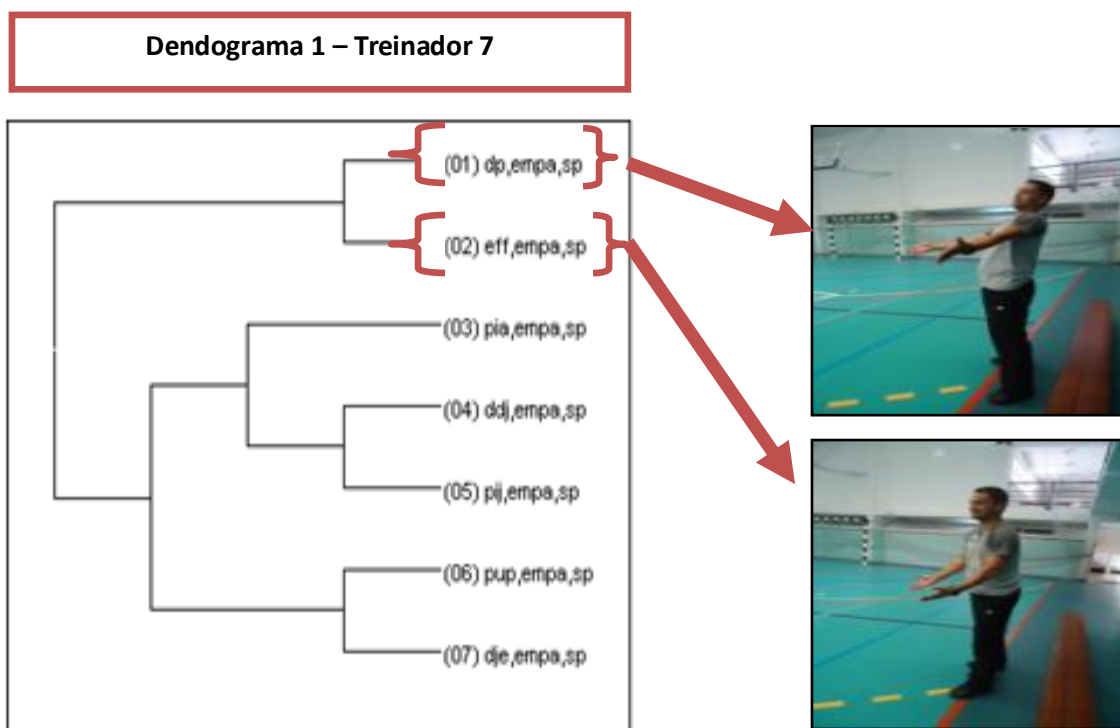


Figura 48

01-02 – O treinador diz palavrões e depois incentiva o atleta a fazer falta.

03-04-05 – Após lance confuso, permite discussão entre atletas. Depois discute a decisão do juiz e permite que os seus atletas façam o mesmo.

06-07 – O treinador permite que o atleta diga palavrões e de seguida, desrespeita-o.

Conclusão: A análise deste dendograma, demonstra uma conduta pouco educativa por parte do treinador, que para além de usar um vocabulário baseado em palavrões, também incentiva os seus atletas a fazerem faltas.

Dendograma 2 – Treinador 7

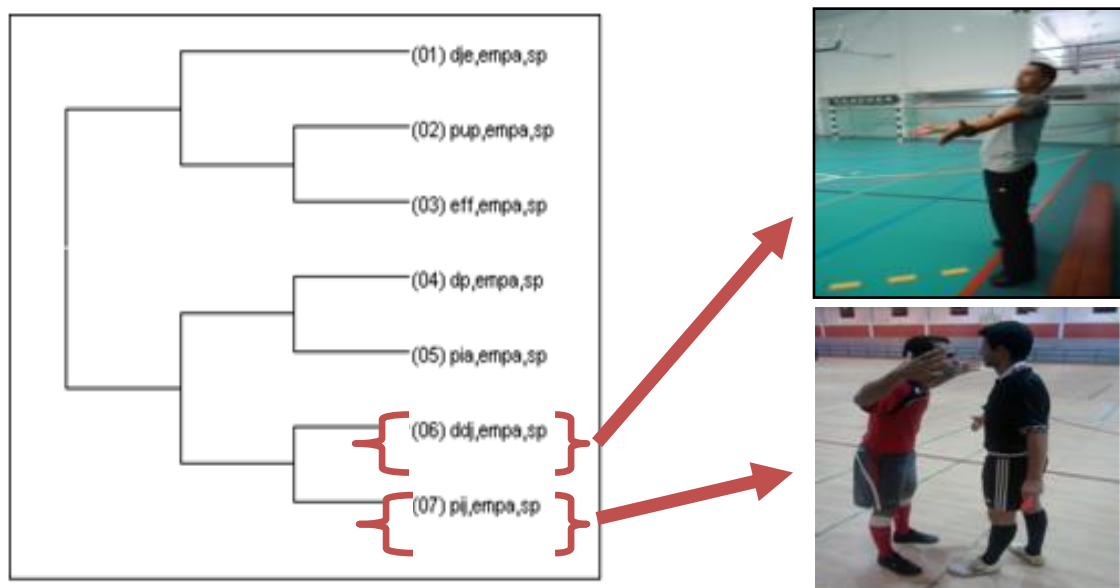


Figura 49

04-05 – Após lance confuso, o treinador diz palavrões, permitindo que os seus atletas discutam com o adversário.

06-07 – Após decisão do árbitro, o treinador discute com o árbitro e permite que os seus atletas façam o mesmo.

Conclusão: Conclui-se que o treinador discute as decisões do árbitro e que depois essa conduta é copiada pelos seus atletas que acabam por fazer o mesmo. Conclui-se que os atletas vêem o seu treinador como um modelo, copiando os seus comportamentos.

Dendograma 3 – Treinador 7

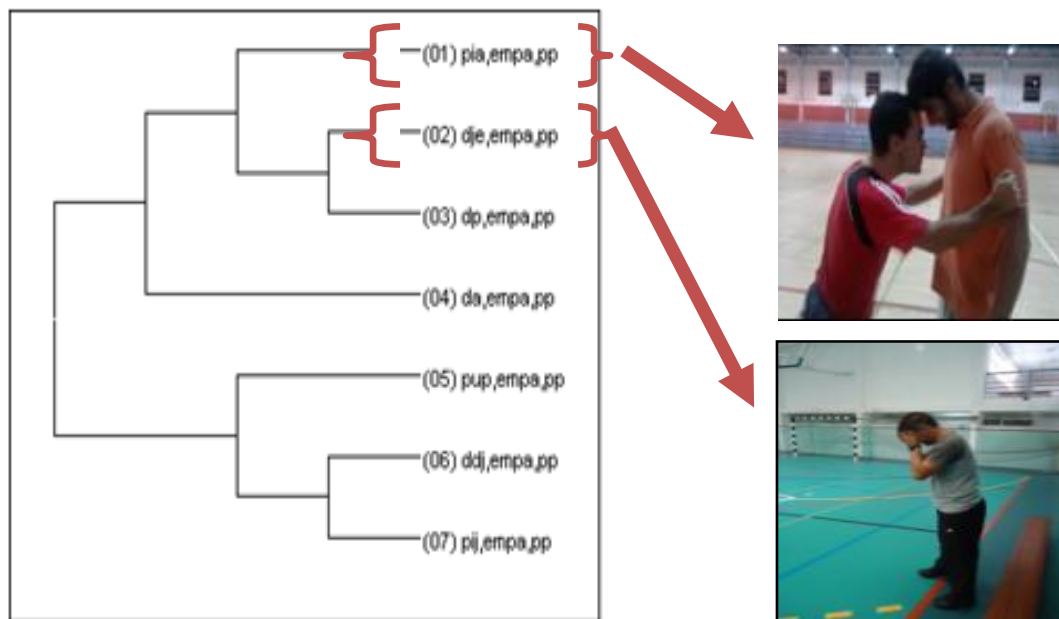


Figura 50

01-02-03 – O treinador permite que os atletas discutam com os adversários. Depois, desrespeita-os, dizendo palavrões.

05-06-07 - Após decisão do árbitro, o treinador permite que os seus atletas digam palavrões. De seguida, desrespeita o árbitro e permite que os atletas façam o mesmo.

Conclusão: O treinador permite que os seus atletas discutam com os adversários, permanecendo numa postura passiva em relação a este comportamento. Verifica-se, também, uma conduta de desrespeito do treinador para com os seus atletas.

Dendograma 4 – Treinador 7

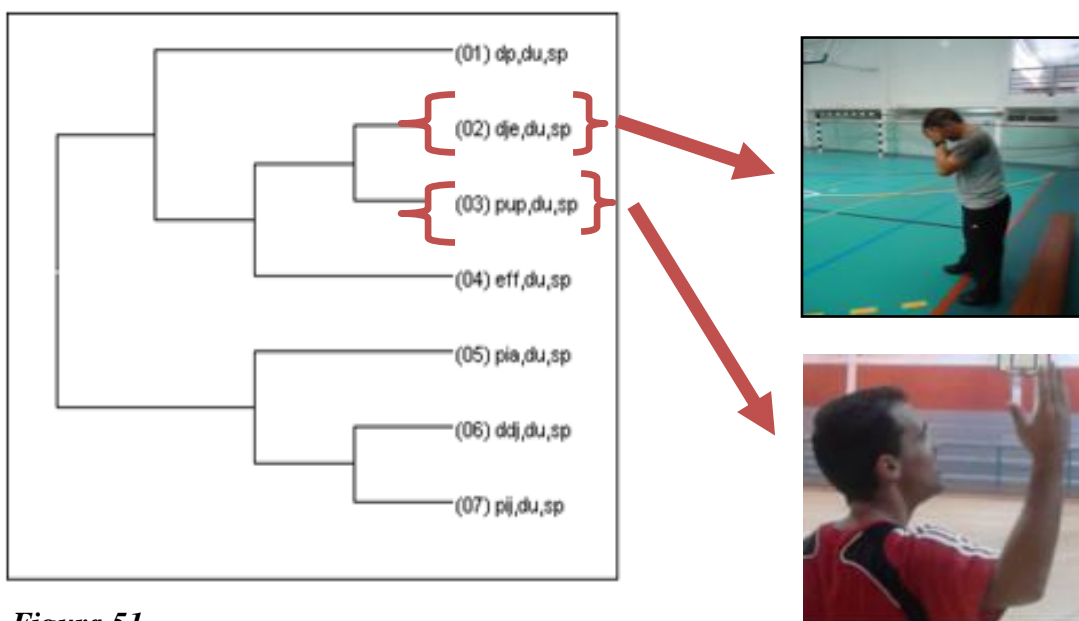


Figura 51

02-03-04 – O treinador desrespeita os seus atletas e estes respondem dizendo palavrões. De seguida o treinador incentiva-os a fazerem faltas.

05-06-07 – Após um lance confuso o treinador permite que os seus atletas discutam com os adversários. Depois, ele discute com o árbitro e permite que os atletas façam o mesmo.

Conclusão: Verifica-se uma conduta reprovável por parte do treinador que manifesta desrespeito pelos seus atletas. Em virtude deste comportamento, os atletas dizem palavrões, desrespeitando também eles o treinador. Estamos perante, condutas pouco educativas, nada favorecedoras do espírito de *fair play*.

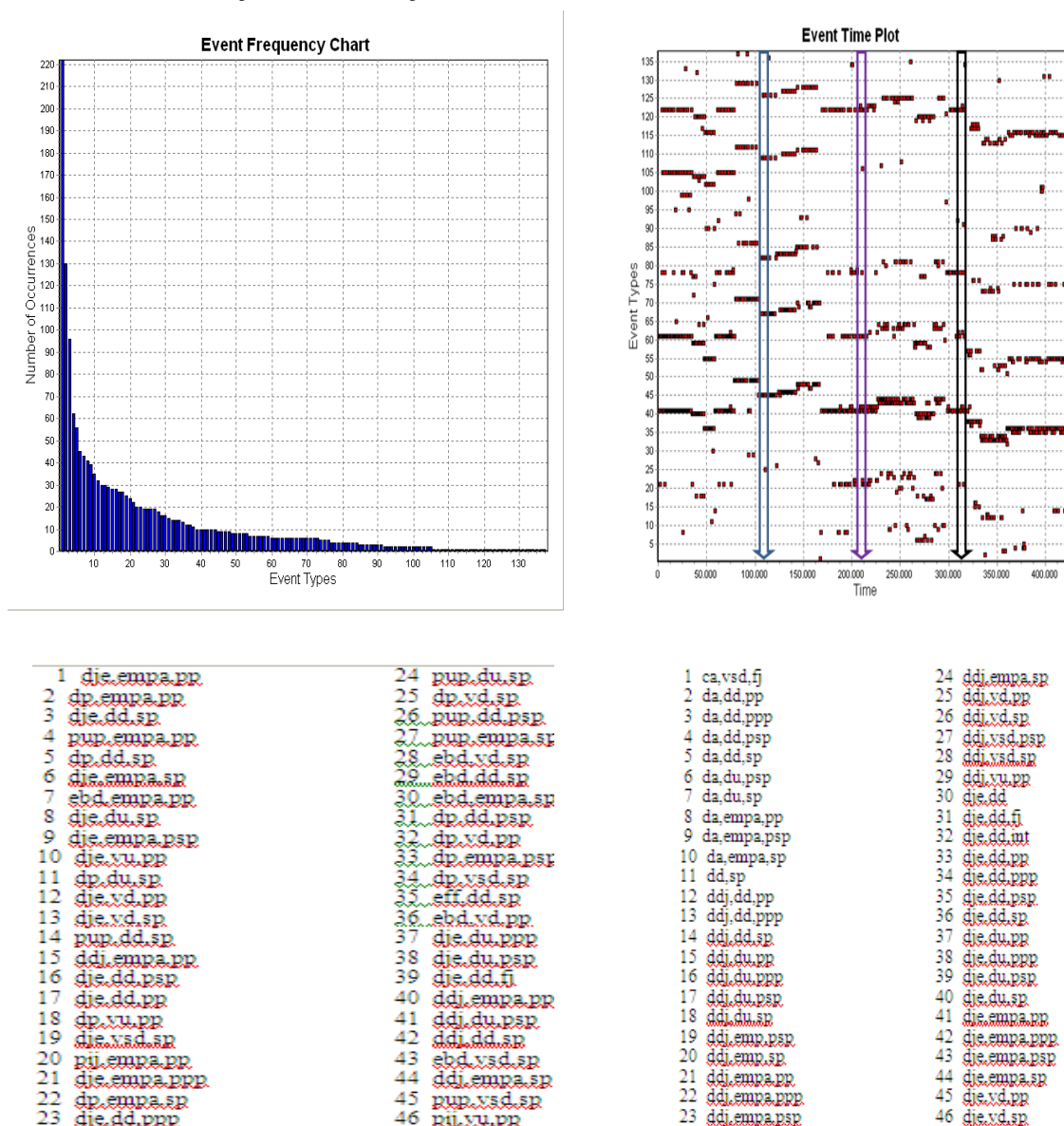
Conclusão Geral do Treinador 7

A análise deste treinador permite-nos concluir que o mesmo revela muitos comportamentos anti desportivos, nomeadamente, diz e permite o uso de palavrões, discute com os árbitros, adversários e atletas da sua equipa e incentiva a perder tempo. Todas estas condutas ocorrem com maior frequência sempre que o resultado desportivo é negativo e sobretudo, quando este se associa à segunda parte dos jogos.

Concluimos que este treinador é um mau modelo para os jovens que treina, pois o seu comportamento não revela aspectos educativos.

4.1.8. Análise do comportamento do Treinador 8

Treinador sem formação em Educação Física



Figuras 52 e 53- Tendências de actuação do Treinador 8

O treinador 8 manifesta muitas condutas pouco condizentes com o espírito do *fair play*.

Desrespeita os seus atletas (**dje**), discutindo por diversas vezes com os mesmos, quando estes erram. Desrespeita, também, o árbitro da partida (**ddj**), insurgindo-se contra as suas decisões.

Em matéria de discussão, revela também muitas condutas de discussão com os adversários (**dja**).

Do que se disse anteriormente, pode-se inferir que este treinador discute com todos os intervenientes no jogo, não olhando ao facto de ser seu atleta ou adversário. Evidencia uma conduta conflituosa que poderá ter origem na forma ansiosa com que encara as partidas. De facto, o seu comportamento é altamente descontrolado, revelando pouca capacidade para conseguir lidar com situações de maior stress. Declara-se, ainda, uma incapacidade por parte deste treinador em tolerar qualquer tipo de erro ou falha por parte dos seus atletas, pois quando estas ocorrem o seu primeiro instinto é castigar o atleta. Revela, também, uma dificuldade em respeitar as decisões do árbitro, mesmo quando estas são correctas. O facto de estar permanentemente descontrolado, afecta a capacidade de analisar criticamente o comportamento do árbitro, levando-o a desrespeitar as decisões contra a sua equipa.

Utiliza muitas vezes palavrões (**dp**), mesmo quando pretende elogiar uma boa jogada de um atleta. Apesar de o comportamento “elogiar” ser positivo, este aparece associado a vocabulário desadequado. Na verdade, os poucos elogios que confere aos atletas, são muitas vezes suportados em palavrões, o que evidencia que estes fazem parte do léxico do treinador. Será certamente tão normal dizer um palavrão como utilizar outra palavra qualquer, o que faz deste um recurso frequentemente utilizado. Todavia, este comportamento pode confundir os atletas, pois o palavrão tanto serve de desaprovação, como serve de suporte positivo.

Em relação à postura dos seus atletas, o treinador é conivente com a utilização de palavrões e permite que os atletas discutam com o árbitro. De facto, podemos encarar esta conduta como uma consequência normal do comportamento do treinador, pois é perfeitamente legítimo aos atletas discutirem com o árbitro e dizerem palavrões, pois esse é também apanágio do seu treinador. Depois, o treinador não intervir perante essas situações, poderá estar relacionado com o facto de acreditar que essas condutas são aceitáveis, pois ele mesmo se comporta desta forma em diversas ocasiões.

A) Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do resultado)

O treinador **desrespeita os seus atletas** mais vezes quando está empatado (**dje,emp,pp**) do que desrespeita quando está a ganhar (**dje,vsd,sp**). Também desrespeita mais quando está a perder por dois golos (**dje,dd,sp**) do que quando está a perder por um (**dje,du,sp**).

Em relação à vitória, ele desrespeita mais os seus atletas quando está a vencer apenas por um golo (**dje,vu,sp**) do que quando está a vencer por dois (**dje,vd,sp**).

Na verdade fica patente o facto de o treinador ser tanto mais negativo, quanto menos confortável e positivo for o resultado. Verificamos que desrespeita mais quando está empatado comparativamente a quando está a ganhar e quando está a ganhar é mais crítico quando a vitória é pela margem mínima do que quando vence pelo menos por dois. Parece que o factor resultado assume aqui um papel de primordial destaque, pois ao que se verifica ele é motor que desenvolve no treinador esta conduta tão negativa.

Todavia, aquilo que nos parece dever ter maior destaque é o facto de que mesmo a ganhar por uma margem confortável, o treinador não deixa de ser negativo para com os seus atletas. É menos vezes, mas não deixa de sê-lo. Parece-nos que esta conduta do treinador é influenciada pelo resultado, mas poderá estar muito relacionada com as características idiossincráticas. Todavia, não deixa de ser um dado curioso que o comportamento mais evidenciado pelo treinador durante os jogos seja o desrespeito pelos seus próprios atletas.

À semelhança do comportamento anterior o treinador **diz palavrões** mais vezes quando está empatado (**dp,emp,pp**) do que quando está a ganhar (**dp,vsd,sp**). Também **diz palavrões** mais vezes quando está a perder por dois golos (**dp,dd,sp**) do que quando está a perder por um (**dje,du,sp**).

Em relação à vitória, ele **diz palavrões**, mais vezes quando está a vencer apenas por um golo (**dje,vu,sp**) do que quando está a vencer por dois (**dje,vd,sp**).

Na verdade fica patente o facto de o treinador ser tanto mais negativo, quanto menos confortável for o resultado. Verificamos que diz palavrões mais vezes quando está empatado comparativamente a quando está a ganhar e quando está a ganhar diz palavrões mais vezes quando a vitória é pela margem mínima do que quando vence pelo menos por dois. Parece-nos que o factor resultado volta a ter uma importância fundamental na adopção deste comportamento, pois quanto mais desfavorável é o resultado, com maior frequência aparecem estes comportamentos. Todavia, eles

continuam a evidenciar-se mesmo perante uma vitória confortável. Uma das explicações tem a ver com o facto de o treinador, mesmo quando elogia, recorrer ao uso de palavrões. Depois, os festejos dos golos são normalmente realizados recorrendo a este tipo de vocabulário. Mas mais uma vez nos parece que este comportamento poderá estar relacionado com a própria personalidade do treinador, ou pelo facto de os palavrões fazerem parte do léxico usado no dia-a-dia do mesmo.

Em relação ao comportamento “**desrespeita as decisões do juiz**” este ocorre mais vezes quando está empatado (**ddj,emp,pp**), do que quando está a perder (**ddj,dd,pp**).

Parece de alguma forma contraditório este comportamento, à luz daquilo que temos vindo a afirmar. Na verdade, o treinador manifesta sempre mais comportamentos *Anti-fair play* quando o resultado é negativo. Ou seja, quando está empatado é mais desrespeitador do que quando ganhar e quando perde e mais negativo do que quando está empatado.

Parece-nos que o facto de estar a perder, gera maior desinteresse no treinador pelo jogo, levando-o a não intervir tantas vezes no trabalho do árbitro. No entanto, quando o resultado é um empate, a vitória é ainda possível e as decisões do árbitro têm maior influência no resultado do jogo, levando o treinador a discutir com maior frequência essas mesmas decisões. No fundo, o que está em causa é o facto de o resultado ser ou não ainda discutível.

O comportamento “**permite o uso de palavrões**” ocorre mais vezes quando o resultado é uma derrota por dois golos (**pup,dd,sp**), do que quando é uma derrota por um (**pup,du,sp**), ou um empate (**pup,emp,sp**).

Em primeiro lugar é necessário ter-se em consideração que este comportamento do treinador surge sempre na sequência do comportamento dos atletas ou seja, é necessário que em primeiro lugar os atletas digam palavrões e só depois se poderá inferir a conduta do treinador. Assim, parece-nos normal uma maior passividade do treinador perante este comportamento quando está a perder, pois nesse momento a suas atenções estão essencialmente viradas para a mudança do resultado, logo o vocabulário dos seus atletas é um factor pouco importante na modificação do resultado. Depois, o facto de o treinador utilizar frequentemente palavrões, pode indiciar que para ele este tipo de vocabulário é normal no futebol e nesse sentido, não intervém quando os seus atletas o manifestam. Pode ainda o treinador permitir este comportamento ao assumir

que é uma forma dos seus atletas libertarem a tensão e o stress inerentes ao jogo de futebol, ainda para mais quando estão a perder.

Assim, este comportamento ocorre menos vezes quando o resultado é favorável, pois a pressão psicológica exercida sobre os atletas pode ser menor.

O comportamento “**permite injúrias para com o árbitro**” ocorre mais vezes quando o resultado é um empate (**pij,emp.sp**) do que quando é uma vitória (**pij,vu.sp**). À imagem daquilo que dissemos anteriormente, o factor resultado desportivo parece ter aqui novamente um papel decisivo, na medida em que os atletas desrespeitam mais vezes o árbitro quando o resultado é menos favorável, permanecendo o treinador passivo perante este comportamento. Parece-nos que o facto de estar empatado leva o treinador a concentrar-se somente nas acções potenciadoras da alteração do resultado, descurando todos os comportamentos que não tenham relevância para a obtenção da vitória. Desta forma, o treinador não reage ao desagrado evidenciado pelos seus atletas para com o árbitro, pois não assume esse comportamento como um inibidor da vitória.

Depois, como dissemos anteriormente, o próprio treinador discute com frequência com o árbitro sendo possível que assuma esta conduta como algo normal, permitindo aos seus atletas a adopção da mesma. O treinador pode, ainda, assumir esta conduta como um fruto do resultado negativo, como uma necessidade dos atletas em se libertarem da própria tensão do jogo.

Em relação ao comportamento “**incentivar a fazer faltas**” este ocorre, sobretudo, quando o resultado é uma derrota por dois golos (**eff,dd,sp**), o que deixa antever uma má conduta do treinador perante a derrota. O facto de estar a perder por um resultado volumoso em que a vitória se começa a adivinhar difícil, pode contribuir para que o treinador assuma uma conduta mais violenta para com os adversários, encorajando os seus atletas a fazerem faltas. Parece-nos que quando o resultado desportivo favorável começa a ser impossível de alcançar, leva o treinador a perder o interesse pela partida e o seu alvo de atenção passa a ser a vingança para com os adversários.

Isto revela uma péssima conduta do treinador que incute nos seus atletas a falta de desrespeito pelos adversários e pelo valor da saúde dos outros. Demonstra uma má reacção perante a derrota, o que pode indiciar baixos níveis de tolerância à frustração. Na verdade o treinador assume-se como um mau exemplo para os jovens, pois veicula

neles comportamentos de ódio e raiva para com os adversários, situações pouco dignificantes da condição humana.

B) Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do momento do jogo e do resultado)

O treinador “**desrespeita os jogadores da sua equipa**” com maior frequência quando está a perder por dois golos durante a segunda parte (**dje,dd,sp**) do que quando perde por igual resultado no decorrer da primeira parte (**dje,dd,pp**).

Parece-nos que a associação resultado/momento do jogo pode explicar esta situação. Na verdade perante um mesmo resultado de derrota, o treinador é mais desrespeitoso durante a segunda parte, pois o facto de a partida caminhar para o fim e o resultado deixar antever uma derrota, pode provocar maiores níveis de ansiedade e stress no treinador. Quando a derrota se começa a adivinhar, o treinador assume uma postura mais negativa para com os seus atletas, como que culpando-os da má prestação da equipa no jogo. Quando está a perder na primeira parte, é menos desrespeitoso, pois o facto de ainda existir muito tempo de jogo, permite ao treinador vislumbrar a possibilidade de vitória. Depois, o facto de ainda haver possibilidade de recuperar, pode levar a que o treinador pense que deva evitar condutas que deixem os seus atletas ainda mais nervosos e menos motivados. Assim, surge com maior naturalidade o desrespeito no decorrer na segunda parte, comparativamente com a primeira parte.

Em relação ao comportamento “**dizer palavrões**” este ocorre com maior frequência quando o resultado é uma derrota por dois golos.

Parece que novamente a associação entre resultado \ momento do jogo tem influência na conduta do treinador, pois o uso de vocabulário desadequado surge essencialmente na segunda parte, quando o jogo de encaminha para o fim e quando o resultado é muito desfavorável.

Significa que, em momentos em que a vitória desportiva está praticamente comprometida, os níveis de ansiedade do treinador aumentam e este utiliza mais vezes um vocabulário impróprio.

Ao que parece, o treinador fica mais descontrolado emocionalmente quando sente que a vitória é um objectivo praticamente impossível. Todavia, devemos realçar que o comportamento “**dizer palavrões**” surge associado a qualquer momento do jogo independente de cada resultado.

Em relação ao comportamento “**permite o uso de palavrões**” este aparece mais frequentemente quando o resultado é uma derrota por dois golos na segunda parte (**pup,dd,sp**) do que com o mesmo resultado na primeira parte (**pup,dd,pp**). Fica claro que o momento do jogo tem aqui enorme influência, pois o uso de palavrões por parte atletas surge com maior frequência quando as hipóteses de ganhar o jogo começam a tornar-se remotas. Ou seja, o treinador é mais permeável ao uso de vocabulário desadequado por parte dos seus atletas, quando a vitória é muito difícil de alcançar. Isto pode acontecer pelo facto do treinador estar essencialmente centrado na possibilidade de recuperar para um resultado positivo, não dando por isso interesse a este comportamento. Poderá também ser explicado pelo possível desinteresse que o treinador começa a ter pelo jogo, devido ao mau resultado.

Outra das explicações para esta situação prende-se com o facto de o treinador não dar relevância a este tipo de comportamento, pois ele mesmo recorre muitas vezes ao uso de palavrões, o que indicia que esta conduta é para ele perfeitamente normal.

O treinador “**elogia o bom desempenho dos seus atletas**” com maior frequência quando está a ganhar pois dois golos na segunda parte (**ebd,vd,sp**), do que quando está a perder por dois golos no mesmo momento do jogo (**ebd,dd,sp**). Parece que o treinador tem mais comportamentos de suporte afectivo positivo quando o resultado é favorável, talvez por se encontrar emocionalmente mais equilibrado e com menos pressão. A associação resultado positivo/momento do jogo, tranquiliza o treinador que adopta uma postura mais elogiosa para com os seus atletas. Todavia, não é tão elogioso quando está a perder, o que poderá ser explicado pelo maior número erros cometidos pelos seus atletas e que levam o treinador a ser mais crítico. Pode ainda evidenciar um descontrolo por parte do treinador perante a derrota, que torna a sua conduta menos positiva.

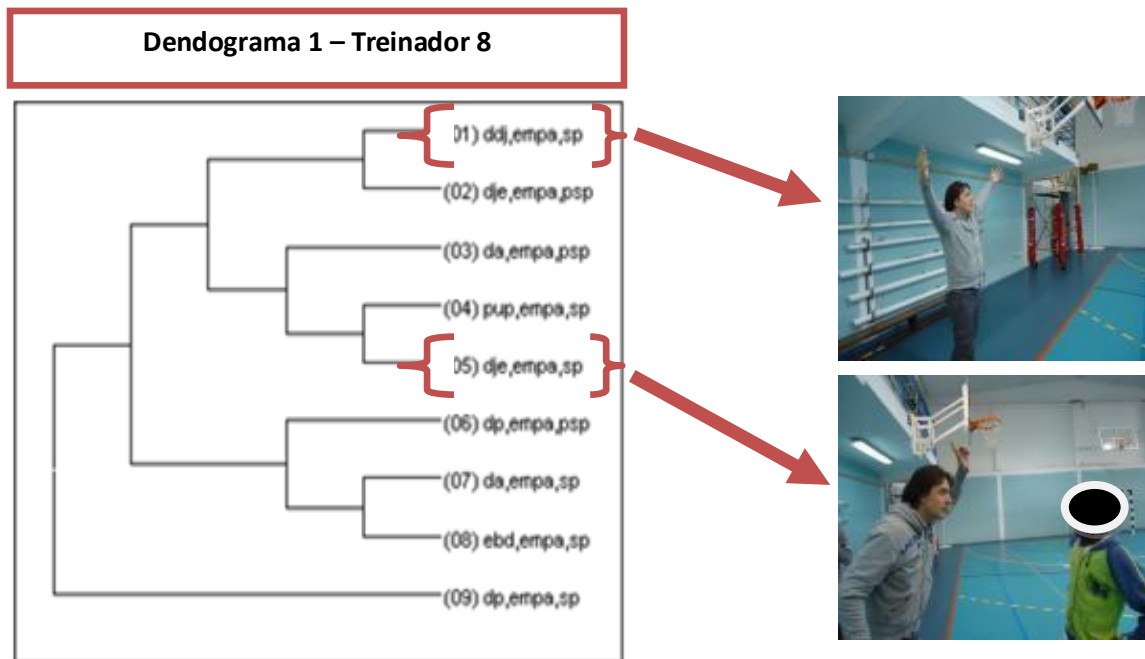


Figura 54

01-02 – Após uma jogada, o treinador desrespeita a decisão do árbitro e logo de seguida desrespeita também os seus atletas.

03-04-05 – Após uma situação de conflito, o treinador desrespeita os adversários, levando conseqüentemente ao uso de palavrões por parte dos seus atletas. Na mesma linha de conflito, o treinador insulta o seu atleta.

Conclusão: A análise deste dendograma coloca em foco uma má postura do treinador, na medida e que este discute as decisões do árbitro sempre que não concorda com estas. Evidencia, ainda, desrespeito pelos seus atletas, discutindo com os mesmos.

Dendograma 2 – Treinador 8

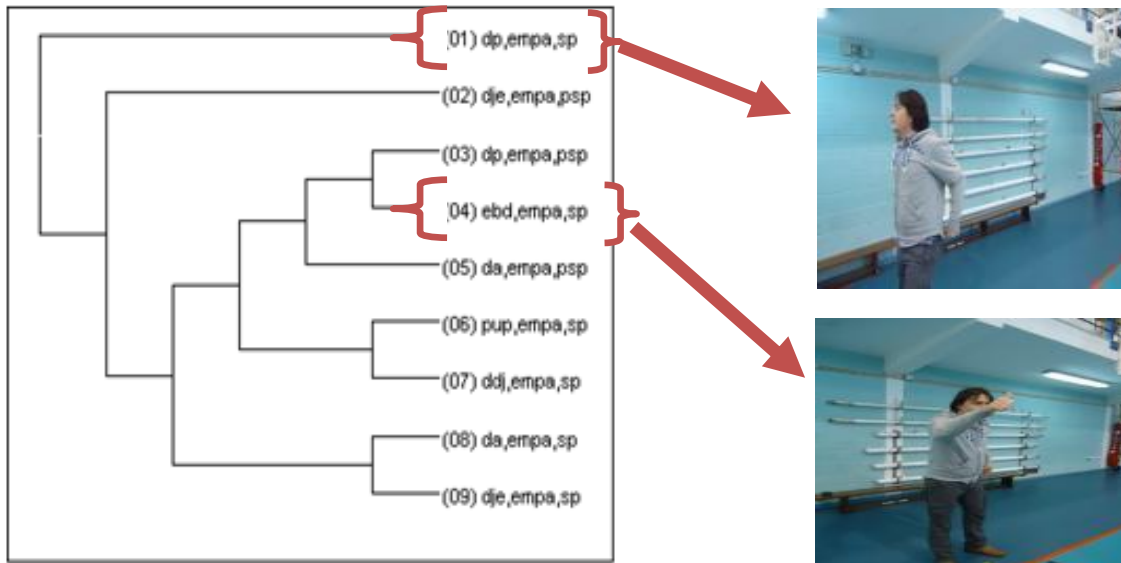


Figura 55

01- O comportamento **Dizer Palavrões** aparece associado a todos os outros.

02- Comportamento **Desrespeito pelos jogadores da sua equipa**, aparece associado a todos os outros comportamentos

03-04-05- Após uma boa jogada, o treinador diz um palavrão e de seguida elogia o seu atleta pela boa prestação. Após este comportamento, entra em conflito com os adversários.

06-07- O treinador permite que os seus atletas digam palavrões e posteriormente discute uma decisão do árbitro.

08-09- Após uma situação de conflito o treinador discute com os adversários e posteriormente com os seus atletas.

Conclusão: Ao analisarmos este dendograma, verificamos que os comportamentos “Dizer Palavrões” e Desrespeito pelos jogadores da sua equipa aparecem associados a todos os outros comportamentos, revelando uma conduta pouco educativa por parte do treinador. Conclui-se, também, que o treinador recorre muitas vezes ao uso de palavrões para elogiar alguma jogada dos seus atletas. Ora se o comportamento de elogiar os atletas é muito positivo, na verdade quando recorre aos palavrões para os incentivar, acaba por manchar negativamente este elogio.

Dendograma 3 – Treinador 8

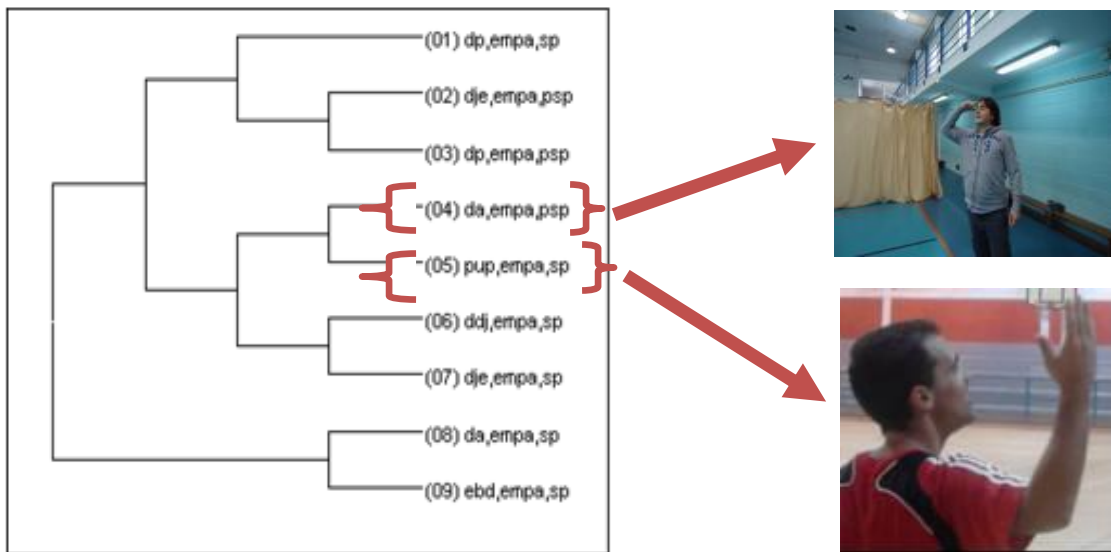


Figura 56

01-02-03 – O treinador diz palavrões e em consequência disso desrespeita os jogadores da sua equipa, usando novamente palavrões.

04-05 – Após situação de conflito o treinador desrespeita os adversários e de seguida permite aos seus atletas o uso de palavrões.

06-07 – Após uma jogada, o treinador discorda do árbitro e de seguida insulta um atleta.

Conclusão: Da análise deste dendograma verifica-se uma conduta conflituosa do treinador para com os adversários, nomeadamente o treinador da outra equipa. Verifica-se, também uma conduta desapropriada por parte dos atletas, ao insultarem os adversários, perante a passividade do seu treinador.

Dendograma 4 – Treinador 8

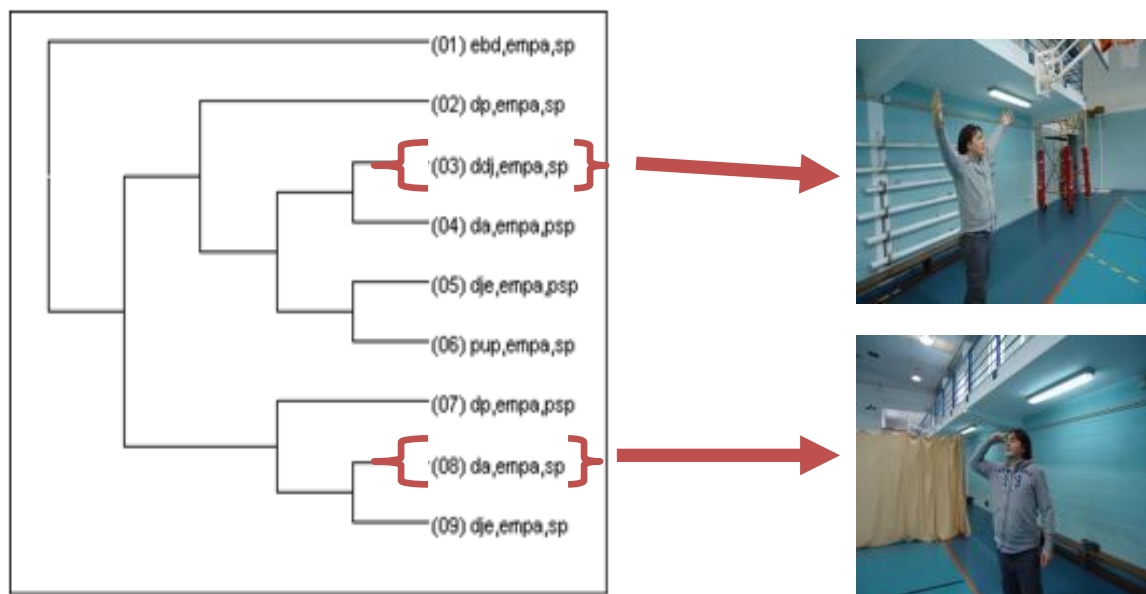


Figura 57

03-04 – Após uma decisão do árbitro, o treinador discute com o mesmo e posteriormente discute com um adversário.

05-06 – O treinador desrespeita os seus atletas que respondem dizendo palavrões.

07-08-09 – Após conflito o treinador diz palavrões e de seguida discute com adversários e com os seus jogadores.

Conclusões: O treinador volta a evidenciar uma conduta conflituosa para com os restantes elementos da partida. Discute as decisões do árbitro, não respeita os seus atletas e discute com o treinador adversário.

Dendograma 5 – Treinador 8

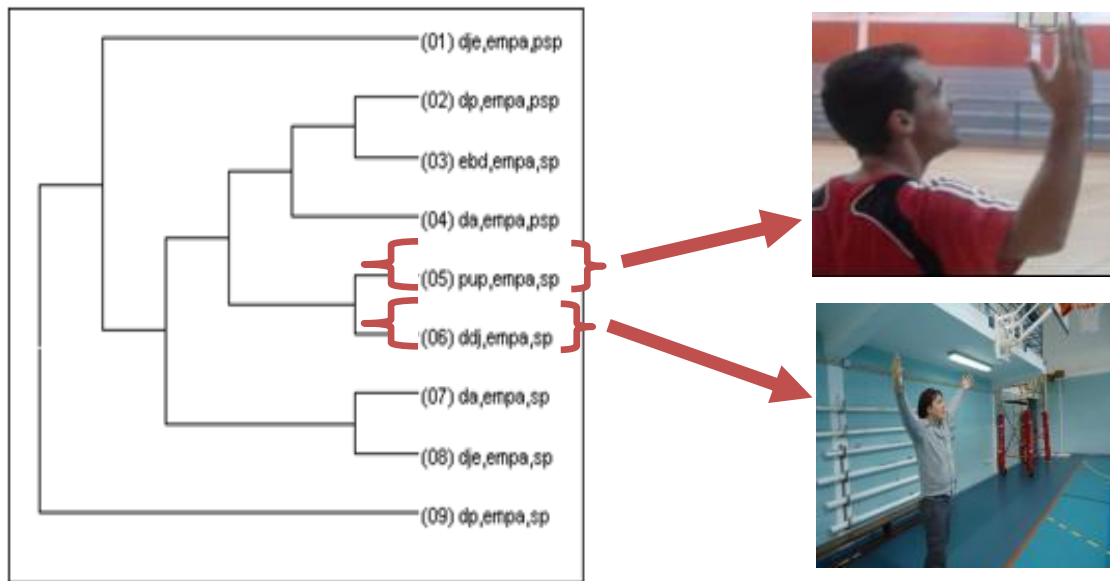


Figura 58

02-03 – Após uma jogada o treinador diz um palavrão e logo de seguida elogia os seus atletas.

05-06 – O treinador permite que os seus atletas digam palavrões e logo de seguida desrespeita uma decisão do árbitro.

Conclusão: Mais uma vez se verifica um comportamento muito reprovável do treinador e dos seus atletas. O treinador volta a discutir as decisões do árbitro da partida e permanece sereno quando os seus atletas dizem palavrões e discutem com os adversários.

Dendograma 6 – Treinador 8

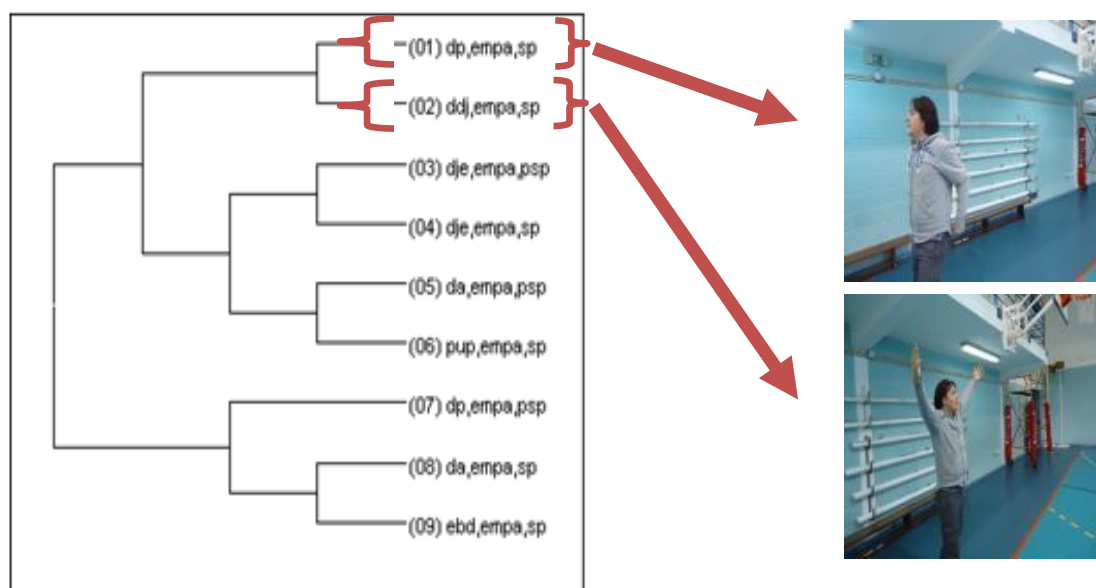


Figura 59

01-02 – O treinador diz palavrões e de seguida discute as decisões do árbitro.

03-04 – O treinador desrespeita um atleta da sua equipa e de seguida desrespeita outro atleta.

05-06 – O treinador desrespeita um adversário e em consequência permite que os seus atletas digam palavrões.

Conclusão: Neste dendograma fica patente a conduta desajustada do treinador que desrespeita sistematicamente os seus atletas, utilizando diversas vezes palavrões. Desrespeita ainda os adversários e permite que os atletas façam o mesmo.

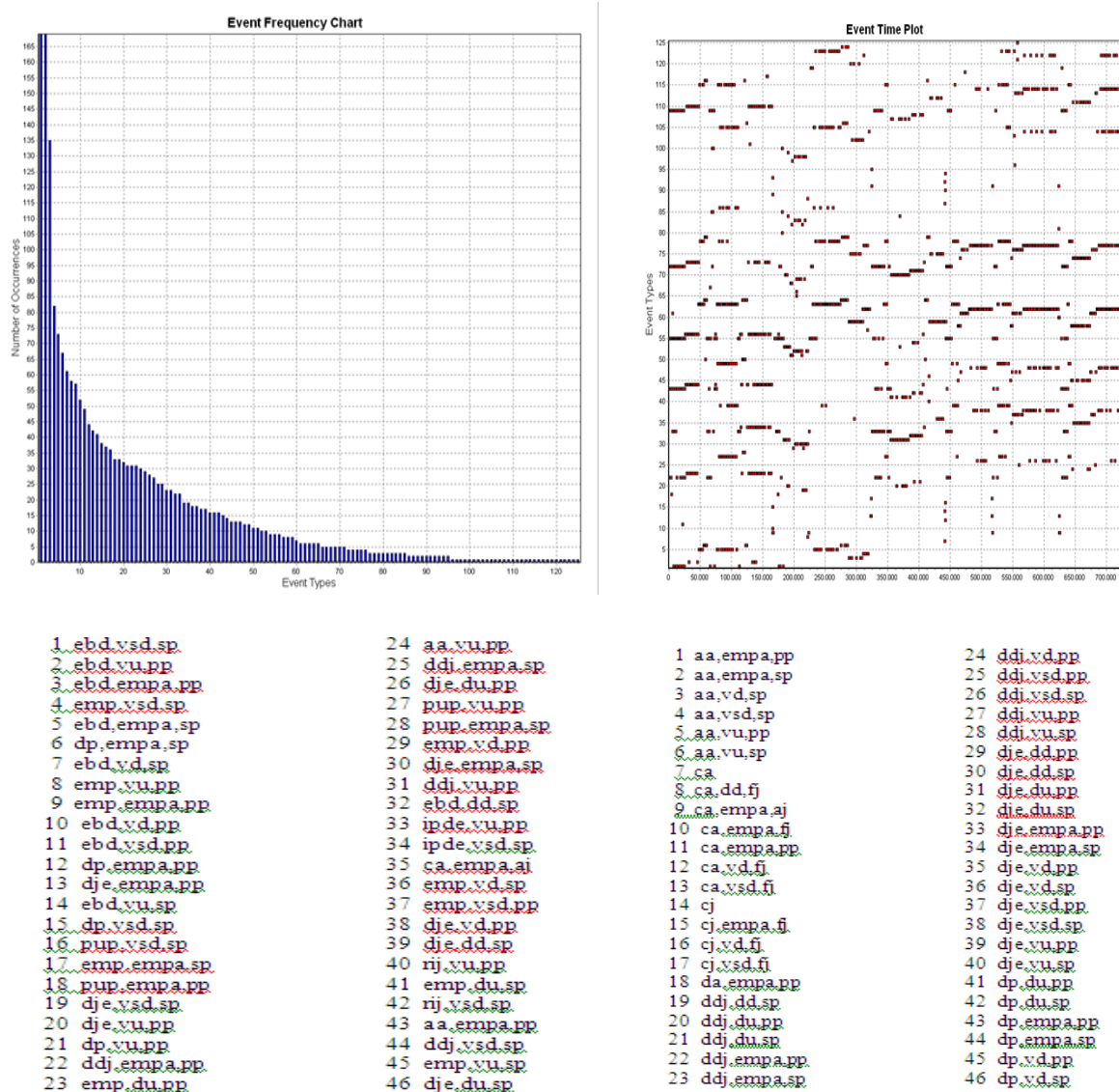
Conclusão Geral do Treinador 8

A análise deste treinador permite-nos concluir que o mesmo revela muitos comportamentos antidesportivos, nomeadamente, diz e permite o uso de palavrões, discute com os árbitros, adversários e atletas da sua equipa e incentiva a perder tempo. Todas estas condutas ocorrem com maior frequência sempre que o resultado desportivo é negativo e sobretudo, quando este se associa à segunda parte dos jogos.

Concluimos que este treinador é um mau modelo para os jovens que treina, pois o seu comportamento não revela aspectos educativos.

4.1.9. Análise do comportamento dos treinadores Licenciados em Educação Física

Treinadores com formação superior em Educação Física



Figuras 60 e 61 – Tendências de actuação dos Treinadores Licenciados

O comportamento dos treinadores licenciados em Educação Física, apresenta condutas promotoras e despromotoras de *fair play*.

Em relação às condutas não promotoras de *fair play*, observa-se o desrespeito pelas decisões do juiz da partida (**ddj**), desrespeito pelos seus atletas (**dje**), evidenciando por parte do treinador uma conduta conflituosa para com alguns dos elementos da partida. Não deixa de ser curioso que o treinador assume uma postura de discussão para com os seus atletas, todavia, isso não se evidencia com os adversários.

O treinador permite o uso de palavrões por parte dos seus atletas (**pup**), deixando antever que não dá relevância a este comportamento, assumindo-o como uma conduta normal.

Em relação às condutas promotoras de *fair play*, destaca-se o constante reforço positivo das acções realizadas pelos seus atletas, sejam estas bem ou mal sucedidas.

Significa que os treinadores licenciados em Educação Física têm a preocupação de elogiar e encorajar as prestações dos seus atletas, sejam estas bem ou mal realizadas. Reconhece a importância que o elogio assume no clima motivacional da sua equipa e por isso recorre a este comportamento com muita frequência.

A)Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do resultado)

Em relação ao comportamento “**elogia o bom desempenho dos seus atletas**” este aparece com maior frequência quando está a ganhar por mais de dois golos (**ebd,vsd,sp**) do que quando está a ganhar por dois (**ebd,vd,sp**) ou por um golo (**ebd,vu,sp**).

De facto o número de reforços positivos é tanto maior quanto mais avolumado é o resultado. Parece-nos que esta situação pode ser explicada pelo facto de quando está a ganhar por uma margem confortável, o treinador licenciado em Educação Física está mais descontraído e menos pressionado pela vitória, permitindo-lhe a adopção de comportamentos mais positivos. Depois, o facto de se estar a ganhar por mais de dois golos poderá indiciar uma maior qualidade das acções dos atletas, levando o treinador a ser mais elogioso. Quando está a ganhar pelo resultado mínimo, os níveis de ansiedade são maiores e o treinador está mais centrado em fornecer informações que conduzam a um resultado mais confortável. Depois, o facto de se estar a ganhar somente por um golo, pode levar-nos a crer que as acções dos atletas não são tão eficazes e que por isso o número de reforços positivos seja menor.

Contudo, não podemos deixar de assinalar que este comportamento é aquele que ocorre com maior frequência o que mostra uma boa conduta do treinador para com os seus atletas.

Em relação ao comportamento “**encoraja as más prestações**” à semelhança do comportamento anterior, o treinador licenciado em Educação Física é mais encorajador

quando está a vencer por dois golos (**emp,vd,sp**), do que quando está a vencer por um golo (**emp,vu,sp**) ou quando está empatado (**emp,emp,sp**).

Parece que novamente o factor resultado tem influência na conduta do treinador que é tanto mais encorajador para com os seus atletas quando estes erram, quanto mais confortável é o resultado. Não deixa de ser curioso o treinador encorajar mais às más prestações quando está a ganhar do que quando está empatado, pois neste último resultado a motivação dos atletas é crucial para a mudança da marcha do marcador. Parece que o treinador quando o resultado é negativo, se centra mais em fornecer informações que conduzam à vitória do que em encorajar os seus atletas perante más posturas. Todavia, quando está a ganhar por um “score” confortável, parece que é mais fácil desculpar os erros dos seus atletas.

Contudo, não podemos deixar de destacar o facto de este comportamento ser o segundo mais evidenciado pelo treinador, o que deixa antever uma postura positiva perante o jogo.

O treinador “**diz palavrões**” com maior frequência quando está empatado (**dp,emp,sp**) do que quando está a ganhar por mais de dois golos (**dp,vsd,sp**). Parece-nos que o factor resultado confortável assume aqui particular interesse, pois o maior número de palavrões ocorre quando o resultado não é uma vitória. De facto, o resultado menos positivo, ou indesejado pelo treinador, gera neste maior stress e ansiedade levando-o a adoptar mais vezes o uso de vocabulário desadequado. Poderá ser uma forma de libertar a tensão acumulada, ou simplesmente a utilização de palavrões faz parte do vocabulário do treinador que as utiliza com maior insistência quando se sente pressionado. Todavia, não podemos deixar de admirar o facto de a utilização deste vocabulário ocorrer mesmo quando o resultado é confortável, pois muitas vezes os festejos dos golos são acompanhados de um número elevado de palavrões. Significa que o uso deste vocabulário assume diversos fins tais como: desaprovação, discussão, elogio e reforço.

O treinador “**desrespeita os seus atletas**” mais vezes quando está empatado (**dje,emp,sp**) do que quando está a ganhar por mais de dois golos (**dje,vsd,sp**).

Em primeiro lugar gostaríamos de realçar a relação que se estabelece entre este comportamento e a conduta “**elogia o bom desempenho**”. De facto tínhamos concluído que o treinador é mais elogioso quando está a vencer por uma margem de “score” maior e agora verificamos que este é mais desrespeitoso, quando mais desfavorável for o

resultado. Na verdade, concluímos que o uso de encorajamento e de reprovação estão intimamente relacionados com o resultado. Assim, quanto mais positivo é o resultado, mais elogioso é o treinador e ao invés, quando mais desfavorável é o resultado, mais desrespeitoso é o treinador. Ao que parece, o factor resultado tem aqui enorme importância na adopção de condutas mais ou menos positivas.

Assim, o treinador “**desrespeita mas vezes os seus atletas**” quando está empatado, porque a ocorrência de erros por parte dos mesmos é certamente maior, mas também é mais desrespeitoso, pois a capacidade de tolerar os erros dos seus atletas é menor, fruto de um estado emocional mais descontrolado, do qual o resultado pode ser o responsável.

O treinador “**permite o uso de palavrões**” mais vezes quando está a ganhar por mais de dois golos (**pup,vsd,sp**) do que quando está empatado (**pup,emp,sp**). À partida, este comportamento pode parecer estranho, visto o uso de palavrões estar essencialmente relacionado com estados emocionais instáveis que normalmente estão ligados a maus resultados. Todavia, verifica-se uma maior tolerância por parte do treinador ao uso de palavrões quando a vitória é confortável. Como afirmámos anteriormente, os festejos dos golos são normalmente acompanhados do uso de muitos palavrões, o que poderá explicar que este comportamento ocorra com maior frequência nesta fase. Todavia, independentemente da utilização dada aos palavrões, na verdade este vocabulário é de todo reprovável, sendo que por isso se infere uma má conduta do treinador que é passivo perante a sua utilização. Parece que o treinador assume este comportamento como sendo normal, não intervindo quando ele acontece. Tendo estes treinadores, formação superior ao nível da Educação Física e Desporto, seria de esperar uma maior relevância dada ao vocabulário dos seus atletas, pois este treinador cumpre a dupla missão de treinador/professor.

Em relação ao comportamento para com o árbitro da partida, verificamos que o treinador “**desrespeita as decisões do Juiz**” com maior frequência quando está empatado (**ddj,emp,sp**) do que quando está a ganhar (**ddj,vsd,sp**).

Na verdade, este comportamento vem corroborar aquilo que se vem dizendo desde o início destas conclusões, ou seja, o comportamento do treinador é influenciado pelos resultado e quanto mais desfavorável é o resultado, mais comportamentos anti *fair play* são manifestados pelo treinador. Assim, perante um resultado menos favorável, como é o caso do empate, o treinador discute mais vezes as decisões do árbitro, pois do

ponto de vista emocional, se encontra desequilibrado. O facto de não estar a ganhar, pode gerar tensão no treinador que vê em todas as decisões do árbitro, erros contra a sua equipa. Contudo, quando está a ganhar, o seu estado emocional é mais estável, permitindo-lhe estar mais apetrechado das suas capacidades discriminativas em relação ao desempenho do árbitro. Depois, também se torna mais fácil aceitar os erros do árbitro quando estes já pouco poderão interferir com o desenrolar do resultado. Ou seja, a capacidade de tolerar um erro do árbitro será tanto maior, quanto mais volumoso for o resultado.

Em relação ao comportamento “**aplaudir o adversário**” este ocorre mais vezes quando o resultado é uma vitória por um golo (**aa,vu,sp**) do que quando é um empate. Em primeiro lugar, parece-nos que merece destaque o facto de este comportamento ocorrer, independentemente de ser mais frequente num ou noutro resultado. Parece-nos um comportamento muito educativo e revelador de respeito para com o adversário e com o jogo. Saber reconhecer aquilo que o adversário faz de bem e assumi-lo publicamente é de facto um comportamento potenciador de mais condutas de Fair play. Parece-nos que a formação superior em Educação Física e Desporto poderá assumir aqui alguma importância na forma como o treinador encara os adversários, vendo neste um elemento sem o qual não existe jogo.

Em relação ao comportamento “**incentiva a pedir desculpas**” este ocorre mais vezes quando está a ganhar por dois golos ou mais (**ipd,vsd.sp**), do que quando está a perder (**ipd,du.sp**).

Na verdade verificamos que os treinadores estão mais dispostos a incentivarem pedidos de desculpas a adversários quando o resultado é mais confortável, o que acontece menos vezes quando se está a perder.

Todavia, parece-nos justo referir esta conduta do treinador que revela algum respeito pelos adversários, mesmo quando este respeito se manifeste, sobretudo, na vitória.

B) Relação entre condutas de maior e menor Frequência (Em função do momento do jogo e do resultado)

Em relação ao comportamento “**elogia o bom desempenho**” este aparece com maior frequência quando a vitória é superior a dois golos na segunda parte (**ebd,vsd,sp**). De facto, ao que parece, o resultado confortável associado ao segundo momento do jogo, parecem ser os factores que desencadeiam no treinador uma maior propensão para ser mais elogioso, pois neste momento a questão do resultado desportivo já não está posta em causa. Isto, poderá ser a causa de uma maior tranquilidade por parte do treinador que desta forma está mais disponível para reconfortar positivamente o comportamento dos seus atletas. Depois, o facto de se estar a ganhar por uma vantagem tão elevada, pode-nos levar a crer que existam melhores desempenhos dos atletas e como consequência disso, mais elogios às suas prestações.

O comportamento “**elogia as más prestações**” é muito semelhante ao anterior no que diz respeito à sua ocorrência. Na verdade, verifica-se que o treinador encoraja mais os seus atletas após más prestações, quando está a vencer confortavelmente no decorrer da segunda parte (**emp,vsd,sp**). Parece-nos que o facto de estar a ganhar por uma margem elevada numa altura do jogo já avançada, pode levar o treinador a desculpar com mais facilidade os erros dos seus atletas. Ou seja, as más prestações dos atletas quando ocorrem num momento em que já não colocam em causa o resultado desportivo, são mais toleráveis pelo treinador, na medida em que são assumidas como males menores, sem interferência no resultado.

O comportamento “**diz palavrões**” ocorre mais vezes quando o resultado é um empate no decorrer da segunda parte (**dp,emp,sp**).

A utilização de vocabulário desadequado está normalmente associada a situações de conflito e de maior stress emocional. Assim, o facto de o resultado ser um empate e de o jogo se encontrar cada vez mais próximo do final, poderá gerar maiores índices de ansiedade e stress no treinador que em virtude disso recorre ao uso de palavrões. Estes palavrões podem ser utilizados como forma de libertar a tensão própria do jogo, ou então este vocabulário faz parte do léxico utilizado pelo treinador.

Contudo, parece-nos claro que este comportamento está intimamente relacionado com o resultado e o momento do jogo, ou seja, um mau resultado na segunda parte relaciona-se com o uso de mais palavrões.

O comportamento “**permite o uso de palavrões**” aparece mais vezes quando se está a ganhar por dois golos no decorrer da segunda parte (**pup,vsd,sp**). Parece estranho, pois anteriormente afirmámos que a ocorrência de palavrões está relacionada com situações de maior stress emocional e de facto estar a vencer confortavelmente no decorrer da segunda parte não encaixa neste perfil. Todavia, este estudo permitiu-nos compreender que os golos são normalmente festejados recorrendo a muitos palavrões. Parece estranho este comportamento de festejar golos, através deste tipo de vocabulário. Na nossa opinião é uma forma de libertar a adrenalina provocada pela felicidade do golo em que o vocabulário desadequado não tem uma intenção maliciosa, mas apenas catártica. Serve para libertar a energia acumulada. Todavia, não deixa de ser reprovador o facto de se utilizar este tipo de vocabulário, tendo em conta que o treinador licenciado em educação física, deveria assumir uma postura de educador e deveria evitar determinados comportamento como o uso de palavrões.

O treinador “**incentiva a pedir desculpas**” quando está a vencer por um golo na primeira parte (**ipd,vu,pp**). Em primeiro lugar importa referir que o treinador só pode incentivar a pedir desculpas, quando ocorrem situações para isso e isto é muitas vezes independente do resultado e do momento do jogo. Ou seja, o comportamento de incentivar a pedir desculpas, derivará sempre da ocorrência de uma falta e esta pode acontecer a qualquer altura. Todavia, verifica-se uma maior preponderância para incentivar o pedido de desculpas quando se está a vencer. Na verdade, parece-nos que estando a ganhar, o treinador pode revelar mais condutas de *fair play*, porque o factor resultado positivo o impele a isso. Contudo, o facto de este comportamento surgir essencialmente na primeira parte poderá parecer estranho, pois o resultado é ainda uma incerteza.

Apesar disso, importa realçar que a adopção deste comportamento por parte do treinador, independentemente do resultado, é um factor muito positivo na promoção do Fair play, pois denota respeito pelo adversário e desaprovação de condutas violentas por parte dos seus atletas. Assim, parece-nos que a formação superior em educação física e desporto, parece assumir especial relevância neste contexto.

Dendograma 1 – Treinadores licenciados

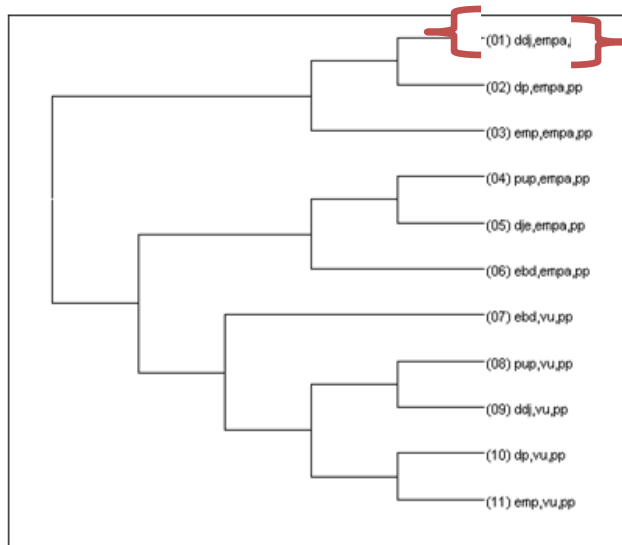


Figura 62

01-02-03 – Os treinadores desrespeitam as decisões dos árbitros e dizem palavrões. De seguida, elogia uma má prestação de um atleta seu.

04-05-06 – Após uma má prestação, o treinador permite que o seu atleta diga palavrões e de seguida desrespeita-o. Logo depois, tem um comportamento de encorajamento ao atleta.

08-09 – Após uma decisão do árbitro, o treinador permite o uso de palavrões por parte dos atletas e em seguida desrespeita também o árbitro.

10-11 – Após um lance da equipa, o treinador diz palavrões e depois elogia a má prestação do atleta.

Conclusão: Este dendograma permite-nos inferir uma conduta de discussão com o árbitro por parte dos treinadores licenciados em Educação Física. Evidencia, também, passividade do treinador, perante comportamentos de discussão dos seus atletas.



01-02 – Após uma jogada, o treinador elogia o desempenho do seu atleta, mas desrespeita a decisão do árbitro da partida.

03-04 – O treinador diz um palavrão e desrespeita o seu atleta.

05-06 – Depois de uma jogada mal sucedida, o treinador elogia o mau desempenho do atleta, mas depois permite que este diga palavrões.

07-08 - Depois de uma jogada boa, o treinador elogia o desempenho do atleta, mas depois permite que este diga palavrões.

Conclusão: Neste dendograma patenteia-se uma conduta positiva do treinador licenciado em Educação Física que elogia os desempenhos dos seus atletas sejam estes bem ou mal sucedidos. Todavia, o treinador permite que os atletas digam palavrões, quando estes se sentem frustrados com a sua prestação.

Dendograma 3 – Treinadores licenciados

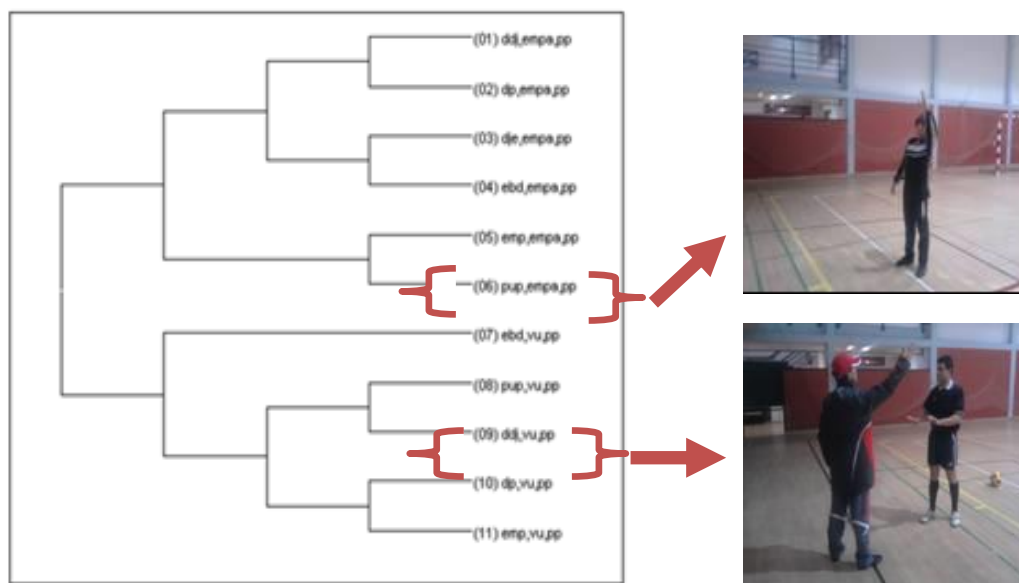


Figura 64

01-02 – Após uma decisão do árbitro, o treinador desrespeita-o e diz palavrões.

03-04 – O treinador discute com o seu atleta e de seguida reconforta-o.

05-06 – O treinador elogia a má prestação do atleta, e permite que este diga palavrões.

08-09 – Depois de uma decisão do árbitro, o treinador permite que os atletas digam palavrões e em seguida ele mesmo discute essa decisão do árbitro.

10-11 – Depois de uma jogada da equipa, o treinador diz um palavrão e depois elogia o mau desempenho dos seus atletas.

Conclusão: Voltamos a verificar algumas condutas pouco ajustadas por parte do treinador que é passivo perante o uso de palavrões por parte dos seus atletas e que discute muitas vezes as decisões do árbitro da partida. Positivamente, destaca-se o reforço positivo do treinador a todas as acções dos seus atletas, mesmo aquelas em que são mal sucedidos.

Dendograma 4 – Treinadores licenciados

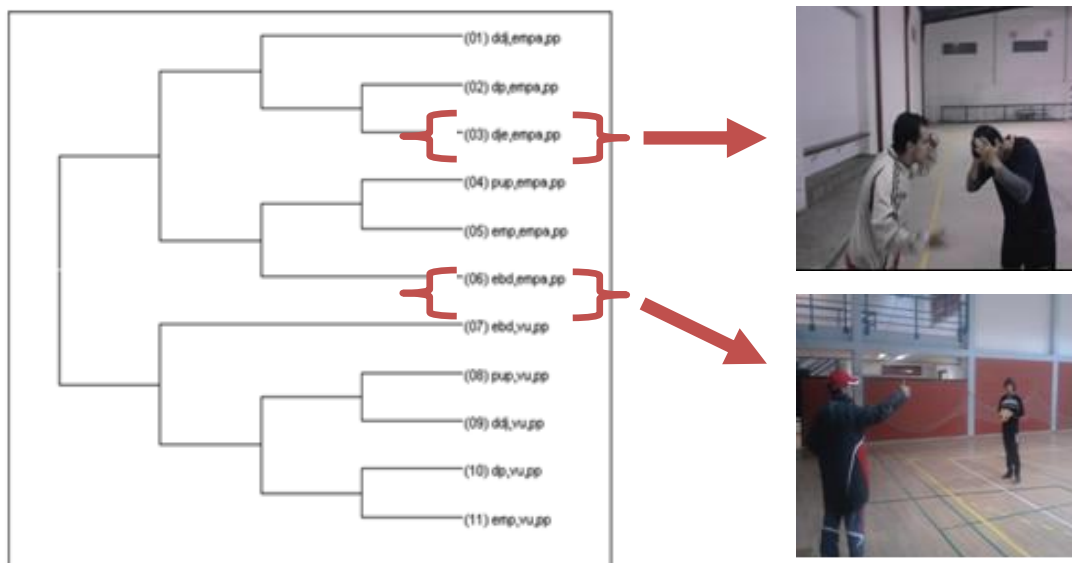


Figura 65

01-02-03 – Após uma jogada, o treinador discute a decisão do árbitro e diz um palavrão. Discute também com os seus atletas.

04-05-06 – Após uma jogada da equipa, o treinador permite que os atletas digam palavrões. Depois elogia o atleta que teve um mau desempenho na jogada e também o que teve o bom desempenho.

08-09 – Após uma decisão do árbitro, o treinador permite que os atletas digam palavrões e depois desrespeita o árbitro.

10-11 – Após um lance de um atleta, o treinador diz um palavrão e depois elogia o mau desempenho do atleta.

Conclusão: O comportamento “Discussão com o árbitro” volta a apresentar como a conduta negativa mais evidente por parte do treinador licenciado em Educação Física ao qual acresce também a “discussão com os seus atletas”. Positivamente, volta a realçar-se a conduta constante de elogio e encorajamento dos seus atletas

Dendograma 5 – Treinadores licenciados

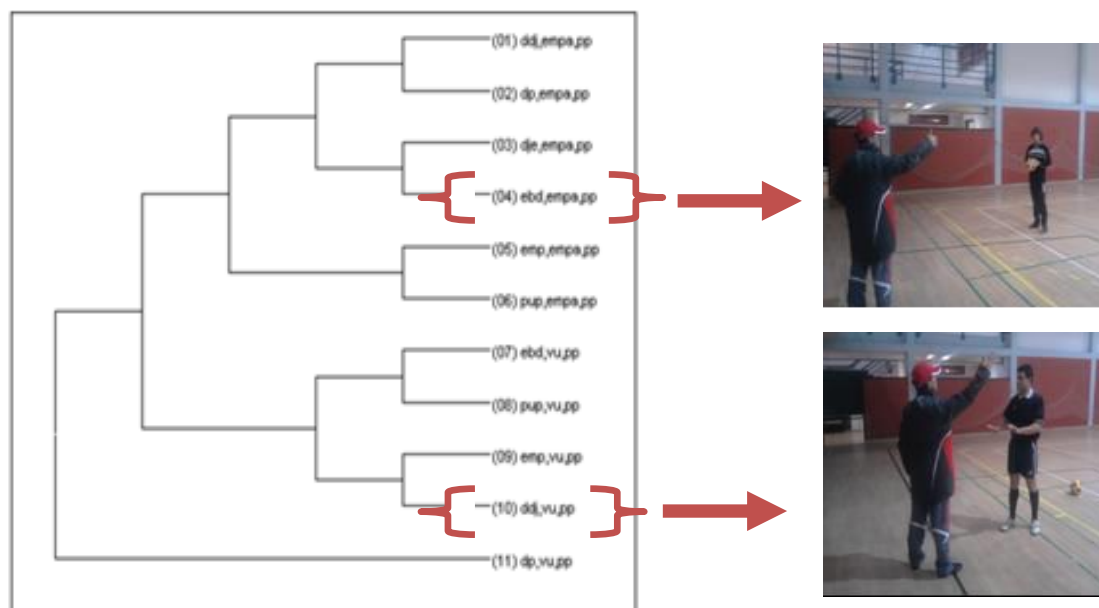


Figura 66

01-02 – O Treinador desrespeita uma decisão do árbitro e diz um palavrão.

03-04 – Após um lance da equipa, o treinador critica o atleta que teve uma má prestação e elogia o que emendou a situação.

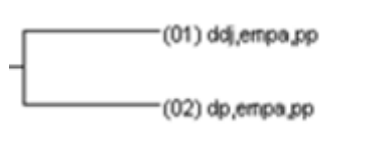
05-06 – O treinador encoraja o atleta após uma má prestação, permitindo que este diga palavrões.

07-08 – Após uma jogada de um atleta, o treinador elogia-o, mas este diz palavrões.

09-10 – Após uma decisão do árbitro, o treinador encoraja o atleta e desrespeita o árbitro.

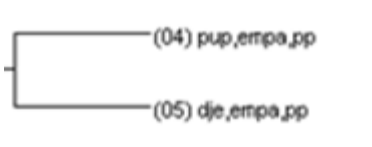
Conclusão: Neste dendograma evidencia-se um dado curioso, pois em determinadas jogadas o treinador reforça negativamente a acção de um dos atletas, mas reforça positivamente a acção do atleta que no seu entender esteve bem, demonstrando uma dualidade de tratamento, que não se evidenciou anteriormente. Volta a patentear-se uma conduta de discussão permanente das decisões do árbitro da partida.

Análise da sequencialidade das condutas do treinador



Sequência 1

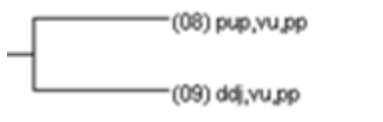
A análise desta sequência permite-nos verificar que os treinadores licenciados, após discutirem uma decisão do árbitro, dizem um palavrão. Parece-nos que a irritação inerente à discussão com o árbitro, leva o treinador a recorrer ao uso de vocabulário desadequado. Ou seja, o uso de palavrões é consequência da discussão da decisão do árbitro. Em nosso entender, esta sequência de condutas é nefasta, na medida em que não se coaduna com a função de treinador educador. Sendo o treinador um modelo a seguir, o facto de discutir as decisões do árbitro e dizer palavrões, pode conduzir os seus atletas a adoptarem condutas semelhantes. Para além disso, sendo este grupo de treinadores licenciados em Educação Física, deveriam ter uma postura mais pedagógica e educativa, procurando evidenciar um comportamento de acordo com os princípios da ética e do *fair play*. Cabe ao treinador assumir uma postura positiva e serena perante todos os momentos do jogo e perante qualquer resultado.



Sequência 2

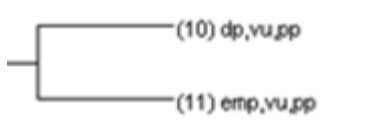
A análise desta sequência permite-nos verificar que após um mau desempenho desportivo os atletas dizem palavrões perante a permissividade do seu treinador. Depois, o treinador discute com os mesmos. Parece-nos errado o treinador aceitar o uso de palavrões por parte dos seus atletas, sem intervir. Isto poderá acontecer, ou porque o treinador não ouve os palavrões, ou porque ouvindo-os, considera-os como uma forma dos seus atletas poderem libertar as suas angústias, após uma má prestação. Em qualquer dos casos, parece-nos evidente que o uso de palavrões por parte dos atletas é sempre negativo e deve reclamar do treinador uma postura de repúdio. O treinador

deverá assumir que o uso de palavrões é desadequado em qualquer circunstância da vida, mesmo em situações de maior stress como é um caso de um jogo de futebol. Como podemos verificar pela ramificação do dengograma, esta sequência de comportamentos ocorre essencialmente quando o resultado é um empate.



Sequência 3

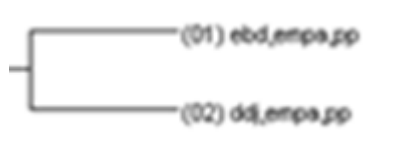
A análise desta sequência permite-nos verificar que após uma decisão do árbitro, os atletas contestam-na, dizendo palavrões, perante a passividade do treinador. Logo de seguida o treinador discute com o árbitro. Esta sequência de comportamentos coloca em evidência que tanto o treinador como os seus atletas discutem com frequência as decisões do árbitro, manifestando o seu desagrado das mais diversas formas. Todavia, não nos parece estranha esta sequência, pois se o treinador discute as decisões do árbitro, acaba o seu comportamento por incentivar os atletas a fazerem o mesmo. O treinador é um modelo e o seu comportamento é normalmente seguido pelos mais jovens. Assim, cabe ao treinador demonstrar uma postura positiva perante as decisões do árbitro, mesmo quando lhe parecer que estas não foram as mais correctas. Só este comportamento poderá motivar os atletas a adoptarem uma conduta semelhante.



Sequência 4

A análise desta sequência evidencia que após uma mau desempenho do atleta, o treinador diz um palavrão, mas logo de seguida encoraja o atleta, dando-lhe uma palavra de conforto. A primeira conduta da sequência é desajustada na medida em que o treinador utiliza palavrões, um vocabulário desadequado ao contexto do futebol com jovens. Depois, este palavrão é ainda mais punitivo, pois surge após uma má acção de um atleta, podendo dar a entender ao mesmo o desagrado do seu treinador.

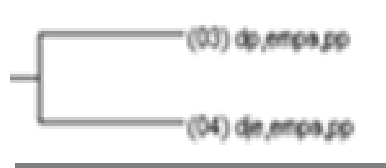
Contudo, a segunda conduta da sequência, deixa antever uma boa postura do treinador, na medida em que este encoraja verbalmente o seu atleta, após o mau desempenho. Revela por parte do treinador uma preocupação em manter os seus atletas motivados e empenhados na tarefa, utilizando o reforço mesmo em situações menos conseguidas. Deste modo, procura o treinador elevar o ânimo e o moral dos seus atletas em momentos de maior desânimo.



Sequência 5

A análise desta sequência permite-nos compreender que após determinada jogada realizada pela sua equipa, o treinador elogia o desempenho dos seus atletas e em seguida desrespeita das decisões do árbitro.

O Início da sequência denota uma postura positiva do treinador perante as acções dos seus atletas, visto este reforçá-las verbalmente. Ou seja, o treinador dá grande importância ao uso de *Feedback* positivo, como forma de manter os seus atletas motivados e empenhados na tarefa. Ele reconhece que uma avaliação positiva do desempenho dos atletas, traz maiores índices de motivação e de entrega ao jogo, mantendo positiva a postura das crianças. Todavia, como após esta jogada, o árbitro toma uma decisão contrária à sua equipa, o treinador insurge-se. É uma má postura do mesmo, pois ao desrespeitar o árbitro está a potenciar que os seus atletas venham a fazer o mesmo. O treinador deve lembrar-se que o seu comportamento é o modelo a ser seguido pelos seus atletas.



Sequência 6

A análise desta sequência permite-nos verificar que após uma má prestação do atleta, o treinador diz um palavrão e em seguida discute com o mesmo.

Em nosso entender esta conduta manifesta uma péssima atitude do treinador para com o seu atleta, na medida em que se assume como uma falta de respeito. Perante um erro do atleta, o treinador insultando, insurgindo-se contra a sua prestação. Parece-nos que este comportamento surge, pois como verificamos no dendograma, o resultado é um empate. Este resultado poderá originar maiores índices de ansiedade no treinador, levando-o a ser pouco tolerante ao erro. Contudo, é importante perceber que se o treinador crítica o seu atleta após um erro, este comportamento poderá gerar menores índices de confiança nos atletas que passam a ter receio de errar.

Assim, parece-nos que dizer palavrões e discutir com os atletas são dois comportamentos que não dignificam a actividade do treinador, na medida em que desrespeitam aqueles que são objecto do seu trabalho. Aconselha-se ao treinador maior paciência perante os erros dos atletas.

Conclusão valorativa da conduta dos treinadores Licenciados em Educação Física

A análise realizada aos “**event plots**” e aos “**event frequency**”, permitem-nos concluir que os treinadores de Futebol licenciados em Educação Física, apresentam tanto comportamentos despromotores como promotores de Fair play. Significa que a sua conduta é pautada tanto por uns como por outros, em função do momento do jogo e do resultado.

Assim, verifica-se que o treinador “**diz palavrões**”, “**discute com o árbitro**”, “**desrespeita os seus atletas**”, “**permite o uso de palavrões**”, “**permite discussões com o árbitro**”, entre outros. Estes comportamentos evidenciam-se, sobretudo, quando o resultado é negativo, ou seja, empate ou derrota, e quando o jogo de encaminha para o final. Podemos desta forma concluir que o treinador de futebol licenciado em Educação

Física apresenta mais condutas despromotoras de *fair play*, quando o resultado e o momento do jogo lhe são desfavoráveis. Isto poderá levar-nos a concluir que estes treinadores estão demasiado centrados na vitória e que em momentos desfavoráveis recorrem a todo o tipo de comportamento, esquecendo o seu papel educativo.

Todavia, todos nós sabemos que no futebol, para se obter sucesso e se poder progredir na carreira é necessário ganhar. E muitas vezes para ganhar é necessário a adopção de atitudes pouco educativas. Assim, esta obsessão do treinador pela vitória não será mais do que uma necessidade imperiosa para poder aspirar a progredir na sua carreira. Significa que o treinador quando está perante a necessidade de vencer, não olha a meios para atingir esse fim.

Apesar disso, consideramos que o treinador de jovens deverá ter a consciência de que a sua missão vai muito para além do ensino do futebol. O treinador de jovens deve ser, em primeiro lugar, um educador, aproveitando a competição para veicular um conjunto de valores, tais como o respeito pelos outros e pelos superiores. Compreendemos a necessidade de vencer como forma de poder almejar outros desafios, mas não aceitamos que para ganhar se menosprezem os princípios do *fair play* e da Ética Desportiva. Acreditamos que é possível conciliar a vitória desportiva com um comportamento exemplar, desde que os treinadores acreditam que isso é real. Não desvalorizamos a necessidade de vencer, até porque é um dos pilares básicos da competição. Mas estamos convictos que nem todos os comportamentos são admissíveis para se chegar a vitória.

Como afirmámos anteriormente, os treinadores licenciados em Educação Física também evidenciam uma série de condutas promotoras do *fair play*, a saber: **“Elogia os seus atletas”**, **“encoraja os seus atletas”**, **“incentiva a pedir desculpas”** e **“aplaude os adversários”**.

É verdade que estas condutas, sobretudo as últimas, aparecem com maior veemência quando o resultado desportivo é confortável, ou seja, quando a vitória não está posta em causa. Também sabemos que é mais fácil ser-se correcto quando a vitória é uma garantia, pois a pressão psicológica e a ansiedade é menor. Contudo, parece-nos positivo compreender que, mesmo perante um quadro tão negro no que diz respeito à promoção do *fair play*, ainda existem algumas condutas que visam promover este ideal. Neste sentido, parece-nos muito pedagógico o treinador incentivar os seus atletas a pedirem desculpa ao adversário, após cometerem uma falta. Esta conduta incentiva os

atletas a assumirem quando erram (fazer falta), potenciando o respeitando pelo outro. Cabe ao treinador mostrar aos seus atletas que sem adversários não existe competição e que por isso devem denotar respeito pelos seus opositores, sobretudo, quando evidenciam uma conduta faltosa sobre os mesmos.

Em jeito de conclusão, acreditamos que o maior responsável pelos comportamentos anti *fair play* é a pressão exagerada que existe sobre os treinadores para ganharem. Contudo, cabe ao treinador compreender que o seu papel é muito mais o de formar cidadãos do que formar futebolistas.

Síntese da conduta dos treinadores Licenciados em Educação Física

A análise do comportamento deste grupo de treinadores revela a existência de comportamentos promotores e despromotores de *fair play*.

No que concerne aos comportamentos despromotores de *fair play*, verifica-se que este grupo de treinadores “ **diz palavrões**” por diversas ocasiões. Por isso, não será de estranhar que “**permita o uso de palavrões**” por parte dos seus atletas. Na verdade, os atletas limitam-se a seguir o exemplo dado pelo treinador. Depois, este também não tem moral para criticar um comportamento que ele mesmo evidencia.

Também se verifica que este grupo de treinadores “**desrespeita as decisões do juiz**” por diversas vezes, levando a que também permita conduta semelhante por parte dos seus atletas. Novamente, os atletas assumem o comportamento do treinador como um modelo a copiar.

De referir que todas estas condutas anti *fair play*, se dão com maior veemência quando o resultado desportivo é negativo e sobretudo quando o jogo se encontra na segunda parte, permitindo-nos concluir que quando as condições desportivas são adversas, este grupo de treinadores revela maior apetência põe condutas anti *fair play*.

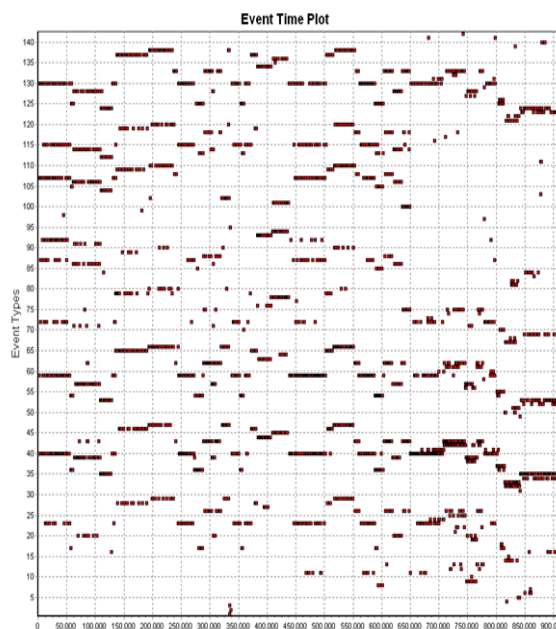
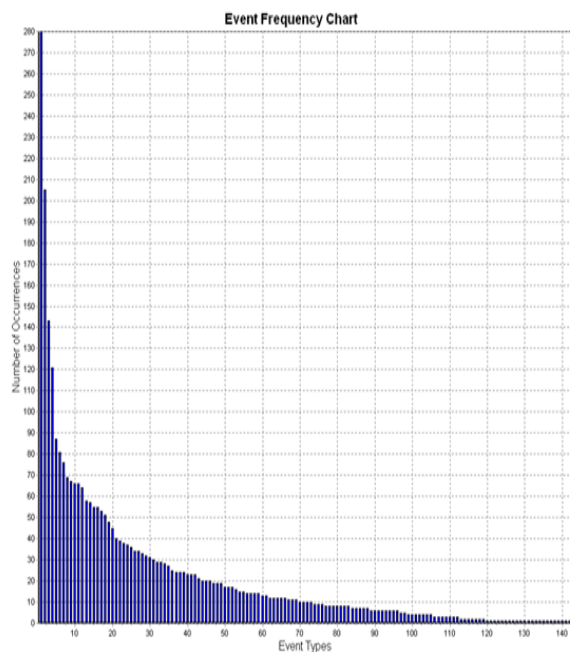
No que diz respeito às condutas promotoras de Fair play destaca-se o “**elogio ao bom desempenho**” dos atletas quando estes revelam boas prestações. Todavia, também “**encorajam o atleta após más prestações**” revelando preocupação pelos seus jogadores.

Outra das condutas promotoras de *fair play* que importa dar relevo é o “**incentivar a pedir desculpas**” após conduta faltosa sobre o adversário, revelando respeito pelo mesmo. A corroborar estas palavras aparece o comportamento “aplaudir o adversário” quando este executa boas prestações.

Verifica-se, deste modo, que este grupo de treinadores revela alguns comportamentos pouco dignos de um formador. Contudo, releva, também, outros comportamentos de manifesto respeito pelo adversário

4.1.10. Análise do comportamento dos treinadores não licenciados em Educação Física

Treinadores sem formação superior em Educação Física



1 dje.empa.pp	24 pup.vu.pp	1 ca	23 ddj.empa.pp
2 dp.empa.pp	25 pup.du.pp	2 ca.empa.aj	24 ddj.empa.ppp
3 pup.empa.pp	26 pia.vu.sp	3 cj	25 ddi.empa.psp
4 dje.empa.sp	27 pup.dd.sp	4 da.dd.pp	26 ddi.empa.sp
5 dje.dd.sp	28 eff.empa.pp	5 da.dd.ppp	27 ddi.vd.sp
6 ddj.empa.pp	29 ddi.empa.sp	6 da.dd.psp	28 ddi.vu.pp
7 dje.du.sp	30 pij.du.sp	7 da.dd.sp	29 ddi.vu.sp
8 pij.empa.pp	31 emp.empa.pp	8 da.du.pp	30 dje.dd.fi
9 dp.empa.sp	32 pia.du.sp	9 da.du.psp	31 dje.dd.int
10 dp.vu.sp	33 ebd.empa.sp	10 da.du.sp	32 dje.dd.pp
11 ebd.empa.pp	34 dje.dd.psp	11 da.empa.pp	33 dje.dd.ppp
12 dje.vu.sp	35 dje.dd.pp	12 da.empa.psp	34 dje.dd.psp
13 dp.du.sp	36 pij.empa.sp	13 da.empa.sp	35 dje.dd.sp
14 pup.empa.sp	37 ebd.vsd.sp	14 ddj.dd.pp	36 dje.du.pp
15 pia.empa.pp	38 ddj.vu.sp	15 ddj.dd.ppp	37 dje.du.ppp
16 dje.du.pp	39 pij.vu.sp	16 ddj.dd.sp	38 dje.du.psp
17 dp.dd.sp	40 pia.vu.pp	17 ddj.du.pp	39 dje.du.sp
18 dp.vu.pp	41 dje.vd.sp	18 ddj.du.ppp	40 dje.empa.pp
19 pup.du.sp	42 ebd.vu.pp	19 ddj.du.psp	41 dje.empa.ppp
20 dp.du.pp	43 dje.empa.ppp	20 ddj.du.sp	42 dje.empa.psp
21 pup.vu.sp	44 dje.dd.ppp	21 ddj.emp.psp	43 dje.empa.sp
22 dje.empa.psp	45 emp.vsd.sp	22 ddj.emp.sp	44 dje.vd.sp
23 dje.vu.pp	46 emp.vd.sp	23 ddj.empa.pp	45 dje.vsd.sp
		24 ddj.empa.ppp	46 dje.vu.pp

Figuras 67 e 68 – Tendências de actuação dos treinadores não licenciados

Para melhor compreender o comportamento dos treinadores não licenciados em Educação Física, podemos dividi-lo em condutas promotoras e não promotoras de *fair play*.

Em relação às condutas despromotoras de *fair play*, destacam-se o facto de o treinador permitir que os seus atletas discutam com os adversários (**pda**) e com o árbitro (**pdj**) e permanecer inactivo.

O treinador encoraja, ainda, os seus atletas a terem conduta faltosa sobre os adversários (**eff**).

Desrespeita o árbitro da partida (**ddj**) e também os seus atletas (**dje**), recorrendo muitas vezes ao uso de palavrões (**dp**). Permite, ainda o uso de palavrões (**pup**) por parte dos seus atletas.

Relativamente às condutas promotoras de *fair play*, destacam-se o elogio ao bom desempenho dos atletas (**ebd**) e o encoraja as más prestações (**emp**).

A) Relação entre as condutas de maior e menor frequência (em função do resultado)

A análise do gráfico *event frequency* permite-nos compreender que este tipo de treinadores “desrespeitam os jogadores da sua equipa” com maior frequência quando estão a perder por dois golos no decorrer da segunda parte (**dje,dd,sp**) do que quando está a perder apenas por um golo no decorrer do mesmo momento do jogo.

Também se verifica que estes treinadores “**dizem palavrões**” com maior frequência quando estão empatados (**dp,emp,pp**), do que quando estão a vencer (**dp,vu,sp**).

Situação idêntica às anteriores ocorre com o comportamento “**permite o uso de palavrões**”. De facto, este comportamento ocorre com maior frequência quando a equipa está empatada (**pup,emp,pp**), do que quando está a vencer (**pup,vu,pp**).

Ainda em relação ao comportamento “**permite injúrias para com os adversários**” este ocorre com maior frequência quando a equipa está empatada (**pia,emp,pp**) do que quando a equipa está a vencer (**pia,vu,sp**).

As constatações anteriores permitem-nos afirmar com alguma parcimónia que a conduta do treinador é tanto mais despromotora do *fair play* quanto mais negativo for o resultado, ou seja, parece que o resultado desfavorável condiciona negativamente a conduta do treinador. Ao que parece, o facto de estar a perder poderá acarretar mais tensão psicológica no treinador, gerando um maior número de episódios de condutas anti *fair play*.

B) Relação entre as condutas de maior e menor frequência (em função do resultado e do momento do jogo)

A análise do gráfico *event frequency* permite-nos compreender que este tipo de treinadores “**desrespeitam os jogadores da sua equipa**” com maior frequência quando estão a perder por dois golos no decorrer da segunda parte (**dje,dd,sp**) do que quando está a perder apenas por um golo no decorrer da primeira parte (**dje,dd,pp**). Também se verifica que estes treinadores “**dizem palavrões**” com maior frequência quando estão empatados durante a segunda parte (**dp,emp,sp**), do que quando estão a vencer durante a primeira parte (**dp,vu,pp**). Situação idêntica às anteriores ocorre com o comportamento “**permite o uso de palavrões**”. De facto, este comportamento ocorre com maior frequência quando a equipa está empatada durante a segunda parte (**pup,emp,sp**), do que quando está a vencer durante a primeira parte (**pup,vu,pp**).

Ainda em relação ao comportamento “**permite injúrias para com os adversários**” este ocorre com maior frequência quando a equipa está empatada durante a segunda parte (**pia,emp,sp**) do que quando a equipa está a vencer durante a primeira parte (**pia,vu,pp**).

As constatações anteriores permitem-nos assegurar com alguma moderação que a conduta do treinador é tanto mais despromotora do *fair play* quanto mais negativo for o resultado e sobretudo se estiver associado à segunda parte do jogo, ou seja, parece que o resultado desfavorável e o encaminhar para o final da partida condicionam negativamente a conduta do treinador. Ao que parece, o facto de estar a perder e perceber que o tempo se está a esgotar poderá acarretar mais tensão psicológica no treinador, gerando um maior número de episódios de condutas anti *fair play*

Dendograma 1 – Treinadores não licenciados

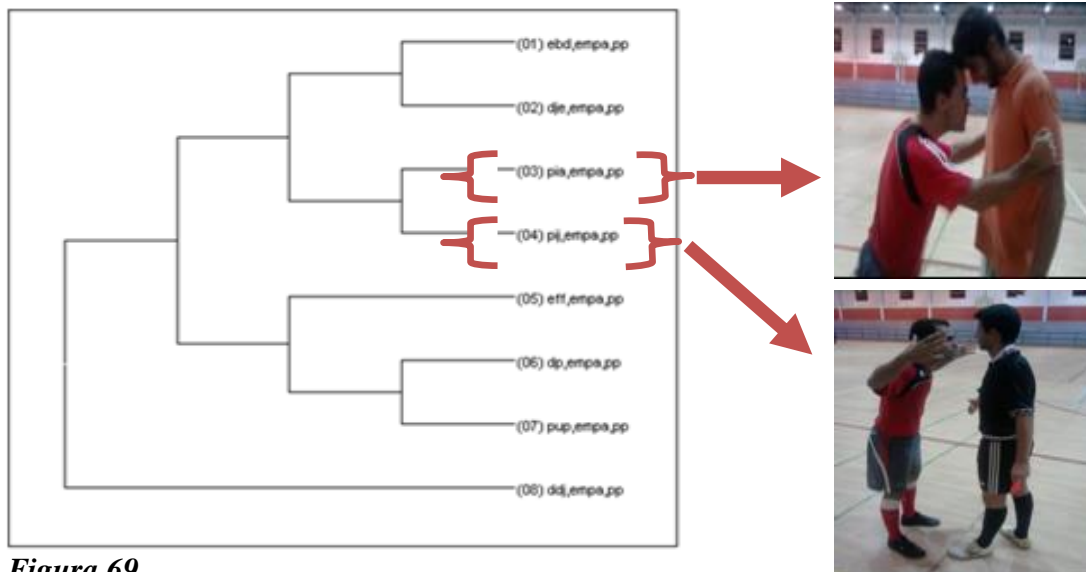


Figura 69

01-02 – Após uma jogada, o treinador elogia positivamente a intervenção de um atleta e desaprova a acção de outro.

03-04 – Após uma decisão do árbitro o treinador permite que os seus atletas discutam com o mesmo e com os adversários.

05-06-07 – O treinador encoraja o atleta a fazer falta. Após esse lance, diz palavras e permite que os atletas digam também.

Conclusão: A análise deste dendograma evidencia um conjunto de comportamentos pouco favorecedores de condutas de *fair play*. Destaca-se o facto de os atletas discutirem com árbitro e com os adversários, permanecendo o treinador numa postura passiva perante tais factos.

Dendograma 2 – Treinadores não licenciados

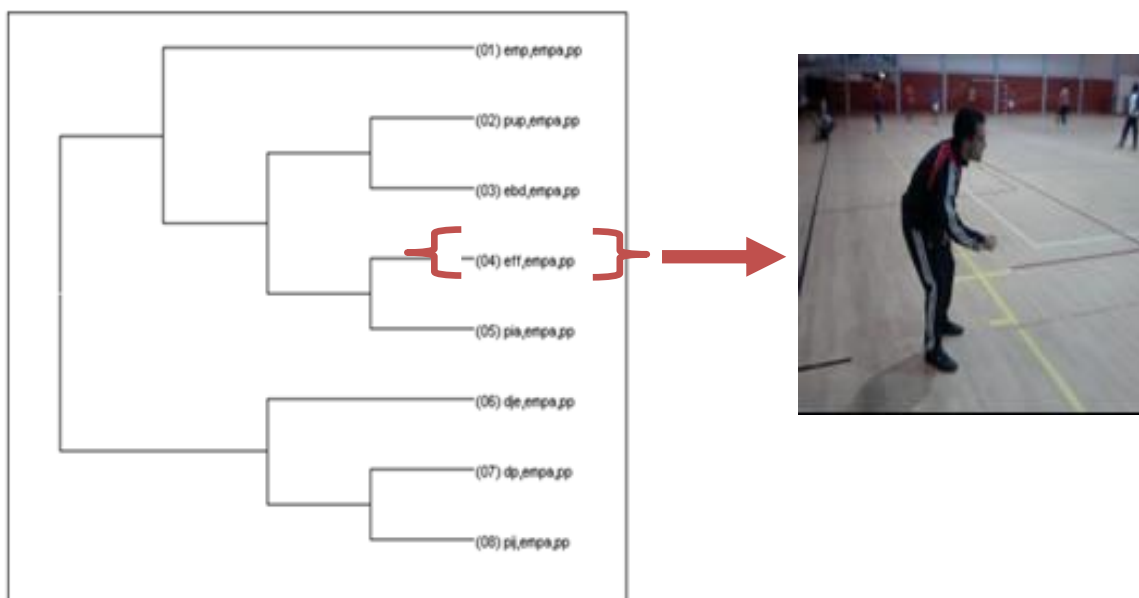


Figura 70

02-03 - Após uma jogada, o treinador permite que o seu atleta diga palavrões e logo de seguida, critica positivamente o seu desempenho.

04-05 - O treinador encoraja o atleta a fazer falta. Em virtude desse comportamento, permite que os atletas desrespeitem os adversários.

06-07-08 – Após uma jogada o treinador desrespeita o atleta e diz palavrões. Em seguida, o treinador permite que o atleta discuta com o árbitro.

Conclusão: Este dendograma volta a colocar em evidência muitos comportamentos pouco educativos, realçando-se o facto de o treinador incentivar os seus atletas a terem uma conduta violenta, nomeadamente, encorajando-os a fazerem faltas.

Dendograma 3 – Treinadores não licenciados

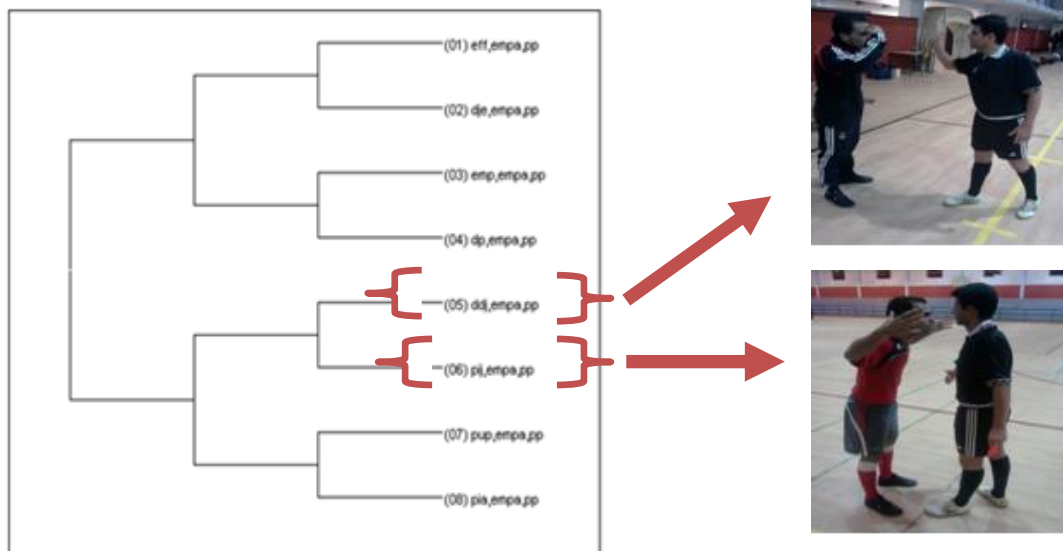


Figura 71

01-02 – O treinador encoraja o atleta a fazer uma falta e depois deste comportamento desrespeita-o.

03-04 – Após uma jogada, o treinador elogia um mau desempenho de um atleta, mas em seguida diz um palavrão.

05-06 – O treinador desrespeita uma decisão do árbitro e permite que os seus atletas façam o mesmo.

07-08 – Após um lance confuso, permite que o atleta diga palavrões e que desrespeite os adversários.

Conclusão: A conclusão que merece maior destaque na análise do dendograma, é o facto de o treinador não respeitar as decisões do árbitro, levando a que os seus atletas adoptem semelhante conduta.

Dendograma 4 – Treinadores não licenciados



Figura 72

05-06 – Depois de um desacato, o treinador permite que os atletas discutam com o árbitro. Posteriormente, encoraja os atletas a fazerem falta.

07-08- Depois de um desacato, o treinador diz palavrões e permite que os atletas discutam com os adversários.

Conclusão: Verifica-se novamente uma conduta de agressividade dos jogadores para com o árbitro e adversários. Todavia, o treinador permanece indiferente a essas condutas.

Dendograma 5 – Treinadores não licenciados

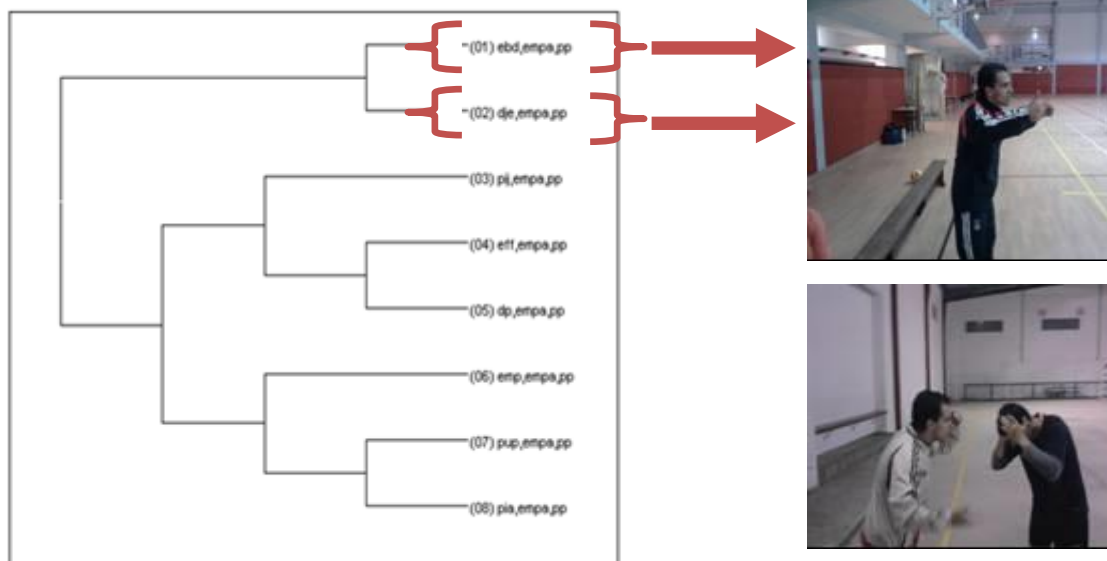


Figura 73

01-02 – Após uma jogada, o treinador elogia o bom desempenho de um atleta e critica negativamente o desempenho de outro.

04-05 – O treinador encoraja o atleta a fazer uma falta e depois diz palavrões.

06-07-08 – Após um mau lance de um atleta, o treinador elogia-o. O atleta diz palavrões e sem seguida desrespeita um adversário.

Conclusão: Este dendograma permite-nos concluir que o treinador elogia os seus atletas quando estes realizam boas jogadas, todavia, critica negativamente, sempre que intervêm mal no jogo. Patenteia uma postura pouco agradável, perante os erros dos atletas.

Dendograma 6 – Treinadores não licenciados

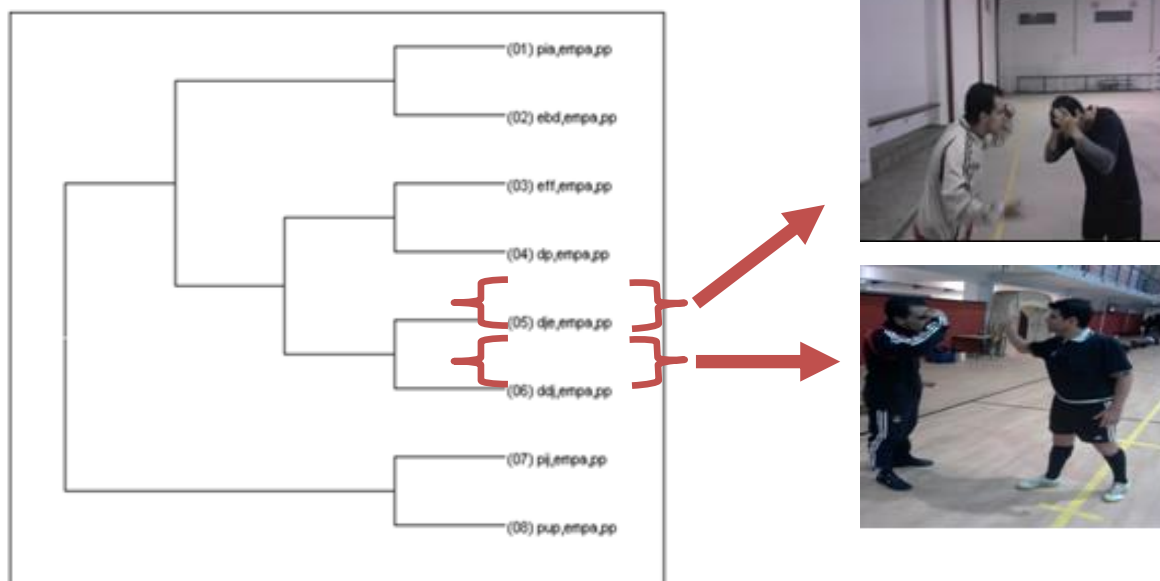


Figura 74

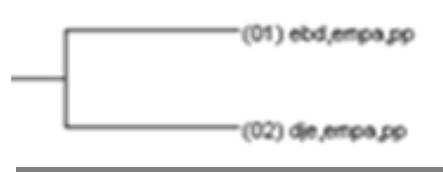
03-04 – O treinador encoraja o atleta a fazer falta e depois diz palavrões.

05-06 – Depois de lance confuso, o treinador desrespeita os seus atletas e depois o árbitro.

07-08 – O treinador permite que os seus atletas injuriem o árbitro e permite que usem palavrões.

Conclusão: Este dendograma revela-nos uma conduta conflituosa do treinador para com os seus atletas e árbitro, patenteada no uso de palavrões para com os mesmos.

Análise da sequencialidade das Condutas



Sequência 1

A análise desta sequência deixa antever uma sequência de condutas quase antagônicas. Numa determinada jogada que termina com um desfecho indesejado, o treinador é elogioso para com o atleta que apresenta um comportamento correcto, mas desrespeita o que teve uma acção desajustada à jogada. Este comportamento do treinador coloca em evidência que o mesmo dá grande importância ao que é feito pelos seus atletas. Aparentemente, este poderia ser um aspecto positivo. Contudo, ele avalia de um modo muito negativo todos os atletas que manifestem acções desajustadas ao contexto do jogo. Não aceita com facilidade as falhas dos atletas, evidenciando pouca tolerância perante erros.

Em nosso entender é reprovável esta atitude do treinador, pois poderá desmotivar os seus atletas para a prática do futebol. Poderá ainda suscitar nas crianças falta de confiança nas suas acções com medo de errar. O treinador de jovens deverá ser mais tolerante perante o erros dos atletas, visto estes encontrarem-se numa fase de aprendizagem, onde falhar é usual.

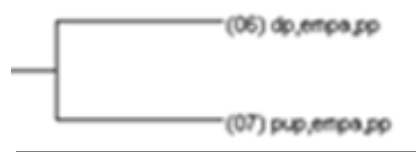
Assim, aconselha-se a todos os treinadores de jovens mais paciência e maior tolerância.

Convém salientar que esta sequência de condutas ocorre essencialmente quando o resultado é um **empate**, ou que poderá deixar antever um maior nervosismo do treinador.



Sequência 2

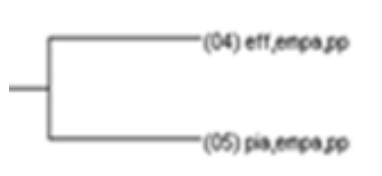
A análise desta sequência permite-nos concluir que após um lance confuso, o treinador permite que os seus atletas discutam com os adversários e com os árbitros, permanecendo inactivo. Acreditamos que seja normal que durante a competição os ânimos se possam exaltar e que existam situações conflituosas. Contudo, parece-nos que nestes momentos o treinador deve ter uma intervenção forte perante os seus atletas, incentivando-os a terem calma. Cabe ao treinador explicar que a essência do jogo passa pelo respeito pelos adversários e pelo árbitro. Deverá afirmar aos atletas que sem estes dois elementos não existe competição e que por isso devem respeitá-los. Apesar disso, aquilo que se verifica é uma apatia do treinador perante este tipo de condutas. Uma das possibilidades para explicar a apatia do treinador é o facto de o mesmo poder não considerar desajustado discutir com o árbitro e com os adversários. Outra das explicações poderá residir no facto de o treinador estar centrado sobretudo na vitória, despreocupando-se com estas questões de natureza educativa, pois como se verifica, esta sequência de condutas ocorre essencialmente quando a equipa não está a vencer.



Sequência 3

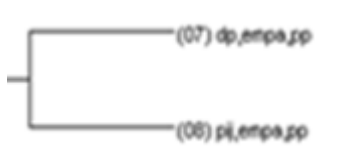
Esta sequência coloca em destaque uma situação em que após um mau lance, o treinador diz palavrões e logo de seguida permite que os seus atletas façam o mesmo sem os repreender. De facto, já afirmámos que toda a literatura é unânime ao considerar que os atletas assumem o comportamento do seu treinador como um modelo a seguir. Assim, parece-nos normal que depois de o treinador dizer palavrões, os seus atletas façam exactamente o mesmo, assumindo esta conduta como perfeitamente normal. Voltamos a verificar que estes comportamentos ocorrem, sobretudo, quando a equipa não está a

vencer. Todavia, independentemente do resultado, parece-nos que esta sequência de condutas é altamente nefasta, pois o uso de vocabulário desadequado é prejudicial à formação dos jovens. Em nosso entender, o treinador tem responsabilidades de natureza educativa que vão muito além do ensino do jogo de futebol. Nessa medida, é importante o treinador perceber que a utilização de palavrões evidencia desrespeito pelos outros e por nós mesmos devendo por isso ser evitado. Assim, o treinador não deve apenas evitar utilizar este tipo de vocabulário, como deve repreender os atletas que o utilizem. Veiculando a ideia que este tipo de expressões deve ser evitadas ao máximo.



Sequência 4

Esta sequência de comportamentos coloca em evidência uma conduta muito desajustada por parte do treinador. Em primeiro lugar o treinador encoraja os seus atletas a fazerem falta e em consequência desse comportamento os atletas discutem com os adversários. Parece-nos um comportamento muito desajustado por parte do treinador, revelador de uma profunda falta de respeito para com os adversários, pois esta conduta coloca a integridade física dos outros atletas em causa. É um comportamento que impele e motiva os atletas a serem violentos com os adversários, potenciando a sua agressividade. Deve o treinador de jovens incentivar os mesmos a respeitarem os adversários, enquanto elementos indispensáveis à competição.



Sequência 5

A análise desta sequência evidencia-nos que após uma decisão desfavorável do árbitro, o treinador diz palavrões e de seguida permite que os seus atletas contestem essa decisão. Voltamos a referir que os estudos feitos neste âmbito colocam a tónica de que os atletas assumem a postura do seu treinador como um exemplo a seguir. Neste sentido, não admira que após o treinador evidenciar desrespeito por uma decisão do árbitro que os seus atletas façam o mesmo. Cabe ao treinador permanecer sereno perante todos os cenários desportivos, mesmo quando estes são adversos. O treinador deve veicular uma postura de respeito perante as decisões do árbitro, mesmo quando estas lhe parecem erradas, porque uma conduta exaltada do treinador irá provocar um conjunto de impropérios por parte dos seus atletas. O treinador de jovens deve ser o primeiro a evidenciar sempre respeito por todos os intervenientes na partida e deve potenciar este mesmo respeito nos seus atletas. Todavia, não basta dizê-lo por palavras, mas manifestá-lo através das suas condutas. Fica patente mais um conjunto de condutas do treinador que nada concorrem para o fomento dos princípios do *fair play* e da Ética Desportiva.

Síntese da conduta dos treinadores não licenciados em Educação Física

A análise ao comportamento dos treinadores não licenciados em Educação Física permite-nos concluir que estes apresentam mais comportamentos despromotores de *fair play* do que comportamentos promotores.

Assim, verifica-se que este grupo de treinadores “ **diz palavrões**” durante o jogo, nas mais variadas situações, nomeadamente, para insultar atletas, adversários árbitros e até para festejar golos. Por isso, não é de estranhar que “**permita o uso de palavrões**” por parte dos seus atletas. Se de facto se constata que é o próprio treinador que diz palavrões, é normal que aceite passivamente esse comportamento por parte dos seus atletas.

Este grupo de treinadores também “ **desrespeita os seus jogadores**” com muita frequência, utilizando o mais variado vocabulário e gestos para o fazer. Além de tudo o que já foi referido, “ **discute as decisões do juiz**” com muita frequência, permitindo que também os seus atletas adoptem a mesma conduta. No fundo, os atletas seguem o modelo do seu treinador.

É também com relativa frequência que este grupo de treinadores “**encoraja os seus atletas a fazerem falta**” evidenciando um desrespeito pela integridade física dos adversários.

Em situação de vitória, é normal o “**incentivo a perder tempo**”.

Todos estes comportamentos ocorrem com maior veemência quando o resultado desportivo é uma derrota e quando o jogo se encaminha para o final. Parece que as contrariedades desportivas levam o treinador a manifestar mais condutas anti *fair play*.

A conduta promotora de *fair play* mais relevante é “**elogiar o bom desempenho**” dos seus atletas, após boas prestações dos mesmos. Todavia, este comportamento de elogio e encorajamento, contrasta com o “**desrespeito pelos seus atletas**”.

Conclui-se, desta forma, que a conduta deste grupo de treinadores não se assume como um exemplo a seguir pelos jovens, pois não promove a prática desportiva salutar.

4.2. Análise de conteúdo das entrevistas

4.2.1 Análise de conteúdo da entrevista do Treinador 1

A Análise de conteúdo das entrevistas foi feita com base num Sistema de Categorias com 4 categorias principais e 18 sub categorias. Abaixo, apresenta-se um quadro com os valores obtidos em cada categoria.

Tabela 3- Sistema de categorização da entrevista do Treinador 1

Nudos Pais	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do Fair Play (FP)	Despromoção do Fair Play
Nudos Filhos	1-Início de carreira 1,28%	1-Finalidades e Objectivos 3,62%	1-Conceito de Fair Play 1,57%	1-Condução dos atletas 6,30%
			2-Importância Atribuída FP 2,66%	2-Relação com os adversários 4,64%
			3-Medidas para promover o FP 0,95%	3-Relação com o árbitro 4,64%
	4-Como promove o FP 1,04%		4-Vitória vs Fair Play 8,97%	
	2-Motivações actuais 2,48%	2-Treino de Jovens vs Treino de Adultos 3,41%	5-O árbitro 1,88%	5- Vocabulário 0,98%
			6-O Dirigente 2,35%	
	3- Motivações Futuras 2,15%		7- Os Pais 0,95%	6- Responsáveis 3,36%

A- Motivações e Aspirações

Com esta categoria procurámos conhecer as motivações que levaram o treinador a iniciar a sua carreira no futebol, bem como as motivações actuais para continuar na mesma.

Contudo, tentámos ainda conhecer os seus principais objectivos para o futuro, enquanto treinador de futebol.

A1- Início da Carreira (Ver Tabela 3)

A análise desta categoria permite-nos compreender quais foram as principais motivações que levaram o treinador a adoptar esta carreira. Desta forma, fica patente a sua vontade em poder enriquecer o seu currículo desportivo, podendo ao mesmo tempo contribuir para o desenvolvimento de novas formas de ensinar o futebol em Portugal.

Fica claro que a grande motivação deste treinador para iniciar a sua carreira foi o desejo expresso de poder emprestar ao futebol os seus conhecimentos, colaborando para a produção de um método de ensino e treino de futebol nos escalões de formação.

...evoluir o meu currículo de modo a melhorar como era ensinado o futebol em Portugal... (Treinador 1).

Fica ainda patente o seu desejo de poder trabalhar com crianças, algo que sempre ambicionou.

A2- Motivações Actuais (Ver Tabela 3)

A análise desta categoria permite-nos concluir que as grandes ambições actuais deste treinador é poder continuar a desenvolver o seu trabalho, com o objectivo de contribuir para a formação dos seus atletas.

Contudo, a principal conclusão que podemos colher desta categoria é o facto de o treinador referir por diversas vezes que tem como maior desejo o reconhecimento do seu trabalho, tanto por parte dos atletas como dos pais.

No fundo, fica realçado a necessidade do treinador em receber um retorno positivo do seu trabalho, como forma de o motivar.

...ser reconhecido pelos atletas e pelos pais (Treinador 1).

Outra das motivações referidas pelo treinador é poder contribuir para o desenvolvimento de novas metodologias para o ensino do futebol. Desta forma, releva-se a vontade expressa do treinador em dar o seu contributo para o ensino do futebol.

Quero contribuir para a evolução dos métodos de treino (Treinador 1).

Todavia, umas das grandes conclusões que podemos retirar das palavras deste treinador é o facto de afirmar que, ao contrário da maioria dos seus colegas, ele não ambiciona treinar equipas seniores, mas somente treinar equipas de formação e desenvolver um método de treino próprio.

*A minha ambição, ao contrário de muitos treinadores, não é treinar seniores
(Treinador 1).*

A3-Aspirações Futuras (Ver Tabela 3)

As análises anteriores servem de enquadramento para as aspirações futuras do treinador. Desta forma, podemos claramente concluir que a grande aspiração profissional deste treinador é poder criar uma metodologia de treino relacionada com o ensino do futebol. Ou seja, o seu foco de interesse não se centra na obtenção de outros patamares de competição, nem em escalões superiores, mas no desenvolvimento de uma metodologia de treino.

Criar uma metodologia de treino que seja reconhecida e que sirva como base não só a um clube, mas à base de todos os clubes nacionais e internacionais (Treinador 1).

Verificamos, ainda, que a sua ambição é que esta metodologia se assuma como uma referência no ensino do futebol, tanto a nível nacional, como a nível internacional. Pensamos que é possível concluir que as suas pretensões não se resumem à obtenção de títulos, mas se centram numa dimensão académica e científica.

B- Treino de Jovens

Nesta dimensão procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais objectivos quando se treina com jovens atletas, bem como se pensa que deve existir diferença entre o treino de jovens e o treino de adultos.

B1- Finalidades e Objectivos (Ver Tabela 3)

Em relação à análise desta categoria podemos concluir que na opinião do treinador, os objectivos a perseguir com os jovens se situam em dois domínios diferentes, todavia, complementares.

Em primeiro lugar o treinador considera que o grande objectivo a atingir com os jovens atletas é contribuir para o seu desenvolvimento enquanto futuros cidadãos, membros activos de uma sociedade. Ou seja, preocupações de natureza educativa e formativa.

Primeiro formar o atleta enquanto membro activo na sociedade (Treinador 1).

Em segundo lugar, aparecem os objectivos relacionados com a formação de futuros atletas de alta competição. Por isso, revela preocupação em desenvolver os seus atletas nas dimensões técnicas, tática, física e psicológica. Verifica-se uma grande ênfase dada pelo treinador ao desenvolvimento dos aspectos psicológicos, entendo que todos os treinadores deverão compreender que aqueles que são objecto do seu trabalho, não são máquinas que se podem programar, mas Seres Humanos.

...ter em atenção que os atletas não são máquinas que se desenvolvem a nível técnico e tático, são ser humanos que pensam (Treinador 1).

...a parte psicológica e o desenvolvimento técnico-tático e físico (Treinador 1).

B2-Treino de Jovens Vs Treino de Adultos (Ver Tabela 3)

Na análise desta categoria constatamos que este treinador considera que existem grandes clivagens entre o treino com jovens e com seniores.

Começa por referir que o tipo de cargas a aplicar são bem diferentes, sendo que estas deverão ser maiores no trabalho a realizar com os seniores.

As cargas, o ambiente criado em volta do treino (Treinador 1).

Depois, considera que o tipo de liderança a implementar e a atitude do treinador também é diferente, consoante esteja a trabalhar com jovens ou com adultos. Significa que o treinador deve assumir uma postura camaleónica, adaptando-se aos diferentes

contextos em que está inserido. Ou seja, o seu comportamento e forma de gerir a equipa deverão ser diferenciados em função da faixa etária com a qual trabalha.

...a forma de se lidar e a postura que o treinador adopta também é diferente (Treinador 1).

No que diz respeito aos resultados desportivos, o treinador considera que estes são relativos no treino com jovens atletas, mas são muito relevantes com os seniores. Significa que quando se treina escalões de formação o objectivo deverá ser potenciar a capacidade dos atletas, enquanto com os adultos a tónica deverá ser colocada essencialmente na vitória desportiva.

Outro objectivo do treino de jovens é fazer atletas, nos seniores e tirar o máximo partido desse atleta (Treinador 1).

Assim, em seu entender a única ponte de ligação entre o treino de jovens e o treino com adultos é apenas a modalidade que ambas as faixas praticam.

C – Promoção do Fair play

C1 – O Conceito de Fair play (Ver Tabela 3)

Com esta dimensão procurámos conhecer a concepção do treinador acerca do conceito de *fair play*, ou seja, a forma como este o define.

Assim, verificámos que o treinador revela sólidos conhecimentos conceptuais acerca do que é o *fair play*, referindo-o como uma forma de jogo limpo.

Identifica alguns dos principais comportamentos associados ao *fair play*, nomeadamente o respeito pelos diferentes intervenientes no jogo, a cortesia.

...significa respeito pelo adversário, ter cortesia com ele, jogar o jogo pelo jogo, não abrir portas a más educações, não dizer asneiras, não desrespeitar os treinadores, os colegas, os árbitros (Treinador 1)

C2 – Importância atribuída ao *fair play* (Ver Tabela 3)

Com esta categoria procurámos conhecer o nível de importância atribuída pelo treinador ao *fair play*, no contexto do futebol.

Constatámos que este treinador atribui uma grande relevância ao *fair play* no futebol, revelando que o mesmo deverá ser ensinado desde cedo às crianças, evitando que desta forma assumam comportamentos desviantes.

...temos de ensiná-los na base e vemos nos torneios de jovem que isto não acontece (Treinador 1).

Em seu entender, jogar correctamente e com *fair play*, deverá estar implícito à prática do futebol, pois não faz sentido que o mesmo decorra sem o respeito pelos princípios da boa educação.

O que está implícito no futebol é a existência de uma forma correcta de jogar e essa forma só existe com o Fair play (Treinador 1).

Verificamos, desta forma, o grande interesse que esta temática suscita neste treinador.

C3 – Medidas para promover o *fair play* (Ver Tabela 3)

Com a abordagem desta categoria procurámos compreender quais as medidas que, na opinião deste treinador, podem ser tomadas no intuito de promover o *fair play*.

Assim, fica patente que na opinião a melhor medida para a promoção do *fair play* é o exemplo emprestado pelo próprio treinador que se deve assumir como pólo de virtudes nas quais as crianças possam basear a sua conduta. No seu entender o comportamento do treinador é a melhor arma ao alcance para a promoção do *fair play*, pois invariavelmente as crianças tendem a comportar-se de acordo com o padrão comportamental evidenciado pelo adulto que os lidera.

...dando o exemplo (Treinador 1).

Por isso, reconhece que se os treinadores não forem os primeiros a darem o exemplo, dificilmente poderemos pedir às crianças que se comportem com lisura e cortesia.

Se o treinador não é um exemplo, o atleta não pode segui-lo (Treinador 1).

C4 – Como promove o *fair play* (Ver Tabela 3)

Através da análise desta conduta procurámos conhecer de que forma este treinador considera fomentar o *fair play*, ou seja, quais as condutas mais evidentes no seu comportamento que visam favorecer a adopção de atitudes pró activas.

Verificámos que a forma como promove o *fair play* estabelece estreita ligação com a categoria anterior. Assim, o treinador refere fomentar o Espírito Desportivo através da sua conduta, ou seja, dando ele mesmo o exemplo.

A título de exemplo refere não permitir que os atletas discutam as decisões do árbitro e sempre que isso ocorre intervém, aconselhando alguma parcimónia.

...se o atleta vai falar com o árbitro, devo repreende-lo, e dizer-lhe que aceite as decisões do árbitros (Treinador 1).

C5- O árbitro (Ver Tabela 3)

Com esta categoria tivemos como objectivo conhecer a opinião do treinador relativamente à forma como o árbitro da partida pode ou não promover o *fair play*, permitindo-nos tirar algumas conclusões.

Comprendemos que o treinador é da opinião de que os árbitros, em diversas situações, se assumem como um obstáculo ao fomento de uma prática salutar, sempre que, ao arbitram, prejudicam uma das equipas.

Mesmo por parte dos árbitros, não existe muitas vezes um incentivo ao FP na medida em que por vezes prejudicam certas equipas (Treinador 1).

O treinador critica, ainda, a atitude pouco pedagógica assumida pelos árbitros na maioria dos jogos de jovens. Em seu entender os árbitros deveriam mostrar maior

tolerância aos erros e infracções cometidos pelas crianças, e em vez de puni-los, deveriam ter uma atitude compreensiva, explicando o porque de não poderem tomar certas atitudes.

...muitas vezes em vez de chamarem a atenção ao atleta como se faz, não, preferem penalizar os atletas marcando logo faltas, mostrando amarelos (Treinador 1)

Concluimos que o treinador é da opinião de que os árbitros deverão mudar a sua postura a fim de contribuírem efectivamente para o fomento de uma boa conduta desportiva.

C6- O Dirigente Desportivo (Ver Tabela 3)

Com esta categoria procurámos conhecer a opinião que os treinadores têm acerca dos dirigentes na promoção do *fair play*. No fundo, pretendemos saber se os treinadores consideram que os dirigentes podem condicionar a conduta do treinador com vista ao fomento do *fair play*.

O treinador considera que os dirigentes desportivos poderão exercer influência a dois níveis distintos: Influência positiva e influência negativa.

A influência será negativa sempre que o dirigente pressionar insistentemente o treinador para a obtenção de vitórias, independentemente dos meios utilizados para atingir esse objectivo. Desta forma, inculcará no treinador a ideia de que o mais importante é vencer.

NEGATIVAMENTE é pressioná-lo a ganhar, porque se há pressão para ganhar, tu esqueces o objectivo do treino de jovens (Treinador 1).

A influência será positiva sempre que os dirigentes apoiarem o trabalho dos técnicos, além dos resultados desportivos serem ou não favoráveis, assumindo a premissa de que um bom labor no treino com jovens se situa muito acima da obtenção de vitórias.

Positivamente, é reforçar principalmente quando o treinador está a fazer um bom resultado, sobretudo, mesmo quando ele não está a ganhar (Treinador 1).

C7- O Pais (Ver Tabela 3)

Com esta categoria procurámos saber qual a opinião dos treinadores acerca do papel dos pais na promoção do *fair play*. No fundo, qual o grau de importância conferido pelos técnicos à acção dos pais no contexto desportivo.

Desta forma atestamos que para este treinador o trabalho dos pais deverá incidir, essencialmente, no estabelecer de uma sintonia comunicacional entre aquilo que o treinador diz e aquilo que é dito em casa. Ou seja, os pais deverão demonstrar aos filhos um total acordo com o trabalho a ser desenvolvido pelos treinadores. No fundo, o treinador considera que quanto maior for a proximidade comunicacional entre pais e clube, mais benéfico será para o comportamento dos atletas.

Os pais ajudam se realmente estiverem em sintonia com aquilo que é dito no clube (Treinador 1).

D- Despromoção do Fair play

D1- Conduta dos atletas (Ver Tabela 3)

Nesta categoria tivemos a pretensão de saber qual a intervenção do treinador quando os seus atletas evidenciam condutas anti *fair play*.

No que diz respeito à relação que os atletas estabelecem com o árbitro o treinador adverte que não permite qualquer tipo de discussão com o mesmo. Por isso, sempre que os atletas discordam de uma decisão do árbitro, o treinador aconselha calma e, se o atleta persistir com o mesmo comportamento, então é convidado a sair do jogo.

Essencialmente, chamar a atenção, falar com ele, se continuar a insistir vem para o banco um pouco para resfriar (Treinador 1).

Na óptica do treinador, os atletas não devem discutir com o árbitro, até porque a sua principal e única missão em campo é jogar futebol e permitir que o árbitro realize o seu trabalho sem intromissões.

Não aceito e digo logo para não entrarem em diálogo com o árbitro, os atletas estão ali para jogarem e não estão ali para interferir nas decisões do árbitro

(Treinador 1).

Em relação ao queimar tempo, verificamos que o treinador está de acordo com esta conduta, na medida em que, na sua opinião, esta se assume como uma estratégia de jogo e não como uma transgressão ao *fair play*. Por isso, revela que não somente permite este comportamento, como até o promove em situações de maior dificuldade.

São formas de gerir o jogo e até faz parte do seu crescimento enquanto jogadores de futebol.

D3- Relação com o árbitro (Ver Tabela 3)

Com a análise desta categoria procurámos compreender a percepção que o treinador tem acerca do seu relacionamento com o árbitro durante a partida.

Em primeiro lugar gostaríamos de referir o treinador, apesar de em categorias anteriores afirmar que não permite que os seus atletas discutam com o árbitro, na verdade ele mesmo recorre a esse comportamento.

Assim, o treinador refere que discutir uma decisão do árbitro é algo que está relacionado com o momento do jogo, com o resultado e com a influência que essa decisão possa ter no desenrolar da partida.

Como assesta, se a decisão do árbitro teve influência directa no resultado do jogo, prejudicando a sua equipa, então ele insurge-se perante a mesma.

Se for um jogo em que a decisão do árbitro pode decidir o jogo, aí reajo

(Treinador 1).

Se a decisão do árbitro, mesmo que aparentemente errada, não tiver interferência no desenrolar do jogo, então o treinador assume uma postura tranquila, aceitando passivamente essa resolução.

Se for num jogo em que a decisão do árbitro não tenha qualquer interferência, então tolero melhor.

Concluimos assim que o resultado desportivo condiciona a atitude do treinador perante as decisões do árbitro.

D4- Vitória Vs Fair play (Ver Tabela 3)

Com esta categoria tivemos como propósito entender a opinião do treinador perante o conflito de vencer respeitando os princípios do *fair play*. Ou seja, se diante a necessidade de ganhar este é apologista da aceitação de condutas de batota.

O treinador começa por considerar que é fundamental no futebol, conseguirmos relacionar de forma harmoniosa a necessidade de vencer com a promoção do *fair play*, até porque nas camadas jovens, o mais importante não é o resultado desportivo.

Todavia, existe uma contradição nas palavras do treinador, na medida em que depois defende um conjunto de comportamentos desajustados.

Assim, em seu entender é aceitável, e até motivo de promoção, o “queimar tempo” de jogo, como estratégia de jogo.

É aceitável, pois se estou a ganhar tenho de manter a bola fora da baliza (Treinador 1).

Apesar de referir que este é um comportamento pouco ético, também acredita que existem outros muito mais penalizantes e que, quando um atleta perde tempo, fá-lo a pensar na equipa, o que se assume como uma postura educativa.

Se o atleta tomar essa opção, eu não faço nada em contrário, nem vou castigá-lo, pois fez para ajudar a equipa (Treinador 1).

No que diz respeito ao colocar a bola fora quando um adversário está lesionado, o treinador afirma que promove essa conduta. Refere que os seus atletas têm ordens para colocar a bola fora sempre que um atleta contrário se encontre no solo lesionado.

Sou apologista de pôr sempre a bola fora, SEMPRE (Treinador 1).

D5- Vocabulário (Ver Tabela 3)

Nesta categoria pretendemos descobrir qual a percepção que o treinador tem do seu vocabulário em campo, bem como, a sua opinião no que diz respeito à utilização de palavrões no futebol.

Desta forma, fica claro que este treinador está completamente em desacordo com a utilização de palavrões no futebol, independentemente da situação em que ocorra.

Não há nenhuma situação que mereça a aplicação de asneiras, mas às vezes a malta descuida-se e depois já está (Treinador 1).

No entanto, em nossa opinião, o treinador deixa transparecer que ele mesmo, em algumas situações, diz palavrões.

D6- Responsáveis pela despromoção (Ver Tabela 3)

No que diz respeito a esta categoria procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais responsáveis pela despromoção do *fair play*.

Constatamos que na opinião deste treinador, todos os intervenientes na prática do futebol, têm alguma responsabilidade na despromoção do *fair play*. Ou seja, em seu entender, ninguém poderá esquivar-se de culpas.

Resumo da entrevista do Treinador 1

Em relação às motivações que levaram este técnico a treinar fica patente a sua vontade em poder enriquecer o seu currículo desportivo, podendo ao mesmo tempo contribuir para o desenvolvimento de novas formas de ensinar o futebol em Portugal. Também as suas motivações actuais e futuras se mantêm na criação de uma metodologia própria de treinar. No fundo este treinador não revela ambições de vir a ser profissional de futebol. Refere, por isso, que em seu entender, o principal objectivo do treino com jovens deve ser formar cidadãos, antes de formar atletas.

É por isso que este treinador diz atribuir grande relevância ao *fair play*, considerando que a melhor forma de o promover é através do exemplo emprestado pelo próprio treinador.

No que diz respeito ao papel dos pais, considera que o trabalho dos mesmos deverá incidir, essencialmente, no estabelecer de uma sintonia comunicacional entre aquilo que o treinador diz e aquilo que é dito em casa

Quando instado sobre os principais responsáveis pela despromoção do *fair play* afirma que todos os intervenientes na prática do futebol, têm alguma responsabilidade.

4.2.2. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 2

A Análise de conteúdo das entrevistas foi feita com base num Sistema de Categorias com 4 categorias principais e 18 sub categorias. Abaixo, apresenta-se um quadro com os valores obtidos em cada categoria.

Tabela 4- Sistema de categorização da entrevista do Treinador 2

Nudos Pais	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do Fair Play (FP)	Despromoção do Fair Play
Nudos Filhos	1-Início de carreira 2,43%	1-Finalidades e Objectivos 3,87%	1-Conceito de Fair Play 2,62%	1-Condução dos atletas 3,09%
			2-Importância Atribuída FP 2,34%	2-Relação com os adversários 1,52%
			3-Medidas para promover o FP 3,20%	3-Relação com o árbitro 1,90%
	2-Motivações actuais 1,47%	2-Treino de Jovens vs Treino de Adultos 4,43%	4-Como promove o FP 3,80%	4-Vitória vs Fair Play 7,52%
			5-O árbitro 1,47%	5- Vocabulário 3,81%
	3- Motivações Futuras 2,46%		6-O Dirigente 2,16%	
		7- Os Pais 3,92%		

A-Motivações e Aspirações

Com esta categoria procurámos conhecer as motivações que levaram o treinador a iniciar a sua carreira no futebol, bem como as motivações actuais para continuar na mesma.

Contudo, tentámos ainda conhecer os seus principais objectivos para o futuro, enquanto treinador de futebol.

A1- Início da Carreira (Ver Tabela 4)

A análise desta dimensão permite-nos verificar que este treinador teve uma carreira enquanto jogador de futebol e que esta experiência enquanto atleta teve influência na adopção pela carreira de treinador.

Por isso, via como natural vir a treinar o desporto no qual fui jogador

(Treinador 2).

Outro dos motivos afiançados pelo treinador como motivo para a escolha da carreira de treinador é o gosto por trabalhar com crianças que lhe permite poder ensiná-las tudo aquilo que foi aprendendo enquanto atleta de futebol.

Eram as minhas grandes motivações, trabalhar com crianças e no desporto que sempre ameí (Treinador 2).

A2- Motivações Actuais (Ver Tabela 4)

Relativamente às motivações actuais o treinador considera novamente que o facto de poder trabalhar com crianças, contribuindo para o seu desenvolvimento enquanto homens e atletas se assume como uma determinante fundamental.

Refere, ainda, que o trabalho que desenvolve no seu dia-a-dia o ajudará a progredir na sua carreira futura.

Trabalhar com crianças faz-nos ver o belo que é crescer, aprender (Treinador 2).

Também me motiva saber que posso progredir nesta carreira (Treinador 2).

No fundo, infere-se da análise desta dimensão que o treinador vê no trabalho desenvolvido no presente, uma rampa de lançamento para uma carreira mais promissora.

A3-Aspirações Futuras (Ver Tabela 4)

No que diz respeito às aspirações futuras deste treinador, verificamos que o mesmo tem como objectivo treinar numa liga profissional.

De facto, na categoria anterior já tínhamos verificado que o treinador via no seu trabalho presente uma porta de entrada para abraçar um projecto profissional, sem contudo, descurar a importância do trabalho desenvolvido nos escalões de formação.

Gostaria de ser treinador profissional de futebol (Treinador 2).

Acredito que nestes anos todos já reuni competências para poder treinar ao mais alto nível (Treinador 2).

B- Treino de Jovens

Nesta dimensão procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais objectivos quando se treina com jovens atletas, bem como se pensa que deve existir diferença entre o treino de Jovens e o treino de adultos.

B1- Finalidades e Objectivos (Ver Tabela 4)

No que diz respeito aos principais objectivos a atingir no treino com jovens atletas, este treinador refere que a promoção da prática desportiva e o gosto pelo praticar desporto devem estar no topo das preocupações, evidenciando uma preocupação pelo fomento de hábitos e estilos de vida activos. Afirma ainda que é importante fomentar o gosto por cuidar da saúde.

A primeira finalidade no treino com jovens, seja de que modalidade for, é fomentar o gosto pela actividade física, pelo desporto (Treinador 2).

...fomentar o gosto pela actividade física, pelo desporto, o gosto por cuidar da saúde (Treinador 2).

Todavia, apesar das preocupações relacionadas com os hábitos e estilos de vida saudável, este treinador não descarta a vertente do treino desportivo, porque no fundo reconhece que a principal motivação das crianças que treina é jogar futebol. Assim, refere como igualmente importante o desenvolvimento de competências relacionadas com o jogo de futebol.

...tenho um conjunto de competências a desenvolver nas crianças, nomeadamente, ensiná-las a jogar futebol (Treinador 2).

B2-Treino de Jovens Vs Treino de Adultos (Ver Tabela 4)

Em relação a esta temática, o treinador considera que existem grandes diferenças entre o treino de jovens e o de adultos, pois na sua opinião, apesar de em ambos os grupos o objectivo ser o mesmo – jogar futebol- o caminho para lá chegar terá de ser necessariamente diferente.

Em ambos queremos ensinar futebol, mas estes dois grupos necessitam de abordagens diferentes (Treinador 2).

Na sua perspectiva, o facto de se trabalhar com níveis etários diferentes, com necessidades específicas, reclamam do treinador a adopção de uma metodologia de treino e de uma intervenção pedagógica diferenciada, no sentido de poder contribuir para a evolução dos atletas.

Assim, este treinador refere que o trabalho a realizar com os seniores é essencialmente aperfeiçoar aquilo que já foi adquirido anteriormente. No fundo, não se vai ensinar nada de novo, mas apenas refinar as competências aprendidas em épocas anteriores. Refere, ainda, que com os adultos a intervenção poderá ser mais forte, na medida em que os atletas alvo são adultos.

Os adultos em princípio já aprenderam essas coisas, só necessitam de aperfeiçoá-las (Treinador 2).

Ao invés, os mais jovens necessitam de uma intervenção diferente na medida em que ainda estão num processo de aprendizagem da maioria das competências para jogar futebol.

A nível da intervenção pedagógica o treinador afirma que o trabalho a desenvolver com as crianças deve centrar-se num constante reforço positivo, no sentido de motivar as crianças. Deve o treinador ser paciente perante o erro, aceitando-o como parte integrante do processo de aprendizagem.

O trabalho com as crianças exige paciência, determinação, coragem, capacidade de aceitar os erros, pois estão no início (Treinador 2).

As crianças exigem maior preocupação, maior carinho, mais empatia (Treinador 2).

C – Promoção do *fair play*

C1 – O Conceito de *fair play* (Ver Tabela 4)

Com esta dimensão procurámos conhecer a concepção do treinador acerca do conceito de *fair play*, ou seja, a forma como este o define. Nesse sentido, este treinador associa o *fair play* a um conjunto de comportamento, tais como: Respeito pelos adversários, pelo árbitro, pelo público e por nós mesmos. Assim, verificamos que este treinador apresenta um elevado grau de conhecimento deste conceito, na medida em que vai ao encontro do definido pela literatura acerca do tema.

Respeitar os nossos colegas de equipa, o nosso treinador, mas também respeitar os adversários, o árbitro, os dirigentes e até mesmo o público (Treinador 2).

Associa, ainda, ao conceito de *fair play* comportamentos como, colocar a bola fora quando os adversários estão lesionados e não perder tempo de jogo.

...colocar a bola fora quando os adversário se lesionam (Treinador 2).

Neste sentido, consideramos que este treinador apresenta sólidos conhecimentos relativos aos comportamentos associados ao *fair play*, pois evidenciou com clareza um conjunto de comportamentos associados ao tema.

C2 – Importância atribuída ao *fair play* (Ver Tabela 4)

Com esta categoria procurámos conhecer o nível de importância atribuída pelo treinador ao *fair play*, no contexto do futebol.

Nesta medida, parece-nos que o treinador em questão não só evidencia um forte conhecimento do conceito, como também patenteia um forte vínculo à importância dada ao mesmo. Nesta medida, a análise desta entrevista demonstra por parte do treinador uma elevada importância atribuída ao *fair play*, ao afirmar que não faz sentido jogar sem respeitar este princípio. Refere, ainda, que o conceito de *fair play* humaniza a prática desportiva, na medida em que o jogo não deve ser encarado como uma guerra, mas apenas como uma confrontação sadia.

Então faz algum sentido jogar sem respeitar as regras e os outros? (Treinador 2).

Se temos de ser educados no nosso dia-a-dia, porque não o deveremos ser no futebol (Treinador 2).

Desta forma, fica patente que este treinador reconhece que os comportamentos de boa educação devem ser transversais a todos os sectores da vida, seja no desporto, na cultura ou até mesmo no nosso dia-a-dia. Se devemos ser educados em todos os momentos da nossa vivência humana, também o deveremos ser no desporto.

C3 – Medidas para promover o *fair play* (Ver Tabela 4)

Com a abordagem desta categoria procurámos compreender quais as medidas que, na opinião deste treinador, podem ser tomadas no intuito de promover o *fair play*.

Assim, concluímos que este treinador considera que a melhor forma de se promover o *fair play* é através da conduta do treinador, ou seja, o treinador deverá assumir-se como um bom exemplo a seguir pelos seus atletas e por todos aqueles que o rodeiam. Nessa medida, deve o treinador ter cuidados redobrados, pois o seu comportamento será o maior veículo para a promoção do *fair play*.

O treinador deve dar e ser um exemplo (Treinador 2).

É através dos actos que o treinador pode ou não promover o fair play

(Treinador 2).

Ainda relativamente a este tema, o treinador assume que na sua opinião não basta falar de *fair play* aos seus atletas, na medida em que não será através das palavras que conseguiremos mudar atitudes e comportamentos dos atletas. Importa, então através da conduta, mostrar um forte vínculo para com a defesa dos ideais do *fair play*. A palavra, não será assim o melhor veículo, pois carece de justificação através de acções concretas.

Falar é bom, mas não chega, pois palavras levam-nas o vento (Treinador 2).

Não acredito que isto vá lá só a falar (Treinador 2).

Desta forma, verificamos que o treinador dá grande relevância ao comportamento e às condutas como promotoras do Espírito Desportivo.

C4 – Como promove o *fair play* (Ver Tabela 4)

Através da análise desta conduta procurámos conhecer de que forma este treinador considera fomentar o *fair play*, ou seja, quais as condutas mais evidentes no seu comportamento que visam favorecer a adopção de condutas pró activas.

Assim, constatamos que o treinador em questão centra o seu comportamento de promoção essencialmente na relação que se estabelece entre os seus atletas e o árbitro. Ou seja, o treinador não permite quaisquer tipos de discussões ou insultos por parte dos seus atletas para com o árbitro. Sempre que uma situação destas acontece o treinador adopta uma postura interventiva, criticando fortemente esse comportamento por parte dos seus atletas.

Não permitido que eles discutam com os adversários (Treinador 2).

Não gosto de os ouvir discutir decisões do árbitro (Treinador 2)

Outra das formas que este treinador afirma ter encontrado para o desenvolvimento de condutas de *fair play* é o incentivo às boas acções realizadas pelos adversários. Significa que este treinador afirma que não se inibe de manter palmas ou mostrar apreço por um bom remate ou uma boa jogada ou uma boa defesa dos adversários. O treinador afirma que é importante valorizar o espectáculo desportivo e que por isso considera ser importante relevar aquilo que de bem se realiza em campo. Afirma, ainda, que na sua opinião os atletas devem habituar-se a reconhecer o valor dos adversários, como forma de respeitar o seu oponente.

Eu acredito que para haver um bom jogo, têm de existir duas boas equipas e que como tal, devo valorizar o adversário (Treinador 2).

Costumo aplaudir sempre as coisas bem feitas pelo adversário (Treinador 2).

Apesar de reconhecer que aplaude aquilo que o adversário faz de bem, pois é uma forma de valorizar o espectáculo desportivo, também assume que é mais fácil assumir esta postura quando a sua equipa se encontra a vencer.

...é mais fácil quando se está a ganhar, concordo, mas devemos elogiar as coisas bonitas do jogo (Treinador 2).

Todavia, não deixa de ser assinalável esta conduta por parte do treinador, relevando respeito e apreço pelo adversário e evidenciando um gosto pela promoção do espectáculo desportivo.

C5- O árbitro (Ver Tabela 4)

Com esta categoria tivemos como objectivo conhecer a opinião do treinador relativamente à forma como o árbitro da partida pode ou não promover o *fair play*, permitindo-nos tirar algumas conclusões.

Desta forma concluímos que este treinador considera interagir muito pouco com o árbitro. Afirma não discutir com o mesmo, não permitindo que os seus atletas o façam também.

...não gosto de os ouvir discutir decisões do árbitro (Treinador 2).

Ao que parece o treinador acredita que o árbitro serve para cumprir a sua missão de zelar pelo cumprimento das regras dentro das quatro linhas e que por isso não deve intervir no seu trabalho. Daí que na análise desta categoria apareçam poucas ocorrências relacionadas com o árbitro.

C6- O Dirigente Desportivo (Ver Tabela 4)

Com esta categoria procurámos conhecer a opinião que os treinadores têm acerca dos dirigentes na promoção do *fair play*. No fundo, pretendemos saber se os treinadores consideram que os dirigentes podem condicionar a conduta do treinador com vista ao fomento do *fair play*.

Desse modo, verificamos que este treinador considera que os dirigentes desportivos têm um papel muito forte e activo na gestão dos clubes, na medida em que são os mesmos que definem as linhas mestras para a gestão do clube. Assim, através da sua acção poderão condicionar a conduta do treinador, na medida em que o seu estatuto hierárquico legitima as suas opções.

Os dirigentes têm um papel muito forte nos clubes (Treinador 2).

...têm toda a legitimidade para poderem assumir a postura que quiserem e podem achar que promover o Fair play é mau para o clube (Treinador 2).

Em nosso entender, o treinador evidencia um distanciamento relativamente àquilo que considera serem as competências do dirigente desportivo, ou seja, procura manter um certo afastamento das decisões dos seus superiores.

C7- O Pais (Ver Tabela 4)

Com esta categoria procurámos saber qual a opinião dos treinadores acerca do papel dos pais na promoção do *fair play*. No fundo, qual o grau de importância conferido pelos técnicos à acção pais no contexto desportivo.

Assim fica bem patente que o treinador considera que o papel dos pais é de grande importância, mas que, todavia, as acções e atitudes dos pais se assumem muitas vezes como nefastas.

Os pais às vezes podiam ajudar muito mais.

Este treinador considera que os pais se encontram demasiadamente centrados nos seus filhos e no seu desempenho, esquecendo que os mesmos fazem parte de uma equipa, de um projecto colectivo comum. No fundo, os pais encontram-se exclusivamente preocupados com o desempenho dos seus filhos, esquecendo muitas vezes que estes ainda são crianças.

Acho que os pais estão muito obcecados com os filhos, só vêem os filhos e muitas vezes isso é prejudicial até para os próprios miúdos (Treinador 2).

Este treinador refere, ainda, um conjunto de comportamentos evidenciados pelos pais que, na sua opinião são lesivos aos próprios filhos. Assim, destaca como condutas mais perniciosas o desrespeito evidenciado para com o árbitro da partida, alvo muitas vezes de improperios e ultrajes e o intrometimento no trabalho do treinador.

...deveriam ser mais contidos nos comentários ao trabalho dos treinadores e até dos próprios árbitros (Treinador 2).

D- Despromoção do *fair play*

D1- Conduta dos atletas (Ver Tabela 4)

Nesta categoria granjeámos saber qual a intervenção do treinador quando os seus atletas evidenciam condutas anti *fair play*.

Assim, o treinador afirma não permitir quaisquer tipos de discussões com o árbitro da partida, agindo prontamente perante um cenário desses, pois na sua opinião o árbitro merece respeito por parte dos atletas. Assim, o treinador patenteia uma postura firme e convicta aquando da ocorrência de uma situação dessas, afirmando que se estas persistirem a última medida é retirar o atleta do campo.

Não tolero faltas de desrespeito para com o árbitro (Treinador 2).

Não permito que discutam com o árbitro (Treinador 2).

Se algum miúdo discute, chamo-o à razão e se persistir sai de cena (Treinador 2).

Em relação ao vocabulário utilizado pelos atletas, o treinador é também muito crítico. Assim, não permite o uso de palavrões em qualquer situação. Reprende os atletas sempre que estes usam vocabulário desadequado, pois na sua opinião os atletas não têm o direito de utilizar esse tipo de discurso.

...mas não têm o direito de dizerem palavrões e de discutirem com os outros (Treinador 2).

Concluímos, desta forma, que o treinador considera ser activo perante posturas anti *fair play* empreendidas pelos seus atletas.

D2 – Relação com os adversários (Ver Tabela 4)

No que diz respeito a esta categoria, procurámos descobrir a opinião que o treinador tem relativamente à forma como interage com os adversários.

Assim, este treinador afirma assumir uma atitude de respeito pelos seus opositores na medida em que considera que devemos aceitá-lo como um elemento indispensável para competir. Desta forma, afirma que deveremos respeitar o adversário assim como queremos que este nos respeite a nós. Logo, devemos assumir um conjunto de comportamentos que denotem esse apreço pelo adversário, para que este possa sentir-se convidado a fazer o mesmo.

Um dos exemplos evidenciados pelo treinador é o ordenar os seus atletas colocarem a bola fora do campo quando um adversário está no chão lesionado.

Devemo-nos colocar no lado dos nossos adversários. Se estiver um miúdo meu caído no chão, também quero que os outros ponham a bola fora (Treinador 2).

Peço aos miúdos que me enviem a bola para fora, logo (Treinador 2).

D3- Relação com o árbitro (Ver Tabela 4)

Com a análise desta categoria procuramos compreender a percepção que o treinador tem acerca do seu relacionamento com o árbitro durante a partida.

Concluímos que o treinador considera que raramente discute as decisões do árbitro e quando o faz é na firme convicção de que o mesmo errou. Significa que este treinador considera estabelecer uma boa relação com o árbitro na medida em que apenas ocasionalmente poderá discutir uma decisão do árbitro. Todavia, esta discussão será apenas um desagrado para com a decisão do juiz, não assumindo nunca a falta de respeito.

...em algumas situações posso discutir pontualmente com o árbitro (Treinador 2).

Tento não discutir, mas claro que me parece uma situação mal ajuizada, só capaz de falar (Treinador 2).

Contudo, não deixa de ser curioso que o treinador afirme que é mais fácil aceitar uma má decisão do árbitro quando se está a ganhar, do que quando o resultado é desfavorável. Desta forma, fica patente que o factor “resultado desportivo” assume particular relevância na conduta do treinador que é mais tolerante para com os erros do árbitro em momentos em que a sua equipa se encontra em vantagem no marcador.

Claro que quando se está a vencer é sempre mais fácil aceitar os erros do árbitro (Treinador 2).

D4- Vitória Vs fair play (Ver Tabela 4)

Com esta categoria tivemos como objectivo compreender qual a opinião do treinador perante o dilema de vencer respeitando os princípios do *fair play*. Ou seja, se perante a necessidade de ganhar este é apologista de adopção de condutas de batota.

Assim, no que diz respeito a comportamento de batota, este treinador considera que estes devem ser banidos da prática desportiva, na medida em que esta deverá ser levada a cabo de uma forma sadia.

Ganhar recorrendo à batota é enganarmo-nos a nós mesmos (Treinador 2).

Assim, considera que uma equipa que recorre à batota é porque tem a perfeita consciência de que a sua qualidade é ainda reduzida e que, só socorrendo-se de condutas ilícitas é capaz de vencer. No fundo o treinador considera que toda a equipa e treinador que tenha confiança na sua qualidade de jogo, não necessita de valer-se de comportamentos enganosos pois está convicto do seu valor e confia que através dele vencerá.

... quando não temos a certeza da nossa qualidade, recorreremos a todo o tipo de situações ilícitas para ganhar (Treinador 2).

... se de facto temos a certeza de que somos bons, então jogamos o nosso jogo e nada mais (Treinador 2).

Importa ainda salientar que este treinador considera que comportamentos como enganar o árbitro ou “queimar tempo” são altamente desajustados e que por isso devem ser banidos do futebol. Acredita que a tarefa do treinador é, sobretudo, ensinar a jogar futebol do ponto de vista técnico e tático, inibindo-se de ensinar todo o tipo de estratégias ilícitas e condenáveis.

Agora arranjar maneiras de enganar o árbitro não é jogar futebol. Como me disse a minha finalidade é ensinar a jogar futebol, não é enganar árbitros ou ensinar truques (Treinador 2).

No que diz respeito ao comportamento “ colocar a bola fora” atesta que incentiva os seus atletas a fazê-lo sempre que um adversário cai no chão, pois considera que esta é uma conduta que revela estima pelo rival.

Peço aos miúdos que me enviem a bola para fora, logo (Treinador 2).

D5- Vocabulário (Ver Tabela 4)

Nesta categoria pretendemos descobrir qual a percepção que o treinador tem do seu vocabulário em campo, bem como, a sua opinião no que diz respeito à utilização de palavrões no futebol. Deste modo, o treinador afiança que o uso de palavrões no futebol lhe parece descabido, sobretudo por parte dos seus pares. Assim, considera que este comportamento envergonha a classe, na medida em que os treinadores se assumem como modelos a seguir pelos mais jovens.

Há jogos que até sinto vergonha de ver colegas meus a dizerem tanta coisa má (Treinador 2).

Atira, ainda, que no futebol o uso de palavrões se encontra infelizmente massificado e que toda a gente utiliza como se de um comportamento normal se tratasse.

As pessoas dizem asneiras como se isso fosse perfeitamente normal, como se fosse um comportamento aceitável. Acho uma coisa aberrante, sem jeito nenhum.

Para finalizar considera que o uso inadvertido de palavrões numa dada situação específica poderá ser tolerado, desde que, se assuma como uma exceção e não como uma regra.

Que um dia sem exemplo possa escapar uma, ok, acontece, mas por sistema não.

D6- Responsáveis pela despromoção (Ver Tabela 4)

No que diz respeito a esta categoria procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais responsáveis pela despromoção do *fair play*.

O mesmo, não se coibiu de afirmar que a falta de *fair play* não se deve a este ou àquele protagonista do cenário desportivo, mas a todos aqueles que assumem alguma responsabilidade no seio do futebol. No fundo, assume que a responsabilidade pela despromoção constante do *fair play* é de treinadores, pais, dirigentes atletas e demais intervenientes neste processo.

Somos todos um pouco, mas todos mesmo (Treinador 2).

Todavia, na hora de assumir as responsabilidades, prefere falar na figura dos treinadores aos quais outorga maiores responsabilidades.

Nós treinadores muitas vezes até somos os piores (Treinador 2).

Resumo da entrevista do treinador 2

Um dos motivos afiançados por este treinador como motivo para a escolha da carreira é o gosto por trabalhar com crianças, gosto esse que se mantém como expectativas actual. Todavia, verificamos que o mesmo tem como objectivo treinar numa liga profissional, assumindo que este trabalho com as crianças se vai assumir como uma rampa de lançamento.

Em relação aos principais objectivos no treino com jovens destaca a promoção da prática desportiva e o gosto pelo praticar desporto. Considera, igualmente, importante o desenvolvimento de competências relacionadas com o jogo de futebol.

Refere que o único ponto em comum entre o treino com jovens e com adultos é o ensino do jogo de futebol que, todavia, deverá adoptar abordagens diferentes.

Este treinador revela um grande apego aos princípios do *fair play*, considerando que a melhor forma de o promover é através do exemplo dado pelo treinador.

Em relação ao papel dos pais considera que é de grande importância, mas que, todavia, as acções e atitudes dos pais se assumem muitas vezes como nefastas.

Em relação à despromoção do *fair play* considera que não se deve a este ou àquele protagonista do cenário desportivo, mas a todos aqueles que assumem alguma responsabilidade no seio do futebol.

4.2.3. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 3

A Análise de conteúdo das entrevistas foi feita com base num Sistema de Categorias com 4 categorias principais e 18 sub categorias. Abaixo, apresenta-se um quadro com os valores obtidos em cada categoria.

Tabela 5- Sistema de categorização da entrevista do Treinador 3

Nudos Pais	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do Fair Play (FP)	Despromoção do Fair Play
Nudos Filhos	1-Início de carreira 3,02%	1-Finalidades e Objectivos 5,63%	1-Conceito de Fair Play 1,35%	1-Condução dos atletas 4,32%
			2-Importância Atribuída FP 2,57%	2-Relação com os adversários 0%
			3-Medidas para promover o FP 3,19%	3-Relação com o árbitro 4,08%
	2-Motivações actuais 1,53%	2-Treino de Jovens vs Treino de Adultos 5,28%	4-Como promove o FP 2,69%	4-Vitória vs Fair Play 13,77%
			5-O árbitro 1,51%	5- Vocabulário 4,32%
	3- Motivações Futuras 1,68%	6-O Dirigente 2,17%	6- Responsáveis 2,15%	
		7- Os Pais 4,47%		

A-Motivações e Aspirações

Com esta categoria procurámos conhecer as motivações que levaram o treinador a iniciar a sua carreira no futebol, bem como as motivações actuais para continuar na mesma.

Contudo, tentámos ainda conhecer os seus principais objectivos para o futuro, enquanto treinador de futebol.

A1- Início da Carreira (Ver Tabela 5)

A análise desta categoria permite-nos concluir que este treinador evidencia uma enorme paixão pelo futebol desde a sua infância na medida em que refere que desde cedo se dedicava à prática desta modalidade com os seus amigos na rua.

Comecei a jogar no bairro com as outras crianças e era algo que me dava muito gozo (Treinador 3).

Por isso, sempre viu com naturalidade a sua incursão pela carreira de treinador, visto esta ser a sua modalidade de eleição e também porque intimamente sempre desejou ser treinador de futebol.

...sempre desejei ser treinador de futebol desde muito cedo (Treinador 3).

A2- Motivações Actuais (Ver Tabela 5)

Relativamente às motivações actuais podemos constatar que este treinador começa já a preparar aquilo que no futuro pretende vir a desempenhar, ou seja, profissional de futebol. Por isso, afirma que neste momento a sua grande motivação passa pelo desenvolvimento de um trabalho sólido e de grande qualidade que lhe permitam, mais tarde, poder almejar trabalhar a outro nível.

Actualmente pretendo demonstrar muito e bom trabalho para poder chegar onde pretendo (Treinador 3).

Contudo, denota grande lucidez e pragmatismo ao evidenciar que para atingir os patamares que deseja, terá de primeiramente realizar um bom trabalho.

A3-Aspirações Futuras (Ver Tabela 5)

Esta categoria vem já em consonância com a anterior na medida em que este treinador revela que o seu grande objectivo a nível desportivo é poder ser um dia profissional de futebol. O treinador afirma convictamente que esta é uma realidade que deseja muito, mostrando desde já o empenho necessário para a obtenção desse objectivo.

As minhas aspirações é ser treinador profissional de futebol (Treinador 3).

A análise das suas palavras deixa antever o seu desejo por poder viver as emoções próprias do futebol, procurando a cada dia viver nos limites da adrenalina.

Quero sentir a adrenalina de poder treinar todos os dias. Desejo mesmo ser profissional de futebol (Treinador 3).

B- Treino de Jovens

Nesta dimensão procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais objectivos quando se treina com jovens atletas, bem como se pensa que devem existir diferença entre o treino de jovens e o treino de adultos.

B1- Finalidades e Objectivos (Ver Tabela 5)

Para este treinador o grande objectivo do treino com jovens atletas é o desenvolver bases sólidas que permita às crianças poderem um dia almejar serem profissionais de futebol. No fundo, o grande objectivo de quem trabalha com jovens deverá ser o desenvolvimento multilateral de todas as competências necessárias para se jogar futebol ao mais alto nível.

...devemos criar uma base sólida que permita aos alunos um dia virem a ser profissionais de futebol (Treinador 3).

Contudo, o treinador reconhece que para cumprir com este preceito é necessário colocar-se de lado a política do vencer a todo o custo, ou seja, é importante vencer, mas quando a vitória se assume como um elemento preponderante, torna-se mais difícil centrar o trabalho no desenvolvimento de atletas.

...devemos pôr um pouco de lado o querer ganhar a todo o custo e pensar mais no desenvolvimento dos atletas (Treinador 3).

Na sua opinião outro dos objectivos a atingir com o treino de jovens é a promoção do gosto pela prática da modalidade, até porque, como refere, apenas uma percentagem reduzida de atletas chegarão à alta competição. Assim, o treinador não deixa de realçar a necessidade de fomentar o gosto pela prática desportiva.

Temos de dar oportunidade a todos os miúdos de jogarem, porque nem todos chegaram lá acima (Treinador 3).

B2-Treino de Jovens Vs Treino de Adultos (Ver Tabela 5)

A análise desta categoria permite-nos concluir que na opinião do treinador existem diferenças significativas entre o treino de jovens e o de adultos.

Começa por salientar que os jovens se encontram, ainda, num período de desenvolvimento maturacional e que, em consequência disso, é necessário terem-se alguns cuidados. Os adultos, já tendo ultrapassado essa fase, poderão ser sujeitos a outro tipo de trabalho.

Uns estão em pleno desenvolvimento físico e psicológico e até tático. Os outros já se encontram maturacionalmente desenvolvidos (Treinador 3)

Por isso, este treinador assesta que quanto mais eficaz e eficiente for o trabalho desenvolvido nas camadas jovens, melhores serão os resultados que se obterão no futuro. No fundo, quanto mais sólidas forem as bases desenvolvidas na adolescência, maiores os frutos que se poderão colher no futuro.

...com os mais jovens trabalhamos as bases para o futuro, Nos seniores aproveitamos essas bases e potenciamo-las (Treinador 3).

C – Promoção do *fair play*

C1 – O Conceito de *fair play* (Ver Tabela 5)

Com esta dimensão procurámos conhecer a concepção do treinador acerca do conceito de *fair play*, ou seja, a forma como este o define.

Assim, concluímos que este treinador revela bons conhecimentos conceptuais ao nível do conceito na medida em que consegue definir com clareza alguns dos comportamentos associados ao *fair play*.

Encara-o como o conjunto de procedimentos a levar a cabo pelos intervenientes no contexto desportivo, que visam o jogar de modo honesto.

Respeitar os árbitros, os adversários, o público. É ser-se honesto a jogar
(Treinador 3).

C2 – Importância atribuída ao *fair play* (Ver Tabela 5)

Com esta categoria procurámos conhecer o nível de importância atribuída pelo treinador ao *fair play*, no contexto do futebol.

Concluímos que este treinador manifesta elevada importância pelo *fair play* no contexto desportivo pois em seu entender a boa conduta é algo que deve ser extensível a todos os campos da vida, ou seja, ser-se educado não deve enquadrar-se apenas na prática desportiva, mas em todas as situações da vida.

*Acho o *fair play* importante no Futebol, como acho importante ser bem-educado no meu dia-a-dia* **(Treinador 3).**

Daí considerar que todos os treinadores devem realizar um esforço no sentido de promover o *fair play*, junto dos seus atletas.

*Por isso penso que devemos dar uma ajuda para fomentar o *fair play**
(Treinador 3).

C3 – Medidas para promover o *fair play* (Ver Tabela 5)

Com a abordagem desta categoria procurámos compreender quais as medidas que, na opinião deste treinador, podem ser tomadas no intuito de promover o *fair play*.

O treinador começa por abordar a possibilidade de se realizarem debates e discussões acerca desta temática.

Depois refere ainda a possibilidade de os treinadores darem como exemplos, atletas de alta competição que se tenham notabilizado também a nível da boa conduta.

...pode dar exemplos de atletas que tendo sido sempre bem comportados, também atingiram elevados patamares (Treinador 3).

Finalmente, refere que a principal forma de se fomentar o Espírito Desportivo é através do próprio exemplo que deve ser dado pelo treinador. Significa que o treinador, através do seu comportamento, deverá ser o primeiro a potenciar as boas condutas por parte dos seus atletas. Em seu entender, não pode o treinador pedir aos seus atletas um bom comportamento, quando a sua postura é antagónica àquilo que solicita aos atletas.

Não posso dizer aos miúdos para terem um bom comportamento e depois eu mostrar o contrário (Treinador 3).

C4 – Como promove o *fair play* (Ver Tabela 5)

Através da análise desta conduta procurámos conhecer de que forma este treinador considera fomentar o *fair play*, ou seja, quais as condutas mais evidentes no seu comportamento que visam favorecer a adopção de condutas pró activas.

Verificamos que esta conduta revela grande coerência com a anterior, ou seja, o treinador refere fomentar o *fair play* através do seu comportamento. O treinador afirma esforçar-se para evidenciar uma conduta correcta que possa servir de exemplo para os seus atletas. Nessa medida, menciona procurar sempre manter uma postura tranquila

perante as situações mais problemáticas da competição, nomeadamente, respeitando as decisões do árbitro, sendo paciente perante os erros dos atletas, entre outros.

Em primeiro lugar procuro sempre dar algum exemplo aos meus atletas

(Treinador 3).

...tento não me exaltar quando os meus atletas erram

(Treinador 3).

C5- O árbitro (Ver Tabela 5)

Com esta categoria tivemos como objectivo conhecer a opinião do treinador relativamente à forma como o árbitro da partida pode ou não promover o *fair play*, permitindo-nos tirar algumas conclusões.

Concluímos que o treinador é da opinião de que os árbitros vêm assumindo uma postura pouco digna, tendo em conta a sua função na competição. Por isso, o treinador refere que os árbitros não têm contribuído para o fomento do *fair play*, nomeadamente na forma como arbitram os jogos, bem como, nas diversas situações em que não comparecem nos jogos para cumprir com a sua incumbência.

...vejo árbitros mal preparados para apitar. Árbitros que parecem fazer um frete para apitar um jogo (Treinador 3).

...vejo árbitros que se esquecem de vir apitar os jogos, ou então chegam atrasados

(Treinador 3).

C6- O Dirigente Desportivo (Ver Tabela 5)

Com esta categoria procurámos conhecer a opinião que os treinadores têm acerca dos dirigentes na promoção do *fair play*. No fundo, pretendemos saber se os treinadores

consideram que os dirigentes podem condicionar a conduta do treinador com vista ao fomento do *fair play*.

Este treinador é da opinião de que os dirigentes desportivos podem condicionar o trabalho a ser desenvolvido pelos treinadores na medida em que são o topo da hierarquia dentro de um clube de futebol, sendo os responsáveis pelos destinos do clube.

Os dirigentes podem condicionar todo o trabalho do treinador, pois são eles quem manda (Treinador 3).

Contudo, refere que cabe aos treinadores tomarem uma posição firme perante a possibilidade de ingerência por parte dos dirigentes. No fundo, é dizer que os dirigentes desportivos só terão a influência que os treinadores permitirem. Todavia, este treinador adverte para o facto de que se os treinadores não alinharem pelo diapasão dos dirigentes daí decorrerá o risco de serem dispensados das suas funções.

Mas claro, um treinador que não respeite as indicações dos seus superiores corre o risco de ir para a rua (Treinador 3).

C7- O Pais (Ver Tabela 5)

Com esta categoria procurámos saber qual a opinião dos treinadores acerca do papel dos pais na promoção do *fair play*. No fundo, qual o grau de importância conferido pelos técnicos à acção pais no contexto desportivo.

Em seu entender a acção dos pais não vem sendo uma ajuda benéfica para a promoção do Espírito Desportivo, assim como, para o desenvolvimento dos seus. O treinador identifica um conjunto de condutas perniciosas manifestadas pelos pais durante a competição desportiva que em nada contribuem para a participação salutar dos seus filhos na prática desportiva.

...que se vê dos pais na bancada é gritarem com os filhos o tempo todo.
(Treinador 3).

...passam o tempo a discutir com os pais adversários (Treinador 3).

O treinador assevera que os pais encontram-se obcecados com o desempenho desportivo dos filhos e não compreendem que, através das suas condutas, só lesam a prestação dos mesmos, na medida em que criam demasiada pressão psicológica.

...pais que não dão espaço aos miúdos para se desenvolverem. Pais obcecados com o sucesso dos filhos (Treinador 3).

Conclui-se que este treinador é da opinião que a função dos pais não tem sido desempenhada da melhor forma, pois não contribui para a criação de um clima salutar da prática desportiva.

D- Despromoção do *fair play*

D1- Conduta dos atletas (Ver Tabela 5)

Nesta categoria procurámos saber qual a intervenção do treinador quando os seus atletas evidenciam condutas anti *fair play*.

Assim, o treinador afirma que assume uma postura activa sempre que os seus atletas discutem com o árbitro, pois em seu entender a função do atleta é jogar. Assim, refere que sempre que um atleta se discute uma decisão do árbitro, este comportamento é alvo de repúdio da sua parte.

Não gosto nem quero que eles discutam com o árbitro. Quando discutem normalmente tento acalmá-los (Treinador 3).

Relativamente ao uso de palavrões o treinador afirma que não costuma intervir nessas situações. Em seu entender o uso de palavrões por parte dos miúdos acontece, essencialmente, em situações de elevado stress e que o palavrão se assume como um escape. Assim, o treinador entende o uso de palavrões de uma forma catártica, não

reconhecendo nos mesmos uma falta de educação dos seus atletas. Por isso, assegura que não intervém aquando destas situações.

Em relação a asneiras, acabo por não ligar tanto, porque às vezes não são uma questão de má educação (Treinador 3).

D3- Relação com o árbitro (Ver Tabela 5)

Com a análise desta categoria procurámos compreender a percepção que o treinador tem acerca do seu relacionamento com o árbitro durante a partida.

Desta forma, podemos constatar que o treinador afirma discutir, em algumas ocasiões, com o árbitro. Refere discutir com o juiz apenas em situações em que tem quase a certeza de que a decisão do árbitro é errada. Todavia, quando tem dúvidas, afirma não discutir com o árbitro, pois se a situação é duvidosa, é bem possível que o árbitro se possa equivocar.

Há situações duvidosas e se eu tenho dúvidas o árbitro também as deverá ter. Nessas situações não costumo dizer nada (Treinador 3).

Uma das conclusões que importa relevar é o facto de o treinador referir que o contexto situacional pode ou não despoletar um comportamento de discussão com o árbitro. Nessa linha, diz que estando a vencer confortavelmente, é mais fácil tolerar um possível erro do árbitro. Ao invés, quando o resultado não é favorável, tem mais tendência para discutir as decisões do árbitro. Verificamos assim que o factor resultado desportivo é condicionador da postura do treinador.

Numa situação difícil tipo empate ou derrota, já sou bem mais capaz de me chatear (Treinador 3).

D4- Vitória Vs fair play (Ver Tabela 5)

Com esta categoria tivemos como objectivo compreender qual a opinião do treinador perante o dilema de vencer respeitando os princípios do fair play. Ou seja, se perante a necessidade de ganhar este é apologista da adopção de condutas de batota.

Na opinião do treinador nem tudo é lícito mesmo quando o objectivo é ganhar. Em seu entender existem um conjunto de comportamentos que não são aceitáveis no quadro na prática desportiva, mesmo que esses comportamentos levem à vitória. Assesta que a competição deve decorrer dentro de um clima saudável e de respeito pelas regras.

Ganhar é importante, é mesmo muito importante, mas não é lícito fazer-se tudo para se ganhar (Treinador 3).

Assim, condena veemente todo o tipo de suborno que possa ser feito ao árbitro, apelo à violência no campo, bem como todas as formas de desrespeito pelos adversários.

Se me estiveres a dizer que para ganhar tenho de comprar o árbitro, então acho isso mal (Treinador 3).

Todavia, não deixa de ser curiosa a opinião do treinador relativamente a alguns comportamentos, normalmente associados à falta de *fair play*.

Assim, em seu entender, é lícito a perda de tempo de jogo, essencialmente quando se está a vencer e o jogo de encaminha para o final. Acredita que este comportamento é de natureza estratégica e não mancha o Espírito Desportivo.

...perder tempo no final do jogo é um comportamento aceitável, não é bom, mas aceita-se bem (Treinador 3).

Também considera admissível um atleta que simule uma situação de grande penalidade, sobretudo se, dentro da área este sentir algum contacto, Considera, novamente, que isto é uma situação de natureza estratégica.

Contudo, assume que não promove este comportamento, mas aceita-o no âmbito da competição.

Num lance duvidoso um miúdo deixar-se cair para penalty, também não me parece muito mau (Treinador 3).

D5- Vocabulário (Ver Tabela 5)

Nesta categoria pretendemos descobrir qual a percepção que o treinador tem do seu vocabulário em campo, bem como, a sua opinião no que diz respeito à utilização de palavrões no futebol.

O treinador reconhece que em situações casuais é capaz de dizer palavrões, todavia, não é usual a sua utilização. Reconhece que somente em momentos de algum stress é capaz de utilizar esse tipo de vocabulário.

Sou capaz de uma vez por outra dizer uma asneira (Treinador 3).

Em relação ao uso de palavrões por parte dos seus atletas, já havíamos constatado que o mesmo é permissivo em relação a essa situação, por considerar que as mesmas ocorrem em situações de elevado stress, não por falta de educação, mas como escape.

“Em relação a asneiras, acabo por não ligar tanto, porque às vezes não são uma questão de má educação.” (Treinador 3)

D6- Responsáveis pela despromoção (Ver Tabela 5)

No que diz respeito a esta categoria procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais responsáveis pela despromoção do *fair play*.

O treinador considera que, regra geral, todos somos responsáveis pela despromoção do *fair play*, pois em algum momento da competição evidenciamos condutas pouco abonatórias. Assim, entende que o problema do *fair play* é extensível a todos os que intervêm na prática desportiva.

Afinal somos todos um pouco responsáveis (Treinador 3).

Apesar disso, o treinador não deixa de destacar o papel de alguns agentes nomeadamente os meios de comunicação social que passam demasiadas vezes imagens de anti desportivismo, os pais dos atletas que, através das suas condutas, fornecem um mau modelo a seguir. Nesta análise não deixa de fora o papel dos treinadores.

Não deviam passar na televisão essas imagens, pois são nefastas (Treinador 3).

Nós treinadores também não somos os melhores a este nível.

Resumo da entrevista do treinador 3

Em relação às ambições que o levaram a ser treinador destaca-se o desejo precoce em exercer esta função. Contudo, neste momento a sua grande motivação passa pelo desenvolvimento de um trabalho sólido e de grande qualidade que lhe permitam, mais tarde, poder almejar trabalhar a outro nível, pois as suas aspirações são, ser treinador profissional de futebol.

Considera que o grande objectivo do treino com jovens atletas é o desenvolver bases sólidas que permitam às crianças poderem um dia almejar serem profissionais de futebol.

Todavia considera que exista uma grande diferença entre o treino com jovens atletas e com adultos até porque uns estão em pleno desenvolvimento físico e psicológico e até tático e os outros já se encontram maturacionalmente desenvolvidos.

Em relação à importância atribuída ao *fair play*, conclui-se que é elevada. Refere que uma das formas de promover é os treinadores darem como exemplos, atletas de alta competição que se tenham notabilizado também a nível de boa conduta.

No que diz respeito aos pais, em seu entender, a sua acção não vem sendo uma ajuda benéfica para a promoção do Espírito Desportivo.

Este treinador considera que, regra geral, todos somos responsáveis pela despromoção do *fair play*, não se destacando nenhum “actor” em particular.

4.2.4. Análise de conteúdo da entrevista do Treinador 4

A Análise de conteúdo das entrevistas foi feita com base num Sistema de Categorias com 4 categorias principais e 18 sub categorias. Abaixo, apresenta-se um quadro com os valores obtidos em cada categoria.

Tabela 6 - Sistema de categorização da entrevista do Treinador 4

Nudos Pais	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do Fair Play (FP)	Despromoção do Fair Play
Nudos Filhos	1-Início de carreira 2,83%	1-Finalidades e Objectivos 3,96%	1-Conceito de Fair Play 1,30%	1-Condução dos atletas 4,60%
			2-Importância Atribuída FP 2,62%	2-Relação com os adversários 5,50%
			3-Medidas para promover o FP 1,15%	3-Relação com o árbitro 3,56%
	2-Motivações actuais 2,76%	2-Treino de Jovens vs Treino de Adultos 5,83%	4-Como promove o FP 2,63%	4-Vitória vs Fair Play 11,34%
			5-O árbitro 0,61%	5- Vocabulário 3,75%
	6-O Dirigente 2,34%			
	7- Os Pais 3,05%		6- Responsáveis 2,59%	
3- Motivações Futuras 2,12%				

A-Motivações e Aspirações

Com esta categoria procurámos conhecer as motivações que levaram o treinador a iniciar a sua carreira no futebol, bem como as motivações actuais para continuar na mesma.

Contudo, tentámos ainda conhecer os seus principais objectivos para o futuro, enquanto treinador de futebol.

A1- Início da Carreira (Ver Tabela 6)

A análise desta categoria permite-nos concluir que desde muito jovem este treinador se encontra ligado ao futebol, tendo iniciado este vínculo como atleta nos escalões de formação. Refere que o seu grande objectivo era ser profissional de futebol, mas desde cedo percebeu que não iria conseguir atingir esse patamar, tendo-se dedicado, desde logo, ao estudo do futebol.

...até queria ter sido profissional de futebol. Como não consegui, cedo percebi que tinha de estudar (Treinador 4).

Desta forma, assume que as suas grandes motivações para iniciar a carreira de treinador de futebol foram poder trabalhar com os jovens naquela que sempre foi a sua modalidade de eleição.

A2- Motivações Actuais (Ver Tabela 6)

Relativamente às motivações actuais, o treinador faz referência a três situações. Em primeiro lugar, a enorme paixão que continua a nutrir pelo futebol. Em segundo lugar, o facto de estar a contribuir, através do seu trabalho, para a possibilidade de algumas crianças atingirem o seu grande sonho, serem jogadores de futebol.

Por último refere que trabalha todos os dias com o objectivo de num futuro próximo poder almejar outros desafios.

...poder potenciar estas crianças para poderem realizar o seu sonho de serem jogadores de futebol (Treinador 4).

A3-Aspirações Futuras (Ver Tabela 6)

Como podemos concluir, as aspirações futuras do treinador vão ao encontro das suas motivações actuais, ou seja, este treinador trabalha todos os dias com o intuito de num futuro próximo poder trabalhar ao mais alto nível no futebol, nomeadamente num patamar profissional. Todavia, como podemos depreender das suas palavras, encara o presente como uma rampa de lançamento para um futuro promissor.

B- Treino de Jovens

Nesta dimensão procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais objectivos quando se treina com jovens atletas, bem como se pensa que deve existir diferença entre o Treino de Jovens e o Treino de Adultos.

B1- Finalidades e Objectivos (Ver Tabela 6)

No que diz respeito aos grandes objectivos a perseguir no treino com jovens atletas de futebol, o treinador assume dois grandes vectores. Em primeiro lugar fomentar o gosto pela prática de actividade física e desportiva, criando nos mais jovens hábitos e estilos de vida saudáveis, até porque, como refere, apenas uma parte ínfima virá a ser futebolista profissional.

...em primeiro lugar proporcionar uma prática desportiva de qualidade às crianças (Treinador 4).

Em segundo lugar, a preparação e formação de atletas para a alta competição, contribuindo para a realização do sonho das crianças.

B2-Treino de Jovens Vs Treino de Adultos (Ver Tabela 6)

Em relação a esta temática o treinador considera existirem diferenças muito significativas entre o treino com jovens e com adultos. Em seu entender são realidades opostas e que por esse motivo não poderão ser comparadas, na medida em que a abordagem e os objectivos a cumprir são diferentes.

Desta forma, o treinador considera que com os mais jovens o objectivo a atingir é a formação de atletas que um dia possam vir a integrar uma equipa de alto rendimento. Logo, este objectivo implicará uma maior atenção sobre o atleta e um menor interesse no desenvolvimento de equipas. No fundo, com os mais jovens procuramos formar atletas, em detrimento de vencer títulos.

Mas com os miúdos estou preocupado em prepará-los para um dia jogarem ao mais alto nível no futebol (Treinador 4).

Com os adultos o objectivo centra-se, essencialmente no aproveitar das potencialidades dos atletas em prol de um projecto de equipa, ou seja, não interessa o desenvolvimento

do individual do atleta, *per si*, mas a forma como esse atleta pode contribuir para a construção de uma equipa capaz de vencer títulos.

Com os seniores os objectivos passam por preparar uma equipa para a obtenção de vitórias e esse preparar pode implicar muitas coisas (Treinador 4).

C – Promoção do *fair play*

C1 – O Conceito de *fair play* (Ver Tabela 6)

Com esta categoria procurámos conhecer a concepção do treinador acerca do conceito de *fair play*, ou seja, a forma como este o define.

Concluimos que este treinador apresenta sólidos conhecimentos conceptuais acerca do *fair play*, elencando um conjunto de comportamentos associados ao Espírito Desportivo. Assim, refere-se ao *fair play*, como uma forma de cavalheirismo que implica respeito pelos adversários, árbitros, recusando qualquer tipo de batota.

Todavia, importa destacar a forma como encara o *fair play* na medida em que o translada para fora do contexto desportivo.

Ter um bom comportamento dentro do campo e fora dele (Treinador 4).

C2 – Importância atribuída ao *fair play* (Ver Tabela 6)

Com esta categoria procurámos conhecer o nível de importância atribuída pelo treinador ao *fair play*, no contexto do futebol.

O treinador é da opinião de que o *fair play* se assume como um elemento chave para uma boa prática desportiva, decorrida dentro de um ambiente salutar. Por isso, considera que este valor deverá ser promovido.

Sem Fair play o jogo arrisca-se a ser uma verdadeira selva. Devemos fomentar o respeito pelos outros (Treinador 4).

Todavia, afirma que, em muitas situações, em nome do *fair play*, cometem-se muitos comportamentos anti desportivos. No fundo, afirma que alguns intervenientes na prática desportiva, utilizam o *fair play* de forma instrumental para dele tirarem proveito desportivo.

Mas há situações em que o fair play é usado para se ser batoteiro (Treinador 4).

C3 – Medidas para promover o *fair play* (Ver Tabela 6)

Com a abordagem desta categoria procurámos compreender quais as medidas que, na opinião deste treinador, podem ser tomadas no intuito de promover o *fair play*.

Fica claro que na opinião deste treinador a melhor forma de se promover o *fair play* é assumindo-se como um exemplo a seguir, ou seja, os treinadores devem adoptar um quadro condutual, susceptível de ser seguido pelos seus atletas. Desta forma o treinador descarta todas as outras possibilidades de fomentar o espírito desportivo, centrando a sua acção no comportamento do treinador.

Acho que dando o exemplo de como quer que os seus atletas se comportem

(Treinador 4).

C4 – Como promove o *fair play* (Ver Tabela 6)

Através da análise desta conduta procurámos conhecer de que forma este treinador considera fomentar o *fair play*, ou seja, quais as condutas mais evidentes no seu comportamento que visam favorecer a adopção de condutas pró activas.

Desta forma, torna-se claro que há uma concordância entre a forma como promove e como considera que deve ser promovido o *fair play*, ou seja, o treinador considera fomentar o *fair play*, essencialmente, através do seu comportamento, assumindo-se como um exemplo a seguir pelos seus atletas.

Por isso, diz que procura manter sempre uma postura serena perante a competição, mesmo em situações de maior nervosismo, evitando assim discussões com o árbitro e

restantes elementos que intervêm no jogo. Promove desta forma a adopção de uma conduta tranquila perante o jogo.

Tento ter uma postura calma, pois desta forma transmito calma aos meus atletas

(Treinador 4).

C5- O árbitro (Ver Tabela 6)

Com esta categoria tivemos como objectivo conhecer a opinião do treinador relativamente à forma como o árbitro da partida pode ou não promover o *fair play*, permitindo-nos tirar algumas conclusões.

Em seu entender os árbitros de futebol nem sempre prestam o melhor serviço a esta modalidade. O treinador refere que em diversas ocasiões transparece a ideia de que os árbitros exercem a sua actividade mostrando pouco apreço. Afirma, ainda, que muitos dos árbitros evidenciam pouca qualidade para apitar jogos de futebol e que isso tem sempre influência directa na forma como decorre o outro.

Árbitros de má qualidade que às vezes parecem que nem gostam de apitar

(Treinador 4).

C6- O Dirigente Desportivo (Ver Tabela 6)

Com esta categoria procurámos conhecer a opinião que os treinadores têm acerca dos dirigentes na promoção do *fair play*. No fundo, pretendemos saber se os treinadores consideram que os dirigentes podem condicionar a conduta do treinador com vista ao fomento do *fair play*

O treinador afirma que os dirigentes são os responsáveis máximos pelos clubes e que por esse motivo, decidem todo o que é inerente ao desenvolvimento do mesmo. Logo, têm a influência necessária para poder intervir no trabalho dos técnicos e poder assim condicioná-lo. Porque, na opinião deste treinador, os dirigentes estão essencialmente focados em vencer.

*Ora são os padrões que dão as indicações de como querem os clubes (Treinador 4).
Ora os dirigentes podem e condicionam o trabalho dos treinadores (Treinador 4).*

C7- O Pais (Ver Tabela 6)

Com esta categoria procurámos saber qual a opinião dos treinadores acerca do papel dos pais na promoção do *fair play*. No fundo, qual o grau de importância conferido pelos técnicos à acção pais no contexto desportivo.

O treinador refere que os pais são, ou deveriam ser, os principais responsáveis pela educação dada aos seus filhos, todavia, revela que se torna difícil para alguns pais, darem aquilo que eles mesmo não possuem, ou seja, educação.

...se os pais não têm educação que exemplo dão aos miúdos (Treinador 4).

Depois, refere que os pais se encontram demasiadamente obcecados com a prestação desportiva dos seus filhos e que isso se irá repercutir no comportamento dos mesmos, pois muitos atletas entram em campo pressionados.

Há miúdos que entram em campo tão pressionados pelos pais. Isso faz-me confusão (Treinador 4).

Esta situação acontece na medida em que os pais transportam para os filhos um conjunto de desejos que viram gorados enquanto atletas. Ou seja, os pais passam a rever nos filhos a carreira desportiva que sempre almejaram e que nunca conseguiram obter. O treinador refere, ainda, que para muitos pais, o sucesso desportivo dos filhos assume-se como uma forma de eles poderem usufruir de um futuro melhor.

Pais que andam enganados em relação aos filhos, pois vêm neles a galinha dos ovos de ouro (Treinador 4).

D- Despromoção do *fair play*

D1- Conduta dos atletas (Ver Tabela 6)

Nesta categoria procurámos saber qual a intervenção do treinador quando os seus atletas evidenciam condutas anti *fair play*.

No que diz respeito ao uso de palavrões por parte dos atletas, o treinador refere que, apesar de não gostar, não é crítico em relação a este comportamento, na medida em que o entende como uma forma de libertar a pressão inerente ao jogo. Nesse sentido, não é interventivo perante esta conduta pois não o considera como um atentado ao *fair play*.

Em relações aos palavrões não gosto que os usem, mas não sou crítico em relação a esse comportamento (Treinador 4).

Relativamente à relação estabelecida pelos atletas com o árbitro, o treinador refere que não permite quaisquer tipos de discussões com o mesmo, pois em seu entender os atletas deverão aprender a conviver com os erros da arbitragem. Além disso, discutir com o árbitro só irá prejudicar a equipa.

Não podemos permitir discussões com o árbitro porque prejudica a equipa

(Treinador 4).

Menciona que também não permite discussões com a equipa adversária porque a finalidade dos atletas deverá ser jogar futebol e evitar qualquer tipo de discussões.

Não quero atletas meus a falar com o árbitro, nem pensar.

D2 – Relação com os adversários (Ver Tabela 6)

Com a análise desta categoria procurámos compreender qual a importância atribuída pelo treinador aos adversários.

Concluímos desta forma que este treinador manifesta respeito pelo adversário não só pelas condutas que adopta, mas também por aquelas que promove juntos dos seus atletas. Assim, o treinador afirma que em momento algum incita à violência física.

Agora não mando dar porrada em ninguém, nem ser agressivo (Treinador 4).

Revela também apreço pelos atletas adversários, pois refere que manda colocar sempre a bola fora quando os opositores se lesionam.

Digo sempre aos meus miúdos para porem a bola fora quando os outros estão no chão (Treinador 4).

D3- Relação com o árbitro (Ver Tabela 6)

Com a análise desta categoria procurámos compreender a percepção que o treinador tem acerca do seu relacionamento com o árbitro durante a partida.

Este treinador assume que em algumas situações discute com o árbitro, sobretudo em situações de maior stress, ou quando considera que este já prejudicou por diversas vezes a sua equipa.

Contudo importa salientar algo que nos parece interessante nas palavras do treinador. Este refere que se torna mais fácil aceitar as decisões do árbitro, quando estas não colocam em causa a vitória na partida, ou seja, estando a vencer confortavelmente, o treinador considera que não discute tantas vezes com o árbitro.

Quando se ganhar aceita-se melhor tudo (Treinador 4).

Todavia, estando a perder, o treinador reconhece que é mais fácil discutir qualquer decisão do árbitro, pois os níveis de stress são maiores e a tolerância ao erro é menor.

Quando se está a perder já não é bem assim (Treinador 4).

D4- Vitória Vs fair play (Ver Tabela 6)

Com esta categoria tivemos como objectivo compreender qual a opinião do treinador perante o dilema de vencer respeitando os princípios do *fair play*. Ou seja, se perante a necessidade de ganhar este é apologista da adopção de condutas de batota.

O treinador começa por dizer que em seu entender é possível conciliar o *fair play* e a vitória desportiva e que este comportamento é o desejável, porque, como refere, o *fair play* atribui maior significado à vitória.

A vitória até é mais saborosa quando jogamos sem truques (Treinador 4).

Contudo, o treinador mostra-se preocupado com o facto de verificar que quem joga usando “truques” acaba por ganhar muitas vezes, sem sofrer qualquer tipo de penalização decorrente do uso dessas condutas. No fundo, o treinador mostra-se apreensivo pelo facto dos prevaricadores acabarem por ser beneficiados, não vendo qualquer sanção do seu comportamento prevaricador.

O problema de jogar limpo é que quem joga limpo nunca é valorizado por jogar bem. Quem faz batota acaba sempre por sair valorizado com essa batotice.

(Treinador 4).

Contudo, o treinador aborda uma questão sensível quando se fala de *fair play*. Este é da opinião de que a perda de tempo no final do jogo é um comportamento aceitável no contexto desportivo, negando que esta se possa assumir como uma conduta desajustada. O treinador afirma que este comportamento faz parte do jogo e que em algumas situações fomenta este comportamento.

Ninguém pode dizer que nunca perdeu tempo de jogo, porque toda a gente queima tempo (Treinador 4).

Agora não digo aos miúdos "olha perde tempo". Mas digo "tem calma, sem pressas

(Treinador 4).

D5- Vocabulário (Ver Tabela 6)

Nesta categoria pretendemos descobrir qual a percepção que o treinador tem do seu vocabulário em campo, bem como, a sua opinião no que diz respeito à utilização de palavras no futebol.

Em relação a esta conduta, o treinador assume que em algumas situações residuais, utiliza palavras, todavia, não deixa de referir que este é um mau comportamento que deverá ser evitado por todos.

Não acho o comportamento mais correcto, na verdade não acho (Treinador 4).

O treinador refere mesmo que este é um comportamento indigno de alguém que é líder de um grupo de crianças e que por isso, os treinadores deverão imiscuir-se deste tipo de comportamento.

É feio dizer asneiras, não fica bem a um treinador que lidera uma equipa de miúdos ter um mau vocabulário (Treinador 4).

D6- Responsáveis pela despromoção (Ver Tabela 6)

No que diz respeito a esta categoria procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais responsáveis pela despromoção do *fair play*.

Assim, verificamos que na opinião deste treinador, todos os intervenientes na prática desportiva são de alguma forma responsáveis pela despromoção do *fair play*.

Como refere, em algum momento da vida, todos nós prevaricámos para vencer.

Todos queremos ganhar e por isso todos prevaricamos um pouco em qualquer momento (Treinador 4).

Resumo da entrevista do treinador 4

Em relação às motivações que levaram a seguir a carreira de treinador concluímos que desde muito jovem se encontra ligado ao futebol, tendo iniciado este vínculo como atleta nos escalões de formação. Actualmente, as suas motivações passam por trabalhar todos os dias com o intuito de num futuro próximo poder trabalhar ao mais alto nível no futebol

No que diz respeito aos objectivos a perseguir no treino com jovens, refere o fomentar o gosto pela prática de actividade física e desportiva

Quando confrontado com as diferenças entre o treino de jovens e de adultos, revela que em seu entender são realidades opostas e que por esse motivo não poderão ser comparadas.

Quando instado sobre a importância do *fair play*, assume que este é um elemento chave para uma boa prática desportiva, sendo que a melhor forma de o promover é através do exemplo.

Em relação aos pais é da opinião que estes se encontram demasiadamente obcecados com a prestação desportiva dos seus filhos e que isso se irá repercutir no comportamento dos mesmos, pois muitos atletas entram em campo pressionados.

No que diz respeito aos principais responsáveis pela despromoção do *fair play* é da opinião que todos os intervenientes na prática desportiva são de alguma forma responsáveis.

4.2.5. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 5

A Análise de conteúdo das entrevistas foi feita com base num Sistema de Categorias com 4 categorias principais e 18 sub categorias. Abaixo, apresenta-se um quadro com os valores obtidos em cada categoria.

Tabela 7 - Sistema de categorização da entrevista do Treinador 5

Nudos Pais	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do Fair Play (FP)	Despromoção do Fair Play
Nudos Filhos	1-Início de carreira 1,61%	1-Finalidades e Objectivos 4,87%	1-Conceito de Fair Play 1,81%	1-Condução dos atletas 6,26%
			2-Importância Atribuída FP 3,21%	2-Relação com os adversários 0,22%
			3-Medidas para promover o FP 1,79%	3-Relação com o árbitro 4,18%
	4-Como promove o FP 1,95%		4-Vitória vs Fair Play 9,10%	
	2-Motivações actuais 0,68%	2-Treino de Jovens vs Treino de Adultos 3,66%	5-O árbitro 1,14%	5- Vocabulário 2,59%
			6-O Dirigente 1,53%	
	3- Motivações Futuras 3,34%		7- Os Pais 1,66%	6- Responsáveis 2,91%

A-Motivações e Aspirações

Com esta categoria procurámos conhecer as motivações que levaram o treinador a iniciar a sua carreira no futebol, bem como as motivações actuais para continuar na mesma.

Contudo, tentámos ainda conhecer os seus principais objectivos para o futuro, enquanto treinador de futebol.

A1- Início da Carreira (Ver Tabela 7)

Com esta categoria procurámos conhecer as principais motivações que levaram este técnico a assumir a carreira de treinador.

Assim, compreendemos que o mesmo foi atleta de futebol profissional e que sempre transportou consigo essa paixão e que a mesma foi uma das responsáveis pela adopção desta carreira.

Quando acabei a carreira, sempre tive o sonho de ser treinador de futebol

(Treinador 5).

Depois, este treinador revela que sempre quis treinar crianças, na medida em que este trabalho sempre o fascinou. Confessa, ainda, que treinar com crianças de meios desfavorecidos lhe dá outro prazer na medida em que ele mesmo experienciou situação semelhante.

Assim, conclui que trabalhar no futebol e com crianças, foi a fusão perfeita para o motivar para a carreira de treinador.

A2- Motivações Actuais (Ver Tabela 7)

Em relação a esta categoria, o treinador revela que actualmente aquilo que o motiva para a carreira é exactamente o mesmo que o motivou no início, ou seja, poder treinar futebol junto das camadas mais jovens, pois como menciona não aufere qualquer tipo de vencimento para a tarefa que leva a efeito.

... é na mesma o gosto pelo Futebol e pelos miúdos, pois ando aqui ser ganhar um tostão **(Treinador 5).**

Contudo, algumas das palavras proferidas pelo treinador deixam antever a sua motivação para treinar a um nível de maior exigência e complexidade, na medida em que o mesmo vê na sua labuta diária uma ferramenta indispensável para poder assumir outros desafios.

Para já tenho de trabalhar bem no clube como tenho feito até aqui... **(Treinador 5).**

A3-Aspirações Futuras (Ver Tabela 7)

No que diz respeito às ambições futuras deste treinador, pudemos constatar que o mesmo encara seriamente a possibilidade de poder um dia treinar a outro nível. De facto revela esse desejo, sem no entanto considerar que esteja obcecado.

Mas se um dia aparecesse a oportunidade de treinar a outro nível, claro que era bom para mim e claro que aceitaria (Treinador 5).

Refere que gostaria de treinar num clube com outra dimensão e com outras aspirações, independentemente de fazê-lo num escalão de formação ou nos seniores. No fundo revela uma sede de poder chegar a outros patamares que lhe permitam atingir outros objectivos.

... gostava de poder trabalhar num clube com outras condições, com outras ambições (Treinador 5).

Outra das questões que importa salientar na análise desta categoria é o facto de este treinador considerar ter já reunido um conjunto de competências que lhe permitem assumir outros desafios mais aliciantes. Isto denota por parte do treinador uma enorme vontade em poder com brevidade assumir outros desafios.

... sei que tenho condições para treinar uma equipa de seniores da 2º ou 3º divisão, ou uma equipa de miúdos noutra clube de maiores ambições (Treinador 5).

B- Treino de Jovens

Nesta dimensão procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais objectivos quando se treina com jovens atletas, bem como se pensa que deve existir diferença entre o treino de jovens e o treino de adultos.

B1- Finalidades e Objectivos (Ver Tabela 7)

No que diz respeito a esta categoria, concluímos que na opinião do treinador a principal finalidade do treino com jovens atletas é o ensino do jogo e de todas as questões subjacentes ao mesmo, desde as questões de natureza técnica, passando pela vertente física e pela tática.

Assim, ele começa por valorizar o ensino do próprio jogo chamando a atenção para a necessidade de começar por explicar aos atletas o modo como se devem equipar.

Eu penso que devemos ensinar aos putos o que é jogar á bola (Treinador 5).

... têm em primeiro lugar de aprender a saber equipar-se e a aprender a jogar a bola bem (Treinador 5).

Nesta medida quer-nos parecer que o treinador encara a sua actividade na verdadeira acepção da palavra ou seja, treinar para ensinar a jogar futebol.

Dentro do ensino do jogo de futebol o treinador considera de extrema importância o ensino das técnicas do futebol, nomeadamente o remate, o passe e a recepção, como ferramentas básicas para o desenvolvimento do aprendizado motor.

... é fundamental ensinar a parte técnica, saberem fazer um passe, um remate um recepção (Treinador 5).

... o trabalho da técnica é fundamental com os miúdos (Treinador 5).

No final centra a sua atenção no trabalho da dimensão tática e também da dimensão física do jogo. Pois na sua opinião um jogador de futebol tem de saber posicionar-se no

campo (táctica), mas também deverá ter uma base físico que lhe permita suportar a intensidade do jogo de futebol.

... a tática também é muito importante (Treinador 5).

Relativamente à dimensão física percebe-se que esta é exacerbada pelo treinador na medida que a grande maioria dos seus comentários se centram nesta dimensão.

No futebol há muito contacto físico e se os miúdos estiverem fortes fisicamente é mais fácil resistir (Treinador 5).

...quando chegamos à segunda parte, temos mais pernas do que eles, logo treinar o físico é importante (Treinador 5).

B2-Treino de Jovens Vs Treino de Adultos (Ver Tabela 7)

No que diz respeito a esta categoria, podemos concluir que este treinador considera que treinar crianças e adultos é um processo bem diferente, pois encontrando-se em fases distintas, reclamam do treinador diferentes intervenções. Assim, este treinador considera que a grande diferença que existe entre estes dois grupos prende-se com o facto de que as crianças só como uma folha de papel em branco na qual o treinador vai escrevendo. No fundo, elas ainda não sabem nada e carecem de um ensino mais forte e individualizado, sendo que este processo exige mais paciência e tolerância ao erro.

... treinar miúdos é diferente, porque temos de ensinar tudo de novo. Os putos quando vêm para as nossas mãos não sabem nada, nem passar, nem chutar

(Treinador 5).

Em relação aos seniores ele considera que os mesmos já aprenderam grande parte das competências para jogarem futebol, não necessitando assim de uma atenção tão individualizada. No fundo, trata-se de aperfeiçoar o que já foi aprendido.

Nos seniores já sabem fazer um remate, um passe... (Treinador 5).

Assim, o treinador considera que as grandes diferenças entre o treino de jovens e o treino de adultos reside no facto de o treino físico com os últimos poder ter maior carga e volume.

Considera, ainda, que a nível do treino com jovens deveremos dar uma maior ênfase ao treino da dimensão técnica.

Em termos físicos é diferente treinar miúdos e seniores, os seniores já tem corpo para levarem mais cargas físicas do que os miúdos (Treinador 5).

Logo nos miúdos o objectivo deve ser ensinar a técnica a tática (Treinador 5).

C – Promoção do *fair play*

C1 – O Conceito de *fair play* (Ver Tabela 7)

Com esta dimensão procurámos conhecer a concepção do treinador acerca do conceito de *fair play*, ou seja, a forma como este o define.

Assim, concluímos que este treinador revela conhecimentos acerca dos comportamentos que estão associados ao conceito de *fair play*, enumerando alguns deles. Todavia, a forma como o faz deixa antever uma atitude pouco positiva perante o *fair play*. Ou seja, apesar de manifestar conhecimentos conceptuais acerca do que é o *fair play*, denota alguma relutância.

O Fair play é aquela coisa de respeitar o adversário, por a bola fora quando o adversário está no chão... (Treinador 5).

Nessa medida, o treinador considera que o *fair play* é um conceito interessante, envolto de alguma beleza, mas pouco pragmático e muitas vezes assumindo-se como um entrave a prossecução dos objectivos desportivos.

O fair play é uma coisa bonita no desporto, mas não é fácil ter fair play, pois todos queremos ganhar e às vezes se temos fair play a mais podemos perder jogos

(Treinador 5).

C2 – Importância atribuída ao *fair play* (Ver Tabela 7)

Com esta categoria procurámos conhecer o nível de importância atribuída pelo treinador ao *fair play*, no contexto do futebol.

Deste modo, verificamos que o mesmo considera o *fair play* como um conceito importante no contexto do futebol, na medida em que assegura maior beleza ao jogo, evitando faltas grosseiras e agressões.

É sempre bom ter fair play, porque é bom ver-se um jogo sem faltas, sem entradas duras (Treinador 5).

Contudo, uma análise atenta relativamente ao discurso deste treinador deixa antever que o mesmo confere importância ao *fair play* desde que este não se assuma como um obstáculo à obtenção da vitória. Na verdade durante todo o discurso é possível perceber que o treinador deixa sempre escapar a ideia de que dever-se-á jogar com *fair play* quando é possível, deixando patente a ideia de que nem sempre é exequível.

...sempre que possível devemos ter fair play para o futebol ser mais bonito, mais limpo e não haver confusões desnecessárias (Treinador 5).

... às vezes é muito importante ganhar e nem sempre é possível ter fair play

(Treinador 5).

C3 – Medidas para promover o *fair play* (Ver Tabela 7)

Com a abordagem desta categoria procurámos compreender quais as medidas que, na opinião deste treinador, podem ser tomadas no intuito de promover o *fair play*.

Assim, concluímos que na opinião deste treinador a melhor forma de promover o *fair play* é através da palavra, ou seja, deverá o treinador abordar este tema com os seus atletas e escarpelizá-lo, mostrando os benefícios de adoptar um comportamento exemplar. Por isso, este treinador considera que a melhor forma de fomentar o *fair play* é utilizando a palavra.

... dizendo aos jogadores para não enganarem o árbitro, dizendo para não fazerem faltas sobre os outros (Treinador 5).

*... treinador deve falar sempre em *fair play*, nos treinos, nos jogos, para os miúdos interiorizarem isso (Treinador 5).*

Fica desta forma patente que para este treinador a forma mais eficaz de abordar o espírito desportivo é falando sobre o mesmo.

C4 – Como promove o *fair play* (Ver Tabela 7)

Através da análise desta categoria procurámos conhecer de que forma este treinador considera fomentar o *fair play*, ou seja, quais as condutas mais evidentes no seu comportamento que visam favorecer a adopção de atitudes pró activas.

Assim, verificamos que esta categoria vem no seguimento da anterior, ou seja, aquelas acções que o treinador considera serem as melhores para o fomento do *fair play*, são as mesmas que ele utiliza na sua praxis diária.

Assim, ele reconhece que promove o *fair play* falando com os seus atletas acerca daquilo que deve ser o comportamento dos mesmos no âmbito da prática desportiva. Assim, centra a sua intervenção nas conversas que refere manter com os seus atletas, conversas essas onde releva a importância de abraçar uma conduta íntegra.

O que faço é falar com eles para se comportarem bem em campo, para aceitarem as decisões do árbitro (Treinador 5).

... acho que uma boa conversa com eles já ajuda e muito a promover o fair play

(Treinador 5).

C5- O árbitro (Ver Tabela 7)

Com esta categoria tivemos como objectivo conhecer a opinião do treinador relativamente a forma como o árbitro da partida pode ou não promover o *fair play*, permitindo-nos tirar algumas conclusões.

Deste modo verificamos que o treinador tem uma má opinião acerca do comportamento do árbitro no âmbito do futebol. Assim, são inúmeras as vezes em que este treinador considera que em diversas situações é o próprio árbitro através do seu comportamento que leva a que os restantes intervenientes no jogo adoptem posturas menos dignas. O treinador menciona um conjunto de procedimentos do árbitro que em nada contribui para o normal desenrolar da prática desportiva, nomeadamente o facto de não estarem disponíveis para conversar.

... muitas vezes os árbitros também têm pouco fair play, porque não deixam ninguém falar com eles... (Treinador 5).

Refere, ainda, que os árbitros manifestam falta de desrespeito pelos atletas sempre que faltam aos jogos, denotando desinteresse pelo mesmo.

... acontece os árbitros faltarem muitas vezes aos jogos (Treinador 5).

C6- O Dirigente Desportivo (Ver Tabela 7)

Com esta categoria procurámos conhecer a opinião que os treinadores têm acerca dos dirigentes na promoção do *fair play*. No fundo, pretendemos saber se os treinadores consideram que os dirigentes podem condicionar a conduta do treinador com vista ao fomento do *fair play*.

Desse modo, verificamos que este treinador considera que os dirigentes desportivos têm um papel muito forte e activo na gestão dos clubes, na medida em que são os mesmos que definem as linhas mestras para a gestão do clube. Assim, através da sua acção poderão condicionar a conduta do treinador, na medida em que o seu estatuto hierárquico legitima as suas opções.

São os dirigentes que mandam nos clubes (Treinador 5).

... muitas vezes os treinadores podem ser pressionados pelos dirigentes para ganharem para subir de divisão ou para não descer (Treinador 5).

Assim, este treinador revela que o poder que os dirigentes têm sobre os treinadores pode condicionar a sua acção. De facto, este treinador deixa entender que quando pressionado por um dirigente perante a necessidade de vencer, ela poderá optar por comportamentos irregulares.

... se o treinador sabe que tem de ganhar, vai fazer tudo para isso, até mesmo batota, como pôr miúdos mais velhos a jogar... (Treinador 5).

De facto, fica manifesto que na opinião deste treinador os dirigentes exercem grande poder sobre as decisões do treinador, por se encontrarem numa posição hierarquicamente superior.

C7- O Pais (Ver Tabela 7)

Com esta categoria procurámos saber qual a opinião dos treinadores acerca do papel dos pais na promoção do *fair play*. No fundo, qual o grau de importância conferido pelos técnicos à acção dos pais no contexto desportivo.

Assim fica expresso que o treinador considera que o papel dos pais é de grande importância, mas que, todavia, as acções e atitudes dos pais se assumem muitas vezes como nefastas.

Os pais também têm de ter cuidado com o seu comportamento na bancada

(Treinador 5).

Deste modo, considera que existem uma série de atitudes que os pais cometem em competição que muitas vezes condiciona o próprio comportamento dos filhos no campo. Dá como exemplo o péssimo comportamento na bancada, onde os pais insultam muitas vezes o árbitro, socorrendo-se dos mais variados impropérios para o efeito.

... muitas vezes estão a dizer asneiras para o árbitro e os miúdos ouvem

(Treinador 5).

Conclui desta forma que não se poderá pedir *fair play* e boa educação aos filhos se os pais não forem os primeiros a adoptar essas medidas, ou seja, os filhos serão um reflexo do comportamento dos pais.

Se os pais não tem fair play os filhos também não têm fair play (Treinador 5).

D- Despromoção do *fair play*

D1- Conduta dos atletas (Ver Tabela 7)

Nesta categoria almejámos saber qual a intervenção do treinador quando os seus atletas patenteiam condutas anti *fair play*.

Concluimos que na opinião do treinador dizer palavrões é um comportamento que é tolerado na medida em que exprime um desânimo e a frustração por alguma situação menos conseguida. Desta forma, este treinador considera que a utilização dos palavrões assume uma dimensão catártica, até porque, como afirma, ele mesmo os utiliza em situações de maior pressão.

... às vezes dizem asneiras, mas não acho que isso seja mau. Eu próprio digo asneiras, para descomprimir, mas não acho isso uma falta de fair play (Treinador 5).

...não digo nada aos miúdos por dizerem asneiras, porque eu também as digo e acho que isso é normal (Treinador 5).

Quando discutem com o árbitro o treinador afirma que intervém, na medida em que considera que isso poderá vir a ser prejudicial à equipa, levando à expulsão do atleta. Assim, afirma intervir fortemente aquando duma situação destas.

... quando os vejo a discutir com o árbitro, grito logo com eles para se calarem (Treinador 5).

Em relação ao “queimar tempo de jogo” o treinador afirma que perante este cenário, não intervém, sobretudo se está a ganhar e o jogo se encontra perto do fim. No fundo não recrimina esta acção, pelo contrário, acaba por motivá-la. O treinador acredita que é uma tática como outra qualquer.

... estamos a ganhar e está difícil, acho que é normal queimar um pouco de tempo, nos cantos, nos lançamentos (Treinador 5).

O que costumo fazer é dizer aos miúdos para terem mais calma nos lançamentos, pontapés de baliza, cantos, para marcarem mais devagar sem correrias.

D2 – Relação com os adversários (Ver Tabela 7)

No que diz respeito a esta categoria, procurámos descobrir a opinião que o treinador tem relativamente à forma como interage com os adversários.

A informação obtida nesta dimensão é escassa e esparsa. O treinador afirma apenas que tenta respeitar a outra equipa e o treinador adversário.

... tento respeitar a outra equipa e os treinadores (Treinador 5).

Contudo, esta frase encerra em si mesmo um manancial de informações a respeito deste tema. Assim, podemos verificar que o treinador afirma que “tenta” respeitar, todavia, a resposta é pouca consistente e segura, deixando antever que em algumas situações o treinador acaba por desrespeitar o adversário.

D3- Relação com o árbitro (Ver Tabela 7)

Com a análise desta categoria procurámos compreender a percepção que o treinador tem acerca do seu relacionamento com o árbitro durante a partida.

Desta forma, concluímos que o treinador tem a percepção que discute muitas vezes com o árbitro, fazendo-o nas mais diversas ocasiões. Deste modo o treinador não tem relutância em afirmar que discorda muitas vezes das decisões do árbitro e não se coíbe de evidenciá-lo.

Quando discordo com os árbitros, normalmente discuto (Treinador 5).

... sei que me enervo muitas vezes contra o árbitro (Treinador 5).

Em relação aos motivos que levam o treinador a discutir as decisões do árbitro prendem-se com o facto de considerar injustas as suas decisões, percebendo que as mesmas irão prejudicar a sua equipa. No fundo é a sensação de injustiça que despoleta a ira no treinador.

... não consigo tolerar que o árbitro erre sempre contra nós e quando ele começa a errar muitas vezes (Treinador 5).

... eu penso que temos muitos maus árbitros e isso prejudica o futebol.

(Treinador 5).

Contudo, o treinador reconhece que discutir ou não com o árbitro não depende somente das más decisões do mesmo, mas também do factor resultado desportivo,

O treinador considera que é mais fácil tolerar um erro do árbitro quando a sua equipa está a vencer e esse erro não terá repercussões no resultado final. No fundo, o resultado assume aqui um factor decisivo.

É claro que quando estamos a ganhar por dois ou três é mais fácil perdoar um erro ao árbitro (Treinador 5).

... quando estamos a perder, empatados, quando o jogo está difícil, aí discuto sempre e parece-me algo normal (Treinador 5).

D4- Vitória Vs fair play (Ver Tabela 7)

Com esta categoria tivemos como objectivo compreender qual a opinião do treinador perante o dilema de vencer respeitando os princípios do *fair play*. Ou seja, se perante a necessidade de ganhar este é apologista da adopção de condutas de batota.

Neste sentido, numa primeira abordagem o treinador afirma com convicção de que o *fair play* é um conceito com valor e que deverá ser respeitado, sempre que tal seja possível, pois torna o jogo mais belo, evitando confusões desnecessárias.

Mas sempre que possível devemos ter fair play, para o jogo ser bonito

(Treinador 5).

... sempre que possível devemos ter fair play para o futebol ser mais bonito, mais limpo e não haver confusões desnecessárias (Treinador 5).

Todavia, também revela que o *fair play* se assume muitas vezes como um entrave para a obtenção da vitória, afirmando mesmo que quem joga sempre com *fair play*, costuma ganhar menos vezes.

...todos queremos ganhar e às vezes se temos fair play a mais podemos perder jogos (Treinador 5).

...na minha opinião as equipas que mais ganham não são as que têm mais fair play (Treinador 5).

Assim, o treinador confessa que perante a necessidade de vencer um jogo, não tem qualquer dúvida em optar por um comportamento de batota que lhe permita obter um resultado favorável. Pois como afirma, a vida de um treinador está dependente dos resultados que este obtém e nesse sentido, quase todos os comportamentos são lícitos para atingir o fim.

se tiver de fazer uma falta para parar o adversário, se tiver de simular uma lesão para parar um pouco o jogo, ou fazer ao penalti para marcar um golo, não me parece mal (Treinador 5).

... no futebol todos queremos ganhar e às vezes é preciso ter algumas manhas para ganhar jogos (Treinador 5).

Por isso afirma que fomenta algumas atitudes anti *fair play* que lhe podem permitir conquistar a vitória. Assegura que perder tempo de jogo quando se está a ganhar é um comportamento lícito, assumindo-se como uma tática para vencer. Assevera, ainda, que no caso de um adversário estar caído no chão lesionado e a sua equipa se encontrar a perder que pede aos seus atletas que sigam a bola, porque o adversário tem tempo para ser assistido.

...estamos a ganhar e está difícil, acho que é normal queimar um pouco de tempo, nos cantos, nos lançamentos (Treinador 5).

...se o jogo está no final e estamos a perder, então mando seguir a bola, mesmo que ele esteja lesionado (Treinador 5).

Assim, concluímos que este treinador considera o *fair play* importante sempre que este não se assuma como um obstáculo à obtenção do triunfo desportivo. Ou seja, o *fair play* será sempre secundário relativamente à necessidade de vencer.

D5- Vocabulário (Ver Tabela 7)

Nesta categoria pretendemos descobrir qual a percepção que o treinador tem do seu vocabulário em campo, bem como, a sua opinião no que diz respeito à utilização de palavrões no futebol. Em primeiro lugar importa salientar que para este treinador o uso de palavrões no futebol é uma situação perfeitamente normal e aceitável. Na sua opinião, no mundo do futebol todos utilizam este tipo de vocabulário.

...dizer asneiras é normal no futebol (Treinador 5).

...não há ninguém no futebol que não diga asneiras (Treinador 5).

Na sua percepção, muitas vezes o uso de palavrões serve como uma forma de libertar a tensão própria do jogo. Por isso, tolera que os seus atletas usem palavrões em situações em que erram num determinado lance, pois assume-se como um escape. Assim, como consente o uso de palavrões como forma de festejo de um golo.

*...Eu acho que dizer palavrões é normal, pois os jogadores estão com pressão
(Treinador 5).*

*Eu próprio digo asneiras, para descomprimir, mas não acho isso falta de fair play
(Treinador 5).*

...as asneiras são um escape (Treinador 5).

D6- Responsáveis pela despromoção (Ver Tabela 7)

No que diz respeito a esta categoria procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais responsáveis pela despromoção do *fair play*.

Assim, este treinador começa por afirmar que todos os intervenientes no futebol jovem têm alguma responsabilidade em relação à despromoção do *fair play*.

...todos temos a culpa, pois todos temos comportamentos maus no futebol
(Treinador 5).

Todavia, nesta análise, o treinador centra a sua atenção essencialmente na figura dos pais e dos árbitros.

Em relação aos pais, afirma que estes deveriam ser os principais promotores do *fair play*, na medida em que são aqueles que mais tempo passam com os filhos.

Assim, deveriam assumir o papel de educar o comportamento dos filhos no contexto desportivo.

...acho que os pais têm muita responsabilidade no fair play dos miúdos, porque se não lhes dão educação em casa, eles depois não têm educação no futebol
(Treinador 5).

No que diz respeito aos árbitros, este treinador é bastante corrosivo, na medida em que afirma que estes têm uma responsabilidade muito grande na promoção do *fair play*. Todavia, assevera que os mesmos apresentam uma qualidade duvidosa, errando sistematicamente para o mesmo lado, o que leva a comportamentos de desagrado por parte das equipas lesadas.

...os árbitros têm muita responsabilidade, porque muitas vezes os árbitros erram sempre para o mesmo lado **(Treinador 5).**

...os árbitros devem reflectir, pois têm um papel muito importante no fair play
(Treinador 5).

Aborda, ainda, a questão dos dirigentes, ao considerar que estes muitas vezes assumem um conjunto de comportamentos nocivos à prática desportiva, nomeadamente o aliciamento de árbitros e a utilização de atletas com mais idade em escalões etários mais baixos.

Resumo da entrevista do treinador 5

Este treinador foi atleta de futebol profissional, transportando consigo essa paixão, que foi uma das responsáveis pela adoção desta carreira. No futuro, encara seriamente a possibilidade de poder um dia treinar a outro nível

Na opinião do treinador a principal finalidade do treino com jovens atletas é o ensino do jogo e de todas as questões subjacentes ao mesmo,

No que diz respeito às diferenças entre o treino de jovens e de adultos considera que é um processo bem diferente, pois encontram-se em fases distintas e reclamam do treinador diferentes intervenções.

Em relação ao *fair play*, verificamos que o mesmo o considera como um conceito importante no contexto do futebol, desde que este não se assuma como um obstáculo à obtenção da vitória, sendo que a melhor forma de promover o *fair play* é através da palavra.

Quando instado sobre o papel dos pais considera que é de grande importância, mas que, todavia, as acções e atitudes dos mesmos se assumem muitas vezes como nefastas.

Talvez seja por isso que considere que os principais responsáveis pela despromoção do *fair play* sejam os pais e os árbitros.

4.2.6. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 6

A Análise de conteúdo das entrevistas foi feita com base num Sistema de Categorias com 4 categorias principais e 18 sub categorias. Abaixo, apresenta-se um quadro com os valores obtidos em cada categoria.

Tabela 8 - Sistema de categorização da entrevista do Treinador 6

Nudos Pais	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do Fair Play (FP)	Despromoção do Fair Play
Nudos Filhos	1-Início de carreira 0,47%	1-Finalidades e Objectivos 4,41%	1-Conceito de Fair Play 0,77%	1-Condução dos atletas 6,96%
			2-Importância Atribuída FP 5,07%	2-Relação com os adversários 0,63%
			3-Medidas para promover o FP 1,90%	3-Relação com o árbitro 9,01%
	4-Como promove o FP 1,21%		4-Vitória vs Fair Play 12,35%	
	2-Motivações actuais 2,43%	2-Treino de Jovens vs Treino de Adultos 3,06%	5-O árbitro 0,78%	5- Vocabulário 4,54%
			6-O Dirigente 1,60%	
	3- Motivações Futuras 1,16%		7- Os Pais 1,63%	6- Responsáveis 4,03%

A-Motivações e Aspirações

Com esta categoria procurámos conhecer as motivações que levaram o treinador a iniciar a sua carreira no futebol, bem como as motivações actuais para continuar na mesma.

Contudo, tentámos ainda conhecer os seus principais objectivos para o futuro, enquanto treinador de futebol.

A1- Início da Carreira (Ver Tabela 8)

Com a análise desta categoria, compreendemos que a primeira motivação deste treinador para o início da sua carreira foi ajudar o clube da sua localidade. O facto de o mesmo nutrir um apreço especial pela colectividade, levou-o a assumir o cargo de treinador de jovens com o objectivo de poder ajudar. Pensamos, então, que a primeira razão para o início da carreira de treinador se prendeu com questões de natureza sentimental.

Mas aquilo que me motivou foi ajudar o clube (Treinador 6).

Outra das motivações que o impeliu a iniciar-se como treinador teve a ver com o facto de poder trabalhar com os mais jovens, ajudando-os numa fase crucial das suas vidas. Além disso, permitiu-lhe, também, gozar de mais tempo com o seu filho que é parte integrante na equipa. Significa que o desejo de trabalhar com crianças, associado à possibilidade de treinar o seu filho, também contribuíram para a adopção desta carreira.

...neste caso também os miúdos como o meu filho que aqui jogam (Treinador 6).

A2- Motivações Actuais (Ver Tabela 8)

Relativamente às motivações que o levam a treinar neste momento, o treinador afirma que não procura atingir patamares elevados ao nível do treino, mas somente tirar partido da sua praxis. Refere que já tem o seu emprego e uma forma de subsistência na vida, logo não encara a sua função de treinador como uma forma de poder subir na vida.

Não ando aqui à procura de ganhar a vida, ou de ter prestígio (Treinador 6).

Por isso, não espero ser o José mourinho, chegar à super liga, ser um grande treinador (Treinador 6).

Por isso, as suas motivações actuais para ser treinador, é poder trabalhar com as crianças, ajudando-as a crescer de uma forma saudável através do incremento da prática desportiva. O seu maior prazer é o contacto privilegiado que pode estabelecer com as mesmas.

Quero apenas ajudar as crianças e o clube, porque este clube tem uma missão social muito importante daí que eu ache que meu trabalho aqui é muito importante

(Treinador 6).

A3-Aspirações Futuras (Ver Tabela 8)

Analisando esta categoria verificamos que a mesma estabelece uma relação com as anteriores, ou seja, as aspirações actuais do treinador estão estritamente relacionadas com as ambições futuras.

As palavras do treinador voltam a ir no sentido de que não pretende chegar a patamares mais elevados no treino de futebol.

Não pretendo chegar longe no futebol, pois não tenho como objectivos viver do futebol

(Treinador 6).

Volta, ainda, a referir que as suas principais finalidades no treino de futebol se situam a dois níveis, nomeadamente poder ajudar o clube da sua localidade pelo qual nutre um sentimento especial e poder contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso das crianças com as quais trabalha.

Ambiciono apenas ser mais uma ajuda para este clube e para as crianças que aqui andam a aprender a jogar futebol (Treinador 6).

B- Treino de Jovens

Nesta dimensão procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais objectivos quando se treina com jovens atletas, bem como se pensa que deve existir diferença entre o Treino de Jovens e o Treino de Adultos.

B1- Finalidades e Objectivos (Ver Tabela 8)

Nesta categoria o treinador começa por referenciar que na sua opinião os jovens nesta fase necessitam de aprender quase tudo. Começa por afirmar que a primeira necessidade é ensiná-los a fazerem parte de um grupo, pois somente desta forma poderão participar num jogo de equipa.

Comportarem-se em grupo.

Depois, afirma que outra das finalidades do treinador de jovens é o ensino do jogo de futebol aos seus atletas na medida em que estes estão no treino para aprender a jogar futebol.

Saberem jogar futebol.

Todavia, gostaríamos de realçar o facto de o treinador evidenciar um conjunto de preocupações de natureza educativa e social, ao afirmar que um dos seus trabalhos é contribuir para a formação de homens.

... fazer deles homens de amanhã e ao mesmo tempo trabalhá-los para jogar futebol.
(Treinador 6).

B2-Treino de Jovens Vs Treino de Adultos (Ver Tabela 8)

Em relação a esta categoria o treinador considera não existirem diferenças significativas entre o treino de jovens e o treino de adultos.

Em seu entender, ambos apresentam um grau de proximidade muito elevado, distanciando-se somente nas cargas a aplicar. Ou seja, os exercícios de treino poderão ser exactamente os mesmos, desde que com cargas diferenciadas, na medida em que os mais jovens se encontram numa fase de desenvolvimento físico, carecendo de maiores cuidados.

Na minha opinião o treino de jovens é muito semelhante ao treino de adultos, só mudam as cargas (Treinador 6).

Até o tipo de treino e exercícios pode ser o mesmo, desde que as cargas e os tempos sejam diferentes (Treinador 6).

Assim, é da opinião de que em qualquer idade é necessário que exista um treino das dimensões técnica, tática, física e psicológica. Logo, independentemente de se ser criança ou adulto, o futebol reclama do futebolista o aprimoramento constante destas capacidades.

...tanto os miúdos como os adultos têm de treinar a parte técnica e a parte tática e a parte física (Treinador 6).

Desta forma, concluímos que este treinador considera não existirem grandes discrepâncias entre o tipo de treino a aplicar a um infantil e a um sénior.

C – Promoção do *fair play*

C1 – O Conceito de *fair play* (Ver Tabela 8)

Com esta dimensão procurámos conhecer a concepção do treinador acerca do conceito de *fair play*, ou seja, a forma como este o define.

Em primeiro lugar fica claro a dificuldade do treinador definir conceptualmente o *fair play*.

Todavia, o treinador consegue identificar algumas condutas e comportamentos associados ao conceito. Assim, em seu entender, o *fair play* está relacionado com comportamentos como o respeito pelos adversários e pelo árbitro, recusando a adopção de condutas de batota. Significa respeitar todos os intervenientes do jogo, dentro e fora do espaço competitivo.

...no fundo é saber jogar sem fazer batotas, respeitar todos dentro do campo e fora dele (Treinador 6).

Deste modo, concluímos que este treinador revela alguns conhecimentos acerca do comportamento relacionado com o espírito desportivo.

C2 – Importância atribuída ao *fair play* (Ver Tabela 8)

Com esta categoria procurámos conhecer o nível de importância atribuída pelo treinador ao *fair play*, no contexto do futebol.

Podemos afirmar que este treinador é da opinião de que o *fair play* é um conceito que faz falta ao futebol, na medida em que assevera que é mais profícuo para a promoção do mesmo, jogar-se sem se recorrer a comportamentos desonestos. O futebol jogado com *fair play* torna-se mais justo e digno e logo mais valorizado.

O fair play faz falta ao futebol... (Treinador 6).

Contudo, não deixa de reconhecer que se o *fair play* faz falta ao futebol, ele não se assume como indispensável ao mesmo, visto que, com ou sem *fair play*, o que é factual é que continua a existir futebol em todo o mundo.

...é que com ou sem fair play, continua a existir futebol (Treinador 6).

Todavia, uma das ideias mais relevantes que importa reter no discurso do treinador é o facto de considerar que não se pode estar demasiadamente preocupado em jogar com *fair play*, correndo-se o risco de perdermos a nossa vontade de vitória. Em seu entender, não é lícito fazer de tudo para se vencer, ou seja, não valoriza a vitória a todo o custo. Mas pensa que existem um conjunto de comportamentos que são importantes em função do momento do jogo e do resultado.

Não diga que valha tudo para vencer, que permita aos meus atletas tudo para ganhar (Treinador 6).

...simular uma lesão para perder tempo, fazer uma falta a meio-campo para parar ataques perigosos, simular um penalty, aí não me parece mal (Treinador 6).

Estes são comportamentos desejáveis e que se podem assumir até como uma estratégia por parte da equipa no intuito de poder vencer. O treinador considera que são aprendizagens muito importantes e que todos os atletas devem realizá-las. No fundo, são comportamentos que surgem em função da experiência dos jogadores.

Uma coisa é dar porrada no adversário, ser violento, sei lá bater no árbitro, outra coisa é saber tirar proveito do jogo, eu chamo-lhe ratice (Treinador 6).

C3 – Medidas para promover o *fair play* (Ver Tabela 8)

Com a abordagem desta categoria procurámos compreender quais as medidas que, na opinião deste treinador, podem ser tomadas no intuito de promover o *fair play*.

Em primeiro lugar, começa por afirmar que a promoção do *fair play* não deve ser a função primordial de um treinador de futebol.

De seguida, afirma que a melhor forma de o fomentar é através de conversas levadas a cabo com os atletas, pois eu seu entender, a palavra poder-se-á assumir como um excelente veículo.

Concluímos desta forma, que este treinador é da opinião que o desenvolvimento do *fair play* deve ser levado a cabo através de palestras e conversas.

C4 – Como promove o *fair play* (Ver Tabela 8)

Através da análise desta conduta procurámos conhecer de que forma este treinador considera fomentar o *fair play*, ou seja, quais as condutas mais evidentes no seu comportamento que visam favorecer a adopção de atitudes pró activas.

Assim, o treinador afirma convictamente que não promove o *fair play* no seu dia-a-dia, enquanto treinador de jovens. Ou seja, não leva a cabo acções que visem o fomento do Espírito desportivo, confessando as razões para tal.

...podia mentir-lhe e dizer-lhe que sim, que promovia muito o fair play, que fazia o diabo a quatro, mas não (Treinador 6).

Em primeiro lugar porque acredita que o jogar com *fair play* não traz nenhum benefício adicional à sua equipa, ou seja, não é por ser mais honesto que irá vencer mais vezes os jogos. Fica patente a ideia de um treinador que procura um *fair play* instrumental, não encontrando, todavia, qualquer justificação para o ter, na medida em que não se assume como uma ferramenta para vencer.

...nem traz benefícios alguns (Treinador 6).

Depois, assegura que não dispõe de tempo de treino suficiente para poder treinar *fair play*. Refere que o escasso tempo de treino, deverá ser utilizado para ensinar as crianças a jogarem futebol.

...não promovo o fair play, porque não há tempo para isso (Treinador 6).

C5- O árbitro (Ver Tabela 8)

Com esta categoria tivemos como objectivo conhecer a opinião do treinador relativamente à forma como o árbitro da partida pode ou não promover o *fair play*, permitindo-nos tirar algumas conclusões.

Este treinador apresenta uma opinião pouco abonatória em relação ao comportamento do árbitro na promoção do *fair play*. Reforça esta ideia dando conta de um conjunto de condutas pouco abonatórias em relação à atitude do árbitro.

Refere que o mesmo começa por demonstrar falta de respeito pelos atletas e treinadores sempre que se atrasa para o jogo, situação que frisa acontecer muitas vezes, ou então quando nem sequer aparecem no terreno de jogo para cumprir com a sua missão: fazer cumprir as leis do futebol.

Os árbitros que não respeitam ninguém, chegam atrasados, ou nem sequer aparecem no jogo (Treinador 6).

Depois, menciona que na maioria das vezes os árbitros demonstram-se intransigentes e autoritários, não permitindo qualquer tipo de conversas com os atletas.

...ninguém pode falar com eles, parece a Lei da Rolha (Treinador 6).

Fica patente que o treinador considera que os árbitros não têm assumido a conduta desejável no sentido de promover o *fair play*.

C6- O Dirigente Desportivo (Ver Tabela 8)

Com esta categoria procurámos conhecer a opinião que os treinadores têm acerca dos dirigentes na promoção do *fair play*. No fundo, pretendemos saber se os treinadores consideram que os dirigentes podem condicionar a conduta do treinador com vista ao fomento do *fair play*.

O treinador reconhece que os dirigentes desportivos, como órgãos máximos de um clube de futebol, detêm muito poder que lhes é conferido pelo cargo que ocupam dentro da pirâmide de responsabilidades do clube desportivo.

Os dirigentes têm muito poder nos clubes, porque no fundo são eles que mandam no clube (Treinador 6).

Assim, têm fortes hipóteses de exercer pressão sobre o trabalho a desenvolver pelos treinadores, pois derivado à posição que ocupam, poderão fazer sentir esse domínio. Porque como afirma o treinador, os dirigentes estão essencialmente centrados em vencer jogos que lhes permitam ganhar títulos, subir de divisão, etc.

...podem exercer pressão sobre os treinadores, porque todos os dirigentes querem vencer (Treinador 6).

Logo, constata-se que o treinador considera que os dirigentes condicionam a sua acção.

C7- O Pais (Ver Tabela 8)

Com esta categoria procurámos saber qual a opinião dos treinadores acerca do papel dos pais na promoção do *fair play*. No fundo, qual o grau de importância conferido pelos técnicos à acção dos pais no contexto desportivo.

No entender do treinador os principais responsáveis pela promoção do *fair play* junto dos atletas são os pais dos mesmos, na medida em que são estes que detêm maior poder sobre as crianças, poder esse que lhes é conferido pelo seu estatuto.

Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos, são eles que têm poder sobre os miúdos (Treinador 6).

No entanto, o treinador considera que os pais não estão interessados em assumir esta tarefa na medida em que são os primeiros a evidenciarem condutas anti desportivas, nomeadamente, desrespeito para com os filhos, árbitros e treinadores. Desta forma, não podem os pais promover junto dos filhos, aquilo em que eles mesmo não acreditam.

Os paizinhos que são muitas vezes os piores (Treinador 6).

Constamos desta forma que o treinador considera que os pais são o elemento chave no fomento do *fair play*, mas que todavia, não manifestam vontade em assumir essa tarefa.

D- Despromoção do *fair play*

D1- Conduta dos atletas (Ver Tabela 8)

Nesta categoria granjeámos saber qual a intervenção do treinador quando os seus atletas evidenciam condutas anti *fair play*.

No que diz respeito à relação que os seus atletas estabelecem com o árbitro, o treinador refere que não permite que os seus jogadores discutam com o juiz da partida. Esta posição tomada pelo treinador está relacionada com o facto de este saber que as discussões com o árbitro levam normalmente à existência de expulsões, o que irá prejudicar a equipa. Desta forma, fica patente que o treinador condena as discussões com o árbitro, não por considerar que este comportamento seja moralmente condenável, mas por pensar que o mesmo terá repercussões negativas na estrutura da equipa.

É importante que percebam que esse comportamento os vai prejudicar no jogo...

(Treinador 6).

...se um atleta está sempre a discutir com o árbitro isso é mau, pois prejudica-se e também a equipa... (Treinador 6).

Contudo, o treinador não deixa de referir que em seu entender é normal que os atletas discutam as decisões do árbitro, na medida em que é difícil no contexto do jogo, com pressão, não reagir a decisões que nos parecem desfavoráveis. Por isso, não se coíbe de referir que o mais importante seria ensinar os atletas a saberem discutir com o árbitro, sem contudo, se excederem, correndo o risco de expulsão.

...é normal que discutam, eu também andei lá pelo campo durante uns anos e sei bem o que é sentir na pele, estarmos a ser prejudicados (Treinador 6).

Agora temos de ensinar os miúdos a saber pressionar o árbitro, sem se descontrolarem, sem serem expulsos (Treinador 6).

No que diz respeito ao uso de palavrões por parte dos seus atletas, o treinador considera não intervir nessa situação, até porque em sua opinião, o uso de palavrões não constitui qualquer tipo de problema. O treinador considera que este é um comportamento tão inculcado no seio do futebol que não faz sentido considerá-lo condenável.

...é normal que o usem também no futebol e eu não repreendo isso (Treinador 6).

...para mim dizer uma asneira não é um comportamento grave (Treinador 6).

Em relação a esta temática, considera ser preferível o uso de palavrões como forma de libertar a tensão própria do jogo, a adoptar uma conduta violenta. Por isso, também menciona que não é contra o facto de os atletas utilizarem palavrões após uma má decisão do árbitro, todavia, não poderão é dirigir-se ao mesmo utilizando este tipo de vocabulário.

*Podem dizer asneiras após uma má decisão do árbitro, mas não o podem mandar para o ***** (Treinador 6).*

D2 – Relação com os adversários (Ver Tabela 8)

No que diz respeito a esta categoria, procurámos descobrir a opinião que o treinador tem relativamente à forma como interage com os adversários.

O treinador refere que em sua opinião não é lícito incentivar os seus atletas a adoptarem uma conduta violenta para com o adversário, pedindo-lhes para que realizem faltas perigosas.

Contudo, assegura que os atletas devem tentar tirar partido de situações duvidosas. No fundo, verificamos que apesar de o treinador não referir o incentivo à violência, a verdade é que acaba por manifestar desrespeito pelos adversário, na medida em que considera aceitável enganá-los.

Uma coisa é dar porrada no adversário, ser violento, sei lá bater no árbitro, outra coisa é saber tirar proveito do jogo, eu chamo-lhe ratice (Treinador 6).

D3- Relação com o árbitro (Ver Tabela 8)

Com a análise desta categoria procurámos compreender a percepção que o treinador tem acerca do seu relacionamento com o árbitro durante a partida.

Desta forma, o treinador assume claramente que discute as decisões do árbitro com grande frequência, pois como revela, torna-se difícil no contexto do jogo, manter níveis de boa educação aceitáveis.

Tenho a noção que discuto com o árbitro (Treinador 6).

Confesso que discuto muito as decisões do árbitro, porque no calor do jogo viramos bichos e esquecemos os bons princípios (Treinador 6).

Todavia, apesar de discutir com muita frequência as decisões do árbitro, o treinador não deixa de referir que em situações em que está a ganhar, se torna mais fácil tolerar as decisões do árbitro, mesmo as que parecem ser erradas.

...estando a ganhar, não vale tanto a pena discutir, até porque quando discuto corro o risco de ser expulso (Treinador 6).

Contudo, também sabe que quando o resultado é adverso, discute com mais frequência as decisões do árbitro e reconhece que por diversas situações essa conduta é profícua na medida em que irá condicionar o trabalho do árbitro.

se estou a perder e discordo dele, mostro-o logo (Treinador 6).

Assim, importa salientar um conjunto de conclusões relativamente a esta categoria. Em primeiro lugar verifica-se que o resultado desportivo condiciona a atitude do treinador perante as decisões do árbitro.

Em segundo lugar fica patente a ideia de que o treinador considera ser benéfico pressionar o árbitro, por forma a condicionar o seu trabalho e, daí tirar dividendos.

pressionar o árbitro é algo que em determinados momentos do jogo se torna importante... (Treinador 6).

...se a gente o pressionar, ele fica na dúvida se apitou bem ou não e normalmente no lance seguinte ele vai querer compensar-nos (Treinador 6).

D4- Vitória Vs fair play (Ver Tabela 8)

Com esta categoria tivemos como objectivo compreender qual a opinião do treinador perante o dilema de vencer respeitando os princípios do *fair play*. Ou seja, se perante a necessidade de ganhar este é apologista da adopção de condutas de batota.

Assim, fica claro que o treinador considera que o mais importante no futebol é ganhar e que tudo o resto virá sempre em segundo plano. Na sua perspectiva, todos os intervenientes envolvidos na prática do futebol, procuram acima de tudo vencer, fazendo quase tudo para atingir esse objectivo. Logo, a maioria das pessoas envolvidas neste fenómeno estão predominantemente focadas na vitória.

Amigo, andamos todos ao mesmo, há procura de ganhar, até mesmo eu que não tenho grandes objectivos (Treinador 6).

...não tenha dúvidas que em primeiro lugar vem sempre a vitória e depois o fair play, quando isso for possível (Treinador 6).

Continua a acrescentar que para se chegar ao mais alto nível é necessário ganhar-se muitas vezes e que isso rivaliza, em alguns momentos, com o *fair play*. Considera mesmo que se houver uma preocupação excessiva com pormenores como um bom comportamento, se pode correr o risco de esquecer o mais importante que é ganhar. Contudo, não deixa de referir que nem tudo é válido e permitido, quando se pretende ganhar.

Eu penso que se uma equipa estiver demasiadamente preocupada em ser correcta no jogo, respeitando o adversário, o árbitro, esquece-se do essencial que é lutar pela vitória (Treinador 6).

Não diga que valha tudo para vencer, que permita aos meus atletas tudo para ganhar (Treinador 6).

No que diz respeito à adopção de comportamentos anti *fair play* que possam favorecer em determinado momento a vitória, o treinador mostra-se concordante.

Assim, refere ser lícito um atleta simular uma grande penalidade, sendo que até lhes dá indicação da melhor forma de o fazerem, realizar uma falta a meio campo para parar um ataque adversário, simular uma lesão para perder tempo.

...simular uma lesão para perder tempo, fazer uma falta a meio-campo para parar ataques perigosos, simular um penalty, aí não me parece mal (Treinador 6).

Desta forma, concluímos que para este treinador a vitória é uma meta muito preciosa a atingir e que, como tal, como tudo é lícito para a sua obtenção.

D5- Vocabulário (Ver Tabela 8)

Nesta categoria pretendemos descobrir qual a percepção que o treinador tem do seu vocabulário em campo, bem como, a sua opinião no que diz respeito à utilização de palavras no futebol.

Assim, o treinador refere que este é um tipo de vocabulário que dever-se-ia evitar no futebol, mas que, contudo, se torna difícil, na medida em que o jogo decorre num ambiente de grande pressão psicológica, propício a este tipo de vocabulário.

Em relação às asneiras, todos sabemos que são o tipo de palavras que todos devemos evitar, mas a verdade é que é muito difícil isso acontecer (Treinador 6).

Contudo, refere que é preferível o uso de palavrões como forma catártica, do que o uso de violência física.

Refere, ainda, o uso de palavrões não é uma conduta tão condenável, na medida em que os utilizamos no nosso dia-a-dia em todas as vertentes da nossa vida.

Concluimos desta forma que o treinador utiliza palavrões e permite o seu uso por parte dos atletas, na medida em que considera este comportamento normal.

D6- Responsáveis pela despromoção (Ver Tabela 8)

No que diz respeito a esta categoria procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais responsáveis pela despromoção do *fair play*.

Este treinador começa por referir que os atletas profissionais exercem grande influência na conduta das crianças. Assim, sempre que os profissionais revelam más condutas estas são veiculadas pelos meios de comunicação social, dando por sua vez uma má referência aos jovens. Depois não será difícil compreender que os mesmos quererão adoptar conduta semelhante.

Os miúdos imitam sempre os ídolos, nas coisas boas e más (Treinador 6).

Refere que os treinadores também têm responsabilidades neste campo, na medida em que através da sua conduta, não se assumem como verdadeiros exemplos a seguir.

Em relação à conduta dos pais, o treinador refere que esta é prejudicial para o comportamento dos filhos, na medida em que adoptam um conjunto de comportamentos pouco educativos. Assim, considera que muitas vezes os pais deveriam de imiscuir-se de fazer comentários durante a prática desportiva.

Põem-se para dentro do campo a dar palpites e muitas vezes afectam os miúdos

(Treinador 6).

Para finalizar refere o papel dos árbitros que em sua opinião não têm um comportamento exemplar no que toca à promoção do *fair play*. Assim, o treinador refere que muitas vezes os árbitros são os primeiros a serem indelicados, pois como assegura, já foi muitas vezes vítima de condutas semelhantes por parte dos árbitros.

Considera, ainda, que os árbitros são pouco sensíveis à comunicação a ter com os treinadores e atletas, ou seja, não estão dispostos a conversar acerca de determinados casos do jogo.

Resumo da entrevista do treinador 6

A primeira motivação deste treinador para o início da sua carreira foi ajudar o clube da sua localidade. Em relação às motivações futuras refere que já tem o seu emprego, logo não encara a sua função de treinador como uma forma de poder subir na vida.

Em relação aos objectivos no treino com jovens refere que a primeira necessidade é ensiná-los a fazerem parte de um grupo, pois somente desta forma poderão participar num jogo de equipa.

No que diz respeito ao treino de jovens e adultos, considera não existirem diferenças significativas entre ambos na medida em que apresentam um grau de proximidade muito elevado, distanciando-se somente nas cargas a aplicar.

No que concerne ao *fair play* é da opinião de que o mesmo é um conceito que faz falta ao futebol, na medida em que assevera que é mais profícuo para a promoção do mesmo. Em seu entender a melhor forma de o fomentar é através de conversas levadas a cabo com os atletas, apesar de afirmar convictamente que não promove o *fair play* no seu dia-a-dia.

Em relação ao papel dos pais assegura que estes são os principais responsáveis pela promoção do *fair play* junto dos atletas, na medida em que são estes que detêm maior poder sobre as crianças.

Quando confrontado sobre os principais responsáveis pela despromoção do *fair play* começa por referir que os atletas profissionais exercem grande influência na conduta das crianças, elencando, ainda, pais e árbitros, que em sua opinião não têm um comportamento exemplar no que toca à promoção do *fair play*.

4.2.7. Análise de conteúdo da entrevista do Treinador 7

A Análise de conteúdo das entrevistas foi feita com base num Sistema de Categorias com 4 categorias principais e 18 sub categorias. Abaixo, apresenta-se um quadro com os valores obtidos em cada categoria.

Tabela 9 - Sistema de categorização da entrevista do Treinador 7

Nudos Pais	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do Fair Play (FP)	Despromoção do Fair Play
Nudos Filhos	1-Início de carreira 1,58%	1-Finalidades e Objectivos 2,61%	1-Conceito de Fair Play 1,97%	1-Condução dos atletas 4,39%
			2-Importância Atribuída FP 4,33%	2-Relação com os adversários 0,61%
			3-Medidas para promover o FP 2,80%	3-Relação com o árbitro 2,67%
	4-Como promove o FP 0,68%		4-Vitória vs Fair Play 9,15%	
	2-Motivações actuais 1,09%	2-Treino de Jovens vs Treino de Adultos 1,90%	5-O árbitro 2,93%	5- Vocabulário 4,06%
			6-O Dirigente 1,57%	
	3- Motivações Futuras 2,52%		7- Os Pais 2,07%	6- Responsáveis 2,43%

A-Motivações e Aspirações

Com esta categoria procurámos conhecer as motivações que levaram o treinador a iniciar a sua carreira no futebol, bem como as motivações actuais para continuar na mesma.

Contudo, tentámos ainda conhecer os seus principais objectivos para o futuro, enquanto treinador de futebol.

A1- Início da Carreira (Ver Tabela 9)

Analisando esta dimensão fica claro que o início da sua carreira como treinador nasce de um convite informal que o mesmo acaba por aceitar. O treinador afirma que na altura a sua principal motivação era poder estar sentado no banco, enquanto comandante de uma equipa, visto ter sido jogador de futebol. No fundo, sentia a necessidade de poder

experimentar a sensação de estar no lado de quem lidera, de quem tem por missão dirigir um grupo de pessoas.

Sempre senti uma enorme vontade de saber aquilo que se sente quando se está no banco (Treinador 7).

Queria conhecer a sensação de treinar uma equipa... (Treinador 7).

Fica patente a ideia de que a principal motivação para o início da carreira de treinador foi a necessidade de liderar um processo, dirigir uma equipa.

A2- Motivações Actuais (Ver Tabela 9)

Actualmente, o treinador afirma que aquilo que maior motivação lhe dá é poder trabalhar com os jovens, numa altura das suas vidas que é normalmente complicada. Assim, o facto de poder contribuir para o desenvolvimento dos jovens que são objecto do seu labor, assume-se como uma motivação.

...também me motiva o facto de estar a trabalhar com jovens, de poder ajudá-los numa fase tão complicada das suas vidas (Treinador 7).

O treinador refere, ainda, que outra das suas motivações neste momento é o desejo de um dia poder trabalhar a outro nível, num patamar de maior exigência e com outra visibilidade. Assim, acredita que o seu trabalho presente terá uma implicação directa na possibilidade de poder alcançar outros desafios.

...aquilo que me motiva actualmente é a possibilidade de um dia poder dar o salto para outras paragens... (Treinador 7).

A3-Aspirações Futuras (Ver Tabela 9)

A análise desta dimensão deixa patente o enorme desejo deste treinador em poder trabalhar num futuro próximo num patamar de exigência superior àquele que tem neste momento. O mesmo é peremptório nas suas afirmações, revelando em diversas ocasiões que deseja treinar um clube que lhe permita lutar por outros objectivos, nomeadamente títulos.

...gostava de treinar uma equipa com outros pergaminhos, com outros objectivos, com outras ambições...(Treinador 7).

...num clube que me oferecesse a oportunidade de poder lutar por títulos, onde pudesse conquistar algo...(Treinador 7).

Refere insistentemente que o maior desejo seria treinar uma equipa profissional de seniores.

B- Treino de Jovens

Nesta dimensão procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais objectivos quando se treina jovens atletas, bem como se pensa que deva existir diferença entre o Treino de Jovens e o Treino de Adultos.

B1- Finalidades e Objectivos (Ver Tabela 9)

Em relação aos principais objectivos a perseguir no treino com os jovens atletas, o treinador afirma que em primeiro lugar é necessário eliminar alguns “tiques de vedetismo” presentes nos mesmos. Alguns jovens, fruto da comunicação social, começam a manifestar desde cedo, alguns comportamentos de atletas profissionais. Este treinador considera que esse deverá ser o primeiro objectivo a cumprir: tornar os atletas mais humildes.

É preciso em primeiro lugar tirar-lhes logo a mania de ser estrelas, de serem vedetas...(Treinador 7).

Depois considera ser muito importante o desenvolvimento da vertente tática do jogo, pois como afirma é indispensável ter atletas capazes de interpretar o jogo, realizando a leitura contínua do mesmo. Logo, o treinador deverá valorizar esta dimensão a par da dimensão técnica que assume também particular destaque.

...é fundamental ter jogadores que saibam ler o jogo, saibam interpretá-lo
(Treinador 7).

Há que saber o elementar para se poder dominar uma bola, ou seja, ter-se técnica
(Treinador 7).

O treinador faz ainda uma chamada de atenção para a importância do treino da dimensão física, pois em seu entender, um bom atleta deverá possuir níveis desejados de força e flexibilidade que lhe permitam intervir no jogo, com o máximo de eficácia com o mínimo dispêndio de energia.

Convém os miúdos começarem a trabalhar a parte física, a força, a velocidade, para aguentarem o jogo **(Treinador 7).**

B2-Treino de Jovens Vs Treino de Adultos (Ver Tabela 9)

Em relação a esta categoria, concluímos que o treinador considera existir diferenças entre o treino com jovens e com adultos. Nessa medida, em sua opinião, os mais jovens carecem de um maior reforço nas dimensões técnica e tática, pois serão estas as principais responsáveis pela melhoria do jogar das crianças. Assim, estas deverão ser as duas dimensões a privilegiar com os jovens.

...é o facto de os jovens ainda não dominarem tanto a parte técnica e tática
(Treinador 7).

Em relação aos seniores, o treinador pensa que já não fará tanto sentido treinar a vertente técnica, visto esta ter de estar já adquirida, mas é sobretudo fundamental treinar a vertente tática.

A parte tática é mais trabalhada nos seniores do que nos miúdos (Treinador 7).

No que diz respeito à dimensão física, o treinador volta a tecer os seus comentários relativamente às diferenças. Assim, considera que com os seniores, o trabalho físico poderá ser mais exigente do ponto de vista da intensidade e do volume na medida em que do ponto de vista da maturação biológica, estes já se encontram totalmente desenvolvidos. Ao invés, considera que com as crianças são necessários cuidados e atenções redobradas, visto as crianças não suportarem os mesmos índices de cargas físicas.

Um sénior aguenta mais cargas físicas do que um miúdo...(Treinador 7).

C – Promoção do *fair play*

C1 – O Conceito de *fair play* (Ver Tabela 9)

Com esta dimensão procurámos conhecer a concepção do treinador acerca do conceito de *fair play*, ou seja, a forma como este o define.

Nessa medida começamos por compreender que este treinador manifesta alguma relutância relativamente ao conceito de *fair play*, afirmando que prefere não abordar o tema por discordar do modo como este é utilizado. Em seu entender, alguns agentes desportivos, utilizam o *fair play* como pretexto para mascarar alguns comportamentos menos dignos.

...muita gente se aproveita dela, para fazer ainda mais batota (Treinador 7).

Contudo, o treinador afirma que o *fair play* está associado a comportamentos tais como, não perder desnecessariamente tempo de jogo e evitar o uso de violência para com os

adversários. Apesar disso, a análise de conteúdo às palavras do treinador deixam entender que este associa o *fair play* ao comportamento de lançar a bola fora quando um adversário está lesionado. E este é um comportamento com o qual está inteiramente em desacordo, por considerar que na maioria das vezes os adversários simulam lesões com o firme propósito de quebrar o ritmo do jogo.

...porque na minha opinião o futebol já é um jogo parado e lento e se ainda vamos jogar a bola para fora sempre que alguém quer perder tempo, pior ainda

(Treinador 7).

C2 – Importância atribuída ao *fair play* (Ver Tabela 9)

Com esta categoria procurámos conhecer o nível de importância atribuída pelo treinador ao *fair play*, no contexto do futebol.

Como referimos na análise à categoria do treinador podemos inferir que o mesmo não atribui grande relevância ao *fair play*, ao invés, chega mesmo a afirmar que este é apenas um modo de os batoteiros poderem prevaricar com bases em regras de cavalheirismo. Por isso, verifica-se que o mesmo não confere grande credibilidade ao conceito.

O fair play para mim é uma palavra que me passa ao lado (Treinador 7).

Refere que o *fair play* até poderia granjear algum reconhecimento no mundo do futebol, se todos os agentes envolvidos lhe conferissem esse estatuto. Todavia, é da opinião de que os treinadores não estão preocupados com o Espírito Desportivo, mas apenas em preparar as suas equipas para a vitória. Significa que a preocupação central de todos os treinadores é a obtenção de resultados desportivos positivos e isso muitas vezes entra em colisão com a defesa de princípios íntegros.

Podia ser necessário ao futebol se todos os treinadores, jogadores, e árbitros achassem isso... (Treinador 7).

Os treinadores querem é ganhar jogos, os jogadores nem todos estão preocupados em ganhar, mas sobretudo em dar nas vistas individualmente (Treinador 7).

Por isso, pensa que seria melhor evitar o cinismo de se falar em *fair play*, quando depois as condutas são diametralmente opostas aquilo que se apregoa. Logo, considera que as manifestações muitas vezes realizadas nos estádios, tais como, uso de camisolas defendendo o *fair play*, não passam de manobras de diversão.

*Acho ridículo ver os jogadores a entrarem no campo com camisolas a dizer *fair play*, o campo cheio de bandeiras e passados minutos já anda tudo a estalada*

(Treinador 7).

C3 – Medidas para promover o *fair play* (Ver Tabela 9)

Com a abordagem desta categoria procurámos compreender quais as medidas que, na opinião deste treinador, podem ser tomadas no intuito de promover o *fair play*.

O treinador considera que se existe de facto vontade em promover o *fair play*, então devem os treinadores e demais intervenientes no processo desportivo, abordar este tema com as crianças, promovendo conversas e debates.

*...todos aqueles que estão interessados em promover o *fair play*, devem dizê-lo aos miúdos, falar com eles... (Treinador 7).*

Depreendemos das palavras do treinador de que este tem a forte convicção de que a promoção do *fair play* deve passar por palestras e debates a serem realizados com as crianças. No fundo, acredita que deve o treinador ter o dom da comunicação e, através desta, incutir bons hábitos nos seus atletas. Apesar de reconhecer que nunca o fez.

O treinador deve ser um bom comunicador e deve ser capaz de explicar aos miúdos que o fair play é bom... (Treinador 7)

C4 – Como promove o *fair play* (Ver Tabela 9)

Através da análise desta conduta procurámos conhecer de que forma este treinador considera fomentar o *fair play*, ou seja, quais as condutas mais evidentes no seu comportamento que visam favorecer a adopção de condutas pró activas.

Assim, encontramos um paradoxo no discurso do treinador, pois na categoria anterior, referia que o *fair play* deveria ser promovido através da palavra, pese embora nunca o tivesse feito. Todavia, quando questionado sobre a forma como promove o *fair play* no seu dia-a-dia, afirma que às vezes o faz através de palestras ministradas aos atletas. Estamos perante uma situação dúbia no discurso do treinador que primeiramente afirma não fomentar o *fair play* e à posteriori, afirma o contrário.

De vez em quando numa palestra vou dizendo para jogarem sem dar porrada, para respeitarem o árbitro (Treinador 7).

Contudo, concluimos que este treinador não promove o *fair play* junto dos seus jogadores e se eventualmente o faz, recorre às conversas tidas antes dos treinos ou jogos, todavia, pontualmente. Constata-se, assim, uma ausência de comportamentos visando o Espírito Desportivo.

C5- O árbitro (Ver Tabela 9)

Com esta categoria tivemos como objectivo conhecer a opinião do treinador relativamente à forma como o árbitro da partida pode ou não promover o *fair play*, permitindo-nos tirar algumas conclusões.

Concluimos que o treinador manifesta uma má opinião relativamente ao trabalho do árbitro, no que diz respeito à promoção do *fair play*. No seu entender, os árbitros

pretendem muitas vezes assumir o protagonismo do jogo ao complicarem em situações simples, chegando mesmo a desrespeitar atletas e treinadores.

...árbitros também querem ser protagonistas no jogo (Treinador 7).

Os árbitros desrespeitam muitas vezes toda a malta (Treinador 7)

Afirma também que os árbitros deveriam adoptar uma postura mais humilde durante a partida, começando pelo assumir das suas acções, sobretudo quando estas se revestem de erros que acabam por prejudicar uma das equipas. Seria importante os árbitros reconhecerem que são Seres Humanos e que por isso também estão sujeitos à possibilidade de errarem.

Acho que os árbitros deveriam ter uma atitude mais humilde. Admitirem quando erram (Treinador 7).

Por fim, considera também que os árbitros devem estar mais receptivos ao diálogo com os treinadores e atletas, pois muitas vezes assumem uma postura autoritária que em nada favorece a resolução de problemas. Em sua opinião, o árbitro deve assumir uma postura mais próxima dos jogadores, comunicando com os mesmos com mais frequência.

C6- O Dirigente Desportivo (Ver Tabela 9)

Com esta categoria procurámos conhecer a opinião que os treinadores têm acerca dos dirigentes na promoção do *fair play*. No fundo, pretendemos saber se os treinadores consideram que os dirigentes podem condicionar a conduta do treinador com vista ao fomento do *fair play*.

Em primeiro lugar começa por salientar que os dirigentes são o mais alto cargo dentro de um clube e, como tal, assumem a totalidade do poder. Desta forma, são estes que

traçam o caminho a seguir pelos clubes, condicionando muitas vezes o trabalho dos treinadores.

Os dirigentes são os principais responsáveis por um clube, são eles que definem os objetivos do clube (Treinador 7).

Assume que, em muitos casos, muitos dos problemas dentro do clube surgem devido a ingerência dos dirigentes que pretendem ter relevância em determinados campos que são da responsabilidade do treinador.

No que diz respeito à promoção do *fair play*, este treinador considera que para os dirigentes esse é um tema com pouca relevância, na medida em que estes estão essencialmente interessados em ganhar. Logo, a promoção do *fair play* é um tema que acaba por não estar na agenda dos dirigentes desportivos, na medida em que não possibilita ganhar nada.

*Mas para os dirigentes não há ganhar, *fair play* é diversão para os dirigentes (Treinador 7).*

C7- O Pais (Ver Tabela 9)

Com esta categoria procurámos saber qual a opinião dos treinadores acerca do papel dos pais na promoção do *fair play*. No fundo, qual o grau de importância conferido pelos técnicos à acção pais no contexto desportivo.

O treinador é da opinião que os pais poderiam ser o pilar base na promoção do *fair play* junto dos seus filhos. Em primeiro lugar porque são os adultos significativos com maior influência e poder sobre os mesmos e em segundo lugar porque dispõem de mais tempo junto dos filhos para realizar essa tarefa.

Contudo, o treinador considera que a maioria dos pais não estão interessados na promoção do *fair play*, mas somente nos interesses individuais dos seus filhos.

*se quisessem podiam ser os primeiros veículos de *fair play*. Podiam conversar em casa com os filhos, fazê-los perceber da importância de terem um bom comportamento em campo (Treinador 7).*

Além disso, manifestam um conjunto de condutas no contexto do jogo, pouco abonatórias à promoção de valores sociais. Insultam os treinadores, os árbitros e considera que muitas vezes até os próprios filhos.

Os pais fartam-se se insultar todos. Os pais insultam os misteres, o árbitro e até os filhos (Treinador 7).

Nessa medida, fica patente a ideia de que este treinador considera que o comportamento dos pais não é potenciador de condutas pró activas.

D- Despromoção do *fair play*

D1- Conduta dos atletas (Ver Tabela 9)

Nesta categoria granjeámos saber qual a intervenção do treinador quando os seus atletas evidenciam condutas anti *fair play*.

No que diz respeito ao uso de palavrões por parte dos atletas, o treinador afirma não prestar atenção ao vocabulário utilizado pelos seus atletas, na medida em que a sua atenção se centra exclusivamente naquilo que afecta o desempenho desportivo dos atletas. Nessa medida, acredita que os seus atletas digam asneiras, todavia, a sua intervenção é nula perante este comportamento, até porque o considera normal em contexto de jogo.

...mas é normal os putos dizerem umas asneiras e a malta nem liga. Não ando a reparar quem diz asneiras ou não, poxa isto é jogo de futebol (Treinador 7).

Em relação a discussões dos atletas com o árbitro, o treinador afirma intervir na medida em que considera que este comportamento poderá vir a ser prejudicial à equipa, pois como refere, os árbitros normalmente não gostam deste tipo de condutas e acabam por expulsar os atletas. Logo, no intuito de prevenir esta situação, o treinador intervém não permitindo qualquer tipo de discussão.

Não quero mesmo que os miúdos discutam com o árbitro (Treinador 7).

E intervenho quando discutem com o árbitro (Treinador 7).

No fundo, ao que parece, o treinador não permite discussões com o árbitro, não por achar esse comportamento moralmente incorrecto, mas por considerar que o mesmo irá prejudicar a equipa, caso algum atleta seja expulso.

No que diz respeito à conduta de enviar a bola para fora quando os adversários se encontram no chão lesionados, o treinador afirma que é da opinião que os seus atletas não devem colocar a bola fora. Afirma mesmo que caso o façam sem a sua autorização que os repreende. Em seu entender esta é uma conduta que muitas vezes encobre a vontade da equipa adversária em perder tempo de jogo.

os meus atletas têm ordens expressas para não colocarem a bola fora

(Treinador 7).

D2 – Relação com os adversários (Ver Tabela 9)

No que diz respeito a esta categoria, procurámos descobrir a opinião que o treinador tem relativamente à forma como interage com os adversários.

Nessa medida, o treinador afirma respeitar as equipas adversárias, começando pelo facto de nunca pedir aos seus atletas que adoptem uma postura agressiva e faltosa em jogo. Na sua opinião esta é uma forma de evidenciar respeito pelo adversário, pois como assevera, devemos respeitar o opositor para que este possa fazer o mesmo por nós.

Acho que devemos respeitar o adversário para que ele nos respeite à gente

(Treinador 7).

D3- Relação com o árbitro (Ver Tabela 9)

Com a análise desta categoria procurámos compreender a percepção que o treinador tem acerca do seu relacionamento com o árbitro durante a partida.

O mesmo considera que discute muitas vezes com o árbitro, como forma de protesto acerca de algumas decisões que lhe parecem incorrectas. Contudo, faz questão de vincar que somente ele discute com o árbitro, pois como não é jogador, não corre o risco de ser expulso.

Quem discute com o árbitro sou eu, eu não jogo (Treinador 7).

Desta forma, o treinador está convicto de que discute muitas vezes com o árbitro. Todavia, considera que é mais tolerante para com os erros do árbitro, e por conseguinte, discute menos as suas decisões, sempre que está a ganhar.

Se estou a ganhar e tudo me corre na boa, sou capaz de não discutir

(Treinador 7).

Todavia, se o resultado é adverso, o treinador considera que a sua atitude perante o árbitro é diametralmente oposta, passando a discutir com frequência as decisões do mesmo.

Assim, concluímos que o factor resultado desportivo, assume um peso elevado na conduta que o treinador assume para com o árbitro da partida, ou seja, quanto mais favorável lhe for o resultado, maior a sua aceitação das decisões do árbitro.

Contudo, importa relevar uma ideia central no discurso do treinador no que diz respeito à sua relação com o árbitro. O mesmo considera que é importante discutir com o juiz, como forma de pressioná-lo e condicionar a sua acção. O treinador acredita que quando o árbitro está muito relaxado em jogo que isso irá prejudicar a sua prestação.

Aliás, às vezes discuto para o árbitro acordar também (Treinador 7).

Acho que eles depois de serem apertados, acordam (Treinador 7).

Assim, concluímos que este treinador considera não estabelecer uma boa relação com o árbitro e que está condicionado pelo factor resultado desportivo.

D4- Vitória Vs fair play (Ver Tabela 9)

Com esta categoria tivemos como objectivo compreender qual a opinião do treinador perante o dilema de vencer respeitando os princípios do *fair play*. Ou seja, se perante a necessidade de ganhar este é apologista da adopção de condutas de batota.

Começámos por concluir que o treinador considera que no futebol o mais importante é vencer, pois dificilmente alguém ascenderá na carreira de não ganhar com regularidade. É por isso que considera que no futebol a preocupação da maioria das pessoas é ganhar jogos e obter títulos, sendo tudo o resto secundário.

...os treinadores querem é ganhar jogos, os jogadores nem todos estão preocupados em ganhar, mas sobretudo em dar nas vistas individualmente (Treinador 7).

...essas filosofias, são bonitas, têm moral, mas depois...para que servem? Temos de ganhar para subir, é como na vida (Treinador 7).

Continua afirmando que no futebol a ascensão na carreira não se faz por se ter um comportamento mais ou menos correcto, mais ou menos educado, mas realiza-se vencendo muitas vezes. Só quem vence pode aspirar a outros patamares.

Alguém chegou ao topo por ser bem educado? (Treinador 7).

É pela necessidade de vencer para progredir na carreira que o treinador não tem pejo em afirmar que por diversas situações promove comportamentos contra o Espírito Desportivo. Revela que em algumas ocasiões incita os seus atletas a perderem tempo, essencialmente quando está a ganhar e o jogo se encaminha para o final.

Não tenho vergonha de dizer que mando os putos porem gelo para perder tempo
(Treinador 7).

Declara também que incentiva os seus atletas a simularem grandes penalidades quando aparece uma ocasião propícia para o fazer. Afirma pedir aos seus atletas para que, dentro da área, ao sentirem um toque, se deixem cair a fim de iludir o árbitro. No fundo, procura tirar partido de uma situação mais confusa.

Também digo que perto da área ao mínimo toque devem cair
(Treinador 7).

No que diz respeito ao comportamento de colocar a bola fora quando um atleta está no solo lesionado, o treinador mostra-se totalmente contra. Em sua opinião o jogo deverá continuar e deve ser o árbitro a parar a partida. Por isso, assevera que os seus atletas têm ordens expressas para só colocarem a bola fora, em caso de receberem indicações suas nesse sentido.

...os meus atletas têm ordens expressas para não colocarem a bola fora
(Treinador 7).

D5- Vocabulário (Ver Tabela 9)

Nesta categoria pretendemos descobrir qual a percepção que o treinador tem do seu vocabulário em campo, bem como, a sua opinião no que diz respeito à utilização de palavrões no futebol.

Concluimos que o treinador considera que em certas ocasiões recorre ao uso de palavrões, sem que, contudo, essa conduta lhe pareça desajustada. Como refere, em muitas situações, diz palavrões no tom de voz tão baixo que os atletas nem escutam.

Digo alguns palavrões, mas nada de grande significado. Às vezes até digo palavrões para mim, para dentro, eles nem ouvem **(Treinador 7).**

O treinador é da opinião que na maioria das vezes em que se utilizam palavrões no futebol, é feito sem maldade e sem intenção de agredir verbalmente outrem. Considera ainda que os palavrões são de uso recorrente no futebol, assumindo-se como uma situação perfeitamente normal no seio do jogo.

As asneiras são algo tão entranhado no futebol que já nem posso reclamar delas
(Treinador 7).

Depois, o treinador assume que o palavrão, dentro do grupo de comportamentos desajustados, acaba por se revelar como o menos negativo. Assim, na sua opinião, é preferível num determinado momento do jogo dizer um palavrão do que agredir um elemento do jogo. No fundo, o treinador encara o palavrão enquanto um elemento catártico, ou até mesmo como um despoletador de motivação em situações em que a equipa se encontra mais apática.

...é melhor dizer uma asneira que bater no árbitro ou em alguém. A asneira é um escape **(Treinador 7).**

Quantas vezes o capitão não diz uma asneira para puxar pela equipa?
(Treinador 7).

Deste modo, concluímos que este treinador não atribui uma conotação negativa ao uso de palavrões, defendendo mesmo o seu uso com diferentes intuitos.

D6- Responsáveis pela despromoção (Ver Tabela 9)

No que diz respeito a esta categoria procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais responsáveis pela despromoção do *fair play*.

Em seu entender, em primeiro lugar convém realçar o papel dos treinadores a este nível, considerando que a condutas dos mesmos nem sempre são as mais correctas. Desde forma, assume que os treinadores têm um papel decisivo a este nível.

...porque não dizer os treinadores? Não somos nenhuns anjos... (Treinador 7).

Posteriormente, releva o papel dos dirigentes, assumindo que os mesmos se assumem como um grupo de peso neste capítulo. Em seu entender, os dirigentes desportivos partilham a ambição como característica comum e muitas vezes as suas pretensões colidem com o Espírito Desportivo.

Os dirigentes são pessoas normalmente muito ambiciosas e só querem resultados rápidos (Treinador 7).

Aborda também a posição dos pais, afirmando que os mesmos só manifestam interesse em tudo aquilo que diga respeito ao desenvolvimento dos seus filhos. Refere que os mesmos manifestam por diversas vezes comportamentos coléricos em contexto de jogo e que isso condiciona o comportamento dos filhos.

Para os pais a equipa é o filho e mais dez. Às vezes estão da bancada só a ofenderem uma pessoa (Treinador 7).

Por fim, faz alusão à conduta dos próprios atletas, pois em seu entender estes são muitas vezes justificados pelo facto de serem ainda crianças. Contudo, o treinador considera que isso não poderá servir de desculpa, pois mesmo as crianças têm uma noção do que é um bom e mau comportamento. Logo, também deverão ser responsabilizadas pelos seus actos.

...os jogadores também têm culpa, São miúdos mas sabem bem o que é bom e mau

(Treinador 7).

Neste sentido, verificamos que para este treinador todos os intervenientes na prática desportiva têm a sua quota de responsabilidade na despromoção do *fair play*.

Resumo da entrevista do treinador 7

O treinador afirma que na altura a sua principal motivação era poder estar sentado no banco, enquanto comandante de uma equipa, visto ter sido jogador de futebol. Contudo, actualmente deixa patente o enorme desejo em poder trabalhar num futuro próximo num patamar de exigência superior àquele que tem neste momento.

No que diz respeito aos objectivos no treino com jovens, refere que em primeiro lugar é necessário eliminar alguns “tiques de vedetismo” presentes nos mesmos e posteriormente o desenvolvimento da vertente táctica do jogo.

Em relação às diferenças entre o treino de jovens e de adultos concluímos que o treinador considera existirem diferenças significativas entre estas duas realidades.

No que concerne ao *fair play*, podemos inferir que o mesmo não atribui grande relevância, ao invés, chega mesmo a afirmar que este é apenas um modo de os batoteiros poderem prevaricar. Por isso, considera que a melhor forma de abordar este tema com as crianças é promovendo conversas e debates.

Apesar de não atribuir importância ao *fair play*, assegura que às vezes o promove através de palestras ministradas aos atletas.

Em relação ao papel dos pais, o treinador é da opinião que os mesmos poderiam ser o pilar base na promoção do *fair play* junto dos seus filhos, o que no entanto não se verifica.

Quando instado sobre os principais responsáveis pela despromoção do *fair play* elenca alguns intervenientes nomeadamente, os treinadores, os dirigentes e os pais.

4.2.8. Análise de conteúdos da entrevista do Treinador 8

A Análise de conteúdo das entrevistas foi feita com base num Sistema de Categorias com 4 categorias principais e 18 subcategorias. Abaixo, apresenta-se um quadro com os valores obtidos em cada categoria.

Tabela 10 - Sistema de categorização da entrevista do Treinador 8

Nudos Pais	Motivações e Aspirações	Treino de Jovens	Promoção do Fair Play (FP)	Despromoção do Fair Play
Nudos Filhos	1-Início de carreira 1,73%	1-Finalidades e Objectivos 2,53%	1-Conceito de Fair Play 0,74%	1-Conduta dos atletas 9,21%
			2-Importância Atribuída FP 2,61%	2-Relação com os adversários 0,35%
			3-Medidas para promover o FP 1,01%	3-Relação com o árbitro 2,99%
	4-Como promove o FP 1,09%		4-Vitória vs Fair Play 11,49%	
	2-Motivações actuais 1,48%	2-Treino de Jovens vs Treino de Adultos 3,27%	5-O árbitro 0,92%	5- Vocabulário 1,98%
			6-O Dirigente 1,08%	
	3- Motivações Futuras 2,13%		7- Os Pais 1,11%	6- Responsáveis 2,22%

A-Motivações e Aspirações

Com esta categoria procurámos conhecer as motivações que levaram o treinador a iniciar a sua carreira no futebol, bem como as motivações actuais para continuar na mesma.

Contudo, tentámos ainda conhecer os seus principais objectivos para o futuro, enquanto treinador de futebol.

A1- Início da Carreira (Ver Tabela 10)

A análise desta dimensão permite-nos verificar que este treinador apresenta um passado enquanto jogador de futebol e que este parece ter tido influência na sua escolha pela carreira de treinador.

Afirma que as suas principais motivações para ter iniciado esta carreira foram o facto de poder trabalhar com jovens, tendo a possibilidade de ensinar aos mesmos tudo quanto aprendeu enquanto jogador de futebol.

...poder ensinar aos outros aquilo que aprendi como jogador de futebol

(Treinador8).

...aquilo que mais me motivou foi a possibilidade de poder ensinar as crianças a jogar futebol **(Treinador 8).**

A2- Motivações Actuais (Ver Tabela 10)

No que diz respeito a esta categoria, fica claro que este treinador sempre teve o objectivo de poder treinar ao mais alto nível, num projecto mais ambicioso que lhe permitisse outra visibilidade.

A determinada altura na minha carreira como treinador achei que poderia chegar mais longe **(Treinador 8).**

Cheguei a considerar a hipótese de ser treinador profissional **(Treinador 8).**

No entanto, e apesar do treinador considerar que já começa a ser tarde para atingir esse objectivo, continua a perseguir o mesmo, considerando que, num futuro próximo poderá cumpri-lo.

Agora acho que começa a ser muito difícil isso acontecer **(Treinador 8)**

...continuo a achar que poderei chegar mais longe, do que treinar apenas uma equipa de iniciados **(Treinador 8).**

Todavia, actualmente o treinador continua a evidenciar uma elevada motivação para treinar jovens, tal como no início da sua carreira de treinador. Ou seja, treinar jovens, ainda continua a ser motivador e desafiante para si.

...continuo motivado para trabalhar com os escalões mais baixos (Treinador 8).

A3-Aspirações Futuras (Ver Tabela 10)

Analisando esta categoria verificamos que a mesma estabelece uma relação com as anteriores, ou seja, as aspirações actuais do treinador estão estritamente relacionadas com as ambições futuras.

Assim, verificamos que este treinador tem como propósitos futuros poder assumir um projecto com uma natureza mais aliciante que se assuma como um verdadeiro desafio na sua carreira. Deste modo, deseja treinar uma equipa de seniores numa divisão nacional.

Eu gostava de treinar uma equipa de seniores numa divisão superior (Treinador 8).

Contudo, além de ambicionar treinar uma equipa sénior noutra divisão, também não descarta a oportunidade de poder treinar uma equipa de formação, todavia, numa divisão superior.

...não me importava de treinar miúdos, mas noutra clube, com outra dimensão, com outros objectivos, em divisões superiores (Treinador 8).

Desta forma verificamos que o principal objectivo futuro deste treinador passa pelo seu ensejo em treinar a um nível superior àquele que faz neste momento, independentemente de o fazer numa equipa sénior ou numa equipa de formação. Existe uma vontade expressa de poder abraçar um desafio que implique maiores responsabilidades.

Verifica-se mesmo um certo desalento por parte do treinador ao pensar que poderá acabar a sua carreira a treinar ao mesmo nível do que quando a iniciou.

Não queria acabar a minha carreira a treinar equipas de distrital (Treinador 8).

B- Treino de Jovens

Nesta dimensão procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais objectivos quando se treina com jovens atletas, bem como se pensa que deve existir diferença entre o treino de jovens e o treino de adultos.

B1- Finalidades e Objectivos (Ver Tabela 10)

No que diz respeito aos principais objectivos a atingir no treino com jovens atletas este treinador afirma que a sua principal missão é fazer dos seus desportistas melhores jogadores de futebol, devendo para isso desenvolver nos mesmos um conjunto de competências. Assume, mesmo que o seu papel enquanto treinador é ensinar a jogar futebol.

...meu principal objectivo é fazer dos meus atletas melhores jogadores

(Treinador 8).

...cada um tem o seu papel, e o meu é ensinar a jogar futebol (Treinador 8).

No que diz respeito às principais competências a serem desenvolvidas nos seus atletas, o treinador coloca a tónica nas dimensões, técnica, tática, física e psicológica, como potenciadoras do rendimento dos seus atletas. Por isso, atribui uma grande relevância às mesmas no contexto do seu treino.

...penso que é muito importante treinar bem, treinar as questões da técnica, da tática, parte física, parte psicológica (Treinador 8).

Todavia, na hora de hierarquizar todas estas competências, o treinador não evidencia receio ao afirmar que atribui mais significado às dimensões tática e física, pois na sua opinião estas são os pilares bases para o desenvolvimento de bons futebolistas.

...se tivesse de escolher um ou dois deles, eu escolheria a parte tática e a parte física.
(Treinador 8).

...a parte tática e a parte física são para mim muito importantes, e são a base de tudo no futebol **(Treinador 8).**

B2-Treino de Jovens Vs Treino de Adultos (Ver Tabela 10)

Em relação a esta categoria o treinador considera que existem diferenças significativas entre o treino de jovens e o treino de adultos.

Na sua opinião, estes dois grupos carecem de treinos diferenciados, na medida em que os atletas se encontram em patamares de desenvolvimento diferentes.

Na sua opinião, os jovens encontram-se num patamar básico onde existe a necessidade de ensinar praticamente tudo.

Treinar miúdos é diferente de treinar seniores, porque os miúdos ainda estão a aprender as primeiras coisas **(Treinador 8).**

Ou seja, estes carecem de um trabalho de base com o objectivo claro de desenvolver as aptidões necessárias para jogar futebol. Na sua opinião, os mais jovens necessitam de saber realizar as acções técnicas de base, nomeadamente o passe, recepção, remate entre outros, enquanto os seniores já dominam esse conjunto de técnicas e somente necessitam de aperfeiçoá-las. Em seu entender, um sénior que não domine estas competências não poderá jogar a esse nível.

Logo o trabalho a desenvolver com os seniores dever-se-á centrar no domínio tático, pois os requisitos técnicos já deverão estar aprendidos. Refere também a importância de se trabalhar o lado psicológico, na medida em que estes atletas são todos adultos.

O trabalho feito com os seniores é essencialmente o trabalho tático...

(Treinador 8).

Também temos de trabalhar muito o lado psicológico deles, pois já são homens

(Treinador 8)

Em jeito de conclusão, fica patente que o treinador considera que com os mais jovens deve-se dar relevância ao desenvolvimento dos aspectos técnicos que lhes permitam jogar, ao passo que com os seniores o trabalho deverá ir ao encontro dos aspectos táticos e psicológicos.

C – Promoção do *fair play*

C1 – O Conceito de *fair play* (Ver Tabela 10)

Com esta dimensão procurámos conhecer a concepção do treinador acerca do conceito de *fair play*, ou seja, a forma como este o define.

Assim, verificamos que este treinador reconhece e identifica alguns dos comportamentos associados ao *fair play*, nomeadamente: respeitar os árbitros, os adversários, respeitar o público. À partida parece positivo o facto de este treinador evidenciar algum conhecimento conceptual, todavia, como pudemos verificar, esse conhecimento não estabelece relação com a importância dada ao mesmo. Nessa medida, o treinador opina que no seu entender o *fair play* é na maioria das vezes uma artimanha.

Significa que em muitas ocasiões, os principais prevaricadores aproveitam o *fair play* em seu benefício, tirando daí vantagem. Por isso, o treinador considera-o desnecessário, pois não vê benefícios decorrentes da sua aplicação.

O fair play às vezes é uma grande treta... (Treinador 8).

...há muitas equipas que se aproveitam do Fair play para ganharem jogos

(Treinador 8).

C2 – Importância atribuída ao *fair play* (Ver Tabela 10)

Com esta categoria procurámos conhecer o nível de importância atribuída pelo treinador ao *fair play*, no contexto do futebol.

Concluímos que este treinador atribui uma importância relativa a este conceito, na medida em que exprime um conjunto de opiniões nesse sentido.

O treinador acredita que, em nome do *fair play*, a sua equipa não pode tornar-se tão educada e delicada que possa colocar em causa a vitória desportiva, pois está convicto que a maioria dos adversários se aproveita do *fair play* para tirar partido disso.

*...não podemos ser anjinhos e deixar que o adversário nos engane por causa do *fair play* (Treinador 8).*

Há equipas que se mandam para o chão quando o jogo está a acabar para perder tempo e depois querem que mandemos a bola para fora (Treinador 8).

Por esse motivo, assegura que fomenta o *fair play* na sua equipa, quando vê por parte do adversário uma opção semelhante. Caso contrário assume a mesma postura do adversário. No fundo, este treinador comporta-se de acordo com a atitude evidenciada pelo seu oponente. Se este manifesta *fair play* ele manifestará também.

*...A questão é esta, se os outros tiverem *fair play*, também tenho, se vejo que os outros não têm *fair play*, então também não tenho para não ser prejudicado*

(Treinador 8).

Desta forma, concluímos que a importância dada ao *fair play* pela parte deste treinador é relativa.

C3 – Medidas para promover o *fair play* (Ver Tabela 10)

Com a abordagem desta categoria procurámos compreender quais as medidas que, na opinião deste treinador, podem ser tomadas no intuito de promover o *fair play*.

Como primeira conclusão, destacamos o facto de o treinador considerar que se torna extremamente difícil a promoção do *fair play*, na medida em que muitas vezes esta promoção é oponente à necessidade de vencer. Assim, o treinador refere a dificuldade em fomentar o *fair play*.

*Às vezes é muito difícil o treinador promover o *fair play* (Treinador 8).*

No que diz respeito às medidas a implementar no intuito de fomentar o *fair play* o treinador refere essencialmente o uso da palavra. Na sua opinião, o treinador deverá falar com os seus atletas explicando quais os comportamentos que deverão adoptar, bem como os benefícios de se jogar com *fair play*.

*...o treinador pode promover o *Fair play* explicando aos jogadores o que é o *fair play* (Treinador 8).*

Assim, assevera que deverá ser feita uma palestra no início da época a fim de se falar acerca do *fair play*. No fundo, concluímos que este treinador considera que a principal veículo para o fomento do *fair play* é a palavra, pois é através desta que o treinador deverá convencer os seus atletas.

...olhe, fazendo uma palestra no início de época falando um pouco disso

(Treinador 8).

...a melhor maneira é mesmo falar com eles (Treinador 8).

C4 – Como promove o *fair play* (Ver Tabela 10)

Através da análise desta conduta procurámos conhecer de que forma este treinador considera fomentar o *fair play*, ou seja, quais as condutas mais evidentes no seu comportamento que visam favorecer a adopção de condutas pró activas.

Verificamos desta forma que este treinador não promove o *fair play*, sendo que o mesmo não evidencia relutância em afirmar isso mesmo. O treinador reconhece que a sua preocupação relativamente à promoção do *fair play* é diminuta, ou mesmo nula, por considerar que o tempo de que dispõe deverá ser utilizado para aprendizagens mais ligadas ao futebol.

Confesso que falo pouco de fair play (Treinador 8).

O treinador afirma, ainda, que não revela preocupações em cativar os seus atletas a adoptarem condutas condizentes com o Espírito Desportivo, mas que enaltece os mesmos caso procurem comportar-se correctamente. Na verdade, constatamos que este treinador não revela qualquer preocupação em veicular condutas pró activas nos seus atletas e se eventualmente estas se derem, são da exclusiva responsabilidade dos atletas.

...se os miúdos tiverem um bom comportamento, tudo bem, óptimo, mas perder tempo com essas coisas não o faço... (Treinador 8).

O treinador acredita que os seus jogadores já sabem como deverão comportar-se e, como tal, não existe necessidade do mesmo perder tempo com esta questão. Ou seja, o mesmo assume, à partida, que o bom comportamento já foi aprendido pelos seus atletas e que por isso não exigirá um reforço da sua parte.

...não precisamos de treinar isso, porque eles já sabem que se devem comportar bem (Treinador 8).

Concluimos desta forma que este treinador não manifesta qualquer preocupação em promover o *fair play*, na medida em que não patenteia qualquer tipo de comportamento que vá ao encontro disso. Este treinador considera que o bom comportamento é algo inato nos seus atletas.

C5- O árbitro (Ver Tabela 10)

Com esta categoria tivemos como objectivo conhecer a opinião do treinador relativamente à forma como o árbitro da partida pode ou não promover o *fair play*, permitindo-nos tirar algumas conclusões.

Concluimos que este treinador apresenta uma má opinião relativamente ao papel do árbitro no que diz respeito ao *fair play*.

Não se coíbe de afirmar que muitas das alterações que existem durante os jogos de futebol se devem à forma como o árbitro os dirige, pois como afirma, os árbitros são muitas vezes irredutíveis em relação às suas decisões.

...a conduta dos árbitros é também muito negativa e muitas vezes (Treinador 8).

O treinador não tem dúvidas de que se o árbitro adoptasse uma conduta diferente durante as partidas que muitas vezes se poderia evitar determinados conflitos no jogo. No fundo, o treinador considera que o árbitro assume por diversas vezes uma postura ativa e egocêntrica.

...muitas vezes essas discussões deriva do árbitro se comportar mal (Treinador 8).

Os árbitros acham-se os donos da bola... (Treinador 8).

Concluimos que o treinador em questão não tem uma boa imagem do árbitro de futebol, considerando-o muitas vezes como um entrave ao normal desenvolvimento do jogo por pretender assumir demasiado protagonismo.

C6- O Dirigente Desportivo (Ver Tabela 10)

Com esta categoria procurámos conhecer a opinião que os treinadores têm acerca dos dirigentes na promoção do *fair play*. No fundo, pretendemos saber se os treinadores consideram que os dirigentes podem condicionar a conduta do treinador com vista ao fomento do *fair play*.

O treinador é da opinião que os dirigentes desportivos têm uma grande influência nos clubes desportivos na medida em que são estes os responsáveis por dirigir os mesmos. Dessa forma, pelo estatuto que têm e pelo poder de que dispõe, podem condicionar a conduta do treinador que pretender promover o *fair play*.

...se um treinador estiver muito interessado em promover o Fair play, pode ser condicionado pelos dirigentes (Treinador 8).

Assim, se um treinador pretende ter alguma continuidade a nível do seu clube deverá ir ao encontro daquilo que forem as orientações definidas pelos dirigentes, pois caso contrário arriscar-se-á a ser despedido.

...se o treinador não respeita aquilo que os dirigentes querem, então têm poucas hipóteses de ter sucesso (Treinador 8).

Concluímos com a ideia de que este treinador considera que os dirigentes desportivos poderão assumir-se como obstáculos à promoção do *fair play*. Todavia, pela análise da conduta anterior, não deixa de ser verdade que este treinador refere atribuir pouca importância ao *fair play*.

C7- O Pais (Ver Tabela 10)

Com esta categoria procurámos saber qual a opinião dos treinadores acerca do papel dos pais na promoção do *fair play*. No fundo, qual o grau de importância conferido pelos técnicos à acção dos pais no contexto desportivo.

O treinador é da opinião de que os pais dos seus atletas estão pouco importados com a promoção do *fair play*, na medida em que os seus interesses vão noutro sentido. Logo, os valores subjacentes ao Espírito Desportivo são, na opinião do treinador, pouco relevantes para os pais dos atletas.

os pais estão poucos preocupados com essas coisas do fair play (Treinador 8).

Na opinião do treinador, as preocupações dos pais centram-se no rendimento desportivo dos seus filhos. Aquilo que verdadeiramente interessa aos pais é saber o tempo e os golos que os filhos marcam, sendo tudo o resto supérfluo. Os pais pretendem apenas conhecer aquilo que implica no rendimento futebolístico dos seus filhos, descurando tudo aquilo que lhes pareça secundário.

Os pais estão interessados em saber se os filhos jogam (Treinador 8).

O treinador afiança que para os pais entre o filho jogar bem e ter uma conduta correcta, estes escolhem a primeira opção. Ou seja, os pais toleram com mais facilidade uma atitude incorrecta dos seus filhos para com qualquer interveniente no jogo, do que uma má prestação desportiva.

Se um miúdo marcar dois golos e passar o jogo todo a insultar o árbitro, os pais estão-se nas tintas (Treinador 8).

Logo, a opinião global do treinador relativamente à acção dos pais na promoção do *fair play* é negativa, visto este considerar que os pais estão essencialmente preocupados com o rendimento desportivo.

D- Despromoção do *fair play*

D1- Conduta dos atletas (Ver Tabela 10)

Nesta categoria granjeámos saber qual a intervenção do treinador quando os seus atletas evidenciam condutas anti *fair play*.

Permite-nos perceber que este treinador não só é permissivo perante condutas anti *fair play* manifestadas pelos seus atletas, como muitas vezes ele mesmo fomenta esses comportamentos.

Assim, no que diz respeito ao uso de palavrões por parte dos atletas, o treinador assegura que não intervém, pois não considera esse comportamento desajustado no contexto do jogo de futebol. Além disso, afirma que ele mesmo diz palavrões e como tal não se afigurava correcto repreender aquilo que ele mesmo faz. Logo, o uso de palavrões por parte dos seus atletas é um comportamento tido como normal.

...acho normalíssimo que os miúdos digam asneiras... (Treinador 8).

...Se eu próprio as digo, não vejo o mal (Treinador 8).

No que diz respeito à relação a estabelecer com o árbitro o treinador afirma que não permite discussões com o mesmo visto este comportamento prejudicar a equipa. Na sua opinião, um atleta que se insurja contra o árbitro corre o risco de ser expulso, prejudicando a sua equipa. Neste contexto, o treinador diz interferir.

Agora, quando desrespeitam o árbitro tento acalmá-los, até porque dessa forma prejudicam a equipa (Treinador 8).

O treinador afirma ainda ser conivente com um conjunto de comportamentos anti *fair play*, quando estes contribuem para a obtenção de um bom resultado desportivo. Assim, afirma estar de acordo com a acção de um atleta que simule uma grande penalidade, pois em sua opinião cabe ao árbitro analisar o lance e decidir da melhor forma.

Confirma também a sua anuência quando um atleta finge estar lesionado com o firme propósito de fazer perder tempo, pois considera esta acção com uma tática do jogo. Em seu entender, tudo é viável e admissível, quando é necessário vencer

...perder tempo, simular lesão, enganar num penalty, tudo é legítimo para vencer

(Treinador 8)

...isto até deve ser ensinado aos miúdos como uma tática importante em momentos decisivos do jogo (Treinador 8).

O único comportamento que na opinião do treinador deve ser rejeitado é a agressão aos adversários. No seu entender, tudo é possível para ganhar, todavia, repudia comportamentos violentos para com os adversários.

D2 – Relação com os adversários (Ver Tabela 10)

No que diz respeito a esta categoria, procurámos descobrir a opinião que o treinador tem relativamente à forma como interage com os adversários.

A análise das categorias anteriores permite-nos concluir que o treinador não manifesta grande apreço pelo adversário, na medida em que considera lícito recorrer a todo o tipo de comportamentos ilegítimos para vencer. Esta postura mais não é do que um desrespeito pelos adversários, na medida em que revela uma tentativa de enganar os mesmos. Contudo, não poderemos deixar de destacar que este treinador considera incorrecto qualquer tipo de tentativa de agressão por parte dos seus atletas. Em sua opinião este é um comportamento condenável.

...se me perguntar se agredir um adversário se justifica, digo que não, isso não tolero... (Treinador 8).

D3- Relação com o árbitro (Ver Tabela 10)

Com a análise desta categoria procurámos compreender a percepção que o treinador tem acerca do seu relacionamento com o árbitro durante a partida.

Deste modo, concluímos que o treinador considera que durante o jogo discute por diversas ocasiões, as decisões do árbitro. O treinador refere que não consegue passar um jogo sem discutir as decisões do árbitro, sobretudo, quando estas lhe parecem erradas.

O treinador refere que muitas vezes se torna impossível não discutir com o mesmo, porque em diversas ocasiões, os erros dos árbitros roçam o ridículo e por isso o treinador acha-se no direito de discutir essas decisões.

...passo o jogo todo a discutir com o árbitro (Treinador 8).
...muitas vezes os árbitros obrigam-nos a discutir com eles (Treinador 8).

Contudo, gostaríamos de destacar o facto de o treinador considerar que apesar de discutir com o árbitro, sabe que esse comportamento é desajustado.

É um comportamento que sei que não é bom (Treinador 8).

Outro dado curioso aportado pelo treinador é o facto de considerar que se torna mais fácil desculpar um erro do árbitro quando a equipa está a vencer, pois desta forma este equívoco será menos penalizante. Daqui, podemos concluir que o factor resultado desportivo tem um peso enorme no comportamento a adoptar por parte do treinador.

D4- Vitória Vs fair play (Ver Tabela 10)

Com esta categoria tivemos como objectivo compreender qual a opinião do treinador perante o dilema de vencer respeitando os princípios do *fair play*. Ou seja, se perante a necessidade de ganhar este é apologista da adopção de condutas de batota.

Assim, começamos por verificar que a importância dada ao *fair play* está dependente deste não se assumir como um entrave à obtenção da vitória. O treinador considera que em primeiro lugar o mais importante é procurar vencer e se, for possível conciliar esse resultado com o *fair play*, tanto melhor. Caso contrário, em sua opinião, os atletas devem abstrair-se de tudo em prol da necessidade de vencer.

...é preciso ganhar jogos para atingir objectivos e isso vai contra o fair play
(Treinador 8)
...é importante os atletas perceberem quando podem ter fair play e quando devem esquecer o fair play (Treinador 8).

Por tudo isto, considera que o mais importante é procurar vencer a todo o custo, pois quem quer ser reconhecido no futebol, terá de vencer muitas vezes. Assevera que não será por se ter mais ou menos *fair play* que se será bem-sucedido no Futebol, mas somente vencendo com elevada frequência.

...Oiça, ninguém se vai lembrar de mim, por ter uma equipa com muito fair play se perder muitas vezes (Treinador 8).

...todos andamos ao mesmo, à procura da vitória e para isso o mais importante é pensar nas coisas do jogo (Treinador 8).

Por isso, considera lícita toda a conduta que seja potenciadora da consecução da vitória, na medida em que esta é o mais importante no futebol. Logo, é apologista de comportamento como, perder tempo, simular grandes penalidades e lesões, entre outros.

...se para vencer tiver que me mandar para o chão lesionado, se tiver de agarrar um adversário, se tiver de queimar tempo, tudo isso é para mim tolerável.

Assim, podemos concluir que para este treinador o mais importante é vencer, independentemente dos métodos utilizados para esse fim.

D5- Vocabulário (Ver Tabela 10)

Nesta categoria pretendemos descobrir qual a percepção que o treinador tem do seu vocabulário em campo, bem como, a sua opinião no que diz respeito à utilização de palavrões no futebol.

Verificamos que na opinião deste treinador, o uso de palavrões no futebol é uma situação natural e inerente ao próprio contexto, sendo que por isso, não reconhece nesse comportamento qualquer tipo de obstáculo à promoção do *fair play*.

...as asneiras é o vernáculo do futebol e quem não as queira ouvir que feche os ouvidos (Treinador 8).

Em relação ao uso deste vocabulário por parte das crianças, considera ser normal sendo que por isso não intervém, pois considera que as crianças estão habituadas a escutar este tipo de palavras por parte dos pais. Além disso, revela também que o seu comportamento não é um exemplo para os seus atletas.

...ouvem os pais dizer e sou eu que vou obrigá-los a não dizer? (Treinador 8).

Assim, concluímos que para este treinador, o uso de palavrões no futebol se assume como uma conduta perfeitamente normal.

D6- Responsáveis pela despromoção (Ver Tabela 10)

No que diz respeito a esta categoria procurámos saber a opinião do treinador acerca dos principais responsáveis pela despromoção do *fair play*.

O treinador começa por referir que na sua opinião os principais responsáveis pela falta de *fair play* no Futebol são os adeptos, através do seu comportamento na bancada. De entre os diferentes adeptos, destaca o papel dos pais que no seu parecer, em vez de incentivarem as acções dos seus filhos, preferem passar o jogo a insultar os restantes intervenientes. Em seu entender o espectáculo desportivo e consequentemente os desempenhos dos atletas sairiam favorecidos caso aos pais fosse vedado o acesso aos jogos.

Olhe se fosse eu a mandar acabavam-se jogos com os pais a ver. Porque os pais em vez de incentivarem os miúdos, passam o jogo a dizer porcaria (Treinador 8).

Por fim, salienta o árbitro como um dos elementos que mais descredibiliza o *fair play*. Em seu entender os árbitros na maioria das vezes, mais do que ajudar ao normal desenrolar da partida, acabam por complicar o que é fácil.

Os árbitros porque na maioria das vezes, em vez de ajudarem só complicam (Treinador 8).

Concluímos desta forma que pais e árbitros são, na opinião deste treinador, os principais responsáveis pela despromoção do *fair play*

Resumo da entrevista do treinador 8

Este treinador apresenta um passado enquanto jogador de futebol que parece ter tido influência na sua escolha pela carreira de treinador: Todavia, é ambicioso e tem como propósitos futuros poder assumir um projecto com uma natureza mais aliciante que se assuma como um verdadeiro desafio na sua carreira.

Em relação aos objectivos no treino com jovens, afirma que a sua principal missão é fazer dos seus desportistas melhores jogadores de futebol.

É da opinião que jovens atletas e adultos carecem de treinos diferenciados, na medida em que os atletas se encontram em patamares de desenvolvimento diferentes.

No que concerne ao *fair play*, este treinador atribui uma importância relativa a este conceito, pois treinador acredita que, em nome do *fair play*, a sua equipa não pode tornar-se tão educada e delicada que possa colocar em causa a vitória desportiva. Por isso, considera ser extremamente difícil para o treinador a promoção do *fair play*.

Não será por isso de estranhar que este treinador não promova o *fair play*, sendo que o mesmo não evidencia relutância em afirmar isso.

Em relação ao papel dos pais, o treinador é da opinião de que estes estão pouco importados com a promoção do *fair play*, na medida em que os seus interesses vão noutro sentido, ou seja, na performance desportiva dos seus filhos.

Quando instado sobre os principais responsáveis pela falta de *fair play* no futebol refere que pais e árbitros são os principais responsáveis.

4.2.9. Análise de conteúdos das entrevistas

Análise conjunta entre treinadores licenciados e não licenciados em Educação Física

A –Motivações e Aspirações

Em relação a esta dimensão concluímos que os treinadores licenciados em Educação física (**TLEF**) tiveram como principais motivações para iniciarem a sua carreira de treinadores de futebol o facto de terem praticado esta modalidade nos escalões de formação e ainda o seu desejo de poderem trabalhar com jovens atletas.

Comecei a jogar no bairro com as outras crianças e era algo que me dava muito gozo
(Treinador 1).

Eram as minhas grandes motivações, trabalhar com crianças e no desporto que sempre ameí (**Treinador 2**).

Verificamos que as motivações para iniciar a carreira, dos treinadores não licenciados em Educação Física (**TNLEF**) são muito semelhantes às dos **TLEF**, na medida em que também os **TNLEF** revelam como principais causas o facto de terem sido ex-praticantes da modalidade e por esse motivo desejarem ensinar tudo aquilo que aprenderam. Também a vontade de trabalhar com jovens esteve na origem deste comportamento.

Quando acabei a carreira, sempre tive o sonho de ser treinador de futebol
(Treinador 5).
...aquilo que mais me motivou foi a possibilidade de poder ensinar as crianças a jogar futebol (**Treinador 8**).

Concluímos que as motivações de ambos os grupos são semelhantes.

Em relação às aspirações futuras enquanto treinadores de futebol os **TLEF** revelam pretender atingir o topo da carreira, treinando seniores numa equipa profissional de futebol. No fundo, desejam tornar-se profissionais desta modalidade.

Acredito que nestes anos todos já reuni competências para poder treinar ao mais alto nível (Treinador 2).

As minhas aspirações são ser treinador profissional de futebol (Treinador 4).

No que diz respeito às ambições futuras dos **TNLEF**, concluímos que a grande maioria deseja treinar num patamar mais elevado que não terá necessariamente de passar pelo treino de alto rendimento, mas pelo abraçar de um projecto com seniores ou com escalões de formação num clube de outra dimensão.

Concluimos, desta forma, que os **TLEF** apresentam expectativas mais elevadas de carreira quando comparados com os **TNLEF**.

B- Treino de Jovens

Em relação a esta dimensão podemos concluir que na opinião dos **TLEF** os principais objectivos no treino com jovens atletas deverão centrar-se no fomento de hábitos e estilos de vida activos, estimulando o gosto pela prática desportiva.

Referem, ainda, a necessidade de se olhar mais para o desenvolvimento dos atletas, em detrimento da formação de equipas que normalmente está associada ao desejo de vencer.

...em primeiro lugar proporcionar uma prática desportiva de qualidade às crianças (Treinador 3).

...devemos pôr um pouco de lado o querer ganhar a todo o custo e pensar mais no desenvolvimento dos atletas (Treinador 4).

No que diz respeito aos **TNLEF** verificamos que a grande maioria pensa que o principal objectivo a cumprir com os jovens atletas é ensiná-los a jogar futebol, ajudando no desenvolvimento das dimensões técnica e táctica. Por isso, referem ainda a necessidade de mostrar-lhes desde cedo a importância de se fazer parte de um grupo.

...cada um tem o seu papel, e o meu é ensinar a jogar futebol (Treinador 8).

*É preciso em primeiro lugar tirar-lhes logo a mania de ser estrelas, de serem vedetas...
(Treinador 7).*

Em relação às principais diferenças entre o treino de jovens e o treino de adultos, os **TLEF** consideram que com os mais jovens trabalhamos para potenciar as suas capacidades para que um dia possam vir a ser profissionais de futebol, enquanto com os seniores procuramos com a qualidade desses atletas tirar o máximo partido para a equipa, procurando a obtenção de vitórias e títulos.

...com os mais jovens trabalhamos as bases para o futuro, Nos seniores aproveitamos essas bases e potenciamo-las (Treinador 4).

Outro objectivo do treino de jovens é fazer atletas, nos seniores e tirar o máximo partido desse atleta (Treinador 1).

Na opinião dos **TNLEF** a grande diferença entre o treino de jovens e o treino de adultos reside no facto de as crianças se assumirem como uma tábua rasa, sem quaisquer tipo de aprendizagens, enquanto com os seniores, só há a necessidade de potenciar essas mesmas capacidades, pois já estão aprendidas.

Referem que com os mais jovens as cargas físicas deverão ser mais reduzidas quando comparadas com as dos adultos, devendo-se também investir mais no treino da técnica.

Concluimos que os **TLEF** dão mais relevância a aprendizagens relacionadas com o dia-a-dia dos jovens e que os **TNLEF** se preocupam mais com o desenvolvimento dos atletas.

C – Promoção do Fair play

Em relação a esta dimensão começamos por concluir que os **TLEF** revelam conhecimentos sólidos relativamente ao conceito de *fair play*, apresentando diversos exemplos de condutas associadas ao mesmo.

Ter um bom comportamento dentro do campo e fora dele (Treinador 3).

Revela-se, ainda, que os **TLEF** dão importância ao *fair play* no contexto desportivo, nomeando-o como um elemento chave para o bom desenvolvimento da prática desportiva.

*Então faz algum sentido jogar sem respeitar as regras e os outros?
(Treinador 2).*

Os **TNLEF** manifestam alguma dificuldade em definir comportamentos associados ao *fair play*, evidenciando uma limitação de natureza conceptual. Todavia, importa destacar que a grande maioria acredita que o *fair play* é um conceito positivo, todavia utópico, na medida em que na hora de assumir essas condutas, os treinadores mostram-se relutantes. Em seu entender, muitas equipas aproveitam-se do *fair play* para levar a cabo um conjunto de condutas pouco abonatórias.

O fair play é uma coisa bonita no desporto, mas não é fácil ter fair play, pois todos queremos ganhar e às vezes se temos fair play a mais podemos perder jogos

(Treinador 5).

...há muitas equipas que se aproveitam do fair play para ganharem jogos

(Treinador 8).

Relativamente às medidas a empreender no intuito de fomentar o *fair play* os **TLEF** são unânimes ao considerarem o “exemplo”, como a melhor forma de incentivar as crianças a adoptarem um bom comportamento. No fundo, TLEF, consideram que o seu

comportamento deverá assumir-se como uma exemplo passível de ser reproduzido pelas crianças.

Não posso dizer aos miúdos para terem um bom comportamento e depois eu mostrar o contrário (Treinador 4).

Quando instados sobre a forma como promovem o *fair play*, os treinadores referem um conjunto de condutas que adoptam. Em primeiro lugar, assumindo-se, através do seu comportamento, como um exemplo a seguir pelos atletas. Depois, intervindo em situações em que os atletas se envolvem em discussões, tanto com o árbitro, como com os restantes intervenientes no cenário desportivo.

...se o atleta vai falar com o árbitro, devo repreende-lo, e dizer-lhe que aceite as decisões do árbitros (Treinador 1).

No entender dos **TNLEF** a melhor forma de promover o *fair play* junto dos atletas é através do fomento de palestras onde o treinador deverá falar acerca dos benefícios de se jogar respeitando os princípios do *fair play*. Assim, os **TNLEF** preconizam o fomento do *fair play* através do uso da palavra.

todos aqueles que estão interessados em promover o fair play, devem dizê-lo aos miúdos, falar com eles... (Treinador 8).

...o treinador pode promover o fair play explicando aos jogadores o que é o fair play (Treinador 8).

Quando questionados sobre a forma como promovem o *fair play* no seu dia-a-dia, os **TNLEF** verificamos que não existe uma coerência entre todos. Metade da amostra refere que não promove o *fair play*, na medida em que não vê nisso qualquer tipo de benefícios. A outra metade, refere que promove o *fair play* através de conversas tidas com os atletas.

...podia mentir-lhe e dizer-lhe que sim, que promovia muito o fair play, que fazia o diabo a quatro, mas não (Treinador 6).

De vez em quando numa palestra vou dizendo para jogarem sem dar porrada, para respeitarem o árbitro (Treinador 7).

Em relação ao papel dos árbitros na promoção do Fair play, os **TLEF** consideram que nem sempre os juízes contribuem de forma positiva neste capítulo. Referem que em diversas situações os árbitros revelam pouca motivação para arbitrar jogos, revelando ainda um papel muito punitivo e pouco pedagógico perante o erro das crianças.

Fazem, ainda, referência à má formação e consequentemente qualidade dos árbitros de futebol.

Árbitros de má qualidade que às vezes parecem que nem gostam de apitar (Treinador 3).

A opinião dos **TNLEF** é em todo semelhante à dos seus colegas licenciados. Afirmam que os árbitros pretendem assumir um protagonismo acima daquele que seria desejado para as suas funções, levando-os a adoptar uma conduta autoritária. Revelam ainda uma forte incapacidade para reconhecerem os seus erros.

...árbitros também querem ser protagonistas no jogo (Treinador 7).

Deste modo, concluímos que ambos os grupos apresentam uma opinião negativa relativamente ao papel dos árbitros.

Em relação à importância dos dirigentes desportivos na promoção do *fair play*, os **TLEF** revelam que estes são o topo da hierarquia de um clube e que, por esse motivo, podem e exercem influência no trabalho dos técnicos. Todavia, também reiteram que a ingerência dos dirigentes no trabalho da equipa deverá ser condicionada pelos treinadores.

Ora os dirigentes podem e condicionam o trabalho dos treinadores (Treinador 3).

Os dirigentes podem condicionar todo o trabalho do treinador, pois são eles quem manda (Treinador 4).

Os **TNLEF** também reiteram a ideia de que os dirigentes desportivos têm um poder muito grande, fruto da posição que ocupam e que nessa medida condicionam o trabalho dos técnicos, até porque a maioria deles tem como único objectivo vencer.

... muitas vezes os treinadores podem ser pressionados pelos dirigentes para ganharem para subir de divisão ou para não descer (Treinador 5).

Verifica-se, novamente, que tantos os **TLEF** como os **TNLEF** partilham a ideia de que os dirigentes desportivos, fruto do seu cargo, influenciam o papel do treinador.

No que toca ao papel dos pais, os **TLEF** consideram que estes deveriam ser os primeiros a fornecer educação aos filhos. Ao invés, estão demasiadamente obcecados com o desempenho desportivo, criando muita pressão sobre os mesmos.

Nessa medida, referem ser usual observarem-se os pais, na bancada, a proferirem todo o tipo de impropérios para os árbitros, adversários e treinadores.

Acho que os pais estão muito obcecados com os filhos, só vêem os filhos e muitas vezes isso é prejudicial até para os próprios miúdos (Treinador 2).

...passam o tempo a discutir com os pais adversários (Treinador 4).

Os **TNLEF** tem opinião semelhante, na medida em que consideram que os pais poderiam ser o elo mais importante mo que toca à promoção do *fair play*. Todavia, referem que a maioria dos pais, adopta uma conduta pouco digna ao longo da partida, manifestando desrespeito pelos intervenientes no jogo. O seu principal foco de interesse é o rendimento desportivo dos seus filhos.

D- Despromoção do Fair play

Em relação à forma como o treinador intervêm perante condutas anti *fair play* por parte dos seus atletas, verificamos que existe uma enorme coerência entre a postura dos **TLEF**. Referem que não permitem que os seus atletas discutam com o árbitro da partida, porque isso é prejudicial à equipa.

Todavia, no que diz respeito à utilização de palavrões, verificamos que a maioria dos **TLEF** afirma não intervir quando os seus atletas utilizam este tipo de vocabulário, na medida em que o consideram como um “escape” que ajuda a libertar a pressão da competição.

Em relação a asneiras, acabo por não ligar tanto, porque às vezes não são uma questão de má educação (Treinador 4).

Também os **TNLEF** referem que não permitem discussões com o árbitro da partida e dizem intervir sempre que essa situação acontece, pois em sei entender poderá prejudicar não somente o desempenho do atleta, como pode comprometer toda a equipa.

Em relação ao uso de palavrões, consideram como uma conduta normal no contexto do futebol, até porque, como afirmam, eles mesmos as dizem.

Agora, quando desrespeitam o árbitro tento acalmá-los, até porque dessa forma prejudicam a equipa (Treinador 8).

*Não ando a reparar quem diz asneiras ou não, poxa isto é jogo de futebol
(Treinador 7).*

Verificamos, desta forma que, no que diz respeito à intervenção dos treinadores perante condutas anti *fair play* dos seus atletas, ambos grupos reagem da mesma forma.

São permissivos ao uso de palavrões, mas condenam as discussões com o árbitro.

No que concerne à importância atribuída aos adversários, verificamos que os **TLEF** consideram demonstrar apreço pelos seus opositores. Afirmam que em momento algum

incentivam os seus atletas a adoptarem condutas violentas e sempre que um adversário se encontra lesionado no solo, incita os seus atletas a colocarem a bola fora.

Agora não mando dar porrada em ninguém, nem ser agressivo (Treinador 3).

Peço aos miúdos que me enviem a bola para fora, logo (Treinador 2).

Os **TNLEF** afirmam respeitar os seus opositores, fomentando essa conduta nos seus atletas. Acreditam que é necessário respeitar os adversários para que também eles nos respeitem.

Acho que devemos respeitar o adversário para que ele nos respeite à gente

(Treinador 7).

No que concerne à relação estabelecida com o árbitro, a maioria dos **TLEF** revela que em alguns momentos de maior pressão manifestam comportamentos de desagrado para com as decisões do árbitro. Afirmam que esta conduta se deve aos momentos de maior pressão. Releva-se o facto de os **TLEF** demonstrarem maior propensão para discutir sempre que o resultado desportivo lhes é desfavorável.

... em algumas situações posso discutir pontualmente com o árbitro (Treinador 2).

“Numa situação difícil tipo empate ou derrota, já sou bem mais capaz de me chatear.”

(Treinador 4).

À imagem do grupo anterior também os **TNLEF** afirmam discutir com o árbitro, sempre que as decisões do mesmo lhes parecem erradas. Alguns treinadores deste grupo têm a consciência que discutem muitas vezes as deliberações do juiz da partida, fruto dos momentos de tensão.

Quando instados sobre se o seu comportamento em relação ao árbitro estabelece relação com o resultado da partida, revelam que estando a ganhar se torna mais fácil tolerar os erros dos árbitros, indo ao encontro da opinião dos **TLEF**.

Confesso que discuto muito as decisões do árbitro, porque no calor do jogo viramos bichos e esquecemos os bons princípios (Treinador 6).

É claro que quando estamos a ganhar por dois ou três é mais fácil perdoar um erro ao árbitro (Treinador 5).

Quando confrontados com dilemas que colocam frente a frente a necessidade de jogar com *fair play* e obter uma vitória os **TLEF** demonstram não estar de acordo com a adoção de truques para vencer jogos, pois acreditam que a vitória tem maior significado quando alicerçada no *fair play*. Contudo, a grande maioria está de acordo com o “perder tempo” quando se está a ganhar e o jogo se encaminha para o final, pois encaram este comportamento como estratégia. Apesar de não estarem de acordo com as tentativas de enganar os árbitros.

A vitória até é mais saborosa quando jogamos sem truques (Treinador 3).

...perder tempo no final do jogo é um comportamento aceitável, não é bom, mas aceita-se bem (Treinador 4).

Em relação a esta temática os **TNLEF** consideram que em primeiro lugar é necessário vencer os jogos e quando for possível conciliar essa situação com o *fair play*, atinge-se o ideal. Todavia, acreditam que quem se preocupa demasiado com o *fair play* acaba por vencer menos vezes. Logo, deve-se atender ao *fair play* depois de se garantir a vitória. Assim, a maioria dos **TNLEF** estão de acordo com comportamentos tais como: perder tempo de jogo, simular uma falta ou grande penalidade ou tentar enganar o árbitro.

Eu penso que se uma equipa estiver demasiadamente preocupada em ser correcta no jogo, respeitando o adversário, o árbitro, esquece-se do essencial que é lutar pela vitória (Treinador 6).

se tiver de fazer uma falta para parar o adversário, se tiver de simular uma lesão para parar um pouco o jogo, ou fazer ao penalti para marcar um golo, não me parece mal (Treinador 5).

Relativamente ao uso de palavrões, a grande maioria dos **TLEF** reconhecem que este não é um comportamento digno, todavia, em alguns momentos utilizam-nos.

Sou capaz de uma vez por outra dizer uma asneira (Treinador 4).

Também os **TNLEF** reconhecem que o uso de palavrões faz parte da sua conduta no contexto do futebol, apesar de reconhecerem a sua incorrecção. Todavia, referem que este é um tipo de vocabulário comumente utilizado no futebol.

Em relação às asneiras, todos sabemos que são o tipo de palavras que todos devemos evitar, mas a verdade é que é muito difícil isso acontecer (Treinador 6).

As asneiras são algo tão entranhado no Futebol que já nem posso reclamar delas (Treinador 7).

Quando instados sobre os principais responsáveis pela despromoção do *fair play*, os **TLEF** não têm dúvidas em considerar que a todos os intervenientes na prática desportiva deverá ser imputada alguma responsabilidade, pois em algum momento todos prevaricam, procurando atingir os seus objectivos. Nesta medida, verifica-se que os **TLEF** não atribuem responsabilidade a nenhum interveniente em especial, mas são unânimes em considerar que as culpas deverão ser assumidas por todos.

Somos todos um pouco, mas todos mesmo (Treinador 2).

Os **TNLEF** também consideram que a maioria dos intervenientes na prática desportiva têm responsabilidades neste campo. Todavia, destacam três figuras que em seu entender

assumem maior significado. Assim referem que os pais dos atletas são muitas vezes os maiores destabilizadores dos comportamentos dos filhos. Os árbitros, pois pretendem assumir um protagonismo exacerbado. E os dirigentes que procuram somente chegarem mais longe, sem olhar aos meios aos quais recorrem.

...os árbitros devem reflectir, pois têm um papel muito importante no fair play.”

(Treinador 5).

4.3. Análise conjunta dos dados dos dois grupos de treinadores

Neste capítulo pretendemos aprofundar a influência que a formação dos treinadores tem na promoção do *fair play*. Assim, iremos utilizar os dados apresentados nos capítulos anteriores, juntando dados de outros estudos para tentar discutir a influência da formação em grupos diferenciados como o do nosso estudo.

Procuraremos comparar a conduta dos treinadores licenciados em Educação Física (TLEF) com os treinadores não licenciados em Educação Física (TNLEF) a partir da análise de estudos referentes a este âmbito.

Para melhor leitura desta discussão, compararemos, em primeiro lugar, as suas condutas anti *fair play* e, posteriormente, as condutas promotoras de *fair play*.

Far-se-á, ainda, uma comparação entre as condutas observadas dos treinadores e as respostas dadas às entrevistas.

I-Condutas despromotoras do Fair play

A – Utilização de Palavrões – Treinador

A respeito deste tópico, convém atentar no pensamento de Lyle (2002) que afirma que as questões relativas à ética desportiva devem ser analisadas, tendo em consideração a falta de respeito e dignidade nos comportamentos e linguagem utilizados.

Começamos por verificar que tanto os TLEF como os TNLEF “**dizem palavrões**” durante a partida, nas mais diversas ocasiões. A este respeito Vloet (2006:202) refere que *o fair play se enquadra numa política mais alargada levando em conta questões importante como o (ab)uso da linguagem*. De facto, podemos concluir que esta é uma conduta altamente desajustada por parte dos treinadores. É fundamental que estes compreendam que o seu papel vai muito para além do ensino do jogo de futebol. Assim, concordamos inteiramente com a perspectiva de Gonçalves (2006:106), ao afirmar *que os treinadores são reconhecidamente o agente de socialização mais influente no que se refere à aquisição de comportamentos e atitudes nas práticas desportivas*. Ou seja, o comportamento do treinador modela as condutas dos seus atletas. Nessa medida, não será de estranhar que os atletas destes treinadores também recorram permanentemente a este tipo de vocabulário. De facto, apercebemo-nos ao

longo deste estudo que os treinadores e os seus atletas assumem o uso de palavrões como algo inerente à prática do futebol. Os palavrões, assumem-se, deste modo, como um léxico comum, utilizado por todos e que tanto pode servir para aliviar a tensão, como para repreender um atleta, ou até mesmo para reforçar a sua prestação. O uso de palavrões no futebol encontra-se massificado e é unanimemente utilizado por todos, como se de uma conduta normal se tratasse. Assim, verificamos que a sua utilização serve para os mais diferentes objectivos, sejam eles elogiar, repreender ou discutir. Acreditamos que para os treinadores de futebol esta conduta não deve ser inibida nem repreendida, porque os mesmos a consideram normal no âmbito da competição. Salienta-se que quando questionados em entrevista sobre a utilização de palavrões tanto os **TLEF** como os **TNLEF** referem utilizá-las em momentos de maior pressão, apesar de os **TLEF** reconhecerem que este é um mau comportamento.

B-Permissão de utilização de Palavrões

Assim, não será de estranhar que tanto os **TLEF** como os **TNLEF** “**permitam o uso de palavrões**” por parte dos seus atletas. Na verdade, já tínhamos chegado à conclusão que os atletas reproduzem os comportamentos dos seus treinadores. Ora, se estes dizem palavrões, é normal que os seus atletas se sintam confortáveis para fazerem o mesmo. Vamos novamente ao encontro de Adelino (2006:159) que *diz existirem argumentos suficientes para podermos dizer que no desporto os atletas reflectem essencialmente os valores que o seu treinador defende*. De facto, se o treinador defende que o uso de palavrões é um comportamento aceitável, é normal que os seus atletas adotem a mesma postura. Os treinadores deverão, neste capítulo terem presentes que a sua influência sobre os seus atletas se dá a diversos níveis. Contudo, gostaríamos de realçar que os **TLEF** devido à sua formação superior deviam assumir outra postura pois *os treinadores e professores de educação física constituem um grupo especial devido ao seu papel preponderante* (Vloet, 2006:211). Em nosso entender é inadmissível que os **TLEF**, não assumam o seu papel de educadores, descurando a sua faceta de elementos indispensáveis no processo de formação da personalidade dos atletas. A sua formação superior ao nível do desporto, deveria ter-lhes conferido um maior entendimento do fenómeno desportivo, enquanto instrumento para a formação de valores morais e éticos. Deveriam compreender que o desporto de jovens tem um papel sociológico e pedagógico, devendo contribuir para o normal desenvolvimento dos jovens. Todavia,

independentemente de se possuir ou não uma licenciatura em Educação Física, devem todos os treinadores assumirem-se como verdadeiros educadores, tanto mais quando a literatura nos demonstra que em estudos realizados em Portugal e no Brasil, revelaram que os jovens desportistas manifestavam baixo nível de intenção de comportamentos segundo o espírito desportivo (Santos, 2006). A este respeito importa salientar o estudo Pinheiro (2005), que concluiu que os treinadores não permitem que os atletas digam palavrões, mas eles dizem-nos.

Assim, não basta apregoar que o *fair play* é importante, se depois os comportamentos são antagónicos àquilo que se defende.

Aquilo que foi observado vai ao encontro das entrevistas realizadas, pois tanto os **TLEF** como os **TNLEF** reconhecem que permitem que os seus atletas digam palavrões.

D- Discussões com o árbitro

Neste âmbito Gimeno, Sáenz, Ariño e Aznar (2007), levaram a cabo um estudo com o objectivo de avaliar o desportivismo e violência que se manifestam nos jogos de futebol dos escalões juvenis. Concluíram que um dos comportamentos anti *fair play* mais evidentes é as discussões dos atletas e treinadores para com os árbitros.

Na mesma linha da discussão com os árbitros, Ramírez, Martínez Cocca e Rodríguez (2009), levaram a cabo um estudo sobre a análise da instrução dos treinadores desportivos concluindo que umas das mais frequentes são as lamentações e protestos perante os árbitros.

Assim, no que diz respeito ao relacionamento com os árbitros, verificamos novamente que tantos os **TLEF** como os **TNLEF**, “**discutem as decisões do juiz**”. Esta conduta surge com maior veemência quando o resultado é um empate ou uma derrota, indo ao encontro das palavras de Serpa (2006:121) que defende que *entre os factores potencialmente desencadeadores inerentes à situação estão a desvantagem no resultado*. Assim, poderíamos justificar este procedimento de ambos os grupos de treinadores, pelo facto de estarem perante um mau resultado. Todavia, verificamos que mesmo estando a vencer, os treinadores discutem as decisões do árbitro. Esta é uma péssima postura dos técnicos que revela uma profunda falta de desrespeito para com o juiz da partida. O treinador deverá ter a consciência de que o árbitro é um elemento fundamental, sem o qual não existe competição e que por isso merece respeito. Além disso, os treinadores deveriam ter a consciência de que os erros são humanos e que,

assim como os treinadores e os atletas erram, também os árbitros têm decisões menos felizes. Assim, no caso do árbitro se equivocar num dado lance é importante ter em conta que estes podem errar e que muitas vezes, tal como os jovens, os árbitros também estão em formação (Valiente, Boixadós, Torregrosa, Figueroa, Rodríguez & Cruz, 2001).

Todavia, cabe ao treinador encarar esses erros, como situações normais e não como sendo premeditadas devendo durante as competições respeitar as decisões do árbitro e em caso algum as criticar (Valiente et al, 2001).

O desrespeito pelo árbitro por parte do treinador incentiva a que o público e atletas adotem a mesma conduta. Nesta medida, o treinador de jovens, enquanto educador de crianças, deve assumir uma postura calma e de tolerância perante os erros. Não obstante, também sabemos que existe uma enorme pressão sobre os treinadores para vencer, e estes estão conscientes que a sua ascensão na carreira só poderá dar-se ganhando muito.

Assim, estando pressionado pelo exterior para vencer, o treinador adopta todo o tipo de condutas, mesmo as mais desajustadas. Estes resultados vão ao encontro do trabalho de Costa, Pinheiro e Sequeira (2007) que ao estudarem o comportamento do treinador, chegaram à conclusão que este discute com o árbitro.

Ambos os grupos de treinadores referem discutir com os árbitros em momentos de grande pressão competitiva.

E- Permissão de discussões com o árbitro

A este respeito gostaríamos de destacar o estudo de Almagro-Torres e Fuentes-Guerra (2008) sobre valores no desporto. As respostas relacionadas com a empatia, foram bastantes mais favoráveis quando se referiam ao treinador que quando aos árbitros. Por isso, estes autores consideram que, seria interessante que em alguns treinos, os jogadores arbitrassem algum jogo entre os seus companheiros para que sentissem a dificuldade inerente à arbitragem.

Novamente verificamos que ambos os grupos de treinadores “**permitem que os seus atletas discutam com o árbitro**”. Mais uma vez aferimos a tese de que os atletas reproduzem em campo, aquilo que vêem o seu treinador fazer, corroborando com as palavras de Adelino (2006:147) que diz que *um estudo elaborado pelo governo*

canadiano chegou à conclusão que 94% dos praticantes de desporto, procuram agir de acordo com aquilo que o seu treinador pretende. Deste modo, verificamos que aquando de uma discussão de um atleta para com o árbitro, tanto os **TLEF** com os **TNLEF**, assumem uma postura passiva, não intervindo perante estes comportamentos. Esta passividade evidenciada pelos treinadores poderá significar que os mesmos consideram lícito discutir com o árbitro, ou denota algum receio em intervir num momento de maior nervosismo por parte dos atletas. Ainda a este respeito, importa atentar nas palavras de Lyle (2002), que refere que as questões relativas à ética desportiva devem ser analisadas de acordo com alguns cenários, tais como, a atitude que o treinador assume perante os comportamentos do praticante. Ou seja, se o treinador é permissivo perante comportamentos inadequados, é normal que estes surjam com maior frequência por parte dos atletas, pois assumem que não havendo intervenção do treinador, se torna lícito a sua conduta. Deve o treinador ter uma postura firme e convicta perante todo o tipo de comportamento que “choque” contra os princípios do *fair play*. Contudo, importa saber se os treinadores têm essa motivação, ou, se pelo contrário, estão mais interessados na vitória a todo o custo.

Gonçalves (2006) analisa que em estudos realizados em Portugal chegou-se à conclusão que os atletas consideram que devem contestar os erros do árbitro a seu desfavor e que quando o árbitro erra fá-lo deliberadamente.

A análise das entrevistas colocam-nos perante um dado curioso, na medida em que tanto os **TLEF** como os **TNLEF** referem não permitir discussões com o árbitro. Verificamos, desta forma, uma discrepância entre aquilo que afirmam fazer e aquilo que efectivamente realizam.

F- Desrespeito pelos atletas

No que concerne ao desrespeito pelos atletas, Torregrosa (2004) adverte que o uso demasiado frequente da crítica e dos castigos perante os erros, produz nos atletas o medo de falhar. Assim, verificamos que outra das condutas partilhadas pelos **TLEF** e **TNLEF** é o “**desrespeitar os jogadores da sua equipa**”. De facto pode parecer antagónico os treinadores desrespeitarem os seus atletas, se pensarmos que a principal finalidade é motivá-los. É sabido que quanto maior for os índices de motivação dos seus jogadores, maior a probabilidade de evidenciarem boas desempenhos desportivos. Todavia, mesmo conhecendo este aspecto, os treinadores não deixam de utilizar

condutas de suporte afectivo negativo para com os seus atletas. Na verdade isto terá repercussões a nível psicológico, tal como refere Serpa (2006:136) ao afirmar que “o treinador é o primeiro responsável pela formação desportiva e psicológica dos atletas, em particular quando se trata do desporto infanto-juvenil.”

Assim, o comportamento do treinador deve veicular estímulo e ânimo perante os desempenhos dos seus atletas, mesmos quando estes não são os mais desejáveis. Para além do mais, a percepção de que o treinador proporciona feedback, instruções positivas e apoio social ajuda a arraigar uma prática desportiva contínua. (Balaguer, Duda, Atienza, & Mayo, 2002; Smith, Fry, Ethington, & Li, 2005).

É assim de extrema importância que os treinadores, sejam ou não licenciados, saibam estabelecer um compromisso comunicacional com os seus atletas, gerando empatia e confiança entre todos. Os atletas devem habituar-se a ver no treinador um pólo de amizade e de compreensão perante cenários menos positivos. As palavras de Vloet (2006:216) vem corroborar esta ideia quando assevera que *as pesquisas demonstram que um bom e sólido relacionamento entre desportistas e os treinadores tem um efeito positivo no comportamento dentro dos padrões de fair play*. Significa, em última análise que um bom comportamento de *fair play* por parte dos atletas está dependente da relação que os mesmos estabelecem com o seu “líder”. Cabe assim ao treinador “semear” esta relação com os seus jogadores, tendo em consideração *que reprimendas ásperas criam desencorajamento, perda de confiança, vergonha e até rancor* (Coelho, 2004:57).

G – Permissão de discussões com os adversários

No que diz respeito à relação a estabelecer como o adversário estamos de acordo com as palavras de Serpa (2006:117) ao afirmar que “os treinadores contribuem por vezes para os comportamentos agressivos no desporto, transmitindo aos atletas o desrespeito pelos adversários”.

Assim, em relação ao comportamento “**permite discussões com os adversários**”, verificamos que existe uma primeira diferença entre os dois grupos em estudo. Os **TNLEF** permitem que os seus atletas discutam com os adversários enquanto, ao invés, **TLEF** não o permitem. Em primeiro lugar convém referir que esta conduta do treinador está dependente da acção dos atletas, ou seja, o treinador só

poderá, ou não intervir se os seus atletas discutirem com os adversários. Contudo, verifica-se que os **TNLEF** são permissivos a esta situação. Em primeiro lugar gostaríamos de referir que cabe ao treinador de jovens fomentar nos seus atletas o respeito pelos adversários vendo nestes um elemento indispensável sem o qual não há competição. *A existência de adversários é, portanto, uma condição básica do desporto de competição* (Serpa, 2006:116). Contudo, é ao treinador que cabe a árdua tarefa de explicar a singular importância dos adversários no processo competitivo. Apesar disso, aferimos um quadro negro no que diz respeito à aceitação do adversário até porque muitas vezes é o próprio treinador a fomentar estes conflitos. Assim, e como afirma Gonçalves (2006:107) *“não posso estar interessado em destruí-lo ou subjugá-lo (adversário), logo nunca o poderei considerar como um inimigo, mas como alguém que convida-me a treinar cada vez melhor”*.

Na verdade, os adversários são os principais responsáveis pela evolução dos atletas, na medida em que os obrigam continuamente a superar-se, a treinar todos os dias com mais vontade e afinco. É o adversário que nos permite comparar a nossa prestação a todo o momento, ajudando-nos a compreender até que ponto estamos a evoluir. Nesse sentido, não poderemos ver o adversário como um alvo a abater. A este respeito gostaríamos de finalizar com as palavras de Coelho (2004:45), ao considerar que *“o desporto é uma oportunidade para se autoavaliarem, comparando as suas habilidades e capacidades com as dos seus companheiros e adversários”*.

H – Incentiva conduta faltosa

Diferentes estudos realizados neste âmbito manifestaram que na maioria dos jogos de futebol jovem se produz algum tipo de conduta agressiva e violenta, à margem do permitido nos regulamentos. (Gimeno, Sáenz, Ariño & Aznar, 2007)

Neste sentido, o estudo realizado por Cervelló e García Calvo (2003) mostra que num campeonato com jogadores com idades compreendidas entre os 11 e 13 anos, os árbitros sancionaram mais de 300 condutas agressivas durante o campeonato.

Em relação à temática da agressividade gostaríamos de salientar que em 1939, Dollard, Miller, Doob, Mowrer e Sears, formularam a teoria que a agressão é consequência da frustração e de que esta sempre determina uma forma de conduta agressiva (Bakker, 1993). Ou seja, *“as experiências de frustração de ordem pessoal ou*

desportiva como problemas familiares, jogar mal ou estar a perder, predisõem para comportamentos agressivos” (Serpa, 2006:119).

Todavia, como pudemos verificar neste estudo, as condutas violentas podem ser incentivadas pelos treinadores que ao estarem a perder, impelem os seus atletas a ser agressivos para com os adversários. Ainda neste âmbito, atentemos nas palavras de *Bidutte, Azzi, Vasconcelos Raposo e Almeida (2005:8), ao afirmarem que” muitos treinadores, na lógica dos melhores resultados, ordenam aos jogadores para que segurem a camisola do adversário durante o jogo ou executem movimentos agressivos como “entrar de carrinho” na disputa pela bola”.*

Neste sentido, ao compararmos o comportamento dos **TLEF** com o dos **TNLEF**, verificamos que estes últimos assumem muitas vezes esta postura de incentivo à agressão e violência. Contudo, este comportamento não é incentivado pelos **TLEF**. Em nosso entender os **TLEF** compreendem a necessidade de respeitar os adversários encarando-o como um componente imprescindível sem o qual não existe competição. Assim, os **TLEF** não impelem os seus atletas a cometerem faltas sobre os adversários. Talvez a formação académica a nível da Educação Física possa explicar este facto na medida em que estes treinadores podem compreender que o *desporto nas primeiras idades, dentro e fora do âmbito escolar, não deve ser um fim em si mesmo mas ser um meio para educar, tendo em conta a sua alta função educativa (Gutiérrez, 1998).*

Mais uma vez verificamos o quanto a figura do treinador assume relevância nas atitudes e comportamentos dos atletas, pois como verificamos, a conduta agressiva dos atletas treinados pelos **TNLEF** acontece com maior incidência, pois existe um incentivo por parte do treinador.

Ou seja, os atletas respeitam as indicações dadas pelos seus superiores, mesmo quando estas são desajustadas. O comportamento dos treinadores quando incentivam a agressão é tanto mais grave quando se sabe que naturalmente os adolescentes vêm para o desporto não como um meio para medir as suas habilidades físicas, mas como uma forma para revelar superioridade sobre os outros. Nesta medida, são inúmeros os exemplos dados pela literatura em que se evidencia o papel do treinador da adopção de condutas pró sociais. No estudo de Long, Pantaleon, Bruant e D’arripe-Longueville (2006), demonstrou-se que o respeito e transgressões das regras dependem sobretudo

das características individuais (desejo de vencer), e o seu ambiente social (pressão do treinador). Também Ramírez, Martínez, Cocca e Rodríguez (2009), estudando a instrução dos treinadores de futebol de base, chegaram à conclusão que umas das que mais se evidencia é o apelo à agressividade. Assim, sendo a conduta faltosa muitas vezes intrínseca ao comportamento dos atletas, importa o treinador não se assumir como mais um pólo de incentivo a esse tipo de comportamentos, Já sabemos que naturalmente os jovens tendem a ser agressivos perante situações desportivas adversas e que a conduta do treinador deve ir no sentido de prevenir possíveis descatos. Gostaríamos, ainda de realçar que incentivar os seus atletas a cometerem faltas significa colocar em causa a integridade física dos adversários. Assim, será importante socorrer-nos da literatura que é peremptória ao afirmar que a este nível o conceito de Fair play reduz o nível de lesões. (Peterson, Graf-Baumann, Dvorak, Junge & Chomiak, 2000); (Langevoort, Junge, Dvorak & Myklebust, 2007).

Em situação de entrevista confirmámos aquilo que foi observável, na medida em que os **TLEF** garantem não incentivar o uso de violência enquanto os **TNLEF** referem que em alguns momentos incentivam à realização de faltas.

II-Condutas promotoras do Fair play

A-Elogios ao Bom Desempenho

A este respeito Shields e Bredemeier (2001) consideram como factor influente nos comportamentos desportivos dos jogadores, o clima motivacional gerado por outros significativos tais como professores, treinadores, companheiros e pais. Significa que o contexto que rodeia toda a actividade dos atletas os vai influenciar na adopção de condutas pró ou anti-sociais, indo ao encontro das palavras de Kavussanu (2007) quando afirma que o contexto social no qual se encontra o desporto pode exercer uma grande influência no comportamento moral dos jogadores.

Assim, verificamos neste estudo que a conduta elogiosa para com os atletas é uma actividade levada a cabo por ambos os grupos de treinadores, ou seja, **TLEF** e **TNLEF**.

Na verdade, estes treinadores parecem reconhecer o papel de suma importância que tem o uso de elogios no clima motivacional dos seus atletas. De facto, um atleta

mais motivado, poderá evidenciar menos comportamentos desajustados, visto se encontrar emocionalmente mais equilibrado. Por isso, deve o treinador reconhecer que é muito benéfico ofertar sempre que possível um reforço positivo, devendo procurar a mínima possibilidade para o fazer.

Na verdade, a literatura demonstra-nos que um bom índice motivacional por parte dos atletas, leva-os a cometerem mais comportamentos pró sociais e revelarem melhores desempenhos desportivos. Neste sentido, deve o treinador assumir-se como um pólo motivacional, procurando direccionar o comportamento das crianças no bom sentido, pois *“os elogios constituem a chave fundamental para a formação e desenvolvimento dos praticantes”* (Coelho, 2004:57). Nesta medida, o treinador não deve descurar a relação que estabelece com os seus atletas pois as percepções mútuas do treinador e do atleta e o seu relacionamento representam um papel crucial na motivação para a prática e proporcionam maior satisfação na actividade (Lorimer & Jowett, 2009).

B- Aplaudir o adversário

A este respeito Adelino (2006:160) refere que *“os atletas devem estar habituados a ver os seus treinadores a reconhecerem o sucesso dos adversários, elogiar os seus bons desempenhos”*.

Na verdade, se voltarmos a tomar como ponte de partida que o adversário é um princípio basilar sem o qual não há competição, compreendemos que devemos respeitá-lo e porque não elogiar as suas boas performances.

Neste sentido, verificamos que os **TLEF** costumam aplaudir o desempenho dos seus adversários, evidenciando uma conduta muito positiva de respeito pelo mesmo. Além disso, este comportamento assume-se como uma referência para os seus atletas que passam a compreender que a beleza do espectáculo desportivo deve ser sempre valorizada, independentemente de quem realiza essas proezas. Assim, acreditamos que os **TLEF** se enquadram com as palavras de Curado (2002:174) quando afirma que *“recusamo-nos a ver qualquer jogo desportivo colectivo como um mero instrumento de simples expressão de capacidades técnico-tácticas-físicas”*. Significa que o jogo de Futebol se situa muito além das subtilezas técnicas e tácticas, mas assume uma verdadeira dimensão humana, de valorização do Homem.

Pensamos que a formação superior ao nível da Educação Física e Desporto dos **TLEF** poderá ter importância na adopção deste comportamento, na medida em que

encaram o oponente como um elemento decisivo na promoção do espectáculo desportivo. Assim, não se obstam de, em alguns momentos, reconhecerem publicamente os bons desempenhos da equipa adversária, materializando esse reconhecimento através de palavras e gestos aprovativos. Acreditamos que este comportamento do treinador tem uma importância vital na forma como os atletas encaram os seus adversários, pois poderá ajudá-los a reconhecer a qualidade do seu opositor e que essa qualidade é indispensável para a sua progressão. Não podem as crianças acreditar que elogiar o adversário é demonstração de fraqueza ou de reconhecimento das suas debilidades. É importante o treinador veicular que mostrar agrado pelos desempenhos dos rivais, é sinal de amadurecimento desportivo, pois só atletas com elevado grau de maturidade têm a capacidade de enaltecer os feitos adversários.

C-Incentivar a pedir desculpas

A este respeito Gimeno, Sáenz, Ariño e Aznar (2007), no seu estudo concluíram que um dos comportamentos de *fair play* mais evidentes é o pedido de desculpas após uma falta ou entrada grosseira. No mesmo âmbito Pinheiro e Camerino (2008), ao procurarem estudar o comportamento do treinador na promoção do *fair play*, concluíram que um dos comportamentos mais estimulados era “incentivar a pedir desculpas”.

Em relação ao nosso estudo verificamos que de facto este comportamento só se patenteia por parte dos **TLEF**, não sendo evidente nos **TNLEF**.

Parece-nos que a formação académica ao nível das ciências do desporto poderá estar na base deste comportamento de respeito para com os oponentes. Na verdade, incentivar os atletas a pedirem desculpa após uma falta grosseira, é ensiná-los a respeitarem o seu oponente. Ter uma entrada violenta sobre um adversário em contexto de jogo, não é muitas vezes uma questão de agressividade, mas a vontade de disputar a bola. Todavia, é importante os atletas reconhecerem o erro mesmo que a falta não tenha sido premeditada. Assim, parece-nos importante o treinador fomentar este tipo de conduta, tanto mais quando as investigações nos dizem que na adolescência, em especial a partir dos 12 anos de idade, a figura do treinador atinge uma importância decisiva, chegando a sobrepor-se à influência das famílias. (Weigand, Carr, Petherick & Taylor, 2001)

Há que destacar que não é a participação desportiva *per se* a que cria atitudes profissionais nos jogadores, mas fundamentalmente o sistema de valores dos treinadores assim como as atitudes e as condutas que estes exibem nas competições treinos (Cruz, Valiente, Boixados, & Torregrosa, 2001).

Deste modo, concluímos que a formação em Educação Física e Desporto não se assumiu muito relevante na formação dos treinadores licenciados da nossa amostra, pois verificam-se poucas diferenças entre as condutas de treinadores com e sem licenciatura. De facto, no que se refere aos comportamentos despormotores de *fair play*, ambos os grupos revelam grande incidência dos mesmos. A única diferença constatável é nos comportamentos promotores de *fair play*, onde os treinadores licenciados assumem maior destaque. Contudo, parece-nos pouco relevante se partimos do princípio que os treinadores licenciados tiveram acesso a uma formação de nível superior que lhes deveria ter conferido maior responsabilidade na hora de fomentar valores positivos.

Por isso, acreditamos que futuramente, em cursos de formação de treinadores de futebol, se deverá atender à criação de um módulo destinado ao fomento da Ética e *fair play*. Deverão, também, os estabelecimentos do Ensino Superior, com licenciaturas no ramo do Desporto, atribuírem maior relevância ao ensino de conteúdos relacionados com os Valores. Preconizamos a criação de uma unidade curricular inserida nos “curricula” das licenciaturas, versando a Ética e valores no desporto, para que de futuro, todos os licenciados em desporto possam atribuir maior importância ao ensino das boas condutas.

Capítulo V

Conclusões

5. Conclusões

Este capítulo engloba as conclusões finais deste estudo, tendo em linha de conta os objectivos previamente definidos, nomeadamente:

- 1- Analisar o comportamento, em competição, do treinador de futebol de formação licenciado em Educação Física, na promoção do *fair play*;
- 2- Analisar o comportamento, em competição, do treinador de futebol de formação não licenciado em Educação Física, na promoção do *fair play*;
- 3- Perceber se o momento do jogo (1ª parte e 2ª parte), associado ao resultado, tem influência na conduta de *fair play* do treinador;
- 4- Caracterizar a opinião dos treinadores licenciados em Educação Física em relação à promoção do *fair play*;
- 5- Caracterizar a opinião dos treinadores não licenciados em educação física em relação à promoção do *fair play*;
- 6- Analisar conjuntamente o comportamento e a opinião dos treinadores licenciados em Educação Física e dos treinadores não licenciados.

5.1 Comportamento, em competição, do treinador de futebol de formação licenciado em Educação Física, na promoção do *fair play*

Neste âmbito, concluímos que os treinadores licenciados em Educação Física apresentam comportamentos promotores e despromotores de *fair play*. Contudo, revelam maior variedade de comportamentos promotores de *fair play*, do que comportamentos despromotores.

Assim, no que diz respeito a comportamentos promotores verificamos que este grupo de treinadores, elogia o bom desempenho dos seus atletas, encoraja-os quando revelam más prestações, aplaude as acções dos jogadores adversários e incentiva os seus atletas a pedirem desculpas quando manifestam conduta faltosa.

Os elogios e encorajamentos assumem-se como condutas passíveis de promover um bom clima motivacional (Shields & Bredemeier, 2001), e este poderá ter influência

na adopção de condutas de *fair play* por parte dos atletas. Deste modo, pensamos que os elogios podem-se constituir como a chave fundamental para a formação e desenvolvimento dos praticantes” (Coelho, 2004).

O comportamento de aplaudir os adversários após uma boa jogada pode revelar da parte do treinador um respeito pelo seu opositor e uma valorização do espectáculo desportivo, pelo facto de este não se inibir de exprimir um comportamento de apreço pelos feitos dos seus oponentes. Deste modo, pensamos que é importante que os atletas se habituem a ver os seus treinadores a reconhecerem o sucesso dos adversários, elogiando os seus bons desempenhos (Adelino, 2006).

Em relação ao comportamento de incentivar os seus atletas a pedirem desculpas após conduta faltosa, somos da opinião que o mesmo poderá ser facilitador do incremento de um maior respeito pelos opositores.

No que concerne a comportamentos despromotores de *fair play* concluímos que este grupo de treinadores diz palavrões, permite o uso de palavrões por parte dos seus atletas, desrespeita as decisões do árbitro e desrespeita os seus atletas.

Em relação à conduta diz palavrões, julgamos ser um indicador de falta de *fair play* por parte do treinador, na medida em que este tipo de vocabulário é desadequado a qualquer contexto, sobretudo, quando falamos de desporto com jovens atletas. Depois, como se veio a verificar, o treinador é reconhecidamente o agente de socialização mais influente no que se refere à aquisição de comportamentos (Gonçalves, 2006) e por isso a sua conduta influencia a postura dos seus atletas. Talvez por isso não cause estranheza o facto de os praticantes utilizarem palavrões e os treinadores não intervirem no sentido de acautelar esse comportamento, pois existem argumentos suficientes para podermos dizer que no desporto os atletas reflectem essencialmente os valores que o seu treinador defende (Adelino, 2006). Logo, se o treinador diz palavrões é possível que os seus atletas reproduzam esse comportamento.

O desrespeito pelas decisões do árbitro assume-se como um procedimento pouco correcto, na medida em que parece indicar um desrespeito pelo trabalho do mesmo e poderá influenciar os atletas a adoptarem uma conduta semelhante. Por isso, pensamos que cabe ao treinador encarar esses erros, como situações normais e não como sendo premeditadas (Valiente et al, 2001).

O desrespeito evidenciado pelos treinadores para com os seus atletas revela uma actuação pouco desajustada, pois como nos revela a literatura, o uso demasiado

frequente da crítica e dos castigos perante os erros, produz nos atletas o medo de falhar (Torregrosa, 2004). Por isso, o treinador deverá procurar estabelecer uma relação de proximidade e intimidade com os seus atletas, na medida em que as pesquisas demonstram que um bom e sólido relacionamento entre desportistas e os treinadores tem um efeito positivo no comportamento dentro dos padrões de *fair play* (Vloet, 2006).

5.2 Comportamento, em competição, do treinador de futebol de formação não licenciado em Educação Física, na promoção do *fair play*

Neste âmbito, concluímos que os treinadores não licenciados em Educação Física apresentam comportamentos promotores e despromotores de *fair play*. Contudo, revelam maior variedade de comportamentos despromotores de *fair play*, do que comportamentos promotores.

No que diz respeito a comportamentos promotores salientam-se o elogio aos bons desempenhos dos seus atletas e o encorajamento após as más prestações.

Como referimos anteriormente, a utilização de elogios e críticas positivas é desencadeador de climas motivacionais positivos, na medida em que conferem aos atletas maior motivação para aprender e menor receio perante o erro. Por isso, pensamos que este comportamento é positivo para o incremento do *fair play*.

No que concerne a comportamento despromotores de *fair play* destacam-se a permissão de discussão com os adversários e com os árbitros, desrespeito pelos árbitros, encorajar a realizar faltas, desrespeito pelos seus atletas, uso de palavrões e permissão do uso dos mesmos por parte dos atletas.

A permissão de discussão com os adversários pode indiciar por parte do treinador um desrespeito pelos mesmos, na medida em que não intervém quando estas condutas ocorrem. Sendo a existência de adversários uma condição básica do desporto de competição (Serpa, 2006), cabe ao treinador não contribuir para a adopção de comportamentos agressivos no desporto, transmitindo aos atletas o respeito pelos adversários (Serpa, 2006). É por isso que o comportamento de incentivar os seus atletas a fazerem faltas vem corroborar a perspectiva de que o treinador não parece demonstrar respeito pelos oponentes. De facto, o uso de violência física no contexto de desporto com jovens, deveria, em nosso entender, ser repudiado pelos treinadores, em vez de ser difundido.

O desrespeito pelas decisões do árbitro, pode evidenciar uma má atitude do treinador perante esta figura da competição. Além disso, como já foi referido anteriormente, o comportamento do treinador é passível de ser reproduzido pelos seus atletas e como se verificou, os atletas desrespeitam o árbitro perante a passividade deste grupo de treinadores. Verifica-se, então, que os atletas voltam a adotar uma conduta semelhante à do treinador.

5.3 Análise do comportamento dos treinadores em função do momento e resultado do jogo (licenciados e não licenciados)

Outros dados de grande relevância que importam salientar são a análise do comportamento do treinador em função do resultado e momento do jogo.

Nessa medida verificamos que ambos os grupos de treinadores estudados, elogiam com maior frequência os bons desempenhos dos seus atletas quando estão a vencer por mais de dois golos do que quando estão a vencer apenas por dois golos. Em nosso entender esta situação pode salientar que ambos os grupos de treinadores estudados estão mais predispostos a oferecer um elogio quando o resultado desportivo é positivo e, sobretudo, quando a vitória está praticamente garantida. Pensamos que o resultado confortável poderá desencadear uma menor tensão no treinador, permitindo que o mesmo elogie mais vezes as boas prestações dos seus atletas. Verificamos, também, que ambos os grupos de treinadores são mais elogiosos no decorrer da segunda parte do jogo e quando a vitória é expressiva. Ou seja, a associação entre segundo momento do jogo e resultado confortável, poderá ser a responsável por um estado menos ansioso do treinador que o impele a ser mais elogioso.

Situação idêntica verifica-se relativamente à conduta de encorajamento após uma má prestação. Também aqui ambos os grupos de treinadores são mais encorajadores quando estão a vencer por mais de dois golos do que quando estão a vencer apenas por dois golos, assumindo-se a segunda parte do jogo como o momento em que mais acontece este comportamento. Pensamos que a explicação poderá, novamente residir no facto do treinador ser mais tolerante para com os erros dos seus atletas quando a vitória está praticamente assegurada. De facto, poderá tornar-se mais

fácil aceitar os erros dos atletas, quando os mesmos já não comprometem o resultado desportivo.

No que diz respeito à conduta uso de palavrões, verificamos também que ambos os grupos de treinadores estudados revelam maior frequência da mesma quando estão a perder comparativamente a quando estão empatados. Pensamos que o resultado negativo (estar a perder), pode desencadear mais tensão psicológica nos treinadores, levando-os a adoptar um vocabulários menos apropriado.

Em relação à conduta, permissão de uso de palavrões por parte dos atletas, esta acontece com maior frequência quando a equipa está a ganhar, do que quando está empatada ou a perder. À partida esta situação poderá suscitar algumas dúvidas, todavia, verificámos ao longo deste estudo que em situação de marcação de golo, normalmente dão-se muitas condutas de palavrões, ou seja, o uso do palavrão no âmbito do futebol, não surge apenas em situações adversas, mas também nos festejos dos golos.

Da análise de todos estes comportamentos, acreditamos que podemos depreender que tanto os **TLEF** como os **TNLEF** revelam com maior frequência condutas despromotoras de *fair play* quando a vitória desportiva é menos expressiva, ou mesmo quando estão a perder. Estas condutas dão-se, ainda, com maior frequência sempre que associamos o mau resultado desportivo (estar a perder) à segunda parte do jogo de futebol. Nessa medida, acreditamos que o treinador revela um comportamento anti desportivo quando está perante um contexto competitivo marcado por mais vicissitudes. Significa que o *fair play* se torna mais fácil de evidenciar quando se está a vencer por um resultado expressivo e confortável.

Por isso, estes dados permitem-nos afirmar, com alguma parcimónia, que a ausência de *fair play* se associa a quadros desportivos de insucesso, na medida em que quanto mais negativo é o resultado, mais se manifesta a conduta anti desportiva dos treinadores, independentemente do seu grau de formação académica.

5.4 Análise da opinião dos treinadores licenciados em Educação Física (entrevistas)

A análise das entrevistas permitiu-nos concluir que:

TLEF revelam conhecimentos sólidos relativamente ao conceito de Fair play, atribuindo importância ao mesmo no contexto desportivo. Quando instados sobre a definição do conceito de *fair play* os **TLEF** revelam conhecer do ponto de vista teórico este conceito.

São unânimes ao considerarem o “exemplo”, como a melhor forma de promover o *fair play* junto das crianças, assumindo-se, o seu comportamento, como um exemplo a seguir pelos atletas. Referem que promovem, então, o *fair play* através do seu “exemplo” e intervindo quando os seus atletas demonstram comportamentos desviantes.

Em relação ao papel dos árbitros na promoção do *fair play*, consideram que nem sempre os juizes contribuem de forma positiva neste capítulo. No que respeita a discussões com o árbitro mencionam que não permitem que os seus atletas o façam, porque isso é prejudicial à equipa.

Todavia, no que diz respeito à utilização de palavrões, verificamos que a maioria dos treinadores deste grupo afirma não intervir quando os seus atletas utilizam este tipo de vocabulário, na medida em que o consideram como um “escape” que ajuda a libertar a tensão da competição. Em relação ao uso de palavrões consideram como uma conduta normal no contexto do futebol, até porque, como afirmam, eles mesmos as dizem.

No que diz respeito ao adversário afirmam demonstrar apreço pelos seus opositores sendo que em momento algum incentivam os seus atletas a adotarem condutas violentas.

Em relação ao árbitro da partida revelam que em alguns momentos de maior pressão manifestam comportamentos de desagrado. Afirmam que esta conduta se deve aos momentos de maior pressão.

No que concerne à adopção de truques demonstram não estar de acordo pois acreditam que a vitória tem maior significado quando alicerçada no *Fair play*. Contudo, a grande maioria está de acordo com o “**perder tempo**” quando se está a ganhar, pois encaram este comportamento como uma estratégia.

Relativamente ao uso de palavrões, a grande maioria dos **TLEF** reconhecem que este não é um comportamento digno, todavia, em alguns momentos utilizam-nos.

Quando instados sobre os principais responsáveis pela despromoção do *Fair play*, os **TLEF** não têm dúvidas em considerar que são todos os intervenientes na prática desportiva.

5.5 Análise da opinião dos treinadores não licenciados em Educação Física (entrevistas)

A análise das entrevistas permitiu-nos concluir que:

Os **TNLEF** manifestam alguma dificuldade em definir comportamentos associados ao *fair play*, todavia, a grande maioria acredita que este é um conceito positivo, todavia utópico. Este facto, não nos deixa de inquietar na medida em que nos questionamos de como é possível atribuir importância a um conceito que, à partida, não se sabe definir nem delimitar do ponto de vista conceptual.

No entanto, em seu entender, a melhor forma de promover o *fair play* junto dos atletas não é através do “exemplo” mas pelo fomento de palestras onde o treinador deverá falar acerca dos benefícios de se jogar respeitando os princípios do *fair play*. Metade da amostra refere que não promove o *fair play*. De referir que o facto de não termos acesso às palestras antes dos jogos e dos treinos, não nos permite confirmar se nesses momentos o treinador faz alguma alusão ao *fair play*. No entanto, pensamos que o facto de os **TNLEF** não acreditarem no “exemplo”, como uma das formas de promover o *fair play*, fica a dever-se ao facto de os mesmos pensarem que a sua conduta enquanto técnicos não é passível de ser reproduzida pelos seus atletas.

Em relação ao papel dos árbitros na promoção do *fair play*, consideram que nem sempre os juizes contribuem de forma positiva neste capítulo, pois afirmam que os árbitros pretendem assumir um protagonismo acima daquele que seria desejado para as suas funções. Constatamos que este grupo de treinadores é mais negativo na avaliação feita ao trabalho do árbitro, considerando que estes são os maiores responsáveis pela ausência de *fair play* nos campos de futebol.

No que respeita a discussões com o árbitro mencionam que não permitem que os seus atletas o façam, porque isso é prejudicial à equipa.

Em relação ao uso de palavrões observam como uma conduta normal no contexto do futebol, até porque, como afirmam, eles mesmos as dizem.

No que diz respeito ao adversário, afirmam respeitar os seus opositores, fomentando essa conduta nos seus atletas.

No que concerne ao árbitro da partida revelam que em alguns momentos de maior pressão manifestam comportamentos de desagrado. Afirmam que este conduta se deve aos momentos de maior pressão.

No tocante à adopção de truques consideram que em primeiro lugar é necessário vencer os jogos e quando for possível conciliar essa situação com o *fair play*, atinge-se o ideal. Assim, estão de acordo com comportamentos tais como: perder tempo de jogo, simular uma falta ou uma grande penalidade ou tentar enganar o árbitro.

Relativamente ao uso de palavrões, reconhecem que estes fazem parte da sua conduta no contexto do futebol, apesar de admitirem a sua incorrecção.

Quando instados sobre os principais responsáveis pela despromoção do fair play, consideram que a maioria dos intervenientes na prática desportiva têm responsabilidades neste campo, todavia, destacam três figuras, nomeadamente, pais, árbitros e dirigentes.

5.6 Análise conjunta do comportamento e da opinião dos treinadores licenciados e não licenciados em Educação Física

Ambos os grupos afirmam que o *fair play* é de grande importância para a prática desportiva. Todavia, constatamos pelas observações dos jogos que ambos “**discutem com o árbitro**”, “**dizem palavrões**”, “**desrespeitam os seus atletas**”.

Verificamos, desta forma, que não existe uma relação entre aquilo que é dito e aquilo que é realizado. De facto, a prática dos treinadores contraria aquilo que, em tese, eles defendem. Se na entrevista revelam atribuir importância ao *fair play*, na prática demonstram um conjunto de atitudes e comportamentos que obstam a essa opinião.

Em relação à melhor forma de promover o *fair play*, os **TLEF** afirmam ser através do “exemplo” do treinador. Se teoricamente todos concordamos com este pressuposto, facilmente percebemos que a teoria não chega a ser praticada pelos treinadores licenciados. Se de facto “**dizem palavrões**”, “**discutem com os árbitros**” e “**desrespeitam os seus atletas**”, não poderá ser através da sua conduta que promoverão o *fair play*. Verificamos que estes treinadores revelam boas intenções que depois não conseguem operacionalizar.

Em relação a este âmbito, os **TNLEF** afirmam que a melhor forma de promover o *fair play* é através de palestras. No entanto, como só gravámos os jogos e nunca acedemos às palestras, ficamos sem saber se, de facto, nestes momentos são faladas questões de *fair play*. No entanto, metade da amostra dos **TNLEF** afirmam não promover o *fair play*, o que não deixa de ser antagónico, quando na primeira pergunta afirmam considerar o *fair play* de grande importância na prática desportiva.

Quando instados sobre o papel dos árbitros na promoção do *fair play*, ambos os grupos reconhecem que os mesmos nem sempre o fazem da melhor forma, pois pretendem ser os protagonistas dos jogos. Revelam, ambos, uma má opinião em relação ao contributo dos árbitros na promoção do *fair play*, todavia, como veremos de seguida, o comportamento dos treinadores também em nada contribui para um maior respeito pela figura do árbitro.

Em relação ao desrespeito dos atletas para com o árbitro, ambos os grupos consideram não o permitir, pois reconhecem que discutir com o árbitro, prejudica os atletas e por conseguinte a própria equipa. No entanto, verificamos, novamente, não existir uma coerência entre as palavras dos treinadores e as suas acções, porque a

análise dos jogos evidenciou que estes não intervêm, quando os seus atletas discutem com o árbitro.

No que concerne ao uso de palavrões por parte dos atletas, ambos os grupos reconhecem que o permitem, por considerarem que os palavrões são muitas vezes utilizados como um “escape” para situações de maior tensão psicológica. Neste caso existe uma correspondência entre o que pensam e o que fazem.

Em relação ao respeito pelo adversário, ambos os grupos de treinadores revelam incentivarem os seus atletas a fazerem-no. De facto os **TLEF** evidenciam no seu comportamento esta conduta, na medida em que incentivam os seus jogadores a pedirem desculpas aos opositores após cometerem uma falta. Este gesto pode ser revelador de algum respeito pelo adversário, levando os atletas a assumirem o seu erro, neste caso, a conduta faltosa. No entanto os **TNLEF** revelam, outra vez, uma incoerência entre aquilo que afirmam fazer e o que realmente fazem. Se por um lado dizem respeitar os adversários, por outro incentivam os seus atletas a adoptarem condutas faltosas, no sentido de travarem os opositores. Depois, não incentivam, sequer, a um pedido de desculpas. Em nosso entender, é um comportamento despromotor que revela desrespeito pelos opositores e concomitantemente pela verdade desportiva.

No que concerne a discussões dos treinadores com o árbitro, ambos os grupos revelam que em situações de maior tensão competitiva, manifestam o seu desagrado. Estas palavras, coadunam-se, na verdade, com o comportamento evidenciado durante os jogos. No entanto, há um aspecto que importa reter. Anteriormente, os **TLEF** afirmavam que a melhor forma de fomentar o *fair play*, era através do exemplo do treinador e que não permitiam que os seus atletas discutissem com o árbitro. Assim, verificamos que o treinador é, na verdade, um exemplo para os seus atletas e a atestar esta situação está o facto de os **TLEF** discutirem com os árbitros e depois, os seus atletas fazerem exactamente o mesmo.

No que diz respeito ao uso de truques para enganar o árbitro, os **TLEF** referem estar em desacordo, enquanto os **TNLEF** afirmam que tudo é lícito perante a necessidade de vencer. Estas palavras verificam-se na prática, pois os **TNLEF** encorajam os seus atletas a fazerem faltas e a perderem tempo.

Parece-nos, novamente, que este tipo de comportamento poderá ser prejudicial ao desenvolvimento salutar dos atletas, pois enfatiza demasiado a vitória, em detrimento da prática desportiva saudável.

Quando questionados sobre quem são os principais responsáveis pela despromoção do *fair play*, as opiniões são divergentes entre os dois grupos. Os **TLEF** pensam que todos os intervenientes têm alguma responsabilidade neste campo, enquanto os **TNLEF** delegam essa responsabilidade nos pais, dirigentes e árbitros. Neste aspecto, parece-nos que a opinião dos **TLEF** é a mais ajustada ao considerarem que todos têm alguma responsabilidade na hora de repartir o ónus da despromoção do *fair play*.

A opinião dos **TNLEF**, parece-nos menos correcta, pois descarta toda a responsabilidade para os restantes intervenientes, procurando não se imiscuir nesta questão.

Para terminar, verificamos um quadro pouco abonatório a favor dos treinadores, no que diz respeito à promoção do *fair play*.

Pensamos que os **TLEF** revelam uma postura ligeiramente melhor do que os **TNLEF**, mas ambos os grupos talvez se situem aquém daquilo que seria desejável para os treinadores.

5.5 Conclusões Finais

Para terminar gostaríamos de deixar algumas conclusões em forma de quadro.

- Ambos os grupos estudados revelam comportamentos de promoção e despromoção do *fair play*;
- Os treinadores licenciados em Educação Física revelam maior variedade e frequência de comportamentos promotores de *fair play*, quando confrontados com os treinadores não licenciados;
- Os treinadores não licenciados em Educação Física revelam maior variedade e frequência de comportamentos despromotores de *fair play* quando confrontados com os treinadores licenciados;
- Ambos os grupos estudados revelam pouca coerência entre aquilo que afirmam fazer e aquilo que de facto fazem, pois reconhecem relevância ao *fair play*, no entanto os seus comportamentos são em muitas situações antagónicos com a defesa deste princípio;
- Quanto mais negativo é o resultado desportivo, maior a frequência de condutas anti desportivas por parte de ambos os grupos estudados;
- Quanto mais volumosa é a vitória, maior a frequência de condutas tais como, elogiar o bom desempenho dos atletas e encorajar más prestações;
- Um mau resultado desportivo associado à segunda parte do jogo, eleva a frequência de comportamentos despromotores de *fair play*;

- Os treinadores não licenciados em Educação Física consideram que os principais responsáveis pela despromoção do *fair play* são os Pais e os árbitros. Desta forma, fica patente que este tipo de treinadores, apesar de evidenciar uma má conduta, não se considera responsável pela falta de *fair play* dos seus atletas.
- Os treinadores licenciados nem Educação Física consideram que todos os intervenientes na prática desportiva têm alguma responsabilidade na despromoção do *fair play*, pois em momentos diferentes todos revelam condutas desajustadas.
- O estudo revela que na generalidade ambos os grupos estudados revelam pouco interesse e empenho pela promoção do *fair play*, indiciando maior apetência pelos aspectos relacionados com a vitória.
- Assim, acreditamos que futuramente os cursos de treinadores desportivos deverão contemplar Unidades Curriculares que abordem a temática da Ética e do *fair play*, procurando incentivar desde logo os jovens técnicos a adoptarem uma conducta diferente.
- Pensamos ainda que deverão as Associações de Futebol dos diferentes distritos e a Federação Portuguesa de Futebol criar mecanismos no seio das competições desportivas que relevem o papel dos treinadores promotores do *fair play*, no sentido de incentivar todos os técnicos a adoptarem uma boa conduta.

6.Recomendações

Ao longo deste trabalho de investigação, muitas dúvidas foram surgindo e com elas, novas oportunidades de futuras pesquisas. Na verdade, à medida que o trabalho se ia desenvolvendo, eram dadas novas respostas, mas, concomitantemente, novas questões nos inquietavam. Por isso, no final deste ciclo, ficam algumas questões por responder que importará procurar respostas em investigações futuras.

Deste modo, consideramos pertinente a realização de novos trabalhos, partindo dos seguintes princípios:

1. Aumentar a amostra, em termos de número de treinadores e de jogos, mas mantendo a mesma metodologia deste estudo de forma a confirmar as tendências encontradas.
2. Realização de mais estudos com a mesma metodologia e na mesma modalidade, de forma a encontrar-se um perfil comportamental e em termos de promoção do *fair play* do treinador de futebol.
3. A aplicação da metodologia deste estudo noutras modalidades colectivas, de forma a consolidar-se a existência de um padrão tipo em termos comportamentais no que diz respeito à promoção de *fair play*.
5. Aplicação deste estudo, com a mesma metodologia, numa amostra de treinadores do género feminino.
6. Aplicação deste estudo, com a mesma metodologia, numa amostra de treinadores de outro país da europa.

7. Referências bibliográficas

Adelino, J. (2006). *Ética Desportiva na visão de um treinador*. Ética e Fair play, Novas Perspectivas, Novas Exigências. Oeiras: Livros CDP

Almagro-Torres, B., & Fuentes-Guerra, F. (2008). Los valores personales y sociales en jóvenes deportistas (10-12 años). *Revista Digital Educación Física y Deportes*, 119. Consultado em <http://www.efdeportes.com/>

Álvarez, M., Castillo, I., Duda, J., & Balaguer, I. (2009). Clima motivacional, metas de logro y motivación autodeterminada en futbolistas cadetes. *Revista de psicología general y aplicada*, 62, 1-2 & 35-44.

Anguera, M., Blanco, A., & Losada, J. (2001). Diseños observacionales, cuestión clave en el proceso de la metodología observacional. *Metodología de las ciencias del comportamiento*, 3, 135-160.

Anguera, M., Blanco, A., Losado, J., & Mendo, A. (2000). La Metodología Observacional en Deporte: Conceptos Básicos. *Revista Digital Educación Física y Deporte*, 24. Consultado em <http://www.efdeportes.com/>

Arnal, J., Rincón, D., & Latorre, D. (1992). *Investigación Educativa: fundamentos y metodologías*. Barcelona: Editorial Labor.

Aroyo, M. & Alvarez, F. (2004). *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación*. Barcelona: INDE.

Baião, M. (2002). *A actividade pedagógica do treinador de Futebol. O comportamento do treinador de Futebol em situação de treino de Desporto Federado e Desporto Escolar e com dois escalões de formação distintos: Iniciados e Juvenis*. (Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH. Lisboa)

Bakeman, R., & Quera, V. (1992). SDIS: A sequential data interchange standard. *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers*, 24, 554–559.

Bakker, F. (1993). *Psicología del deporte, conceptos y aplicaciones*. España: Ediciones Mora.

Balaguer, I., Duda, J., Atienza, F., & Mayo, C. (2002). Situational and dispositional goals as predictors of perceptions of individual and team improvement, satisfaction and coach ratings among elite female handball teams. *Psychology of Sport and Exercise*, 3, 293-308.

Barletta, F. (2009). Análise da origem, ocorrência e execução dos gols no futebol. *Revista Digital Educación Física y Deportes*, 132. Consultado em <http://www.efdeportes.com/>

Berengui, R., & Fayos, E. (2007). Valores en el Deporte Escolar: Estudio con Profesores de Educación Física. *Cuadernos de Psicología*, 7(2), 34-42.

Bidutte, L., Azzi, R., Vasconcelos Raposo, J., & Almeida, L. (2005). Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas. *Psico-USF*, 10(2), 179-184.

Bogdan, R., & Birklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Boixados, M., Cruz, J., Torregrosa, M., & Valiente, L. (2004). Relationships among motivational climate, satisfaction, perceived ability, and sport attitudes in young soccer layers. *Journal of applied sport psychology*, 16(4), 301-317.

Borras, P. (2007). *Intervención para la promoción de la deportividad en el Fútbol cadete en Mallorca*. (Tese de doutoramento não publicada. Universidad de las Islas Baleares)

Borras, P., Palou, P., Ponseti, F. & Cruz, J. (2003). Promoción de la deportividad en el fútbol en edad escolar. Evaluación de los comportamientos relacionados con el fairplay. En S. Márquez (Ed.), *Psicología de la actividad física y el deporte: Perspectiva latina* (pp. 207-218). León: Universidad de León.

Bossio, M. (2009). Clima Motivacional y orientación de metas en futbolistas Peruanos de primera división. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 9, 5-20.

Brandl- Bredenbeck, P. (1998). *Let's Save the Handshake*. Paper presented at the 1998 AIESEP conference "Education for life". Adelphi University, July. Garden City, New York.

Bredemeir, J. (1995). Divergence in children's moral reasoning- about issues in dayle life and sport specific contexts. *International journal of sport psychology*, 26, 453-463.

Brito, G., & Díaz, P. (2002). Educar en valores a través de la Educación Física: aplicación de un programa en Educación Secundaria. *Revista Digital Educación Física y Deportes*, 54. Consultado em <http://www.efdeportes.com/>

Brown, A. (1993). *Moral reasoning, motivational orientation, sport experience and participant conduct in sport*. (Tese de doutoramento não publicada. University of Minnesota)

Brunelle, J., Goulet, C., & Arguin, H. (2005). Promoting respect for the rules and injury prevention in ice hockey: evaluation of the Fair play Program. *Journal of Science and medicine in sport*, 8(3), 294-304.

Caillé, A. (1994). *The Concept of Fair play*. Lausanne: IOC.

Camerino, O.; Castañer, M. and Anguera, M.T. (Ed.) (2012): *Mixed Methods Research in the Movement Sciences: Cases in Sport, Physical Education and Dance*. UK. Routledge. ISBN - 978-0-415-67301-3. Índice Impacto según SPI-Scholarly Publishers Indicators: la tercera de un total de 208, con un factor de impacto: 256.19

Casamichana, D., & Castellano, J. (2009). Los juegos reducidos aplicados a los nuevos modelos de entrenamiento en fútbol. En O. Usabiaga, J. Castellano y J. Etxebeste (Eds.) *Investigando para innovar en la actividad física y el deporte* (pp. 131-140), Vitoria (España): gidekit.com

Casamichana, D., & Castellano, J. (2009). Análisis de los diferentes espacios individuales de interacción y los efectos en las conductas motrices de los jugadores: aplicaciones al entrenamiento en fútbol. *Motricidad. European Journal of Human Movement*, 23, 143-167.

Castellano, J. (2000). *Observación y análisis de la acción de juego en el fútbol*. (Tese de Doutoramento não publicada. Universidad del País Vasco)

Castellano, J. (2008). Análisis de las posesiones de balón en fútbol: frecuencia, duración y transición. *Motricidad. European Journal of Human Movement*, 21, 179-196.

Castellano, J., Perea, A., Alday, L., & Mendo, A. (2008). The Measuring and Observation Tool in Sports. *Behavior Research Methods*. 40, 898-905.

Castellano, J., Perea, A., & Hernández Mendo, A. (2008). Análisis de la evolución del fútbol a lo largo de los mundiales. *Psicothema*, 20(4), 928-932. <http://www.psicothema.com/>

Cervelló, E., Jiménez, R., Del Villar, F., Ramos, L., & Santos-Rosa F. (2004). Goal orientations, motivational climate, equality, and discipline of Spanish physical education students. *Perceptual and Motor Skills*, 99, 271-283.

Cecchini, J., González, C., Alonso, C., Barreal, J., Fernández, C., García, M & Nuño, P. (2009). Repercusiones del Programa Delfos sobre los niveles de agresividad en el deporte y otros contextos de la vida diaria. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 2, 34-41.

Cecchini, J., Gonzalez, C., & Mendez, H. (2008). Participación en el deporte, orientación de metas y funcionamiento moral. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 40(3), 497-509.

Cecchini, J., González, C., Carmona, A., & Conteras, O. (2004). Relaciones entre clima motivacional, la orientación de meta, la motivación intrínseca, la autoconfianza, la ansiedad y el estado de ánimo en jóvenes deportistas. *Psicothema*, 16(1), 104-109. <http://www.psicothema.com/>

Cecchini, J., Montero, J., & Pena, J. (2003). Consequences of the intervention programme for developing Hellison's Personal and Social Responsibility on Fair play and self-control behaviours. *Psicothema*, 15(4), 631-637. <http://www.psicothema.com/>

Cervelló, E., & García-Calvo, T. (2003). Clima motivacional y patrones de conducta desadaptativos en jóvenes jugadores de fútbol. (Manuscrito sin publicar)

Chaverri, J., Camerino, O., Anguera, M. T., Blanco-Villaseñor, A., & Losada, J. L. (2010). Contextos de interacción en el fútbol: detección de T-Patterns. *Gymnasium. Revista de Educação Física, Desporto e Saúde*, 1(2), 69-92.

Claxton, D. (1988). A systematic observation of more and less successful high school tennis coaches. *Journal of Teaching in Physical Education*, 7 (4), 302-310.

Coelho, O. (2004). *Pedagogia do Desporto. Contributos para uma compreensão do desporto juvenil*. Lisboa: Livros Horizonte.

Conroy, D., Kaye, M., & Coatsworth, J. (2006). Coaching climates and the destructive effects of mastery-avoidance achievement goals on situational motivation. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28(1), 69-92.

Conselho da Europa (1996). *Código de Ética Desportiva*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

Cook, T. & Reichard, C. (1986). *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa*. Madrid: Morata.

Costa, A., Pinheiro, V. & Sequeira, P. (2007). *A importância dos aspectos educativos e de saúde no perfil de competências do treinador de Andebol*. Comunicação apresentada no IV congresso técnico- científico de Andebol organizado pela Federação de Andebol de Portugal. Lisboa

Costa, I., Garganta, J., Greco P., Mesquita, I., Müller, E., Silva, B., & Castelão, D. (2009). Análise do Comportamento Tático de Jogadores de Futebol através da aplicação do Teste “Gr3-3Gr”, em dois períodos de jogo distintos. *Revista Brasileira de Futebol*, 2(2), 3-11.

Costa, I., Garganta, J., Greco P., Mesquita, I., & Müller, E. (2011). Relação entre a dimensão do campo de jogo e os comportamentos táticos do jogador de futebol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25(1), 79-96.

Costa, I., Garganta, J., Greco, P., Mesquita, I., & Maia, J. (2011). Sistema de avaliação táctica no Futebol (FUT-SAT): Desenvolvimento e validação preliminar. *Motricidade* 7 (1), 69-84.

Côté, J., Salmela, J., Trudel, P., Baria, A. & Russell, S. (1995). The coaching model: A grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 17(1), 1-17.

Coulomb-Cabagno, G., & Rasclé, O. (2006). Team Sports Players' Observed Aggression as a Function of Gender, Competitive Level, and Sport Type. *Journal of Applied Social Psychology*. 36 (8), 1980–2000.

Creswell, J., & Clark, P. (2007). *Designing and conducting mixed methods research*. Thousand Oak, CA: Sage.

Creswell, J. (2007). *Qualitativ Inquiry & Research design: Chosing among five approaches*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Cruz, J., Boixadós, M., Valiente, L., & Capdevila, L. (1995). Prevalente Values in young spanish soccer players. *International Review for the Sociology of Sport*, 30.

Cruz, J., Valiente, L., Torregrosa, M., Boixadós, M. (2001). Se pierde el "fairplay" y la deportividad en el deporte en edad escolar? *Apunts: Educación física y deportes*, 64, 6-16.

Curado, J. (2002). *Organização do Treino nos desportos colectivos. Pontos de partida*. Colecção Desporto e Tempos Livres. Lisboa: Editorial Caminho.

Duda, J., & Whitehead, J. (1998). Measurement of goal perspectives in the physical domain. En J.L. Duda (Ed.), *Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement* (pp.21-48). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Decreto-Lei nº 553/77, de 31 de Dezembro, ratificado pela Lei nº 63/78, de 29 de Setembro.

Decretos-Leis nº 350/91 e nº 351/91, ambos de 19 de Setembro.

Decreto-Lei nº 407/99, de 15 de Outubro.

Decretos-Leis nºs 401/91 e 405/91, de 16 de Outubro.

Decreto-Lei 407/99.

Deshais, P., Vallerand, R. & Currier, J.(1984). *La connaissance et l'attitude des jeunes sportifs quebécois face l'esprit sportif*. Quebec: La régie de la securitié dans le sports du Quebec.

Erickson, F. (1989). Métodos cualitativos de investigación.In: WITTROCK, M. C. *La investigación de la enseñanza, II*.Barcelona- Buenos Aires-Mexico: Paidos

Estrada, J., Gonzalez-Mesa, C., & Mendez, J .(2007). Participación en el deporte y Fair play. *Revista Psicothema, 19*, 1,57-64. <http://www.psycothema.com/>

European Comission (2004). *The citizens of European Union and sport*.

Fernandes, H.,Sénica, L., & Moreira, M. (2004). *Caracterização das atitudes desportivas e orientações motivacionais em jovens hoquistas*. Simpósio Nacional de Ciências do Desporto. FMH-UTL.

Gano-Overway,L.,Guivernau,M.,Magyar,T.,Waldron,J.,&Ewing,M(2005).Achievement goal perspectives, perceptions of the motivational climate, and sportspersonship: individual and team effects. *Psychology of Sport and Exercise* 6 (2), 215-232.

García Calvo, T.,Cervelló, E.,Jimenez, R., Iglesias,R., & Santos-Rosa,F. (2005). La implicacion motivacional de jugadores jovenes de fútbol y su relación com el estado de *flow* y la satisfaccion en competición. *Revista de Psicología del Deporte, 14* (1), 21-42.

García Calvo, T., Leo, F.M., Martín, E., & Sánchez Miguel, P.A. (2008). El compromiso deportivo y su relación com factores disposicionales y situacionales contextuales de la motivación. *Revista Internacional de Ciencias del Deporte, 12*(4), 45-58.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática* (4º ed.). Oeiras: Celta Editora.

Gibbons, S., & Ebeck, V. (1997). The effect of different teaching strategies. *Journal of Teaching in Physical Education*, 17, 85 – 98.

Gibbons S, Ebbeck V, Concepcion R., & Li, K. (2010). The impact of an experiential education program on the self-perceptions and perceived social regard of physical education students. *Journal Sport & Exercise Psychology*, 32(6), 786-804.

Gibbons, S., Ebeck, V., & Weiss, M. (1995). Fair play for Kids: Effects on the moral development of children in physical education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 66, 247 – 255.

Gimeno, F., Sáenz, A., Ariño, J., & Aznar, M. (2007). Deportividad y violencia en el fútbol base: un programa de evaluación y de prevención de partidos de riesgo. *Revista de Psicología del Deporte*, 16(1)103-118.

Gonçalves, C. (2006). *Ética e Fair play: Contributos para uma valorização qualitativa das práticas desportivas*. Ética e Fair play, Novas Perspectivas, Novas Exigências. Oeiras: Livros CDP.

Gonçalves, C. (1996). *O pensamento dos treinadores sobre o Espírito Desportivo na formação de jovens praticantes*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

Gonçalves, C. (1990). *Percepção e influência dos agentes de sociabilização no desporto para jovens*. In Câmara Municipal de Oeiras, O Espírito Desportivo e os jovens praticantes desportivos. Oeiras.

Gonçalves, C. (1988). O Espírito Desportivo na formação do jovem praticante. *Revista Horizonte*, 5, 28 – 31.

Gonçalves, C., Cardoso, L., Freitas, F., Lourenço, J., & Silva, M. (2005). Valores no Desporto de Jovens: Concepções, Instrumentos e limitações. *Revista da SPEF*, 30, 83-89.

Gonçalves, C., Coelho, M., & Cruz, J. (2006). Efeitos do nível desportivo sobre as atitudes face à prática e à orientação para a realização de objetivos em jovens atletas dos 13 aos 16 anos. In Coelho e Silva, M; Gonçalves, C.; Figueiredo, A. (Ed.). *Desporto de Jovens ou Jovens no Desporto?* (pp. 105-124) Coimbra: FCDEF-UC.

Gruppe, O. (1992). The sport culture and the sportization of culture: identity, legitimacy, sense and nonsense of modern sport as a cultural phenomenon. In: Landry, F.; Landry, M.; Yerles, M.(eds.) *sport...The third Millenium*. (pp.135-146). Quebec: Les press de l'Université Laval.

Gutiérrez, M. (1995b). El maestro como promotor de valores sociales a través de la actividad física. En P. L. Rodríguez y J. A. Moreno (eds.), *Perspectivas de actuación en educación física* (pp. 45-60). Murcia: Universidad de Murcia.

Gutiérrez, M., & Montalbán, A. (1994). ¿Qué valores transmite la serie deportiva de dibujos animados Campeones? *Revista Española de Educación Física y Deportes* 1(2). 27-33.

Gutiérrez, M., & Pilsa, C. (2006). Orientaciones hacia la deportividad de los alumnos de educación física. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 4, 86-92.

Gutiérrez, S. (1998). *El deporte como realidad educativa. Una propuesta alternativa*. Barcelona: INDE.

Hassandra, M., Goudas, M., Hatzigeorgiadis, A., & Theodorakis, Y. (2007). A Fair play intervention program in school Olympic education. *European Journal of Psychology of Education*, 22 (2), 99-114.

Hahm, C. (1990) *Moral reasoning and development among general students, physical education majors, and students athletes*. (Tese de doutoramento não publicada. University of Idaho).

Hein, V. & Hagger, M. (2007). Global self-esteem, goal achievement orientations, and self-determined behavioural regulations in a physical education setting. *Journal of Sports Sciences*, 25(2), 149 – 159.

Hernández, A. & Molina, M. (2002). Como usar la observación en la psicología del deporte: principios metodológicos. *Revista Digital Educación Física y Deportes*, 49. Consultado em <http://www.efdeportes.com/>

Hon, J. & O'connor, B. (1994). Teaching the essence. *Journal of Physical Education recreation and dance*, 65(7), 70-72.

Huang, S. (2006). media coder 0.5.1

Kavassanu, M . (2007). Morality in sport. In S. Jowett & D. E. Lavalley (Eds.) *Social Psychology in Sport* (pp. 265-278). Champaign, IL: Human Kinetics.

Kavassanu, M. & Roberts, G .(2001).Moral functioning in sport: An achievement goals perspectives.*Journal of sport & exercise phychology*, 23, 37-44.

Kavassanu, M; Seal, AR. & Phillips, D. (2006). Observed prosocial and antisocial behaviors in male soccer team: age differences across adolescence and the role of motivational variables. *Journal of applied sport phychology*, 18(4), 326-344.

Lacy, A., & Darst, P. (1984). Evolution of a systematic observations system: the ASU coaching observation instrument. *Journal of Teaching in Physical Education*, 4, 256-270.

Lacy, A., & Goldston, P. (1990). Behavior analysis of male and female coaches in high school girl's basketball. *Journal of Sport Behavior*, 13, 29-39.

Lago, C., & Anguera, M. (2003).Utilización del análisis secuencial en el estudio de las interacciones entre jugadores en el fútbol de rendimiento. *Revista de Psicología del Deporte*, 12 (1), 27-37.

Langevoort, G., Junge, A., Dvorak, J., & Myklebust, G. (2007). Handball Injuries During International Tournaments. *Scandinavian Journal science Sports* 17 (4), 400-407.

Langsdorf, E. (1979). *A systematic observation of football coaching behavior in a major university environment.* (Tese de Doutorado não publicada. Arizona State University).

Laure, P., & Lacerf, T. (2002). Doping prevention among young athletes: comparison of a health education-based intervention versus information-based intervention. *Science and Sport*, 17(4), 198-201.

Lee, M.J., & Cockman, M. (1995). Values in Children's Sport: Spontaneously Expressed Values Among Young Athletes. *International Review for the Sociology of Sport* September, 30, 337-350.

Lee, M. (1993). Moral development and children's sporting values. In: J. Whitehead (eds.), *Developmental Issue in children's sport and Physical Education*, (pp. 30-42). Institute for the Study of Children in Sport.

Lee, J., & Williams, V. (1989). Over the top. *Sport and Leisure*, 14, 27-28.

Lemyre, P., Roberts G., & Ommundsen, Y. (2002). Achievement Goal Orientations, Perceived Ability, and Sportspersonship in Youth Soccer. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14(2), 120-136.

Leo, F., García Calvo, T., Sánchez, P., Gómez, F., & Sánchez, D. (2008). Relevancia de los climas motivacionales de los otros significativos sobre los comportamientos deportivos en jóvenes deportistas. *Motricidad. European Journal of Human Movement*. 21, 123-141.

Lyle, J. (2002). *Sports coaching concepts: a framework for coaches' behavior.* London

Lombardo, B., Faraone, N. & Pothier, D. (1982). The behavior of youth sport coaches: a

preliminary analysis. In M. Pierón & J. Cheffers (Eds). *Studying the teaching in physical education* (pp. 189-196). Liège: AIESEP.

Long, T., Pantaleon, N., Bruant, G., & D'arripe-Longueville, F. (2006). A qualitative study of moral reasoning of young elite athletes. *Sport Psychologist*, 2(3), 330-347.

Lorimer, R., & Jowett, S (2009). Empathic accuracy, metaperspective, and satisfaction in the coach-athlete relationship. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21, 204-12.

Ludke, M., & Andre, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Mckenzie, T. & King, H. (1982). Analysis of feedback provided by youth baseball coaches. *Education and Treatment of Children*, 2(5), 179-188.

Magnusson, M. (2000). Discovering hidden time patterns in behavior: T-patterns and their detection. *Behavior Research Methods Instruments & Computers*, 32(1), 93-110.

Martens, R. (1978). *Joy and sadness in children's sports*. Champaign: Human Kinetics.

Medina, L., Mendo, A., & Garcia, J. (2009). Intervención y evaluación de un Programa de Desarrollo Moral en la Educación Física en Primaria. *Revista Digital Educación Física y Deportes*, 133. Consultado em <http://www.efdeportes.com/>

Millard, L. (1996). *Differences in coaching behaviors of male and female high school soccer*. (Unpublished Doctoral Dissertation. Arizona: Arizona State University)

Moreno, J., Conte, L., Hellin, P., Hellin, G., Vera, J., & Cervelló, E. (2008). Predicción de la motivación autodeterminada según las estrategias para mantener la disciplina y la orientación motivacional en estudiantes adolescentes de educación física. *Apuntes de Psicología*, 26(3), 501-516.

Muñoz, A. (2005). Detección y valoración de la incidencia de las actitudes antideportivas durante la competición. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 5, (1 y 2), 134-142.

Mutz, M. & Baur, J. (2009). The role of sports for violence prevention: sport club participation and violent behaviour among adolescents. *International Journal of Sport Policy and Politics*. 1 (3), 305-321.

Ntoumanis, N. (2001). A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education. *British Journal of Educational Psychology*, 71, 225-242.

Ommundsen, Y., Roberts, G., Lemyre, P., & Miller, B. (2005). Peer relationships in adolescent competitive soccer: Associations to perceived motivational climate, achievement goals and perfectionism. *Journal of Sports Sciences*, 23(9), 977 – 989.

Palheira, C. (2005). *Os ideais e a Educação Olímpica nos jovens Portugueses. Um estudo com alunos dos 2º, 3º Ciclos e Secundário.* (Tese de Mestrado não publicada. FMH-UTL. Lisboa)

Palma, N. (2002). *A Relação Treinador-Atleta. Caracterização da relação treinador-atleta em situação de treino em Futebol.* (Tese de Mestrado não publicada. Lisboa: UTL-FMH)

Palou, P., Cruz, J., García-Mas, A., Borràs, P., & Ponseti, F. (2003) Comportamientos de "fair play" en estudiantes de magisterio de educación física. *Revista de psicología del deporte*, 12(1), 81-94.

Parry, J. (1994). *The moral and cultural dimensions of olympism and their educacional application.* Olympia: International Olympic Academy.

Parish, L., & Treasure, D. (2003). Physical Activity and situational motivation in Physical Education: Influence of the motivational Climate and perceived ability. *Research Quarterly Exercise Sport*, 74, 173-182.

Perényi, S. (2010). The relation between sport participation and the value preferences of Hungarian youth. *Sport in Society*, 13(6), 984-1000.

Pestana, M., Gagueiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Peterson, L., Graf-Baumann, T., Dvorak, J., Junge, A., & Chomiak, J. (2000). Incidence of football injuries and complaints in different age groups and skill-level groups. *American Journal Sport Medicine*, 28, 5, 1-57.

Pfister, R., & Papanastassiou, M. (1989). *Evolution des interactions agressives dans football en fonction de la categorie d'ages des pratiquants*. In Vanfraechem Raway, R. Van Dam, F. Edições.

Piéron, M., & Bozzi, G. (1988). La relation pédagogique d'entraînement. Etude en Basket- Ball. *Sport*, 122, 18-24.

Piéron, M., & Renson, D. (1988). La relation pédagogique d'entraînement. Etude en Football. *Sport*, 122, 25-30.

Pina, R., & Rodrigues, J. (1994). Os episódios de informação do Treinador e a Reacção dos Atletas numa situação de competição em voleibol. *Ludens*, 14 (4), 47-49.

Pinheiro, V. (2005). *A importância dos Aspectos Educativos no Treino de futebol com jovens*. (Monografia não publicada. Odivelas. ISCE)

Pinheiro, V., & Camerino, O. (2008). Estudo do Fair play do Treinador. Um estudo observacional no futebol de formação. *Revista Electrónica de Desporto e Actividade Física*, 1 (1), 24-29.

Pinheiro, V. Sequeira, P. Alves, R. (2005). *O perfil de competências do treinador de andebol- Os aspectos Educativos*. Comunicação apresentada no II congresso técnico-Científico de Andebol. Organizado pela Federação de Andebol de Portugal. Lisboa

Prudente, J., Garganta, J., Anguera, M. (2004). Desenho e validação de um sistema de observação no andebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4 (3), 49-65.

Rainey, D., & Cherilla, K. (1992). Conflict with baseball empires: an observational study. *Journal of Sport Behavior*, 16, 49-59.

Ramírez, J., Martínez, F., Cocca., A. & Rodríguez, P. (2009). El deporte, un vehículo de deformación en valores desvirtuados. Análisis educativo de las instrucciones de entrenadores deportivos. *Revista Digital Educación Física y Deportes*, 138. Consultado em <http://www.efdeportes.com/>

Reinboth, M., & Duda, J. (2006). Perceived motivational climate, need satisfaction and indices of well-being in team sports: A longitudinal perspective. *Psychology of Sport and Exercise*, 7(3), 269-286.

Robert, W., Hebert, B., Brust, J. & Leonard, B. (1996). Fair play and injury reduction in ice hockey. *Archive Pediatric adolescent Medicine*, 150(2), 140-145.

Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da Influência do Objectivo dos Treinos e do Nível de Prática dos Atletas na Actividade Pedagógica do Treinador de Voleibol*. Lisboa: Edições FMH.

Rodrigues, J. & Ferreira, V. (1995). Coaches Behaviour on Trampoline. Lidor, Eldar & Harari (Eds.), *Bridging the Gaps Between Disciplines*. Israel: AIESEP World Congress.

Romand, P., Pantaléon, N., & Cabagno, G. (2009). Age Differences in Individuals' Cognitive and Behavioral Moral Functioning Responses in Male Soccer Teams. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21, (1), 49-63

Rosado, A., Campos, J. & Aparício, J. (1993). *Comportamentos Entusiastas em Desporto*. In Serpa, S., Alves, J., Ferreira, V. & Brito, A. (Eds), *Proceedings VIII World Congress of Sport. Sport Psychology: an integrated approach*. Lisboa: SPPD, FMH-UTL.

Rufino, J., Batista, P., Maturana, L. (2005). *O Fair play nas escolas públicas do município do Rio de Janeiro e a mídia*. *Revista Digital Educación Física y Deportes*, 89. Consultado em <http://www.efdeportes.com/>

Rutten, E., Schuengel, C., Dirks, E., Stams, G., Biesta, G., & Hoeksma, J. (2011). Predictors of Antisocial and Prosocial Behavior in an Adolescent Sports Context. *Social Development*, 20(2), 294–315.

Rutten, E., Stams, G., Biesta, G., Schuengel, C., Dirks, E., & Hoeksma, J. (2011). The Contribution of Organized Youth Sport to Antisocial and Prosocial Behavior in Adolescent Athletes. *Journal of Youth and Adolescence*. 36(3), 255-264.

Sage, L., & Kavussanu, M. (2007). The effects of goal involvement on moral behavior in an experimentally manipulated competitive setting. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29(2), 190-207.

Salinero, J., Ruiz, G., & Sanchez Bañuelos, F. (2006). Orientación y clima motivacional, motivación de logro, atribución de êxito y diversión en un deporte individual. *apunts .Educación Física y Deporte*, 1, 5-11

Sánchez, D., Leo, F., Sánchez, P., Amado, D., & García, T. (2010). Relación entre los motivos de práctica y los comportamientos de deportividad en jóvenes jugadores de balonmano. *Revista de Ciencias del Deporte*, 6(3), 111-122.

Santos, A. (2006). *O processo de desenvolvimento moral e o espírito desportivo-Fair-Play. Ética e Fair play, Novas perspectivas, Novas exigências*. Oeiras: Livros CDP

Sarmiento, H., Leitão, J., Anguera, T., & Campaniço, J.(2009).Observational methodology in football: Development of an instrument to study the offensive game in football. *Motricidade*, 5(3), 19-24.

Sequeira, P. & Rodrigues, J. (2000). O Feedback Pedagógico nos Treinadores de Jovens em Andebol. *Revista Treino Desportivo*, Dez. 36-46.

Serpa, S. (2006). *A Formação Ética dos jovens desportistas- Uma abordagem psicológica-*. Ética e Fair play, Novas Perspectivas, Novas Exigências. Oeiras: Livros CDP.

Sherman, M., & Hassan, J. (1986). *Behavioral studies of youth sport coaches*. In M. Pieron & G. Graham (Eds), *The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings* (pp. 103-108). Champaign: Human Kinetics.

Shields, D., & Bredemeier, B. (2001). Moral development and behavior in sport. In: R. N. Singer, H. A. Hausenblas, & C. M., Janelle, (Eds.) *Handbook of sport psychology* (pp. 585-603). New York: Wiley.

Sit, C., & Lindner, K. (2005). Motivational orientations in youth sport participation: Using Achievement Goal Theory and Reversal Theory. *Personality and Individual Differences*, 38 (3), 605-618.

Smith, S., Fry, M., Ethington, C., & Li, Y. (2005). The effect of female athletes' perceptions of their coaches' behaviours on their perceptions of motivational climate. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 170-177.

Smith, R., Zane, N., Smoll, F. & Coppel, D. (1983). Behavioral assessment in youth sports: coaching behaviors and children's attitudes. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 15, (3), 208-214.

Smoll, F., Smith, R., Curtis, B. & Hunt, E. (1978). Toward a mediational model of coachplayer relationships. *Research Quarterly*, 49 (4), 528-541.

Spamer, E. (2005). Ethical behaviour in sport: Fair play versus Winning Among elite rugby players. *Journal of human movement studies*, 48(2), 125-132.

Standage, M., Duda, J., & Ntoumanis, N. (2003). A model of contextual motivation in physical education: Using constructs from self-determination and achievement goal theories to predict physical activity intentions. *Journal of Educational Psychology*, 95(1), 97-110.

Stornes, T., & Ommundsen, Y. (2004). Achievement goals, motivational climate and sportpersonship: a study of young handball players Scandinavian. *Journal of Educational Research*, 48, (2), 205 – 22.

Tavares, O. (1999). *Algumas reflexões para uma rediscussão do Fair play in estudos olímpicos: Programa de Pós-graduação em Educação Física*. Editores: Otávio Tavares e Lamartine P. Da Costa. (pp.1 5-49), Rio de Janeiro: Editora Gama e Filho.

Telama, R., Lasko, L., & Heikkala, J. (1993). Conceptions about Fair play and morals in sport among finnish Athletes. *A.I.E.S.E.P. Meeting of experts. Sport Coaching*, pp. 300-309.

Tharp, R. & Gallimore, R. (1976). What a coach can teach a teacher. *Psychology Today*, 8, 75-78.

Torregrosa, M. (2004). *Contribuciones de los agentes de socialización al juego limpio y la deportividad*. Grup d'estudis de Psicologia l'esport. Universitat autònoma de Barcelona.

Torregrosa, M., & Cruz, J. (2009). Entusiastas, aficionados y espectadores: sus valores, motivaciones y compromiso. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 4, (12), 149-157.

Trudel, P., Côté, J. & Bernard, D. (1996). Systematic Observation of Youth Ice Hockey Coaches During Games. *Journal of Sport Behaviour*, 19 (1) 50-65.

Valiente, L., Boixadós, M., Torregrosa, M., Figueroa, J., Rodríguez, M. & Cruz, J. (2001). Impacto de una campaña de promoción del fairplay y la deportividad. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 1/1, 17-26.

Vansteenkiste M., Mouratidis A., & Lens W.(2010).Detaching reasons from aims: fair play and well-being in soccer as a function of pursuing performance-approach goals for autonomous or controlling reasons. *Sport Exercise Psychology*, 32(2), 217-242.

Vloet, L. (2006). *Fair-Play: Menos palavras e mais acção*. Ética e Fair play, Novas Perspectivas, Novas Exigências. Oeiras: Livros CDP.

Weigand, D., Carr, S., Petherick, C., & Taylor, A. (2001). Motivational climate in sport and physical education: the role of significant others. *European Journal of Sport Science*, 1(4), 1-13.

Weiss, O. (2006). *Fair- Play no desporto e na sociedade*. Ética e Fair play, Novas Perspectivas, Novas Exigências.Oeiras: Livros CDP.

Weiss M., Amorose A., & Wilko, A. (2009).Coaching behaviors, motivational climate, anda psychosocial outcomes among female adolescent athletes. *Pediatric Exercise Science*, 21(4), 475-92.

Williams, J. (1978). A behavioral analysis of a successful high school basketball coach. (Unpublished Master's Thesis. Arizona State University).

Xiang P., & Lee, A. (2002). Achievement goals, perceived motivational climate, and students' self-reported mastery behaviors. *Research quarterly for exercise and sport*, 73(1), 58-65.

Zukowska, Z. (1996). Fair play as a universal value of sport and education. Apresentado no II seminário Europeu sobre Fair play.Varsóvia. Polónia.

8. Anexos

(Anexo 1)

1º Guião da Entrevista

1ª Dimensão : Expectativas Profissionais

O que o motivou para a carreira de Treinador de Futebol?

Quais são as suas aspirações futuras enquanto treinador de futebol?

2ª Dimensão : Objectivos no treino com jovens

Para si, quais devem ser os grandes objectivos no treino com jovens?

Dos que enunciou, qual é aquele que para si é o mais importante?

Para si, é diferente treinar jovens e adultos? Porquê?

3ª Dimensão : Promoção do Fair – Play

Como definiria o conceito de Fair play?

Acha que o Fair play é importante no Futebol? Porquê?

De que modo o treinador pode promover o Fair play no Futebol?

Deverá o Fair play ser ensinado como a técnica e a tática com exercícios específicos?

Costuma promover o Fair play junto dos seus atletas? Como?

Qual o papel dos pais na promoção do Fair play?

E os dirigentes?

4ª Dimensão : Despromoção do Fair play

Ao observar o Futebol, quais as condutas Anti Fair-Play que em seu entender mais se evidenciam?

Quais as condutas anti fair-play mais evidentes no seu comportamento enquanto treinador?

Qual é a sua postura perante comportamentos anti Fair play dos seus jogadores(asneiras, desrespeitar o árbitro, os adversários)?

É possível conciliar o Ganhar com a defesa do Fair play?

Se ao desrespeitar uma regra do jogo, ou enganando o árbitro puder tirar partido disso e vencer, acha correcto?

Que lhe parece o uso de “palavrões” por parte de treinadores e jogadores no contexto desportivo? É correcto? Incorrecto? Normal?

Qual é a sua atitude perante uma discordância com uma decisão de um árbitro? Discute? Aceita?

Aceita que os atletas discutam decisões do árbitro? Como age nesse momento?

Como vê o “ queimar tempo”, quando está a ganhar e o jogo está perto do fim? Promove esse comportamento? Repudia-o?

Se um atleta adversário está lesionado no chão e a sua equipa tem a posse de bola, o que pede aos seus atletas? Dependerá do resultado e do momento do jogo?

Na sua opinião quem são os principais responsáveis pela falta de espírito desportivo no Futebol? Os árbitros, os treinadores? Dirigentes, atletas?

(Anexo 2)

Registro semisistemizado

Comportamento anterior	Comportamento	Comportamento posterior	Tempo

(Anexo 3)

Kappa de Cohen = 0,9504, concordancia = 97,10%, ventana = +/- 1

Files: CARREGATO ARMANDO, columnas: CARREGATO VALTER

	NRJE	PUP	DP	EAHF	PDCE	NADA
NRJE	26	0	1	0	0	0
PUP	0	0	0	0	0	0
DP	1	0	4	0	0	0
EAHF	0	0	0	0	0	0
PDCE	0	0	0	0	0	0
NADA	0	0	0	0	0	1
PDAD	0	0	0	0	0	0
IPT	0	0	0	0	0	0
NREA	0	0	0	0	0	0
NPDCE	0	0	0	0	0	0
IPD	0	0	0	0	0	0
IJCAD	0	0	0	0	0	0
ECA	0	0	0	0	0	0
NRJA	0	0	0	0	0	0
C	0	0	0	0	0	0
D	0	0	0	0	0	0
A	0	0	0	0	0	0
s	0	0	0	0	0	0
Totales	27	0	5	0	0	1
	N	P	D	E	P	N

	PDAD	IPT	NREA	NPDCE	IPD	IJCAD
NRJE	0	0	0	0	0	0
PUP	0	0	0	0	0	0
DP	0	0	0	0	0	0
EAHF	0	0	0	0	0	0
PDCE	0	0	0	0	0	0
NADA	0	0	0	0	0	0
PDAD	0	0	0	0	0	0
IPT	0	0	0	0	0	0
NREA	0	0	0	0	0	0
NPDCE	0	0	0	0	0	0
IPD	0	0	0	0	0	0
IJCAD	0	0	0	0	0	0
ECA	0	0	0	0	0	0
NRJA	0	0	0	0	0	0
C	0	0	0	0	0	0
D	0	0	0	0	0	0
A	0	0	0	0	0	0
s	0	0	0	0	0	0

(Anexo 3- continuação)

Totales	0	0	0	0	0	0
	P	I	N	N	I	I
	ECA	NRJA	C	D	A	g
NRJE	0	0	0	0	0	0
PUP	0	0	0	0	0	0
DP	0	0	0	0	0	0
EAHF	0	0	0	0	0	0
PDCE	0	0	0	0	0	0
NADA	0	0	0	0	0	0
PDAD	0	0	0	0	0	0
IPT	0	0	0	0	0	0
NREA	0	0	0	0	0	0
NPDCE	0	0	0	0	0	0
IPD	0	0	0	0	0	0
IJCAD	0	0	0	0	0	0
ECA	0	0	0	0	0	0
NRJA	0	1	0	0	0	0
C	0	0	35	0	0	0
D	0	0	0	0	0	0
A	0	0	0	0	0	0
g	0	0	0	0	0	0
Totales	0	1	35	0	0	0
	P	I	C	D	A	g

(Anexo 4)

Questionário de Validação de Entrevista

O presente questionário tem como objectivo a validação de uma entrevista no âmbito do tema “O Treinador de Futebol de Formação na Promoção do Fair play”.

São apresentadas algumas questões que se encontram agrupadas em dimensões. O objectivo do estudo é saber se o Treinador é ou não um promotor dos ideais do Fair play e conhecer o que pensa este acerca do Fair play. Solicita-se a sua opinião relativamente à pertinência e adequação das questões, bem como, possíveis modificações.

Objetivo: O Comportamento do Treinador de Futebol de Formação na promoção do Fair play

1a DIMENSÃO: Expectativas Profissionais

	PERTINÊNCIA: A pergunta tem uma relação com a dimensão e com o objecto de estudo da entrevista?	ADEQUAÇÃO: Compreende a formulação gramatical da pergunta. Que sugestões propõe?	MODIFICAÇÕES Quais são as propostas concretas de modificação ?
1. O que o motivou para a carreira de Treinador de Futebol?			
2. O que o motiva actualmente para a sua carreira?			
3. Quais são as suas aspirações futuras enquanto treinador de futebol?			

2a DIMENSÃO: Objectivos no treino com jovens

	PERTINÊNCIA: A pergunta tem uma relação com a dimensão e com o objecto de estudo da entrevista?	ADEQUAÇÃO: Compreende a formulação gramatical da pergunta. Que sugestões propõe?	MODIFICAÇÕES Quais são as propostas concretas de modificação ?
4.- Para si, quais devem ser as principais finalidades no treino com jovens?			
5. Dos que enunciou, quais aqueles que considera mais importantes?			
6. Que objectivos diferenciam o treino de jovens e adultos? Porquê?			

3a DIMENSÃO: Promoção do Fair play

	PERTINÊNCIA: A pergunta tem uma relação com a dimensão e com o objecto de estudo da entrevista?	ADEQUAÇÃO: Compreende a formulação gramatical da pergunta. Que sugestões propõe?	MODIFICAÇÕES Quais são as propostas concretas de modificação ?
7. Como definiria o conceito de Fair play?			
8. Acha que o Fair play é necessário no Futebol? Porquê?			
9. De que modo o treinador pode promover o Fair play no Futebol?			

10. Deverá o Fair play ser treinado tal como a técnica e a tática com exercícios específicos?			
11. Costuma promover o Fair play junto dos seus atletas? De que modo?			
12. Qual o papel dos pais, dos professores e da escola na promoção do Fair play?			
13. De que forma podem os dirigentes condicionar o treinador positivamente ou negativamente na promoção do Fair play?			

4a DIMENSÃO: Despromoção do Fair play

	PERTINÊNCIA: A pergunta tem uma relação com a dimensão e com o objecto de estudo da entrevista?	ADEQUAÇÃO: Compreende a formulação gramatical da pergunta. Que sugestões propõe?	MODIFICAÇÕES Quais são as propostas concretas de modificação ?
14. Ao observar o Futebol, quais as condutas Anti Fair-Play que em seu entender mais se evidenciam?			
15. No seu comportamento enquanto treinador quais as condutas anti fair-play mais evidentes?			
16. Qual é a sua postura perante comportamentos anti Fair play dos seus jogadores (Palavrões, desrespeitar o árbitro, os adversários)?			

<p>17. É possível conciliar a vitória desportiva com o exercício do Fair play?</p>			
<p>18. Se para vencer for necessário desrespeitar uma regra do jogo e/ou iludir o árbitro, tal parece-lhe aceitável no âmbito da competição ?</p>			
<p>19. Que lhe parece o uso de “palavrões” por parte de treinadores e jogadores no contexto desportivo? Tal afigura-se correcto? Incorrecto? Normal</p>			
<p>20. . De que depende a sua reacção quando discorda com os arbitros?</p>			
<p>21. Aceita que os atletas discutam decisões do árbitro? Como age nesse momento?</p>			
<p>22. Como vê o “ queimar tempo”, quando está a ganhar e o jogo está perto do fim?</p> <p>Promove esse comportamento? Repudia-o? Não se pronuncia?</p>			

<p>23. Se um atleta adversário está lesionado e por isso impedido de participar no jogo, e a sua equipa se encontra em posse de bola:</p> <p>Pede aos seus atletas que enviem a bola para fora do terreno?</p> <p>Incita-os a prosseguir o jogo?</p> <p>Não se pronuncia? Dependerá do resultado e do momento do jogo?</p>			
<p>24 Na sua opinião, quem são os principais responsáveis pela falta de Fair play no Futebol? Os árbitros? Os treinadores? Os dirigentes? Os atletas? os Pais? Os Media?</p>			